


Nossa Terra Nossa Gente O Legado Cultural



**Professor Edivaldo B. Biscassi
M.D. Hermenegildo J. Ferreira
Professora Alessandra C. Mastelari
Alunos das 2^{as} séries do Ensino Médio da
EE Orestes Ferreira de Toledo/2025**

O porquê do Projeto Nossa Terra, Nossa Gente.

Contar a história do município é essencial para criar um senso de identidade e pertencimento na comunidade, preservar a memória coletiva e a cultura local, além de capacitar as pessoas para analisar criticamente o presente à luz do passado. Conhecer as origens e o processo de formação do município ajuda a formar cidadãos conscientes de seu papel na história e a valorizar o patrimônio. A história local ajuda a construir a identidade de um indivíduo com o seu lugar de origem, fazendo-o sentir-se parte ativa da história da sua comunidade, região e até do país.

Ao aprender sobre os eventos e transformações passadas, os cidadãos desenvolvem uma consciência histórica que os capacita a interpretar o presente, relacionar o passado com o cotidiano e a agir de forma mais consciente e engajada.

**Editora
Casa
Ferreirinha**



Nossa Terra

Nossa Gente

O Legado Cultural

Professor Edivaldo Benedito Biscassi
M.D. Hermenegildo Jose Ferreira
Professora Alessandra Carla Mastelari
Alunos das 2^{as} séries do Ensino Médio da
EE Orestes Ferreira de Toledo/2025

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

Copyright © 2025 por Edivaldo Benedito Biscassi, Hermenegildo Jose Ferreira, Alessandra Carla Mastelari, Alunos das 2^{as} séries do Ensino Médio da EE Orestes Ferreira de Toledo/2025.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. Nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização dos autores.

Edivaldo Benedito Biscassi, Hermenegildo Jose Ferreira, Alessandra Carla Mastelari, Alunos das 2^{as} séries do Ensino Médio da EE Orestes Ferreira de Toledo/2025.

1^a Edição

Outubro de 2025

Edição:

Editora Casa Ferreirinha

Revisão:

Alessandra Carla Mastelari

Diagramação:

Hermenegildo Jose Ferreira

Capa:

Hermenegildo Jose Ferreira

ISBN – 978-65-01-72664-9

CIP – (Cataloguing-in-Publication) – Brasil – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica feita na editora

Biscassi, Edivaldo Benedito; Ferreira, Hermenegildo Jose; Mastelari, Alessandra Carla. Nossa Terra, Nossa Gente – O legado Cultural.

1^a ed. Palmeira d'Oeste (SP), Editora Casa Ferreirinha, 2025. 280 pg.; 15,5 x 23 cm (Broch.)

ISBN – 978-65-01-72664-9

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira 2. História I. Título

Editora Casa Ferreirinha

Av. Euclides da Cunha, 4979 - Centro - Palmeira d'Oeste/SP - CEP: 15.720-000

WhatsApp: 17 996 414239

E-mail: meneferreira@hotmail.com

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

Nossa Terra Nossa Gente

O Legado Cultural



Editora
Casa
Ferreirinha

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PARTE 1	
MARCAS DO QUE SE FOI	
EM ALGUM LUGAR DO PASSADO	9
AS PARTEIRAS	10
AS BENZEDEIRAS	11
OS CHARRETEIROS E CARRINHEIROS	12
OS PADEIROS	13
OS LEITEIROS	13
OS AÇOUGUEIROS	13
OS BÚCHEIROS	14
OS OVEIROS	14
AS GRANJAS	15
OS SORVETEIROS E VERDUREIROS	16
OS PIPOQUEIROS E VENDEDORES DE SALGADOS	16
OS MASCATES	17
OS ENGRAXATES	17
AS BARBEARIAS	18
AS CABELEIREIRAS	18
AS COSTUREIRAS	19
OS ALFAIATES	19
OS RELOJOEIROS	19
OS VASSOUREIROS	20
AS LAVADEIRAS DE ROUPA	20
OS SELEIROS E SAPATEIROS	20
OS FOLHEIROS	21
OS FUMAGEIROS	21
OS CARPINTEIROS	22
OS FAZEDORES DE POÇO (“POCEIROS”)	22
OS PEDREIROS	23
OS TINTUREIROS	24
OS MARCENEIROS	24
OS COVEIROS	24
AS VENDAS DE SECOS E MOLHADOS	25
OS SERVIÇOS DE ALTO-FALANTES	26
PARTE 2	
PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS	
NAMORO E CASAMENTO	28
VELÓRIOS	29
SERENATAS	30
QUERMESSES	31
FESTIVAIS DE VIOLEIROS	32
JOGO DE BOCHA	33
DESFILES CÍVICOS	33
CIRCOS	34
PARQUE DE DIVERSÕES	35
TOURADAS	35
RÁDIO	36
CINEMA	37

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

"FOOTING"	39
TERÇOS	40
FESTAS JUNINAS	41
FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO	42
FOLIA DE REIS	43
FESTA DA UVA	45
PARTE 3	
ESPAÇOS DE CULTURA	
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL	49
ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DE PALMEIRA D'OESTE	51
CLUBE DE CAMPO DAS PALMEIRAS	53
GINÁSIO DE ESPORTES SERGIO ANTONIO PONCE	58
CLUBE DA TERCEIRA IDADE ANTONIO JOSE JUCA BRESSANIM	59
CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA	61
ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA EUGENIO FINOTTO FILHO	62
CAMPOS E ESTÁDIOS	68
RÁDIO SKALA FM	71
ACADEMIA PALMEIRENSE ETê DE LETRAS ESCAPADAS	74
PARTE 4	
A FÉ QUE MOVE UM POVO	
IGREJA CATÓLICA - PARÓQUIA DE SANTA LUZIA	75
IGREJA BATISTA	79
IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS – MIN. DO BELÉM	84
CENTRO ESPÍRITA FÉ, AMOR E CARIDADE E ALBERGUE NOTURNO	88
IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR	91
IGREJA JESUS O REI	94
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	97
IGREJA ÁGAPE – AMAR E CUIDAR	99
CASA ESPÍRITA BENEFICENTE MARIA DE NAZARÉ	103
UNIÃO ESPÍRITA JOÃO BATISTA	108
LAR DE AMPARO ESPERANÇA E RENOVAÇÃO DE DALAS	111
CONGREGAÇÃO CRISTã NO BRASIL EM PALMEIRA D'OESTE	114
PARTE 5	
ESPAÇOS DE FORMAÇÃO	
NOS TEMPOS DO EMBORNAL	119
GRUPO ESCOLAR DE PALMEIRA D'OESTE	120
AS ESCOLAS RURAIS	122
EM PROFESSOR DISNEI ANTÔNIO MONZANI	124
EE ORESTES FERREIRA DE TOLEDO	128
MEI MINERVINA BÁRBARA CARDOSO	134
CRECHE MENINO JESUS E CRECHE ESCOLA SIRLEI DIAS ALVES	139
ESCOLA COMUNITÁRIA DE PALMEIRA D'OESTE	142
COLÉGIO FÊNIX – CENTRO EDUC. DE PALMEIRA D'OESTE/SP	146
APAE DE PALMEIRA D'OESTE	152
IRMANDADE PADRE EMANOEL D'ALZAN	159
EMEFM E ENSINO SUPLETIVO PROF. FRANCISCO A. C. SERAPIÃO	162
EEPG DE DALAS	165
INSTITUIÇÃO BENEFICENTE LAR DAS CRIANÇAS SANTA ISABEL	166
PARTE 6	
INSTITUIÇÕES	
O LIONS CLUBE	168

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

A MAÇONARIA	175
A OAB DE PALMEIRA D'OESTE	180
PARTE 7	
NOSSA PRAÇAS	185
PRAÇA JOSÉ VICENTE VICENTE	185
PRAÇA FELIX ÁLVARES ZORILLA	188
PRAÇA LIOVERGÍLO FRANCISCO CARDOSO	189
PRAÇA JOSÉ FERNANDO CHAGAS	191
PRAÇA DOS PIONEIROS	193
PRAÇA MANOEL RASTEIRO	194
PRAÇA MIGUEL URBANO GONÇALVES	196
PRAÇA ADAIL MASTROCEZARE	198
PRAÇA JOSÉ MÉSCUA FILHO	199
PRAÇA DA COHAB LUIZ PALATA	200
PRAÇA REINALDO CASTELANI	200
PRAÇA DO JARDIM DO BOSQUE	200
PARTE 8	
PALESTRAS E PALESTRANTES DO PROJETO N. TERRA, N. GENTE	
Aparecido Alves de Lima	201
Arlete Rodrigues de Almeida	204
Antonio Esquina Dias	207
Cleiton Aparecido Lopes	214
Filipe Botelho Soares Dutra Fernandes	217
Jadir dos Santos	222
José Costa Nunes	227
Luiz Antônio Mingati	231
Marcia Botelho Soares Dutra Fernandes	234
Renata Veiga Alves Montoro	237
Terezinha Gonçalves Lima	242
Darci Diana	247
Eduardo Cardeliquio de Melo	250
Aurora Alves Pereira	253
Gláucia Alves da Costa	255
Marcus Túlio Lyuji Murzani Tanaka	259
Dupla de cantores Jorge e Divino	264
PARTE 9	
OS ORGANIZADORES DO PROJETO: NOSSA TERRA, NOSSA GENTE	
EDIVALDO BENEDITO BISCASSI	267
HERMENEGILDO JOSE FERREIRA	269
ALESSANDRA CARLA MASTELARI	273
PARTE 10	
O PROJETO NOSSA TERRA, NOSSA GENTE – O LEGADO CULTURAL.....	275
AGRADECIMENTOS	280

APRESENTAÇÃO

A publicação deste livro está no contexto de registro da história de Palmeira d'Oeste. Há 15 anos foi iniciado este trabalho pelo Dr. Hermenegildo Jose Ferreira. Por uma década um labor solitário e sua primeira publicação ocorreu no site (www.skalafm.org.br) da emissora do sistema comunitário de radiodifusão, Skala FM. Artigo transcrito abaixo:

POR QUE CONTAR A HISTÓRIA?

A Cidade de Palmeira d'Oeste tem muito pouco da sua história registrada. Sempre existiram pessoas com a intenção de contribuir escrevendo parte da sua história, mas isso tem ocorrido com pouca frequência. Continuamos com pouca coisa. A maioria conta partes da história que vivenciou ou ouviu utilizando apenas a linguagem falada.... E tem-se perdido muita conversa nesse tempo. O pessoal da antiga tem partido aos poucos, alguns para outras cidades, outros para (o) além... delas, e assim, perdemos eles e a oportunidade de conhecer suas memórias. Uma história de vida é para ser contada, não é feita para ser arquivada ou guardada e pode agir positivamente para transformar e ajudar no desenvolvimento da cidade. A vida de uma localidade pode ser contada além dos dados oficiais, sejam eles, dados políticos, sócio-econômicos ou culturais. Ela deve ser contada através da história de suas instituições e de seus moradores. Compartilhar as recordações familiares ajuda a conservar a memória histórica. Cada família, cada pessoa, é parte desse processo. Suas memórias enriquecem o conhecimento da trajetória histórica do município. Com o acesso facilitado às tecnologias nesse início do século XXI, podemos utilizar os meios de comunicação, além do impresso, resgatando o material já existente e estimular as pessoas, historicamente vinculadas à cidade, para exteriorizar suas memórias ampliando dessa forma os horizontes da nossa cultura. Conte sua história, do seu jeito, do jeito que viu e sentiu. Cada família, cada pessoa, é parte do legado histórico da cidade. Esse material pode ser publicado em todas as formas acessíveis: livro, jornal, revista, arquivos digitalizados, portal da internet, etc. e distribuído aos interessados, para ser consultado, analisado, criticado e complementado....

Temos utilizado parte desses meios, coletando, editando e publicando no jornal a TRIBUNA DA IMPRENSA e no site da SKALA FM (www.skalafm.org.br) no menu “Biblioteca”.

Com a publicação acima, iniciou-se o ciclo de registro da história de Palmeira d'Oeste. Hoje, fica claro que a “história” já é outra. Temos vários livros, de vários autores contribuindo para o registro da história de Palmeira d'Oeste. Esta obra faz parte deste ciclo e do projeto: “Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural”, da EE Orestes Ferreira de Toledo, desenvolvido com os alunos dos Segundos Anos do Ensino Médio, durante o ano de 2025.

Há quinze anos, as sementes, do registro da história de Palmeira d'Oeste, foram plantadas em solo árido, mas com o despertar do interesse de muitas pessoas, o solo tornou-se fértil e hoje temos frutos...

No ano de 2025, da era cristã, já temos publicado, no formato de livro impresso, as seguintes obras, que registram parte da história de Palmeira d'Oeste:

- “Onde canta o sabiá – sonhos de um boticário do sertão” - José Rovéri;
- “Lembranças da minha vida – sob a sombra do meu pé de ipê amarelo” - Esmeraldo Antonio Ribeiro;
- “Palmeira d'Oeste, histórias e causos – coletânea multiautoral, volume I - Hermenegildo Jose Ferreira e outros;
- “Palmeira d'Oeste, histórias e causos – coletânea multiautoral, volume II - Hermenegildo Jose Ferreira e outros;
- “Palmeira d'Oeste, histórias e causos – coletânea multiautoral, volume III - Hermenegildo Jose Ferreira e outros;
- “Os Segredos que Eu Guardei” de Edivaldo B. Biscassi;
- “Nossa Terra, Nossa Gente – Palmeira d'Oeste 80 anos” de Edivaldo B. Biscassi, Hermenegildo Jose Ferreira, Marcus V. G. da Silva, Alunos das 1^{as} séries do Ensino Médio da EE Orestes Ferreira de Toledo/2024;
- “O que ficou pelo Caminho” de Edivaldo B. Biscassi.

Temos também, no formato ebook publicações, de diversos autores, no link: www.skalafm.org.br/biblioteca, inclusive os livros acima relacionados.

PARTE 1

MARCAS DO QUE SE FOI

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO

Retratar historicamente uma época enriquece o conhecimento que se tem a respeito da cultura de um povo em cada momento vivido, cuja jornada é a somatória de vivências e de saberes particulares.

Conhecer a história da cidade e seu processo constitutivo é saber que cada indivíduo faz parte deste processo como ser ativo; é o caminho para a criação de uma identidade, primeiramente com o seu local, depois regional e finalmente nacional.

O legado cultural é o conjunto de valores, tradições, conhecimentos e expressões artísticas transmitidos de geração em geração. É o resultado das experiências e conquistas de um povo ao longo do tempo, refletindo sua identidade e história. Esse legado pode ser material, como monumentos, obras de arte e objetos históricos, ou imaterial, como danças, músicas, festas, lendas e costumes.

O legado cultural desempenha um papel fundamental na preservação da identidade de um povo e na construção de sua memória coletiva. Ele permite que as gerações futuras compreendam e valorizem suas raízes, fortalecendo o senso de pertencimento e a consciência histórica. Além disso, é uma fonte de inspiração e criatividade, influenciando a produção artística contemporânea e contribuindo para o enriquecimento da cultura de uma sociedade.

O Brasil é um país rico em diversidade cultural, resultado da miscigenação de diferentes povos ao longo de sua história. O legado cultural de um povo é vasto e abrange manifestações artísticas, religiosas, culinárias, folclóricas e linguísticas. A preservação desse legado cultural é fundamental para garantir sua continuidade e transmiti-lo às futuras gerações.

Para preservarmos e valorizarmos nossa história é preciso conhecê-la. Através do resgate histórico é possível compreender melhor o presente, principalmente o meio no qual estamos inseridos para transformá-lo e auxiliá-lo de forma positiva.

O resgate cultural refere-se a um conjunto de ações e iniciativas que visam preservar, valorizar e revitalizar as tradições, expressões

artísticas, saberes e práticas que fazem parte da identidade de um povo.

E esse nosso resgate começa assim...

“Antigamente a água era puxada com a força dos braços do fundo do poço com auxílio de uma manivela (sarilho) e a maioria das pessoas bebia água armazenada em potes de barro.

Nossas noites eram iluminadas por lamparinas, recipientes de latão ou vidro com um pavio ao centro cuja chama era mantida por óleos, ou querosene. As pessoas se protegiam dos mosquitos usando os tradicionais mosquiteiros de filó. Muitos dormiam com a janela aberta, o que era um hábito comum, pois não havia riscos, vivíamos em uma pacata cidade.

Os chuveiros eram do tipo “Tiradentes”: um balde de latão que ficava dependurado em uma corda, daqueles que exigiam esquentar a água no fogão a lenha, para tomar banho. Já a “privada” ficava do lado de fora da casa, em uma construção geralmente de madeira ou alvenaria, o chão era de tábuas com um buraco ao centro.”

A louça e panelas eram lavadas em bacias, ariadas com cinza e saibro, e deixadas para secar em peneiras expostas ao sol. As roupas eram lavadas em tinas de barro, em batedouros de madeira e com sabão de soda caseiro. Depois, eram expostas ao sol para quarar. Muitas vezes, as roupas de trabalho eram fervidas em latas, e era comum o uso de pedras de anil para tornar as roupas brancas mais alvas. Secavam ao sol, dependuradas em fios de arame.

Os colchões eram estofados com palha de milho, enquanto os travesseiros eram recheados com penas de galinha e paina das Paineiras. As cobertas, produzidas com retalhos, eram chamadas de “trapontas”, e as vassouras eram feiras com um arbusto chamado guaxuma.

São muitas histórias, boas de contar, de ler e de ouvir, tanto pelos que as viveram quanto pelos que nunca imaginaram que tal mundo pudesse ter existido. Mas tudo isso era muito natural. É a descrição da realidade de um tempo, de nossa história, de nossas lembranças, das memórias da cidade que fazem parte de nossa alma.

AS PARTEIRAS: Também conhecidas como “aparadeiras”, no passado essas mulheres eram respeitadas na comunidade por sua

experiência e conhecimento sobre o parto e o cuidado com a criança.

Elas não apenas auxiliavam no parto, mas também cuidavam da mãe e do bebê antes, durante e depois do nascimento, auxiliando na amamentação e oferecendo cuidados básicos como simpatias e remédios caseiros. Possuíam vasto conhecimento sobre plantas medicinais, rituais e práticas tradicionais utilizadas para facilitar o parto, aliviar dores e promover a recuperação da mãe durante a “dieta” ou “resguardo” (período de 40 dias no qual as mães usavam lenço na cabeça e meias nos pés, não tomavam banho de corpo inteiro nem lavavam a cabeça). Já os recém-nascidos só deixavam o quarto após o sétimo dia de nascimento.

As parteiras mais conhecidas em Palmeira d’Oeste desde a fundação até meados da década de 1970 foram: “Dona Florinda”, “Dona Izaulina Rosina de Jesus”, “Dona Etelvina”, “Dona Zulmira”, “Dona Eduvirges”, “Dona Isabel”, “Dona Jandira”, Dona Jerônima”, “Dona Benedita”, “Dona Henriqueta”, “Dona Conceição”, “Dona Angelina Cestari” e, na região da Fazenda Azem, “Dona Pureza” (Maria Pureza de Moura). Havia também a enfermeira Maria Camargo, conhecida como “Maria Sambinha”, que realizava partos no hospital quando não havia médico de plantão.

Com o avanço da medicina e o maior acesso à assistência hospitalar, o papel das parteiras foi diminuindo, mas ainda persiste em algumas comunidades brasileiras onde a medicina ocidental não é amplamente acessível.



Maria Pureza de Moura

AS BENZEDEIRAS: No passado, as benzedadeiras eram mulheres que, por meio de saberes tradicionais e religiosos, ofereciam apoio

e tratamento a pessoas que buscavam cura para problemas de saúde, espirituais ou de sorte. Usavam orações, gestos, simpatias e ervas para afastar males, doenças ou problemas diversos.

A benzedura e as benzedoras (ou rezadeiras) eram comuns e importantes na vida das comunidades, especialmente em áreas rurais e em locais com forte influência religiosa. Muitas vezes eram a única opção de tratamento.

Eram a primeira linha de cuidado para problemas de saúde ou espirituais. As principais benzedoras e benzedores de Palmeira d'Oeste foram: “Dona Ana Barbara”, “Dona Florinda”, Dona Rita Queiroz”, “Dona Maria Julia”, “Dona Zulmira”, “Dona Lazineira”, “Dona Georgina”, “Seu Zézinho (Torto)”, “Seu Olavo”, “Dona Brasilina”, “Seu Lázaro”, “Dona Assunta Marques”, “Seu Agenor”, “Dona Lurdes Pinheiro”, “Dona Florinda Moura” e o filho Pedro, “Dona Lourdes Espora”, “Seu José Benzedor”, “Dona Ana do Coveiro”, “Seu Zézinho Benzedor”, “Dona Jandira”, entre tantos outros.

Apesar de terem perdido parte da relevância com a consolidação da medicina moderna a benzedura ainda é praticada por muitas pessoas que buscam conforto, esperança e cura, muitas vezes como complemento aos tratamentos médicos convencionais.

OS CHARRETEIROS E CARRINHEIROS: As charretes e carrinhos de tração animal, são símbolos de uma época em que o transporte era movido pela força de cavalos, éguas, burros e mulas, marcando a história de diversas cidades brasileiras. Esses veículos, compostos por um animal atrelado a uma estrutura de madeira com rodas, eram conduzidos por "charreteiros, carrinheiros" habilidosos, que enfrentavam os desafios, das ruas e estradas precárias, da época. O termo "charrete" vem do francês *charrete*, que significa “pequeno carro”. Não eram usadas apenas para o transporte de pessoas. Havia charretes de carga, com espaço maior para mercadorias, e charretes de aluguel, utilizadas para trajetos curtos ou longos, como levar professoras às áreas rurais.

Também levavam prostitutas às compras, às matinês dos cinemas aos domingos e ao cemitério às segundas-feiras, escandalizando as senhoras "de bem" da cidade. Havia, também os “carrinhos”, também puxados por animais e comandados pelos “carrinheiros”, primeiro com rodas de madeira e aro de ferro e depois com pneus,

úteis para o transporte de pessoas, mantimentos da roça e todo tipo de carga que suportasse.

OS PADEIROS: No passado, os padeiros utilizavam charretes para distribuir pão ao amanhecer, hábito comum em cidades pequenas.

Os pães, colocados em grandes cestas de bambu eram transportados até a casa dos clientes, onde geralmente havia um embornal pendurado à espera do produto.

Andavam por ruas de terra batida, sem asfalto e com muitos buracos. O mais marcante era que os cavalos sabiam os pontos de parada e o condutor nem precisava dar ordens.

OS LEITEIROS: Assim como os padeiros, os leiteiros entregavam leite de porta em porta, transportando-o em barris ou latas e deixados em garrafas de vidro, bem cedinho nas casas, num lugar previamente combinado com o freguês. Muitos leiteiros vendiam o leite à fiado, com pagamento mensal. Havia uma relação de amizade, confiança e respeito com os fregueses. Aqui registramos alguns leiteiros do passado: Durval Martins, Antonio Marques, Moacir Mastelari, Tomas, “Zézinho do Osório”, Luiz Leiteiro...

OS AÇOUGUEIROS: Em Palmeira d’Oeste, como em qualquer cidade do interior, no passado, o açougueiro desempenhava um papel importante na vida da comunidade, sendo responsável não apenas pela venda de carne, mas também por garantir a qualidade e higiene do alimento, em um contexto em que a fiscalização sanitária era menos presente, sua função era essencial para evitar problemas de saúde pública.

O açougueiro conhecia seus clientes pelo nome, sabia suas preferências e costumava oferecer um atendimento personalizado. Essa proximidade criava um vínculo de confiança e fazia do açougue um ponto de encontro na comunidade.

Muitos açougueiros eram responsáveis pelo abate dos animais. Os açougues vendiam principalmente carne fresca, incluindo cortes variados como costela, alcatra, filé, e miúdos como fígado, coração, língua e rins. Era comum a produção de linguiça, chouriço e morcela, esses embutidos são feitos a partir de carne de porco e

temperos, além disso, era comum encontrar ossos, que eram usados para fazer caldos e sopas

Com o passar do tempo e o desenvolvimento das cidades, o açougueiro teve que se adaptar às novas demandas do mercado, como a higiene, a organização do ambiente de trabalho e a utilização de equipamentos. Os principais açougueiros de Palmeira d'Oeste foram os senhores: Milton Rodrigues da Silva (Miltão), Levir, Pedro Brunassi (Pedrão do Açougue”), Moyses Venturini, Dorival Jorge Garcia, “Nelson Bucheiro”, “Dim Castellani”, Vicente...

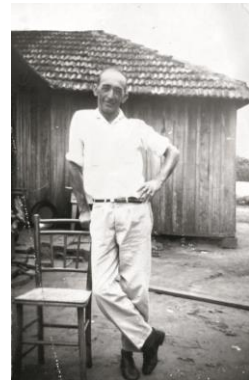
OS BUCHEIROS: Na cidade, havia muitos vendedores de rua, geralmente eram senhores já de idade, recém-saídos da lavoura, e atuavam como ambulantes, sendo a única forma de sobrevivência. Eram conhecidos como bucheiros. Vendiam de tudo. Mas geralmente eram miúdos de boi e de porco. Tais como: bucho, fígado, Pulmão (“bofe”), coração, rim, língua, além do pé do boi e do porco, o focinho, a orelha, o rabo e chouriço. Utilizavam como meio de transporte de seus produtos de venda, uma carroça puxada por um animal com um compartimento onde ficavam os miúdos e uma balança para pesar os produtos na hora, bem na rua, diante do freguês. O nome mais importante nessa função foi “Nelson Bucheiro”.

Assim como o padeiro e o leiteiro, o bucheiro tinha uma buzina na mão que, quando acionada, fazia um barulho enorme, já conhecido por todos, indicando que ele estava chegando. Seu som era familiar a todos os moradores. Geralmente, os bucheiros compravam os miúdos de boi e porco no matadouro municipal ou de particulares, e saíam pelas ruas revendendo. Além deles, havia também outros vendedores de rua, como os peixeiros, que vendiam sardinhas frescas. Andavam com bicicletas cargueiras, com uma caixa de isopor na frente, cheia de sardinhas misturadas com gelo.

OS OVEIROS: Oveiros era como eram chamados os vendedores ambulantes que se dirigiam às zonas rurais oferecendo seus produtos. Alguns trabalhavam com charretes e carrinhos puxados por animais, outros utilizavam peruas rurais para realizar os trajetos. Levavam consigo uma infinidade de produtos e artigos: roupas, tecidos, linhas para bordado, utensílios domésticos, doces,

artigos de cama, mesa, banho e perfumarias, enfim, tudo que pudessem oferecer aos moradores das áreas mais afastadas, que raramente vinham à cidade devido à dedicação ao trabalho no campo.

As negociações podiam ser feitas em dinheiro ou por meio de trocas, como ovos e frangos, que posteriormente eram revendidos na cidade. Os principais oveiros que atuaram ao longo dos anos em nossa cidade foram: Luiz Migliorança, Idelfonso Pardo, Ângelo Esparapani, Moyses Venturini, Jorge Pirota e Sebastião Piroto.



Luiz Migliorança (primeiro oveiro de Palmeira d'Oeste)

AS GRANJAS

As pequenas granjas do interior, no passado, foi fonte de renda para muitas famílias. Funcionavam produzindo ovos de galinha, geravam pintainhos e produziam carne para abastecer a região, uma vez que a carne de frango possuía menor custo em relação à carne bovina e suína. Na maioria das vezes, a granja só contava com trabalhadores da própria família, mas em alguns casos geravam empregos. As aves eram dispostas em girais, dentro de um galpão construído com madeira e coberto com telhas, as paredes eram de ripas para facilitar a ventilação e manter um ambiente interno adequado para as aves que eram alimentadas com ração e havia adequada disponibilidade de água. Antigamente, era comum criar aves no fundo dos quintais, eram galinhas, angolas, patos, marrecos, entre outros que tanto serviam para alimentação da família como para a venda, geralmente as crianças vendiam de porta em porta, eles percorriam as ruas e casas com diversa aves

amarradas em um bambu ou cabo de vassoura. Alguns proprietários de granjas: “Zé e Mane da Silva”, Pedro Alcides Brunassi (“Pedrão do Açogue”), Nishi...

OS SORVETEIROS E VERDUREIROS: A venda de sorvete de porta em porta, com carrinhos de mão refrigerados ou caixas de isopor, foi uma prática comum no passado. Os sorveteiros usavam um apito para chamar a atenção da garotada. Esses carrinhos eram essenciais para o transporte e a venda de sorvete em áreas com infraestrutura limitada. Embora essa prática tenha diminuído com o tempo, ainda é vista em algumas ocasiões.

Os verdureiros também vendiam de porta em porta frutas como bananas, laranjas, além de legumes e verduras. Usavam carrinhos de madeira ou cestas de bambu para apresentar produtos aos clientes. Havia ainda caminhões que vendiam verduras, anunciando seus produtos com um alto-falante acoplado à cabine e usando balanças de mão para pesá-los.

Também havia vendedores de frangos, que amarravam as aves vivas pelos pés e as prendiam a um cabo de vassoura, carregando-as nos ombros pelas ruas da cidade.

OS PIPOQUEIROS E VENDEDORES DE SALGADOS: Os vendedores de pipoca, ou pipoqueiros, são um símbolo da cultura popular brasileira, especialmente em nossa região. Utilizavam carrinhos de mão para transportar e comercializar o produto em locais públicos como praças e avenidas. Eram muitas vezes pessoas com histórias de superação e determinação, conhecidas pela simplicidade, pela qualidade dos produtos e pelo bom atendimento. A pipoca, salgada ou doce, era estourada na hora, em frente ao cliente.

Os carrinhos eram feitos de materiais simples, como madeira e metal, e geralmente incluíam um balcão para exposição dos produtos. Além da pipoca, vendiam creme, amendoim, cocada e quebra-queixo.

O primeiro pipoqueiro da cidade foi o senhor Aduino Rodrigues de Almeida (pai das professoras, Alda e Arlete), nascido em 01 de maio de 1934, em Buritama-SP, chegou a Palmeira d'Oeste em 24 de agosto de 1954.

Seu carrinho era todo espelhado com luz a bateria, contam que antes da missa, as mulheres o usavam para arrumar os cabelos. Ele mesmo fazia os doces de abóbora, paçoca, leite e os cremes que hoje chamamos de pudim.

Nos anos 1970, os principais pipoqueiros foram o senhor Laurindo e outro apelidado de “São Saruê”. Nos anos de 1990, o Sr. Marcionílio Crispim dos Santos. Atualmente, ainda temos o casal Benedito Donair Quitério (“Gato”) e Maria Aparecida Liette Buffon atuando como pipoqueiros.

Havia também pessoas que, com uma cesta, vendiam pães e salgados pelas ruas ou pelas "telas de arame" das escolas nos intervalos, onde havia boa clientela.



Adauto R. de Almeida



Benedito (“Gato”) e Maria Buffon

OS MASCATES: Eram vendedores ambulantes que ofereciam produtos de porta em porta, como roupas de cama, guardanapos, toalhas de mesa, linhas para costura e bordado, rendas e diversos artigos domésticos. A venda direta ao cliente, em casa, aumentava as chances de sucesso nas vendas.

Alguns mascates que por aqui passaram: “Turquinho Preto”, Said Félix...

OS ENGRAXATES: No passado, os engraxates de rua eram principalmente crianças que circulavam com caixas de madeira contendo graxa, pano e escovas, oferecendo o serviço de polimento de sapatos em calçadas de ruas comerciais e praças públicas. O preço era acessível, e muitas crianças usavam o dinheiro para comprar doces ou outros itens. Com o tempo, a profissão perdeu espaço devido às mudanças culturais, à ausência de novos profissionais e à aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente, que proibiu o trabalho infantil. Aqui registramos

alguns engraxates do passado: “Pula Brejo”, Edson Felício e seus irmãos...

AS BARBEARIAS: As barbearias do interior eram mais do que locais de corte de cabelo e barba. Eram espaços de socialização e encontro, onde os homens da comunidade trocavam notícias, faziam negócios e discutiam os acontecimentos locais. O barbeiro era uma figura importante na vida social do interior. Aqui registramos alguns barbeiros “raiz” que tivemos: Dêma, “Pedro Barbeiro”, Adolfo, Valdir (“Bacho”), Eduardo, Ramalho, “Chiquinho Sevilha”, José Morais, “Zé Sabião”, “Seu Jerônimo”...

AS CABELEIREIRAS: No interior, as cabeleireiras eram profissionais com grande influência e reconhecimento na comunidade local. Elas eram especialistas em cabelos, conselheiras e confidentes das mulheres da região, que frequentemente as procuravam para compartilhar seus problemas e dificuldades.

A profissão era muitas vezes passada de geração em geração. As principais cabeleireiras da cidade, desde a fundação foram: “Dona Zefa”, Terezinha Migliorança, Neusa Peruche, “Luiza Japonesa da Linha 2”, “Julia Japonesa”, “Dona Terezinha”, “Dona Bethi” e Luzia Dias.

Eram nesses salões que as noivas se arrumavam para seguirem rumo ao altar, sendo o salão de Terezinha Migliorança o mais requisitado para esse tipo de evento. Era comum que os convidados, familiares do noivo e da noiva, aguardassem do lado de fora, aglomeravam-se no quintal da casa, nos arredores e na rua, até a saída da noiva, era um momento de grande emoção.

Com o tempo, essas profissionais se adaptaram às novas técnicas e tendências, sempre buscando oferecer o melhor aos seus clientes.



Terezinha Migliorança

AS COSTUREIRAS: No passado, as costureiras tinham um papel essencial na criação e manutenção de roupas. A maioria trabalhava em casa, confeccionando roupas sob medida conforme os gostos e necessidades das clientes. Faziam peças para trabalho, passeio, além de consertos e ajustes. Muitas vezes, copiavam modelos de revistas ou vitrines. Aqui registramos algumas costureiras do passado: “Dona Sebastiana”, Ana Maestrello Bom, Cleusa Stela, Cleunice Dorisoti, Zuina Doci, “Olga Japonesa”, Maria Landin Dias...



“Dona Sebastiana” (Sebastiana Brandt Garcia) e o bisneto Gabriel

OS ALFAIATES: Os alfaiates tradicionais ainda são lembrados, principalmente por pessoas mais velhas que exercem o ofício com maestria. A alfaiataria artesanal produzia peças únicas e perfeitamente ajustadas ao corpo, atraindo clientes que buscavam qualidade e exclusividade. Apesar da queda na demanda, ainda há espaço para os alfaiates nas cidades do interior. Lembrando alguns alfaiates: Limentino Brazão, Antonio Vieira, “Tião da Regi”, Saburu, Jorge, Valdomiro Bôer, Alcides, Gilmar...

OS RELOJOEIROS: Os relojoeiros tinham grande importância nas cidades do interior. Trabalhando com a venda, conserto e

manutenção de relógios, alguns também comercializavam jóias, como alianças feitas nos próprios estabelecimentos. Aqui registramos alguns relojoeiros do passado: Suzuo Sato, Dulcídio Rodrigues, “Jonas Relojoeiro”...

OS VASSOUREIROS: No interior, os fazedores de vassouras caipiras eram artesãos que utilizavam palha e madeira para fabricar vassouras. A produção era familiar e manual, com técnicas passadas de geração em geração. As vassouras eram vendidas de porta em porta.

AS LAVADEIRAS DE ROUPA: Era comum ver mulheres simples, de origem humilde, carregando trouxas de roupas na cabeça. Eram as lavadeiras, que lavavam, secavam e passavam roupas de vestir, cama, mesa e banho para outras pessoas, hotéis ou hospitais. Utilizavam processos manuais e trabalhavam com esforço físico intenso, esfregando, torcendo e batendo as roupas no batedouro de madeira. O dinheiro que ganhavam era muitas vezes o sustento da família.

OS SELEIROS E SAPATEIROS: O “progresso” com o advento de novos materiais e novas tecnologias, praticamente, extinguiu os seleiros e sapateiros. Os seleiros foram profissionais importantes, até passado recente, no interior brasileiro. Produziam, artesanalmente, artigos em couro para o uso em animais de tração e montaria, tais como: selas, arreios, arreatas, baldramas, rédeas, baixeiros, pelegos, cabeçadas, laços, alforjes, cintos, carteiras... As selarias e as sapatarias, geralmente, funcionavam juntas, no mesmo estabelecimento comercial. Em nosso município ainda temos algumas pessoas produzindo laços, cabeçadas e cintos artesanais, são filhos do saudoso Osvaldo Alves de Lima.

Os sapateiros foram artesãos reconhecidos e valorizados por suas habilidades e criatividade, produzindo e consertando calçados. Os sapateiros, para exercerem o seu trabalho, utilizavam técnicas e ferramentas específicas, tais como: alicates, truquezas, tenalhas, facas, sovelas, martelos, grosas, formas, pé de ferro, agulhas...

Essa profissão, muitas vezes, passada de pai para filho, representa um importante legado cultural. Enfrenta desafios com a industrialização, e tornou-se inviável. Hoje, poucos profissionais

resistem em algumas regiões, preservando as técnicas tradicionais, mantendo viva a profissão.

Em Palmeira d'Oeste as principais selarias e sapatarias no passado foram: Selaria e Sapataria São José dos Irmãos José (“Zezão”) e Miguel Goulart; Sapataria do Sr. Brulino Martins Gonçalves (“Seu Brás”); Sapataria Palmeira do Sr. Fukushima Harue (“Francisco”) e sua esposa, Tieko Fukushima; Selaria e Sapataria Giacometti dos irmãos Giacometti, Selaria e Sapataria Nossa Senhora Aparecida de José Arlindo Ferreira.

OS FOLHEIROS: Os folheiros são os profissionais que trabalham com latão, alumínio, cobre ou zinco, produzindo baldes, canecões, caldeirões, panelas, bacias, chuveiros, calhas entre outros produtos utilitários. O latão era empregado em válvulas, torneiras, conexões e outros componentes que requerem resistência à corrosão e durabilidade. No passado, era muito comum consertar panelas e outros utensílios domésticos, envolvendo técnicas como soldagem, remendo e substituição de peças, como cabos e tampas. O objetivo era prolongar a vida útil dos utensílios e evitar o desperdício. Hoje em dia, com a popularização de panelas descartáveis e o baixo custo de novas unidades, o conserto pode ser menos frequente, mas ainda é uma opção viável e sustentável. O latão, com suas propriedades únicas, encontrou aplicação em uma variedade de indústrias e ofícios, tornando os profissionais que trabalhavam com ele peças importantes na história da produção e do artesanato.

Em nossa cidade, os principais profissionais desse ramo foram os senhores: José Esparapani; Paulo Beloto e Giratto...

OS FUMAGEIROS: Os fumageiros de fumo do passado, também conhecidos como fabricantes de fumo de rolo ou cigarro de palha, eram artesãos responsáveis pela preparação do tabaco para consumo manual, utilizando folhas de fumo enroladas em palha. Essa prática era comum antes da popularização dos cigarros industrializados e envolvia um processo cuidadoso de preparação, que incluía a secagem e torção das folhas, resultando em um produto conhecido como fumo de rolo ou cigarro de palha.

As folhas de fumo eram separadas das nervuras centrais e secas ao sol por um período que variava de 60 a 90 dias. Depois, elas eram

enroladas para formar uma corda, utilizando entre quatro e oito folhas para determinar a espessura desejada. Essa corda era então enrolada em um sarilho. Após a preparação, o fumo de rolo podia ser consumido diretamente ou cortado em porções menores para ser enrolado em palha, formando o cigarro de palha.

Em Palmeira d'Oeste, tivemos algumas pessoas que exerciam essa função, entre eles: Faustino Secafim, Arlindo Secafim, Antonio Perez Munhos, Valdir Donato, José Henrique, Pedro Galbiati...

Esses trabalhadores, que preparavam o fumo de rolo ou de corda, ainda não desapareceram. Embora a produção de fumo de rolo tenha diminuído e o setor enfrente desafios, ainda existem produtores e trabalhadores envolvidos nessa atividade, especialmente em algumas regiões do Brasil.

OS CARPINTEIROS: No passado, no interior, os carpinteiros eram figuras centrais na construção, responsáveis por construir estruturas de madeira, móveis e utensílios domésticos como mesas, cadeiras e camas. Eles usavam ferramentas manuais e madeira natural para criar desde as estruturas de madeiras para as casas e igrejas, como telhados e paredes, e outras edificações, como postes, vigas e telhados. Lembrando alguns carpinteiros: José Secafim.

As ferramentas manuais eram essenciais para o trabalho do carpinteiro, incluindo martelos, serrotes, plainas, formões e outros instrumentos

Os carpinteiros eram responsáveis pela produção de uma infinidade de objetos, desde cochos para animais e gamelas para alimentos, currais, charretes, carrinhos entre outros. A carpintaria no interior muitas vezes carregava uma forte tradição, com técnicas e conhecimentos passados de geração em geração. Alguns dos nosso carpinteiros do passado: José de Almeida, “Curaçá”, “Dito de Oliveira”, Isidoro Nunes, Geraldo Bessão, Vergílio Cruz, Luiz Capeletti...

OS FAZEDORES DE POÇO (“POCEIROS”): No passado, a perfuração de poços era um processo manual e extenuante, frequentemente realizado com ferramentas simples e muita força braçal. As técnicas variavam, mas geralmente envolviam a

escavação gradual, num diâmetro pouco maior que um metro, do solo até alcançar o lençol freático, utilizando picaretas, pás e baldes para remover a terra.

Para auxiliar na retirada da terra e da água, eram utilizadas roldanas e cordas para içar baldes e recipientes, facilitando o trabalho dos perfuradores que trabalhavam sempre em dupla.

Em geral, os poços no passado eram mais rasos, devido às limitações das técnicas de perfuração e da tecnologia disponível.

Fazedores de poço daqui, antigamente: “João Poceiro”, Osvaldo do Carmo, “Dito Preto”, “Mane Poceiro”...

Com o avanço da tecnologia, as técnicas de perfuração de poços foram evoluindo, com a introdução de equipamentos e maquinários mais modernos. Atualmente, a perfuração de poços artesianos, por exemplo, utiliza equipamentos rotativos, roto-pneumáticos e outras técnicas mais avançadas para alcançar grandes profundidades e obter água de boa qualidade.

OS PEDREIROS: No passado, os pedreiros do interior eram figuras essenciais na construção de casas, igrejas e outras estruturas, muitas vezes viajando para diferentes cidades e regiões em busca de trabalho. Sua formação era predominantemente na experiência prática, aprendendo o ofício com outras pessoas mais experientes, muitas vezes um legado familiar, com habilidades transmitidas de geração em geração. Eles desempenhavam um papel fundamental na construção de comunidades, deixando um legado de suas habilidades e conhecimentos.

Eles eram responsáveis por diversas tarefas, como assentar tijolos, construir alicerces, levantar paredes, rebocar estruturas e realizar manutenção.

Era muito comum as equipes de pedreiros, muitas vezes acompanhadas de carpinteiros, e marceneiros, formarem grupos que trabalhavam em diferentes cidades, construindo igrejas, escolas e outras edificações. Embora a profissão fosse essencial, os pedreiros muitas vezes enfrentavam condições de trabalho difíceis e baixos salários.

Apesar dos desafios, muitos pedreiros demonstravam orgulho e dedicação ao seu trabalho, construindo comunidades e deixando um legado duradouro. Alguns nomes que ajudaram a construir esta cidade: “Seu Jorge”, “Jorginho Japonês”, José Garcia, Irineu...

OS TINTUREIROS: No passado, as tinturarias desempenhavam um papel crucial na sociedade, indo além do simples tingimento de roupas para incluir lavagem, passagem e cuidados especiais com tecidos. Eram centros de transformação e manutenção de vestimentas, com técnicas e materiais que evoluíram ao longo do tempo. Em muitos casos, as tinturarias estavam ligadas às alfaiatarias, pois o alfaiate precisava de um local para tratar e tingir os tecidos utilizados em suas criações.

OS MARCENEIROS: Nos primeiros tempos de Palmeira d'Oeste haviam por aqui muitos marceneiros. Esse profissional é responsável por transformar madeira e outros materiais em móveis, objetos de decoração e estruturas. Utilizando técnicas específicas, ferramentas manuais e máquinas, cortando, lixando, modelando e juntando as peças de madeira, os marceneiros criam a estrutura do móvel ou objeto, montando as peças que, posteriormente, recebem acabamento com verniz, tintas ou outros materiais.

Os marceneiros podem restaurar móveis antigos, consertando peças danificadas e devolvendo sua beleza original. Podem desenvolver móveis como: mesas, cadeiras, camas, objetos de decoração, carrinhos, charretes e até carrocerias, de acordo com as necessidades e desejos específicos de cada cliente.

A marcenaria continua relevante na sociedade moderna.

Nossos marceneiros, a moda antiga, alguns, ainda, em atividade: Darci Diana, “Cido Diana”, Joel, “Tião Medonho”, José Teodoro, Antonio Bofo, Celso Fantini...

As famílias Ponce e Montoro atuaram por muitos anos fabricando charretes, carrinhos de tração animal e carrocerias para tratores e caminhões.

OS COVEIROS: Esse tipo de profissional trabalha em cemitérios, são responsáveis por preparar as sepulturas e realizar os sepultamentos. Eles lidam com tarefas físicas como cavar sepulturas, vedar túmulos e manter a organização dos cemitérios.

Apesar de ser uma profissão antiga e fundamental, muitas vezes é pouco valorizada e enfrenta desafios relacionados à exposição a

condições insalubres e preconceitos, sendo vista como uma atividade de baixo status social.

O coveiro Cirilo foi o primeiro a cuidar da última morada de nosso habitantes, em seguida vieram: Maximiano, Mateus G. Miranda, Valter...

AS VENDAS DE SECOS E MOLHADOS: No interior do Brasil, as vendas de "secos e molhados" eram pequenas mercearias que comercializavam uma variedade de produtos, desde alimentos básicos até itens de uso doméstico, e eram muito comuns antes da popularização dos supermercados. Nelas, podiam ser encontrados desde alimentos não perecíveis (os "secos") até itens que precisavam de refrigeração ou condições especiais de armazenamento (os "molhados"). Vendiam desde alimentos como feijão, farinha e milho até produtos como salame, banha de porco, tecidos, ferramentas, produtos de limpeza e doces, que eram um verdadeiro atrativo para as crianças.

Os proprietários conheciam seus clientes pelo nome e muitos estabelecimentos ofereciam fiado, o que fortalecia o vínculo com a comunidade. Essas lojas estavam localizadas em diversos pontos, como esquinas e centros de bairros, facilitando o acesso dos moradores.

Essas lojas eram mais do que simples pontos de venda: eram espaços de convívio social e, muitas vezes, funcionavam como ponto de encontro para os moradores.

Com o aumento da influência dos grandes supermercados e redes de varejo, as vendas de secos e molhados começaram a perder espaço. Muitas delas acabaram fechando ou se adaptando a novos modelos de negócio.

Apesar do declínio, as vendas de secos e molhados deixaram um importante legado cultural, representando uma época em que o comércio era mais próximo e familiar. Essas lojas desempenhavam um papel fundamental na economia de pequenas cidades e bairros, gerando empregos e renda para os moradores.

A seguir, alguns dos principais locais de venda de secos e molhados, em Palmeira d'Oeste: Venda do Carlos Dias; Armazém

do Antônio Juvêncio de Góes, Armazém do Raimundo Felix Soares, Casa Santo Antônio (de José Polaine), Casas Portuguesa, Casas Luzitana, Casa São Caetano, Casa Martins (de Artur Martins), Empório Brasil de Takeshi Onuma, Empório São Geraldo (de Geraldo Beraldo), entre outros.

Ao longo das estradas, também era muito comum encontrar vendinhas no passado (Venda do Clarismino). Elas funcionavam como pontos de apoio e comércio essenciais para as áreas rurais, oferecendo produtos como alimentos, bebidas, ferramentas e outros itens necessários para o dia a dia. O desaparecimento parcial dessas vendinhas está relacionado ao aumento do fluxo de veículos e à mudança nos hábitos de consumo.

As vendinhas eram mais comuns em estradas não pavimentadas, com tráfego lento e intermitente, onde as paradas e o apoio eram frequentes. Elas desempenhavam um papel crucial na economia local, fornecendo sustento para os proprietários e gerando oportunidades de trabalho para a comunidade. Além disso, as vendinhas funcionavam como pontos de encontro, onde as pessoas podiam trocar informações, compartilhar notícias e socializar.



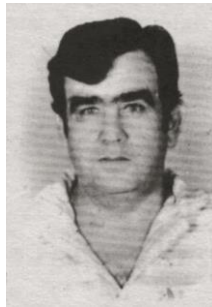
Casas Portuguesa

OS SERVIÇOS DE ALTO-FALANTES: O serviço de alto-falantes funcionava em dois horários: das 10h às 12h e das 16h às 18h. O conteúdo incluía notícias de falecimentos, festas religiosas, avisos de utilidade pública, extravio de documentos e propagandas comerciais. Nos intervalos, tocavam músicas que faziam sucesso na

época. Era esse o principal meio pelo qual a comunidade se informava.

O estúdio era um cômodo pequeno, com mesa, microfone e um ou dois toca-discos. Os três alto-falantes ficavam instalados em postes de madeira na praça da matriz, voltados para diferentes direções.

Em Palmeira d'Oeste, o serviço de auto falantes percorreu décadas prestando seus serviços à comunidade, tendo a primeira locução ocorrida no dia 21 de abril de 1962, diretamente das instalações da Casa Radiotécnica São Paulo, (uma loja de eletrônicos), de propriedade do senhor Massayuki Kurowiva. O locutor era o senhor José Martins Parras e o técnico de som Aparecido Izaias de Souza. Após mudar diversas vezes de proprietário e locutores, o serviço de alto-falantes encerrou suas atividades no final da década de 1990.



José Martins Parras

Conclusão:

O tempo passou, os dias mudaram, e muita coisa ficou para trás. Porém, esse passado deixou muitas recordações. Entre o passado, onde estão nossas memórias, e o futuro, onde estão nossas esperanças, está o presente, onde reside o dever de resgatar todo o legado construído por gerações que vieram antes de nós e de homenagear nossos ancestrais. Só assim faremos justiça a tantas pessoas, anônimas ou não, que desbravaram esta terra e deixaram sua contribuição, sua marca cravada na história do nosso município.

PARTE 2

PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

Mudanças e permanências são conceitos essenciais para analisar como as coisas evoluem e se mantêm ao longo do tempo. As mudanças representam as transformações, enquanto as permanências são os elementos que permanecem inalterados. Analisar esses conceitos em diferentes contextos da vida diária nos ajuda a entender melhor o mundo ao nosso redor.

Mudanças e permanências não são opostas, mas sim interligadas. As mudanças podem ser vistas como processos de adaptação à realidade, enquanto as permanências representam os elementos que garantem a continuidade e a identidade cultural.

A cultura local, em Palmeira d'Oeste, como em qualquer lugar, está em constante movimento, com mudanças e permanências que moldam sua identidade. As mudanças podem incluir a adoção de novos hábitos de consumo, o uso de tecnologias e a influência de outras culturas, enquanto as permanências representam tradições, valores e crenças que resistem ao tempo.

Em resumo, a cultura local é um mosaico de elementos em constante transformação e continuidade, que interagem entre si e se moldam mutuamente, criando uma identidade única ao longo do tempo.

NAMORO E CASAMENTO

O amor de antigamente estava fortemente ligado aos valores da época. Cortejar um parceiro era um processo demorado e cauteloso. Enquanto os homens se preocupavam em se aproximar com muito respeito, as moças permitiam olhares e risos discretos no canto da boca, mas não podiam demonstrar abertamente um possível interesse.

No passado, era prática obrigatória que o rapaz pedisse permissão aos pais da moça para poder namorar. Isso era uma forma de demonstrar respeito e obter o consentimento da família para iniciar um relacionamento. O rapaz precisava ir até a casa da moça e, formalmente, pedir autorização para o namoro, pois o aval dos pais era crucial para que o relacionamento se tornasse mais formal e público.

Em caso de aprovação, a forma como os jovens se encontrava também era regulada por normas sociais. Era comum que estivessem acompanhados por um membro da família em público e, mesmo dentro da casa da moça, o namoro ocorria sob a atenta supervisão dos familiares. Esperava-se que as moças se casassem “puras”, conforme os costumes da época.

Os momentos de namoro se resumiam em conversas sobre assuntos variados, geralmente trabalho, sendo que os contatos físicos se resumiam a meros apertos de mãos na hora da despedida.

Em alguns casos, os casamentos eram frequentemente arranjados pelos pais, e os noivos tinham pouco ou nenhum papel na escolha do parceiro.

No interior, principalmente no sítio, a influência da família era muito forte. Os pais buscavam preservar e transmitir aos filhos os valores e tradições que haviam recebido das gerações anteriores.

Desde a adolescência, as moças preparavam todo o enxoval. Era importante que soubessem costurar, bordar e cozinhar — habilidades consideradas essenciais para assumir as responsabilidades do novo lar. Esperava-se que fossem prendadas.

No passado, as festas de casamento no interior eram marcadas por um ambiente tradicional, com as famílias desempenhando um papel central na organização e celebração. A cerimônia religiosa costumava ser o ponto alto, tendo a igreja como cenário da união. Já as festas, embora variassem em tamanho e estilo, geralmente envolviam um jantar e música (como o forró), com a participação de familiares e amigos próximos. Os presentes dados aos noivos ficavam expostos sobre a cama do casal para visitaçãõ.

Com o tempo, as festas de casamento no interior evoluíram, acompanhando as transformações sociais. Novas formas de organização e celebração foram introduzidas, modificando os ritmos e os formatos dessas tradições.

VELÓRIOS

No passado, os velórios no interior do Brasil, tanto nas cidades quanto nas áreas rurais, eram eventos comunitários mais intensos e elaborados do que os velórios modernos. Além de homenagear o falecido, os velórios tinham um papel importante de despedida que permanecia na memória coletiva.

A comunidade inteira se mobilizava, com vizinhos, parentes e amigos reunidos para acompanhar o velório, que incluía a recitação de orações durante a noite, além da oferta de comidas e bebidas.

Os velórios eram frequentemente realizados em casas, geralmente na sala, onde o corpo era colocado sobre uma mesa, dispostos em uma porta retirada às pressas ou tábuas de madeiras dispostas em cima de cavaletes. Após a saída do cortejo, o ambiente permanecia por dias com o cheiro das velas usadas durante o funeral, além das rosas e outras flores usadas para adornar o caixão — que, no início, era produzido com madeira pelos homens da casa, com a colaboração dos vizinhos, ou comprado nas casas funerárias que só os entregavam pouco antes do enterro.

Colocar um copo (ou pires) debaixo do caixão do defunto era um costume ancestral, principalmente em áreas rurais, com a crença de que o sal presente no copo atrai a umidade do corpo e ajuda a retardar ou evitar o inchaço. A prática, embora não tenha comprovação científica, é uma forma de demonstrar respeito e preocupação com o falecido. Muitas vezes os principais objetos do falecido eram colocados no caixão.

Os familiares próximos guardavam luto, as mulheres e vestiam de preto durante seis meses, já ao homens traziam uma tira de pano da mesma cor pregada em todas as camisas na altura do bolso em sinal de luto.

Com o passar do tempo, os velórios foram se tornando mais padronizados e institucionalizados, com o uso de funerárias, floriculturas e rituais mais formais. A participação comunitária diminuiu, e a experiência do velório tornou-se mais individualizada.

A construção do prédio do Velório Municipal ocorreu durante o mandato do prefeito Domingos de Marques (1989 a 1992).

Em Palmeira d'Oeste, como em muitas outras cidades do interior, ainda se encontram traços dos velórios mais tradicionais, com a participação da comunidade e a realização de rituais específicos, embora adaptados aos costumes modernos.

SERENATAS

No passado, as serenatas eram atos românticos de conquista amorosa, realizados durante a noite, geralmente em frente à janela

do(a) amado(a). Consistiam em canções e músicas tocadas com violão ou outros instrumentos, acompanhadas ou não de amigos.

A serenata era uma forma de demonstrar afeto e desejo, na esperança de que dependendo da reação da pessoa cortejada, variadas situações poderiam acontecer, desde a abertura da janela, um aceno ou o lançamento de uma flor, como forma de reciprocidade, correspondência e reconhecimento da intenção.

Também havia o hábito de fazer serenatas nas noites de Natal e Ano Novo, visitando as residências dos amigos.

Com a mudança dos tempos e dos hábitos, as serenatas tradicionais tornaram-se menos comuns.

QUERMESSES

No passado, as quermesses no interior eram eventos comunitários e religiosos, momentos de encontro e alegria, reunindo amigos e familiares em um ambiente festivo, geralmente realizados em paróquias, espaços públicos, escolas, campos de futebol e zonas rurais. As noites eram iluminadas com lampiões a querosene nas áreas rurais onde ainda não havia energia elétrica. Essas festas tinham como objetivo reunir a comunidade em torno da fé e das tradições locais, além de angariar fundos com a venda de porções, frangos assados, bebidas e comidas típicas. Geralmente realizadas em espaços abertos, as quermesses contavam com grandes tendas feitas de bambu e cobertas com encerados. Para alegrar o ambiente, eram decoradas com bandeirinhas e outros enfeites típicos. A quadrilha era uma das atrações mais populares, com dançarinos vestidos com trajes típicos e coreografias animadas. A música caipira, o forró e outras músicas típicas animavam as festas, muitas vezes com apresentações de artistas locais e sanfoneiros. Barracas com comidas e bebidas típicas das festas juninas, como pamonha, canjica, quentão e pé de moleque, eram muito comuns, além dos leilões de frangos e leitoas. O correio elegante, vendido aos jovens para enviar mensagens às suas pretendentes, e a barraca da pesca eram parte integrante das brincadeiras da quermesse. As fogueiras eram um elemento essencial, representando uma forte tradição cultural e devoção a Santo Antônio, São Pedro e São João, com a participação ativa da comunidade, desde crianças até idosos.

Havia os “bailes de campo”, eram assim que se chamavam as festas para arrecadar fundos para o time de futebol da localidade, o dinheiro era revertido para a compra de uniformes, e material esportivo. havia leilões das prendas arrecadadas com antecedência pelos sítios e fazendas, o melhor prêmio era sempre oferecido no “Leilão da meia noite”, e quem levava a prenda tinha o direito de oferecer “a rosa” para a moça que quisesse tirar para dançar.

FESTIVAIS DE VIOLEIROS

No interior, no passado, os festivais de violeiros eram eventos importantes que celebravam a cultura local e a música tradicional brasileira, especialmente a viola caipira. Esses festivais reuniam violeiros de diferentes regiões, promovendo a troca de conhecimentos, a valorização, a preservação e a divulgação da música sertaneja. A música principal era a viola caipira, com temas que refletiam a vida no campo, as dificuldades do interior, as histórias e os sentimentos da população. Os festivais eram momentos importantes para a comunidade, reunindo pessoas de diferentes idades e organizados pelas prefeituras, com o apoio da população local. Em um período de crescente influência de outros gêneros musicais, esses festivais funcionavam como uma forma de resistência cultural, valorizando a música tradicional brasileira.

A cidade vizinha de Marinópolis ainda realiza os “Festivais de Violeiros”. Em Palmeira d’Oeste, esses festivais tiveram seu auge durante os mandatos do prefeito Baptista Alvares Campos, especialmente entre 1977 e 1982.



Festival de Violeiros - 1970

JOGO DE BOCHA

No Brasil, a bocha chegou com os imigrantes italianos e se tornou popular. No passado, os campos de bocha eram espaços, geralmente retangulares, onde se praticava o jogo de bocha. Estes espaços serviam como locais de socialização, ponto de encontro, interação social e lazer para a comunidade onde a população local podia praticar e se divertir com este esporte.

A superfície dos campos era, por vezes, feita de terra ou cascalho, dependendo da disponibilidade e das condições locais. Com o tempo, foram sendo utilizados materiais mais modernos, como terra compactada para garantir um melhor desempenho e conforto aos jogadores. Nas zonas rurais, estes campos eram frequentemente encontrados em áreas mais abertas sendo que a terra era uma opção mais comum devido à sua disponibilidade.

O jogo de bocha consiste em lançar bolas (bochas) o mais próximo possível de uma bola menor (botim). A cancha de bocha, como é chamada a área onde se pratica o esporte, tem dimensões padrão, geralmente de 26,50 metros de comprimento e 4 metros de largura. O campo deve ser plano e nivelado para garantir uma prática justa do jogo

O jogo de bocha era uma forma de lazer e entretenimento, especialmente para famílias e grupos de amigos que residiam nas áreas rurais, permitindo que pessoas de diferentes idades e origens se reunissem e interagissem.

DESFILES CÍVICOS

Os desfiles cívicos no passado, especialmente os do 7 de setembro, eram formas importantes de celebrar a independência do país, com forte participação das escolas e da comunidade. Esses eventos eram marcados por desfiles de alunos carregando bandeiras, demonstrando orgulho pela pátria e aprendendo sobre a história do Brasil.

Havia apresentações de fanfarras, bandas marciais, carros alegóricos, pelotões de policiais e outras demonstrações de patriotismo, reforçando a importância da data e os valores cívicos na comunidade.

Os desfiles cívicos, tanto no passado quanto hoje, têm o objetivo de resgatar valores como ética, participação, cidadania e patriotismo, fortalecendo o senso de unidade nacional.

No interior do Brasil, onde a participação local era ainda mais intensa, os desfiles eram momentos de celebração para a comunidade, que se aglomerava nas calçadas para assistir.

Com o passar do tempo, os desfiles cívicos foram deixados de lado, mas durante um período continuaram a ser realizados por ocasião da abertura da Festa do Peão de Boiadeiro.



CIRCOS

No interior do Brasil, no passado, os circos eram uma presença marcante, trazendo alegria e diversão para as cidades. A arte circense, com suas apresentações de palhaços, malabaristas, domadores de animais, teatros e apresentações de duplas sertanejas do cenário nacional, entre outras atrações, era um dos principais eventos culturais e sociais das localidades.

No passado, os circos apresentavam uma variedade de dramas, desde comédias e peças teatrais clássicas até espetáculos que exploravam a natureza humana e as preocupações da sociedade.

Os circos viajavam de cidade em cidade, adaptando seus espetáculos ao gosto local e, muitas vezes, eram a única atração cultural disponível para os moradores.

O circo era um lugar onde as pessoas podiam se divertir, rir e se encantar com as apresentações. Era também um ponto de encontro

social, onde as pessoas se reuniam para assistir aos espetáculos e interagir entre si.

As famílias circenses, com suas tradições e técnicas, transmitiam de geração em geração a arte circense, mantendo viva essa forma de expressão artística.

Os circos se adaptavam às características de cada cidade, trazendo números que agradavam ao público local e, às vezes, até utilizando materiais encontrados nas comunidades para criar seus espetáculos. Com o passar do tempo, o circo enfrentou desafios, como a concorrência de outras formas de entretenimento e as mudanças no gosto do público, mas continua a ser uma presença constante em nossa cidade.

PARQUE DE DIVERSÕES

No passado, no interior, era comum a instalação, por curtas temporadas, de parques de diversões que até hoje marcam a memória de muitas pessoas.

Esses momentos eram oportunidades de encontro para namorados, famílias, crianças e a comunidade em geral.

Os parques de diversões ofereciam uma variedade de atrações, incluindo o clássico carrossel, geralmente um dos brinquedos mais populares entre as crianças. Outros brinquedos comuns eram montanhas-russas, rodas-gigantes, carrinhos bate-bate, tobogãs, barcos vikings, pula-pulas, dango e barracas de tiro, pesca e argolas, onde estavam disponíveis prendas para quem acertasse o alvo.

As músicas, sempre atualizadas, tocadas nos alto-falantes do parque, atraíam a população e criavam um clima de descontração entre os presentes.

Com o tempo, a instalação desses parques foi diminuindo, e hoje eles quase não passam mais pela cidade.

TOURADAS

Outro evento importante do passado na cidade eram as touradas. Havia duas companhias que se apresentavam: a do “Botinha” e a do “Camisa”.

As touradas eram realizadas em locais improvisados, como terrenos baldios, onde se instalavam arenas circulares cercadas por arquibancadas de madeira.

O público era geralmente composto por moradores locais, que adquiriram ingressos para praticamente todos os dias da temporada. Na arena, o toureiro, com um pano vermelho na mão, irritava a vaca, o boi ou o touro até seu esgotamento, momento em que o humano saía vencedor, sendo aplaudido pela população em delírio. No Brasil, as touradas foram proibidas tanto pelo risco de acidentes com os humanos quanto por serem vistas como práticas cruéis e violentas contra os animais.

RÁDIO

No passado, no interior, o rádio desempenhou um papel fundamental como principal meio de comunicação, informação e entretenimento, especialmente antes da chegada da televisão. Ele era a forma mais acessível e popular de conectar as pessoas, trazer notícias, músicas, programas de entretenimento e outras formas de cultura para dentro das casas, mesmo em áreas remotas

O rádio unia as famílias e comunidades, permitindo que as pessoas compartilhassem experiências e informações, mesmo em áreas distantes das grandes cidades. Era um meio crucial para a disseminação de notícias, além disso, o rádio oferecia música, programas de auditório, radionovelas e outros programas de entretenimento que atraíam grandes audiências.

Na diversidade apresentada pela rádio, alguns programas se destacavam:

- Programa do Zé Bértio, com vertente de musical sertaneja, era transmitido pela Rádio Record, e era conhecido por sua linguagem popular, músicas regionais e o carisma do seu apresentador. O Zé Bértio era um dos maiores comunicadores populares da história do rádio brasileiro, e seu programa era muito popular entre os anos 1970, 1980 e 1990. O programa do Zé Bértio era conhecido por seus bordões, como "acorda, joga água nele!", e por lançar nomes importantes da música sertaneja, como Milionário & José Rico. Ele também era conhecido por sua ligação com o mundo rural e pela valorização da música caipira.

- O programa "Luar do Sertão": O formato do programa variava ao longo do tempo, mas geralmente incluía entrevistas com os artistas, apresentações musicais, abordava temas relacionados à cultura sertaneja, como folia de reis e apresentava semanalmente um drama (espécie de novela/seriado) com temas do interior rural.

- A Beira da Tuia era um programa apresentado pelos cantores Tônico & Tinoco. Era exibido inicialmente aos domingos a noite, com uma programação voltada para o repertório da dupla.

- Repórter ESSO: Criado em 1941 e considerado o marco de fundação do jornalismo no rádio brasileiro, o Repórter Esso era sinônimo de credibilidade. Inicialmente veiculado pela Rádio Nacional do Rio. Por décadas o Repórter Esso reunia a família ao redor do rádio para ouvir as notícias do Brasil e do mundo. Heron Domingues (1924-1974) foi uma das vozes mais emblemáticas do Repórter Esso, muitas pessoas tinham medo de ouvir o programa devido a entonação de suspense que ele dava às reportagens.

No interior, o rádio era um companheiro constante, presente no trabalho, no lazer e em momentos de descanso, sendo um dos poucos meios de entretenimento e informação disponíveis.

No passado, os programas de rádio desempenharam um papel crucial na transmissão de notícias, principalmente durante eventos históricos, como guerras, e na propagação de ideias e culturas. Além disso, o rádio influenciou a moda, estimulou debates e promoveu a integração entre regiões e países.

Na atualidade a importância do rádio reside na sua capacidade de alcançar grandes audiências de forma rápida e barata, tornando-se um meio de comunicação essencial para informação, entretenimento e conexão. O rádio continua relevante devido à sua versatilidade, permitindo a adaptação a diferentes contextos e a oferta de conteúdos diversificados, desde notícias e programas informativos, música e entretenimento.

CINEMA

No passado, o cinema no interior tinha grande importância cultural e social para a comunidade, contribuindo para a valorização do patrimônio material e imaterial, além de preservar tradições e histórias locais.

Em Palmeira d'Oeste, o cinema foi construído pelo senhor Magid Calil Haddad. Tratava-se de um prédio monumental, com capacidade para 1.200 lugares, equipado com maquinário moderno, novo e de ótima qualidade.

O prédio do cinema era uma construção sólida e imponente. Na época, foi a única edificação da cidade assistida por engenheiro e com planta técnica.

Havia duas escadas que levavam ao piso superior, uma espécie de mezanino, onde ficava a “casa das máquinas” destinada à projeção dos filmes, além de muitas cadeiras para os espectadores, incluindo espaços específicos para casais de namorados.

Foi uma grande novidade e tornou-se um cartão de visitas da cidade. O “Cine Brasil” foi inaugurado em 1960.

O cinema era uma das poucas opções de lazer da cidade, com uma frequência maciça de público. Só não havia sessões às segundas-feiras. Aos domingos, havia duas sessões, e aos sábados, uma sessão sempre lotada. O indicativo de que o filme iria iniciar era dado pela execução da música “Tema de Lara” de Maurice Jarre.

Uma vez por mês, às sextas-feiras, exibia-se um filme em duas sessões especialmente para as pessoas da colônia japonesa, com os 1.200 lugares do cinema sempre ocupados. É interessante observar que muitos casamentos entre japoneses foram resultado de namoros iniciados nesse espaço que o cinema proporcionava às famílias da colônia oriental.

A programação seguia quase a mesma sequência da cidade de São Paulo, o que gerava alguns desafios, pois os filmes eram alugados e, devido ao tamanho reduzido da população local, era necessário exibir um filme diferente a cada dia. Isso diferia de São Paulo, capital, ou de outras grandes cidades, onde um mesmo filme podia ficar em cartaz por um mês.

Em 1964, o Cine Brasil foi vendido para a empresa Curty, de São José do Rio Preto, que ficou com o cinema por alguns anos, antes de vendê-lo para outra empresa. O nome do Cine Brasil foi então alterado para Cine Capri.

Além das sessões noturnas, havia matinês aos domingos, quando a criançada se aglomerava para assistir a filmes como Tarzan, Hércules, Maciste, Ursus, Brutos, “Os Gladiadores”, além de filmes do Teixeira (como *Coração de Luto*, *Carmem a Cigana e Sete Provas*), Mazzaropi, Os Trapalhões, *Guerra nas Estrelas* e os filmes do cantor Sergio Reis, como o *Menino da Porteira*, entre outros.

Os doces vendidos na entrada eram deliciosos. Entre os preferidos estavam as balinhas Kleps, que vinham em embalagens com 12 unidades em forma de tirinhas, grudadas umas às outras, cada uma com cor, sabor e desenho de bichinho diferente, como o leão, a girafa, a ovelha etc. Também eram vendidos saquinhos com pipoca.

Toda Sexta-Feira Santa, as filas dobravam os quarteirões por horas para conseguir ingressos e assistir a “Nascimento, Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

O prédio do cinema recebia todos os eventos culturais que se realizavam na cidade: refeições de grau das escolas, encontros políticos, palestras, shows... Artistas famosos da época, como Tião Carreiro e Pardino, fizeram shows em Palmeira d'Oeste diversas vezes.

Também foram realizadas nas dependências do cinema, ainda em fase final de construção, as reuniões para a instalação e criação do município. Nessas reuniões, reuniam-se as principais famílias da vila, políticos e líderes locais, tais como José Roveri, Jonas Relojoeiro, Manoel Pantaleão, João Gurian, Américo Dias, entre outros.

No final dos anos 1980, com o advento do videocassete, os cinemas do interior começaram a perder força. Em Palmeira d'Oeste, o cinema encerrou suas atividades.

Infelizmente, permitiram que o prédio fosse demolido. Se estivesse intacto, ainda hoje seria um patrimônio histórico e um importante espaço para a cultura da cidade.

Em muitas cidades do interior, o cinema continua sendo uma ferramenta essencial para o desenvolvimento social e cultural, promovendo a inclusão, a formação e a valorização da cultura local.

"FOOTING"

Lá pelos anos 1960 até meados dos anos 1990, paquerar era sinônimo de caminhar pelas ruas e, claro, flertar quando pudesse. O "footing", que vem do inglês "ir a pé", acontecia principalmente nas pequenas cidades.

Nos domingos, à noite, após o término da missa, as pessoas circulavam nos arredores da praça da matriz indo até a frente do cinema, eram nesses circuitos pela Rua Brasil que as paqueras aconteciam, cruzavam-se olhares inocentes e sorrisos cheios de futuro, se consolidavam em conversas, namoros e futuros casamentos.

Geralmente a caminhada acontecia com os homens, andando, dando voltas, e as moças faziam o caminho contrário, caminhavam, e essa paquera se estendia até, no máximo, às dez horas da noite.

O “footing” era o lugar do primeiro encontro, dos olhares apaixonados, do bate-papo descontraído, as moças colocavam o melhor vestido e saíam para caminhar com um objetivo claro: ser observada pelos rapazes, igualmente bem arrumados.

As meninas passeavam de braços dados e os meninos olhavam e podia se passar semanas até que o rapaz dirigisse o primeiro olá à sua eleita.

Essa mistura de espreitada, esperança e encantamento, às vezes, levava à frustração, quando a pessoa amada não enxergava quem tanto a admirava.

Os rapazes também se enfileiravam como uma parede para apreciar o passeio das meninas, esse era o jeito mais fácil de rapazes e moças se encontrarem.

Além da paquera entre os jovens, era comum a presença das famílias também.

TERÇOS

No passado, o terço era uma prática religiosa muito comum em nossa cidade, tanto na área urbana, mas especialmente nas áreas rurais. A rezadeira, muitas vezes a matriarca da família ou uma mulher mais velha convidada e devota, guiava a recitação do terço.

A devoção ao terço, com suas contas e medalhas, era uma forma de expressar fé e pedir a intercessão, de Nossa Senhora ou dos Santos celebrados em junho (Santo Antônio, São Pedro e São João), junto a aquilo que desejavam. O pau de sebo, juntamente com as fogueiras, eram elementos essenciais e representavam uma forte tradição cultural. A família que organizava o terço servia aos convidados bebidas como leite quente, achocolatado, chás, quentão, anisete e pinga. Já os alimentos oferecidos incluíam milho assado, pipoca, amendoim torrado e uma infinita variedade de doces e bolachas caseiras como pão doce, bolos, rosquinhas, mantecal, bolachas de nata, entre outras iguarias preparadas com antecedência. O momento mais bonito era quando as pessoas passavam por baixo do mastro antes que ele fosse erguido e faziam um pedido. Geralmente, as rezas terminavam com uma grande salva de tiros de rojões. Durante as festas as crianças se divertiam com brincadeiras tradicionais como: *Lenço atrás, passar anel, esconde-esconde*, entre outras. Apesar de serem cada vez mais raros, os terços ainda são realizados em nossa cidade. Um exemplo

de preservação dessa cultura é o casal Jaime e Iracema Beltramini, que abrem as portas de sua chácara uma vez por ano para receber os convidados e celebrar o terço.



Iracema e Jaime Beltramini

FESTAS JUNINAS

As festas juninas, que ainda hoje são geralmente organizadas pelas escolas ou entidades, são marcadas por celebrações onde a comunidade se une para festejar e se divertir com danças, músicas, comidas típicas e a tradicional fogueira, mesmo que atualmente esta seja artesanal. Essas festas celebram São João, Santo Antônio e São Pedro. Entre os elementos tradicionais das festas juninas estão a quadrilha, as comidas típicas — como pamonha, canjica, bolo de milho, pé de moleque, entre outras — vendidas em barracas ao longo do arraial, e as bandeirinhas coloridas, que decoram o ambiente com alegria e cor. Em Palmeira d’Oeste, realizam-se, anualmente, algumas festas juninas tradicionais, entre elas destacamos: A organizada pelo casal Gislaine Bocalom e Jorge Rangel Torres (“Ji” e “Nani”) e os filhos: Camila, Rafaela e Jorge Divino, proprietários do Comercial São Bento, envolvendo os moradores da Cohab João José Dias (“Pé Vermelho”); a do casal Iracema e Jaime Beltramini realizada em sua residência na chácara Nossa Senhora Rainha da Paz e a do casal Cleusa e Aparecido Alves de Lima que ocorre em seu sítio (Sítio São José), no distrito de Dalas. As festas juninas são uma importante manifestação cultural, que mantém viva a tradição e a história do Brasil.



Festa junina organizada pelo casal, “Ji e Nani”

FESTA DO PEÃO DE BOIADEIRO

No passado, as Festas do Peão de Boiadeiro eram eventos que celebravam a cultura caipira, a bravura dos peões e a vida rural. Elas incluíam rodeios, shows de música sertaneja, queima de fogos e outras atividades tradicionais, atraindo moradores locais e visitantes.

Em 1975, aconteceu em Palmeira d’Oeste a primeira Festa do Peão de Boiadeiro (FEPEB), realizada no Campo de Futebol “Antônio Biscassi”, atualmente, no local está construída a “Cohab do Campo”.

Dentro do espaço foi instalado um parque com brinquedos como a roda-gigante e o carrossel.

O acesso à festa dava-se por meio de ingressos separados e as chamadas “permanentes”, uma espécie de talão com ingressos de cores diferentes para cada noite de espetáculo.

Em 1980, ocorreu a inauguração do Recinto da Festa do Peão de Boiadeiro, que deixou de acontecer no estádio e ganhou um espaço próprio, graças à visão administrativa do prefeito Baptista Álvares Campos, que não mediu esforços para construir o novo recinto.

Esse local, com uma estrutura gigantesca, foi durante décadas o ponto de encontro dos moradores da cidade e visitantes que vinham prestigiar rodeios e shows musicais, com apresentações de Milionário e José Rico, Suzamar, Nalva Aguiar, Sérgio Reis, Donizete Carmem Silva, Eduardo Costa e inúmeras duplas sertanejas.

Diversas atrações especialmente contratadas se apresentavam nas noites de festa, e os prêmios para os peões vencedores eram os melhores da região, incluindo motos e carros 0 km.

A montaria em touros e cavalos era um dos principais atrativos, demonstrando a habilidade e coragem dos peões. A música sertaneja, com suas letras e ritmos típicos, criava um clima festivo. As festas reuniam a comunidade local, proporcionando um ambiente de confraternização e celebração. Muitas barracas com alimentos, bijuterias e uma diversidade de produtos eram instaladas para que as pessoas pudessem consumir.

Com o tempo, passou-se a escolher a rainha da festa em grandes eventos realizados no Ginásio de Esportes da cidade.

No domingo, último dia da festa, acontecia pela manhã um grandioso desfile de rua, com carros alegóricos, cavalos, bandas marciais, o famoso locutor de rodeios José do Prato e a tropa do senhor Jorge dos Santos, que desfilava imponente montado em um cavalo branco, marchando ao ritmo da fanfarra que o seguia logo atrás.

O senhor Baptista tinha uma visão além do seu tempo; era um empreendedor e político que se preocupava genuinamente com o bem-estar da população que o elegeu.

A Festa do Peão de Boiadeiro foi perdendo sua força ao longo dos anos, porém sempre retorna em formatos diferenciados organizados por comitativas e particulares representantes da cultura sertaneja.



Recinto da FEPEB

FOLIA DE REIS

No passado, as Foliás de Reis no interior, especialmente em locais como Palmeira d'Oeste, SP, eram celebrações vibrantes e comunitárias, marcando o período natalício até a Epifania, em 6 de janeiro, com manifestações culturais e religiosas que culminavam

na chegada dos Reis Magos. Essa festa, com origens portuguesas e espanholas, foi trazida para o Brasil durante a colonização.

As Folias eram marcadas por músicas alegres e tradicionais, muitas vezes com letras que celebravam o nascimento de Jesus e a visita dos Reis Magos. Os grupos de foliões visitavam as casas, cantando e tocando instrumentos, pedindo donativos para a realização da festa e recebendo comemorações e ofertas dos moradores.

A Folia tinha um forte caráter religioso, com rezas do terço e outras práticas que faziam parte da celebração. Era também um momento de confraternização, com comidas e bebidas compartilhadas, reforçando o caráter comunitário da tradição. Os foliões geralmente vestiam trajes típicos, com adereços como chapéus e máscaras.

Na cidade vizinha de Dirce Reis, a presença da Folia de Reis ainda é muito forte. Apesar da modernização e das mudanças sociais, as Folias continuam sendo uma importante manifestação cultural, especialmente em áreas rurais, representando uma forma de resistência cultural, fé e um elo com as tradições do passado, transmitidas de geração em geração.

Em Palmeira d'Oeste, a manutenção dessa tradição está a cargo da família Lima.

O senhor Osvaldo Alves de Lima (in memoriam) e sua esposa Helena Maria de Lima (in memoriam) chegaram a Palmeira d'Oeste em 1954. Inicialmente adquiriram 50 alqueires de mata virgem e, posteriormente, mais 20 alqueires, onde plantaram café, milho, feijão, arroz, além de destinarem uma parte para pastagens. Parte da propriedade ainda está nas mãos dos herdeiros, entre eles o senhor Aparecido Alves de Lima que mantém a tradição da Chegada de Reis em sua propriedade, recebendo a comunidade todo ano para os festejos de São João.

Uma outra festa tradicional de Folia de Reis ocorre, anualmente, na Prainha do distrito de Dalas, às margens do Rio São José dos Dourados, trata-se do Terço em Louvor a São João Batista, cantado pela “Companhia de Santos Reis” composta por foliões da região, que se juntam para celebrar a Natividade do Santo Junino e agradecer pelas intercessões recebidas. A organização do evento, que acontece há 25 anos, cabe à família Gonçalves, Sr. Osvaldo Paulino Gonçalves, Sra. Lídia Neuza e seu Filho, o professor Bruno de Brito Gonçalves.



Oswaldo Paulino Gonçalves



Companhia de Reis

FESTA DA UVA

No ano de 1988, com o declínio da cafeicultura, a Associação dos Produtores Rurais do Córrego do Botelho iniciou um trabalho junto aos produtores rurais do município. Esse projeto contou com a liderança do presidente da associação, Sr. Estevam Mariano do Prado, em parceria com o Engenheiro Agrônomo Antônio Carlos, delegado agrícola de Jales, e o Engenheiro Agrônomo Gilberto Pelinson, da Casa da Agricultura de Palmeira d'Oeste.

Após várias reuniões, decidiram implantar a cultura da uva e da citricultura. A associação conseguiu junto ao poder público municipal uma área de 2 hectares para a instalação de um viveiro destinado à produção de mudas de uva, citrus e plantas nativas.

A etapa seguinte foi definir quais variedades de uva seriam plantadas, buscando maior produtividade. Para isso, o Sr. Estevam Mariano do Prado, o Eng. Agrônomo Gilberto Pelinson e o produtor Aparecido Bernardo Fernandes realizaram diversas visitas a municípios dentro e fora do estado de São Paulo, buscando informações sobre as variedades mais adequadas ao clima da região. Essas excursões foram feitas em parceria com a Prefeitura Municipal e a Secretaria da Agricultura.

Com as informações coletadas, escolheram as primeiras variedades para o plantio. No entanto, surgiram desafios, sendo o principal a questão da irrigação. O presidente da associação, junto com o Engenheiro Agrônomo Pelinson, buscou soluções e encontrou uma saída: a construção de reservatórios de água. Contaram ainda com o

apoio de um técnico especializado que dimensionou os tanques conforme a demanda de cada propriedade.

Outro problema foi a falta de máquinas capazes de realizar as escavações necessárias para os tanques, pois na região não havia equipamentos adequados. Então, os produtores e o corpo técnico da CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) se reuniram com o Deputado Federal Roberto Rolemberg (in memoriam) e articularam junto ao DAEE (Departamento de Água e Energia Elétrica) a liberação de uma máquina para essa finalidade.

No início de fevereiro de 1989, a máquina chegou ao município e os tanques começaram a ser construídos.

As primeiras variedades de uva plantadas em Palmeira d'Oeste foram Itália, Rubi e Brasil. Com o tempo, os produtores adquiriram novos conhecimentos e passaram a experimentar outras variedades, ampliando a cultura da uva na região.

Com o sucesso da nova cultura, a Diretoria da Associação dos Produtores Rurais do Bairro do Botelho, representada pelo presidente, Sr. Estevam Mariano do Prado, idealizou um projeto para promover a uva de Palmeira d'Oeste. Para isso, procurou o apoio da CATI, por meio da Casa da Agricultura, com o objetivo de atrair compradores para conhecer, divulgar e comercializar a produção local.

Partindo dessa ideia, foram cedidas as instalações do galpão móvel, utilizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento, para a realização do evento. O cartaz da Festa da Uva foi criado pela equipe do CECOR da CATI e impresso na gráfica da instituição em Campinas.

A 1ª Festa da Uva de Palmeira d'Oeste contou com o apoio da Prefeitura Municipal, da Associação dos Produtores Rurais do Bairro do Botelho e do Engenheiro Agrônomo Gilberto José Pelinson, que juntos empenharam esforços para o sucesso do evento, realizado entre os dias 27 e 30 de agosto de 1990. A Comissão Julgadora foi coordenada pelo saudoso Engenheiro Agrônomo Ernesto Noboru Uryu, da CATI – Delegacia Agrícola de Sorocaba.

Desde então, a cultura da uva teve grande expansão no município e na região, impulsionando o crescimento local. Produtores rurais, que antes estavam desanimados e sofrendo com a decadência da

cafeicultura, encontraram na uva uma nova fonte de renda, melhorando a economia familiar.

Além de aumentar a renda das famílias, essa nova cultura contribuiu para reduzir o êxodo rural, trazendo de volta produtores e filhos de produtores que haviam abandonado suas propriedades em busca de melhores oportunidades nas grandes cidades.

Em algumas edições, a comissão organizadora promoveu concursos para eleger a rainha e as princesas da festa.

Anualmente, cerca de 20 mil pessoas participam da tradicional Festa da Uva em Palmeira d'Oeste (SP). Durante os três dias do evento, que acontece em agosto na Praça da Matriz, o público é atraído por diversos shows musicais, exposições variadas e uma praça de alimentação que movimentam significativamente o comércio local.

Os visitantes têm a oportunidade de conhecer muitas variedades de uvas. Cerca de 500 produtores da cidade expõem a qualidade da fruta e concorrem a prêmios. A beleza e o sabor das uvas são avaliados por especialistas, que premiam as melhores de seis categorias.

Devido à sua importância e grandeza, a Festa da Uva conta com o apoio da CATI – EDR de Jales, da Embrapa Uva e Vinho de Jales, dos Sindicatos Rurais, da Casa da Agricultura, do comércio local e de diversas empresas do segmento agrícola, como fornecedores de insumos, máquinas e implementos.

A Festa da Uva de Palmeira d'Oeste tem como objetivo valorizar a produção regional e promover parcerias para o desenvolvimento cultural da cultura da uva na região. Mais do que um produto comercial, busca-se fortalecer o entendimento da importância histórica da uva para cada município, incentivando o desenvolvimento da cultura local e o turismo regional.

Além disso, a festa pretende articular o resgate histórico e cultural junto aos produtores rurais, à sociedade, às escolas do município, às entidades e grupos sociais, como um importante fator para o conhecimento, respeito e valorização da cultura local e do produtor rural.



Palmeira d'Oeste – A Capital Regional da Uva
Monumento na Praça da Igreja Matriz



PARTE 3

ESPAÇOS DE CULTURA

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

As bibliotecas em cidades do interior foram cruciais como espaços de acesso à informação e cultura. No passado elas funcionavam como centros de desenvolvimento intelectual e pessoal da comunidade, oferecendo oportunidades de leitura e aprendizado. Eram um dos poucos lugares para ter acesso a livros e outras formas de conhecimento, que eram escassos ou caros, ofereciam um acesso gratuito à cultura e à educação, especialmente para populações que não tinham recursos.

Em sua trajetória, Palmeira d'Oeste teve 03 espaços destinados a bibliotecas:

- **Década de 1960** - Em frente a atual rodoviária, era uma casa alugada pela Prefeitura Municipal, ali os responsáveis pelo atendimento eram: professora Maria Helena de Andrade e Cigako Massuyama que se alternavam no atendimento ao público.

- **Décadas de 1970 e 1980** - No mandato do prefeito Baptista Álvares Campos (1977 a 1982) inicialmente a sede da biblioteca fora transferida para a Rua Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, 48 – 25 (onde funcionou a agência do Bradesco), nas proximidades da Praça José Vicente Vicente, nesse local as atendentes foram as professoras: Maria Helena de Andrade, Aparecida Carneiro Molina e a Sra. Cleuza Soares da Silva, sendo que esta última estava a frente deste serviço por mais de quinze anos.



Cleuza Soares da Silva

Segundo relatos de “Dona Cleuza”, muitos foram os desafios enfrentados nesse período:

- Não havia apoio dos órgãos governamentais, não investiam no acervo, composto de livros desatualizados;
- Desprezo pela função social e política das bibliotecas;
- Dificuldade de não haver uma bibliotecária formada para a catalogação necessária para cada tipo de livro;
- Os livros enviados pelo governo não condiziam com a realidade e a necessidade local;
- Porém, ela ressalva que recebiam constantemente jornais que eram pouco procurados para pesquisa, mas que as responsáveis recortavam as matérias importantes e montavam pastas separando os assuntos para que tivessem utilidade nas pesquisas dos estudantes.

A biblioteca também possuía a Enciclopédia Barsa, a obra de consulta mais completa e atualizada, com 18 volumes, com verbetes de A à Z, além dos conteúdos nas várias áreas do conhecimento, no Brasil e no mundo. A biblioteca possuía também um grande acervo de literatura.

No ano de 1980, o prefeito Baptista Álvares Campos inaugurou a sede atual da Biblioteca Pública Municipal Professor Reinaldo Massachi Tanaka, na Rua Brasil, n° 4290.



Construção do prédio da Biblioteca Pública Municipal



Biblioteca Pública Municipal Professor Reinaldo Massachi Tanaka

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DE PALMEIRA D'OESTE

A Associação Nipo-Brasileira de Palmeira d'Oeste desempenhou um papel crucial na manutenção e transmissão da cultura japonesa (nipônica) na cidade, bem como na preservação da memória e na contribuição para a história da imigração japonesa no Brasil. Essas associações funcionavam como locais de encontro para os imigrantes e seus descendentes, onde podiam compartilhar experiências, cultivar amizades e fortalecer os laços comunitários. Desde a sua fundação, no ano de 1956, a Associação Nipo-Brasileira de Palmeira d'Oeste, tem sido um espaço de organização e socialização, sendo de fundamental importância para a colônia japonesa local. Nela, formavam-se grupos de pais, moços e moças, promovendo a integração e o fortalecimento da identidade cultural. Havia também cursos de idioma, nos quais um professor ensinava tanto a língua japonesa quanto a portuguesa. Já os praticantes da fé xintoísta precisavam se deslocar até a cidade de Araçatuba/SP, o local mais próximo que abrigava um templo dessa religião.

Entre as atividades desenvolvidas estavam o teatro, exibição de filmes no idioma nipônico, apresentações artísticas, corridas, jogos de futebol e “gateball”, gincanas, comemorações do aniversário do imperador japonês e a tradicional festa “Bon Odori”, que acontecia na quadra da Escola Orestes Ferreira de Toledo. A Festa da Lanterna, como também é conhecida, tornou-se um evento tradicional em Palmeira d'Oeste. Sua origem remonta a um ritual voltado ao culto da memória dos antepassados, constituindo-se em uma dança de boas-vindas e agradecimento a eles. No Japão, o “Bon Odori” é uma tradição popular semelhante ao Dia de Finados no Brasil, porém com um tom alegre. As famílias se reúnem para dançar em honra e gratidão aos seus ancestrais. Trata-se de um festival de origem budista, com raízes que remontam à China. Durante o “Bon Odori”, as almas dos antepassados são celebradas com danças em grupo e lanternas acesas, que simbolicamente iluminam e homenageiam a sabedoria herdada dos que vieram antes. O festival ocorre no mês de agosto, pois, no Japão, é nesse período que se celebra o Dia de Finados. A palavra *Bon* remete ao espírito e ao respeito à memória dos antepassados. Em Palmeira d'Oeste, as festividades do “Bon Odori” foram trazidas pelo prefeito Baptista Alvares Campos, em conjunto com a colônia

japonesa residente na cidade. Durante muitos anos, a colônia japonesa participou dos desfiles de rua realizados por ocasião da Festa do Peão de Boiadeiro. Seus carros alegóricos eram verdadeiros espetáculos, remetendo a diversos elementos da cultura tradicional japonesa.

ASSOCIAÇÃO NIPO-BRASILEIRA DE PALMEIRA D'OESTE

Endereço: Avenida Carlos Gomes, 56-39 Cidade: Palmeira d'Oeste/SP, CEP: 15720-003.

Entre as famílias mais antigas que chegaram a Palmeira d'Oeste, destacam-se: Furucho, Koishi, Yamanoi, Suenaga, Tanaka, Ieire, Fukushima, Nosoe, Yamamoto, Makoto, Kumagae, Miahara, Morita, Fujihara, Tomossablo, Takahashi, Hashimoto, Onuma, Sato, Moritomo, Ito, Fugissima, Sugai, Nishi, Massuyama, Fudo, Myake, Shigihara, Aoki...



Frente da Associação Nipo-Brasileira de Palmeira d'Oeste (2015)



Desfile da Festa do peão de Boiadeiro com apresentação da Comunidade Nipônica (1977)

CLUBE DE CAMPO DAS PALMEIRAS

O Clube de Campo das Palmeiras (CCP) foi inaugurado em 1965, graças ao esforço coletivo de muitos cidadãos que não mediram esforços para transformar esse sonho em realidade. Entre eles, destacam-se: Roberto Dias (primeiro presidente do clube), Manoel Pantaleão, Dr. Éder Donato, Júlio Takahashi, Osias Ferreira da Silva, Sylvio Paulo Lacativa Pozzetti, Tadayuki Fugissima, Nelson Siqueira, Júlio Nogueira, João Gurian, Dr. Diógenes José da Silva, João Matheus, Alcides Ribeiro de Aguiar, Osmar Neves, Massatoshi Ito, entre outros. O prefeito da época era o senhor Francisco Garcia Otarola, e o engenheiro civil responsável pela obra foi o senhor João Evangelista Novaes. O CCP tinha por finalidade (conforme registrado em ata) proporcionar atividades recreativas, esportivas, de lazer e entretenimento, além de promover ações de caráter social, cultural, educacional e cívico. Para se tornar associado, era necessário adquirir um título de proprietário por meio de compra. O clube rapidamente se tornou um ponto de encontro importante da cidade, recebendo festas, jogos, eventos de natação, bailes, carnavais e até desfiles de moda. Conhecida como o principal atrativo da época, a piscina do Clube de Campo das Palmeiras foi inaugurada em 1973 e se tornou uma grande atração nos dias de calor. Aberta aos associados e à população em geral (mediante o pagamento de uma taxa), a piscina era frequentemente lotada, proporcionando momentos inesquecíveis para centenas de crianças, jovens e famílias. Os bailes de Carnaval do clube estavam entre os eventos mais aguardados pelos foliões. Era comum a formação de blocos, que competiam entre si em animação e criatividade nos trajes. Havia também premiações para fantasias individuais, nos gêneros masculino e feminino. As cinco noites de festa, além das duas tardes de matinês, eram esperadas com entusiasmo por centenas de associados e visitantes, tanto da cidade quanto da região. O salão do clube oferecia um espaço amplo e ricamente decorado. Os organizadores contratavam conjuntos musicais para animar os eventos, que ocorriam ao som de tradicionais marchinhas e sambas. Os jardins também se tornavam ponto de encontro entre os frequentadores, sendo um espaço de convivência durante os intervalos das festas. Os bailes de Carnaval eram eventos muito animados e marcaram a história de Palmeira d'Oeste. As noites de

folia reuniam foliões de todas as idades em um ambiente de alegria contagiante. Outro destaque eram os tradicionais Bailes do Havaí, festas temáticas inspiradas na cultura havaiana. Com decoração especial composta por flores, folhas de coqueiro e arranjos com frutas tropicais, o ambiente ganhava um clima exótico e acolhedor. Essas festas geralmente contavam com músicas de estilo tropical e ritmos festivos, que incentivavam a dança. Os trajes típicos incluíam camisas floridas e bermudas brancas para os homens; para as mulheres, vestidos leves, saias e sarongues. Durante muitos anos, o clube abriu suas portas para esse evento aguardado e tradicional, que acontecia no mês de setembro. Os Bailes do Cowboy também se tornaram tradição no Clube de Campo das Palmeiras. Voltados à celebração da cultura “caubói”, esses eventos eram frequentemente associados a festas agropecuárias e rodeios. Com música country, dança animada e trajes típicos (como chapéus, botas, camisas de manga comprida e jeans), o ambiente era alegre e acolhedor. Os bailes atraíam um público fiel, apaixonado pela cultura sertaneja. Muitos desses eventos faziam parte da programação da Festa do Peão de Boiadeiro, e em alguns deles era realizada a apresentação oficial da Rainha da Festa à sociedade. Outro acontecimento de grande importância eram os Bailes de Formatura do Ensino Médio (colegial) das escolas Orestes Ferreira de Toledo e Francisco Augusto Cezar Serapião. Nesses eventos, contratavam-se orquestras renomadas, a divulgação era feita por alto-falante e cartazes espalhados pela cidade. Ingressos e mesas para quatro pessoas eram vendidos antecipadamente, e um “mapa” com a disposição das mesas era disponibilizado no comércio local, permitindo que os interessados escolhessem seus lugares. Os bailes aconteciam entre dezembro e janeiro, sempre aos sábados. Os formandos, acompanhados por suas madrinhas e padrinhos, vivenciavam o tradicional momento da valsa (geralmente ao som de *Danúbio Azul*, *Valsa do Imperador* ou outra peça do repertório vienense). Era uma ocasião de muita elegância: os trajes eram preparados com meses de antecedência, e o salão do Clube de Campo das Palmeiras transformava-se em um verdadeiro desfile de requinte e sofisticação. Outro evento marcante do passado era o Baile do Branco, realizado anualmente na virada do ano. Comemorativo do réveillon, era tradição estarem todos os participantes vestidos com roupas e acessórios na cor

branca, simbolizando paz e renovação. Os Bailes de Debutantes eram ocasiões especiais, nas quais jovens moças de famílias tradicionais eram apresentadas oficialmente à sociedade. Com vestidos longos em tons claros, simbolizando a pureza, desfilavam em grande estilo. As peças eram confeccionadas com tecidos nobres como tule, crepe de seda, cetim, sarja texturizada e gorgorão, frequentemente adornadas com pedrarias, plumas, flores de tecido e “frufus”. Na história de Palmeira d’Oeste, foram realizados apenas quatro bailes de debutantes, todos no Clube de Campo das Palmeiras: o primeiro em 1974, o segundo em 1975, o terceiro em 1976 e o último em 12 de setembro de 1980. Em todos eles, atores da Rede Tupi e da Rede Globo participaram como os “Galãs do Baile”, uma espécie de anfitriões que acompanhavam e homenageavam as debutantes em sua apresentação à sociedade. Cabeleireiros, decoradores e orquestras eram contratados de outras cidades especialmente para esses eventos. Após o desfile de apresentação das jovens de 15 e 16 anos, os pais tinham o privilégio de dançar a primeira valsa com as filhas, seguida da dança com o padrinho escolhido ou com o namorado e, por fim, com o artista convidado da noite.

Quando os cartazes anunciavam a realização de um baile de debutantes, a cidade se enchia de euforia. Havia uma verdadeira corrida para garantir as mesas com antecedência. Eventos dessa magnitude tornavam-se verdadeiros marcos na história de Palmeira d’Oeste. O ator global Osmar de Matos, que participou das duas últimas edições dos bailes (em 1976 e 1980), faleceu tragicamente em um acidente automobilístico no dia 25 de outubro de 1980. Seu carro caiu de uma ponte em São Gonçalo do Sapucaí/MG, quando ele se dirigia para apresentar mais um baile de debutantes.

Em 2017, ao completar 52 anos de existência, o Clube de Campo das Palmeiras encerrou suas atividades. O espaço, que por décadas foi motivo de orgulho para Palmeira d’Oeste e considerado o “cartão de visitas” da cidade, chegou a contar com mais de 500 associados em seu auge. Muito frequentado, seus bailes, campeonatos e diversas atividades recreativas permanecem vivos na memória de gerações. No entanto, os tempos mudaram, e o clube entrou em declínio, apesar de todos os esforços empreendidos para mantê-lo em funcionamento. Infelizmente, o CCP já não conseguia mais cumprir seus objetivos e obrigações, encerrando

assim um importante capítulo da história social e cultural do município.

O CCP era registrado sob a razão social Clube de Campo das Palmeiras, CNPJ 50.577.527/0001-51, e teve sua sede localizada na Rua José Morato de Toledo, 46-83, Centro, Palmeira d'Oeste/SP, CEP 15720-000.

Bailes de Debutantes



Da esquerda para direita: “Verinha Álvares”, Clarice (Yá) Massuiama, Dulcelina Viola, Eliana, Josélia, Fatima, os paraninfos Dr. Aguená e sua esposa, a professora, Dina Maria Toledo Salgado Aguená, Rita, Neusa, Sônia, Maria Inês, Ana (Nica), Christina e Irenita (1974)



Da esquerda para direita: Maria Campoli, Carmem Mantelo, Ana Lúcia Pinton, Rosangela Aguiar, Helena Mingati, o “Galã do Baile”, o ator Fausto Rocha da Rede Tupi de Televisão, Cristina Kfourri, Célinha Sotile, Marlene Colombo, Maria Tereza, Lucia Chirieleison (1975)



O professor Sylvio Paulo Lacatica Pozzetti e sua esposa dona Hilda, o “Galã do Baile”, o ator da rede Globo de Televisão, Osmar de Matos e as debutantes (não pela ordem): Sandra Ponce, Lumena Salgado, Érica Delalibera, Luciene Muniz, Yara Fortes, Maria Tereza, Nádia e Luciana Mendonça, Telma, Malena e Regina (1976)



O último em 12 de setembro de 1980. Maria Virtude, Maria Gorete, Elizete, Marinalda Campoli, Denise, Gisela, Adriana, os paraninfos Paulo Tanaka e sua esposa Maderli, e o “Galã do Baile”, o ator da rede Globo de Televisão, Osmar de Matos, Sueli, Silvia, Zuleica, Sandra Takahama, Diomar, Celia Barbieri, Sueli Dalva



GINÁSIO DE ESPORTES SERGIO ANTONIO PONCE

O Ginásio de Esportes Sérgio Antônio Ponce foi construído durante o mandato do prefeito Hélio Ponce e inaugurado no ano de 1980. É um espaço essencial para a prática de diversas modalidades esportivas, como basquetebol, voleibol, “futsal”, ginástica, entre outras, além de ser utilizado para a realização de eventos de grande porte, como os desfiles de escolha da Rainha da Festa do Peão de Boiadeiro e da Festa da Uva. O ginásio também foi palco de campeonatos, desfiles de moda, gincanas culturais organizadas pelas escolas, da tradicional festa japonesa “Bon Odori”, e até de cerimônias como o velório do prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler. Ginásios esportivos como este desempenham um papel fundamental na promoção da saúde, do bem-estar e do desenvolvimento social. São espaços de convivência onde as pessoas podem se conectar, construir amizades e aprender valores como trabalho em equipe, respeito, disciplina e tolerância. Contribuem para o desenvolvimento cognitivo, físico e social, além de proporcionarem momentos de lazer, diversão e entretenimento para toda a comunidade. Endereço: Avenida Antônio Fernandes Garcia S/N - Centro, Palmeira d’Oeste/SP.



Ginásio de esportes, Sergio Antonio Ponce (2025)



13 de dezembro de 1986: População de Palmeira d’ Oeste na inauguração do Ginásio de esporte que foi renomeado em homenagem ao jovem Sergio Antonio Ponce, em 1988

CLUBE DA TERCEIRA IDADE ANTONIO JOSE JUCA BRESSANIM

O Clube da Terceira Idade Antônio José “Juca” Bressanim foi fundado em 8 de novembro de 1994, durante o mandato do prefeito Francisco Botelho Mendonça. Está cadastrado no segmento de Clubes Esportivos, com o CNPJ: 00.296.024/0001-30. Segundo a Receita Federal, a entidade opera sob o CNAE 9312-3/00, com atividade fim de Clubes Sociais, Esportivos e Similares. A primeira sede do clube funcionava na Rua Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, mas, com a construção do atual prédio no ano de 2003, durante o mandato do prefeito Dirço Teruo Yamamoto, passou a ocupar um novo espaço na Rua José Morato de Toledo, nº 44-97, Centro, Palmeira d’Oeste/SP, CEP: 15720-019. Posteriormente, em 2015, o prédio foi ampliado sob a gestão do prefeito Luciano Ângelo Esparapani. O salão do Clube da Terceira Idade é frequentemente alugado ou cedido para a realização de eventos como casamentos, aniversários, formaturas, palestras e outros encontros comunitários. Mais do que um espaço físico, o Clube da Terceira Idade é um ambiente de lazer, convívio e atividades voltado às pessoas idosas, oferecendo acolhimento, segurança e oportunidades de interação. É um importante instrumento de combate ao isolamento social, promovendo novas amizades, bem-estar emocional e qualidade de vida. Os bailes são o destaque das atividades do clube, eventos alegres e inclusivos que reúnem não apenas o público da terceira idade, mas também pessoas de todas as gerações. A música, o movimento e a alegria proporcionam benefícios físicos e mentais, de maneira leve e prazerosa. No salão, considerado de primeira qualidade, esses momentos ganham vida ao som de diversos ritmos que marcaram época, como: Bolero, Baião, Valsa, Forró, Samba, Chorinho, Sertanejo, Vanerão, Xote, Arrasta-pé, Rasqueado, Rancheira, entre outros. O clube é, portanto, um espaço de descontração, socialização e memória afetiva, onde os participantes podem dançar, interagir e reviver músicas que fizeram parte de suas histórias.



Antiga sede do Clube da Terceira Idade (1986)



Sede atual Clube da Terceira Idade, Antonio Jose Juca Bressanim

CENTRO DO PROFESSORADO PAULISTA

Com razão social: Centro do Professorado Paulista , o “Clube dos Professores (“CPP”) foi fundado em 2 de agosto de 2002 e está cadastrado no segmento de Associações, Fundações, sob o CNPJ: 62.371.257/0106-84. A sede da empresa está localizada na Avenida Florindo Cestari, nº 32-145, Centro, Palmeira d’Oeste/SP, CEP: 15720-260. O Centro do Professorado Paulista está registrado na Receita Federal sob o CNAE 9412-0/99, com atividade fim em outras Atividades Associativas. Seu Diretor Regional é o professor Dirço Teruo Yamamoto. Sendo uma das várias sedes regionais no interior paulista, atende associados das cidades de Aparecida d’Oeste/SP, Marinópolis/SP, São Francisco/SP, Dirce Reis/SP, Guzolândia/SP e demais municípios do estado de São Paulo. Além disso, o clube oferece várias colônias de férias no litoral para associados e seus familiares. A sede local dispõe de diversas instalações para lazer e eventos, incluindo piscina, minicampo, cinco quiosques com churrasqueiras para recreação e um salão de festas, frequentemente alugado para a realização de casamentos, aniversários, formaturas, palestras, confraternizações, exposições e outros eventos. O Centro do Professorado Paulista também presta atendimento jurídico aos professores associados, quando necessário. Localização do clube: Avenida Florindo Cestari, nº 32-145, Palmeira d’Oeste – SP.



Centro Do Professorado Paulista, salão de eventos e piscina

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA EUGENIO FINOTTO FILHO

A Associação Comunitária Eugênio Finotto Filho, conhecida como ACEFFI, foi fundada em 14 de julho de 1972 e tem sua sede em Palmeira d'Oeste/SP. A associação possuiu, ao longo de sua existência, diversas finalidades, atuando como um órgão de utilidade pública municipal e participando de programas voltados para a organização e o desenvolvimento da comunidade em múltiplos setores, tais como: econômico, cultural, recreativo, assistencial, cívico...

PLIMEC – Plano de Integração do Menor na Comunidade- O Projeto PLIMEC foi uma iniciativa que buscava integrar crianças e adolescentes à comunidade, com foco em ações educativas e na prevenção do trabalho infantil. Criado em um contexto de preocupação com a situação social dos menores, o PLIMEC promovia ações junto às famílias, oferecendo oportunidades para reduzir a informalidade do trabalho infantil. O projeto atendia crianças fora da idade escolar e alunos no contraturno, proporcionando refeições, aulas de artesanato, atividades de interação e orientações sobre higiene e cuidados com a saúde.

CURSOS DE CORTE E COSTURA - A ACEFFI frequentemente oferecia cursos de corte e costura, focados no desenvolvimento de habilidades práticas para a confecção de roupas e acessórios, voltados tanto para uso doméstico quanto para a produção de enxovais para recém-nascidos e geração de renda familiar.

PRÉ-ESCOLAS - Antes da estruturação das pré-escolas na Rede Municipal de Ensino, as primeiras pré-escolas municipais foram organizadas dentro dos Centros Comunitários. Essa configuração tinha como objetivo integrar a educação infantil à comunidade local, criando espaços que ofereciam não apenas atividades educacionais, mas também sociais e de lazer. Os Centros Comunitários já existiam como espaços de convivência e oferta de serviços, com estrutura física adequada para receber as crianças da pré-escola. Essa organização facilitava a integração da pré-escola à comunidade, promovendo o envolvimento dos pais e familiares nas atividades escolares e incentivando a interação entre crianças de diferentes faixas etárias. Inicialmente, o modelo tinha um caráter mais assistencialista, focado no cuidado das crianças enquanto os pais trabalhavam, papel assumido pelos Centros Comunitários.

Com o tempo, entretanto, a educação infantil passou por um processo de institucionalização, sendo reconhecida como um direito da criança, com foco no desenvolvimento integral, e não apenas no cuidado.

GUARDA MIRIM - A Guarda Mirim foi um projeto social sem fins lucrativos, que durante aproximadamente 60 anos ofereceu orientação a garotos entre doze e dezoito anos para prepará-los para a inserção no mercado de trabalho. Em Palmeira d'Oeste, a Guarda Mirim foi fundada no início dos anos 1980 pelo vereador Zulmiro Biscassi, em parceria com o policial Enor.

“Cabia a mim realizar duas reuniões semanais, das 7:00h às 8:00h, nas quais aconteciam palestras com convidados e atividades educativas, com o objetivo de garantir a esses jovens um futuro de sucesso profissional. Eu também zelava pelo acompanhamento e pelo rendimento pedagógico de cada um deles nas escolas. Diariamente, eles se dirigiam ao Centro Comunitário, em qualquer horário, para assinarem o livro ponto, e para que fizéssemos a verificação do uniforme de todos. Os salários dos jovens, ao final do mês, eram enviados pelos patrões à nossa sede e, em seguida, repassados integralmente para cada um dos garotos. Os comerciantes de Palmeira d'Oeste não contratavam nenhum jovem que não estivesse inscrito na Guarda Mirim, pois isso garantia que não seriam importunados por fiscalizações devido à contratação de menores de idade em seus estabelecimentos. Naquela época, encaminhei muitos jovens para escritórios de contabilidade, bancos, fórum, hospitais, órgãos públicos, lojas, empresas, farmácias e o comércio em geral. Entre os garotos inscritos na Guarda Mirim nos anos em que fui responsável, estavam: Roberto Araújo, Vanderlei Fernille Girato, Luís Cláudio Bonfim Gato, Franque Emerson Cimatti, Marcos David Biazi, Renato Ferreira Barbosa, Sérgio Eduardo Pereira, Elias Ferreira de Mattos, Francisco José Leon, Renato Roveda Marim, João Batista da Silva, Evani Basílio da Silva, Claudécir Besson, Edson Benedito Leite, entre tantos outros. Quanto às jovens que acompanhei e encaminhei na Guarda Mirim, algumas se mudaram para a cidade grande, outras se tornaram comerciantes ou profissionais liberais aqui na cidade, e a maioria teve sucesso na vida.”

Texto extraído do livro “O que ficou pelo caminho”, do professor Edivaldo Biscassi.

AS BANDAS MARCIAIS - Houve algumas tentativas de formação de uma Banda Municipal em Palmeira d'Oeste, e essas bandas desempenharam um papel importante em eventos cívicos e cerimoniais, como desfiles e festividades locais. A presença de uma banda municipal, em eventos públicos, era vista como um sinal de prestígio e orgulho para a comunidade. Além de sua função cívica, as bandas marciais também representavam uma forma de entretenimento e lazer, promovendo a cultura e a tradição musical locais. A participação em bandas marciais oferecia aos jovens oportunidades para desenvolver habilidades musicais, disciplina e trabalho em equipe. Para muitos, essas bandas foram o primeiro contato com a música, marcando o início de trajetórias pessoais no universo artístico. As bandas marciais municipais, no passado, representaram um importante elemento cultural e social nas cidades, atuando como símbolos de identidade coletiva, instrumentos de educação musical e fontes de integração comunitária.

AS BRINCADEIRAS DANÇANTES - Na década de 1980, as discotecas (ou danceterias), como também eram chamadas, surgiram e se tornaram uma verdadeira febre, marcando uma geração inteira. Esses espaços eram locais onde as pessoas se reuniam para dançar e se divertir ao som da música disco e de outros gêneros populares da época. Enquanto trabalhava na ACEFFI, entre os meses de julho e dezembro, iniciei uma série de promoções com o objetivo de angariar fundos, conforme sugerido pelo então prefeito Hélio Ponce. Para colocar a ideia em prática, procurei os jovens Antonio Polaine e Luiz Sotile, ambos donos de equipamentos de som e conhecidos por realizarem os populares “bailinhos” de garagem. Convidei-os para embarcarem comigo em uma nova empreitada: a organização das chamadas "Brincadeiras Dançantes", um formato de discoteca local que seria realizado aos sábados, das 22:00h às 3:00h, e aos domingos, das 20:00h à meia-noite. A ideia revelou-se um verdadeiro sucesso. Em apenas um mês, nossos eventos já atraíam participantes de diversas cidades vizinhas, e os lucros eram divididos entre os dois jovens responsáveis pelo som e o Centro Comunitário. O prefeito, satisfeito com os resultados, decidiu iniciar a reforma do prédio em

janeiro de 1986. Para garantir a continuidade das atividades e não perder espaço para possíveis concorrentes, alugamos a sede da Associação Esportiva Nipo Palmeirense, onde demos sequência aos eventos. Após seis meses de reforma e ampliação, o antigo Centro Comunitário estava pronto para ser reinaugurado. As expectativas eram altas, e semanas de divulgação antecederam o grande baile de inauguração, marcado para o sábado, 19 de julho. Cartazes foram espalhados pela cidade, mesas reservadas com antecedência, e cada detalhe cuidadosamente planejado. A animação da noite ficou por conta da famosa Banda Jovem Capri, que atraiu um público entusiasmado. A partir dessa noite marcante, passamos a seguir um cronograma de eventos que incluía um baile por mês, geralmente aos sábados, e as tradicionais “Brincadeiras Dançantes” ou “Domingueiras”, que continuaram a acontecer semanalmente. O novo salão onde se realizava a danceteria era caracterizado por um ambiente vibrante, iluminado por luzes coloridas e o clássico globo espelhado. A pista de dança era ampla, o sistema de som potente e de alta qualidade, e contávamos até com máquina de gelo seco, que soltava fumaça colorida, intensificando a atmosfera envolvente. A casa também dispunha de um bar bem equipado, com uma enorme variedade de bebidas e “drinks”, além de uma área externa onde eram espalhadas mesas para os que preferiam conversar em um ambiente mais tranquilo, afastado da pista de dança. Em suma, o lugar era fantástico e proporcionava uma experiência única para todos que o visitavam. Durante vários anos, em nosso grande palco, apresentaram-se bandas ao vivo de destaque, como Energia, Jair Super Cap Show, Ziquito e seu Conjunto, entre tantas outras que marcaram época. Com o tempo, o antigo nome Centro Comunitário foi substituído pela sigla ACEFFI (Associação Comunitária Eugênio Finotto Filho), e o espaço se consolidou como um verdadeiro marco cultural na vida noturna de Palmeira d’Oeste. As animadas noites se tornaram ponto de encontro obrigatório para os jovens da época. A atmosfera era extremamente agradável, a casa frequentemente ficava lotada e atraía pessoas de diversas cidades da região. Além da música e da dança, o local era conhecido como palco de encontros, amizades e paqueras. As “brincadeiras dançantes” se tornaram símbolo de uma época marcada por liberdade, expressão e busca por diversão. Os domingos atraíam uma clientela diversificada e um público alternativo. Era um

ambiente descontraído, com uma programação musical variada que ia do Synthpop, música romântica, “New Wave”, “House” até o bom e velho rock. Começávamos com uma seleção de músicas dançantes por volta das 20:00h; cerca de quarenta minutos depois, entrava a sequência romântica, e assim seguíamos alternando até a meia-noite. A ACEFFI se tornou um destino obrigatório para quem apreciava dançar, frequentar baladas e ouvir boa música naqueles tempos que deixaram saudades. Os frequentadores da ACEFFI se vestiam das mais variadas maneiras, muitas vezes influenciando estilos e tendências de moda da época. As noites na ACEFFI tinham uma atmosfera única, marcada por euforia, liberdade e felicidade. Sempre valorizei transformar o espaço em um verdadeiro ponto de encontro para jovens e adultos em busca de diversão, música, socialização, novas experiências e momentos intensos, uma verdadeira fuga da realidade à base de muito som e dança. A ACEFFI foi considerada icônica em sua época e ainda hoje é lembrada com saudade e nostalgia por muitos dos que frequentaram o local. Embora nossas famosas “brincadeiras dançantes” tenham perdido parte de sua popularidade após meados dos anos 1990, seu legado permanece vivo na cultura e na memória de quem viveu e aproveitou a cena das danceterias daquela década. Assim, mantém-se viva uma parte importante da história da cidade. *Texto extraído do livro “O que ficou pelo caminho”, do professor Edivaldo Biscassi.*

OS ÚLTIMOS ANOS - Nos últimos anos, a Associação chegou a atender em regime de externato 120 (cento e vinte) adolescentes de ambos os sexos, oferecendo alimentação, cursos de informática, aulas de violão, instrumentos de sopro e percussão, pintura em tela e artesanato manual e industrial. O belíssimo salão da ACEFFI, durante sua existência foi utilizado para palestras, casamentos, audições, aniversários, atividades religiosas, aulas de capoeira, cursos diversos, entre outros. As Guardas Mirins que encaminharam incontáveis pessoas profissionalmente, ao longo de tantos anos e lugares, foram extintas devido a uma combinação de fatores, principalmente: a legislação trabalhista e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Este fato foi fundamental para o aniquilamento da ACEFFI que não conseguiu adaptar-se a nova realidade .

Durante os anos de seu funcionamento, a ACEFFI esteve localizada na Avenida Carlos Gomes, nº 56-39, Centro, Palmeira d'Oeste /SP, CEP: 15720-003.



Fachada da ACEFFI (1972)



Fachada da ACEFFI (2025)



Guarda Mirim reunida na sede as ACEFFI (1988)

CAMPOS E ESTÁDIOS

OS CAMPOS DA ZONA RURAL - Os campos de futebol em zonas rurais são muito mais do que simples espaços de lazer. São verdadeiros motores de desenvolvimento social, econômico e cultural, que promovem a saúde, a integração e o bem-estar das comunidades. Representam um ponto de referência para a prática esportiva, incentivando os jovens e adultos a se envolverem em atividades físicas e a desenvolver seus talentos.

No passado, os campos de futebol nas zonas rurais, muitas vezes, eram campos de terra, sem gramado ou com gramado irregular. Eles eram uma importante fonte de lazer e socialização para as comunidades rurais, representavam um espaço para as pessoas se reunirem, interagir e fortalecer laços sociais, promovendo a inclusão e a participação comunitária.

A participação em competições esportivas pode gerar um sentimento de orgulho local, fortalecendo os laços comunitários e incentivando a solidariedade e espírito de equipe. Alguns campos ainda existem, mas os times desapareceram.

Houve um tempo em que praticamente todos os bairros rurais de Palmeira d'Oeste mantinham sua equipe regular de futebol. Esses bairros, no geral, levam o nome dos córregos que banham a sua área. Isto também acontecia com os times de futebol. Nas tardes de domingo as famílias e os amigos reuniam-se em torno do campo de futebol do seu bairro para jogarem “conversa fora”, discutirem os problemas de quem vivia no “sítio” e assistirem disputadíssimas partidas de futebol. De segunda a sábado o preparo físico dos jogadores era feito no trabalho duro da roça: nos cafezais ou lidando com os animais. Nas tardes de domingo a labuta era outra, era nos gramados dos campos de futebol! Essa era uma das poucas opções de lazer da época e seguramente das mais populares. Nos Bairros Rurais tínhamos os times: Banhado, Tatu, Espírito Santo, São Domingos, Cavaco, Laranjeira, Macumã, Macumãzinho, Sucuri, Sucurizinho, Anta, Jaguará, Bufon, Guarani, São Domingos... No Distrito de Dalas: Dalas. Na Cidade: Sociedade Esportiva Palmeiras, Cruzeiro, América (juvenil), Athenas, Paulistinha (infantil)...

Boa parte do pessoal caminhava a pé para ir até o campo do seu bairro. Às vezes tinham que atravessar cercas, porteiras, córregos, pinguelas... Aqueles que tinham mais recursos iam montados nos

seus cavalos, carroças, charretes ou bicicletas. Quando a partida era em local distante, um caminhão era alugado. O custo era rateado entre todos. Subiam na carroceria e iam comendo poeira estrada afora, isso quando não levavam chuva no lombo. No tempo das águas era comum o caminhão encravar nos barreiros das estradas, ocasião em que o pessoal tinha que apeiar da carroceria para desatolar o danado. Usavam a força dos braços, pedaços de pau e enxada! Chegavam às suas casas com as roupas lambuzadas de barro!

Do livro: Palmeira d'Oeste –Histórias e causos, Volume II de Hermenegildo Jose Ferreira.

CAMPO DE FUTEBOL ANTONIO BISCASSI

No ano de 1956, foi inaugurado o primeiro Estádio de Futebol de Palmeira d'Oeste, que levou o nome de “Estádio de Futebol Antonio Biscassi (um grande colaborador para esse feito, que emprestou o nome para o Estádio Municipal. Os campos de futebol, no interior, são muito mais do que simples espaços de jogo; são equipamentos de apoio à vida social, à saúde e ao desenvolvimento individual, oferecendo oportunidades para o lazer, a interação social, a formação de cidadãos e, em alguns casos, a realização do sonho de se tornar um atleta profissional. A participação em jogos e eventos esportivos pode ajudar a construir autoconfiança e autoestima, além de ensinar a lidar com vitórias e derrotas. O Campo Antonio Biscassi, também foi utilizado para a realização das primeiras Festas do Peão de Boiadeiro, funcionou de 1956 até meados dos anos de 1980 quando encerrou suas atividades e foi demolido para dar espaço a construção da Cohab Roberto Arantes Marques.

ESTÁDIO MUNICIPAL DOMINGOS DE MARQUES

Inaugurado no mandato do prefeito Domingos de Marques (1989 a 1992) O futebol é uma paixão nacional, e estádios no interior são locais de afirmação da identidade local e de fortalecimento dos laços comunitários, onde torcedores se unem para apoiar seus times e celebrar suas raízes. Assim como monumentos, estádios de futebol podem se tornar marcos na história da cidade, com registros de jogos memoráveis e momentos importantes para a comunidade. Os estádios de futebol no interior são muito mais do que apenas locais de jogos; são espaços de lazer, identidade, desenvolvimento econômico e inclusão social.

O Estádio Municipal Domingos de Marques (“Minguitão”) passou por duas reformas, ampliações e mudanças na iluminação em 2019 e 2024 no mandato do prefeito Reinaldo Savazi. Este estádio localiza-se à Av. Adalgiso Luiz do Prado, nº 666.



Estádio Antonio Biscassi - Associação Esportiva Palmeiras (1961). Olavo, Clóvis, “Ranchinho” (ex-Clube Atlético Taquaritinga), “Zé Mescua”, “Dinho Castellani”, “Tata Ponce”, Diorante, “Toninho”, Nelson (ex-Nevense), Bombig (“o chute mais potente da história do futebol brasileiro”, (ex-Jabaquara, Comercial de Ribeirão Preto), Odair, Lírio e “Cidão”



Estádio Municipal Domingos de Marques (“Minguitão”)



Portal de entrada do Estádio Municipal Domingos de Marques

RÁDIO SKALA FM

No passado, algumas tentativas, para instalar uma emissora de rádio em Palmeira d'Oeste, fracassaram. A onda de implantação de rádios comunitárias no Brasil foi o estímulo para ter a nossa emissora de radiodifusão no ano de 1996. Todos achavam que seria mais uma luta inglória, mas um grupo de abnegados (representantes de famílias tradicionais) investiram nessa empreitada e foi fundada a Associação de Desenvolvimento Artístico, Cultural e Social, mantenedora da SKALA FM.

O grupo dos abnegados: Valnei Montoro, Hermenegildo Jose Ferreira, Luiz Conceição Righetto, Edson Domingos Martins Rossini, Paulo Afonso da Silva Nunes, Valdemar de Paula, Salvador Luiz Zanelati, Jurandir Soares da Silva, José Donizeti Mossoleto, Evandro Luiz Campanholo Mingati, Arnaldo Fredi.

Num período difícil e de muitas atribulações, a emissora foi ao ar, através de liminares emitidas pela Justiça Federal, em 21 de Dezembro de 1996, no endereço da rua Brasil, nº 68-129. Foi um enorme sucesso! Em 1998 foi promulgada a lei das Rádios Comunitárias e a Associação de Desenvolvimento Artístico, Cultural e Social (SKALA FM) enviou toda a documentação exigida pelo Ministério das Comunicações. Com a ajuda do Sr. Virgínio Genésio Bazzo (“Pancho”) e intervenção do Deputado Federal, Dr. Aloysio Nunes Ferreira. O Ministério das Comunicações emitiu a licença para funcionamento, em julho de 2002. no dia 01 de setembro de 2002, a SKALA FM, legalizada totalmente, iniciou suas atividades transmitindo na frequência modulada de 105,9 Mhz e potência de 25 watts. Um longo e difícil caminho havia sido percorrido, iniciava-se outro... A equipe operacional é formada, integralmente, com voluntários, gente da cidade, amadores, competentes, autodidatas... A maioria apaixonada por rádio. Tem continuado assim até os dias atuais. No início com Edson Rossini no comando e os locutores: “Adelson Gaivota”, Evandro Mingati, Severino Caffer, Cláudio Magalhães (“Claudinho”) e Reinaldo Savazi (“Dodô”). Em 2009, já em nova localização (rua João Frede, nº 55-64), por iniciativa do Vereador Valdir Semensati de Moraes, o poder legislativo municipal aprovou e o prefeito José César Montanari promulgou a Lei Municipal nº 2.187 declarando de Utilidade Pública Municipal a Associação de Desenvolvimento Artístico Cultural e Social (SKALAFM). Neste

mesmo ano a emissora iniciou suas transmissões via internet através dos sites: www.skalafm.org.br e www.skalafm.com.br, possibilitando o acesso a sua programação, através de computadores e aplicativos de celulares, em qualquer lugar do planeta. O “grosso” do capital necessário, por um bom tempo, veio dos associados mantenedores, mas significativas doações de pessoas e empresas da cidade ajudaram, e muito, na aquisição de equipamentos e na manutenção da emissora de rádio. Uma vez no ar, as receitas quase que integralmente são oriundas das empresas locais que são os seus patrocinadores. Ao longo dos anos, muitas pessoas com seu trabalho voluntário das mais diferentes formas, como apresentadores, locutores, redatores, editores de áudio, repórteres, serviços gerais e outras formas têm ajudado na rotina diária da SKALA FM.

Voluntários que ajudaram a construir a história da SKALA FM: Edson Rossini, Hermenegildo Ferreira (“Menê”), Valnei Montoro, Luiz Riguetto (“Luiz da Santa Paula”), Victório Rossini, Adelson Teixeira (“Gaivota”), Severino Caffer, Juliana Caffer, Reinaldo Savazi (“Dodô”), Vitória Savazi, Evandro Mingati, Claudio Magalhães (“Claudinho”), Wesley Rossini, Francisco de França (“Chico”), Luciana Santos, Daniela Pagotti, Luis de Paula, Andressa Correia, Ludmila Lopes, Lucas Saravalli, Paulo Saravalli, Cleiton Lopes, Alessandro da Silva (“Alex”), Daniele Costa, Fernando Belucci, Jane Beltramini, Jeferson Pontel, Laurindo Pedrini, Cristina Dias, Edmar Neves, Valdir Barboza, Helio Nunes (“Helinho”), Maycon Zignani, Santo Santiago (“Santinho”), Tainá Brazero, Wellington Tondini, Ana Caroline, Claudia Machuca, Gabriela Callegari (“Gabi”), Greicieli Gomes, Janaini Pastega, Micheli Meudo, Alice Prado, Bruna de Almeida, Bruna Andrade, Uelinton Carnelossi, Roberto da Silva, Alessandro da Silva, Adriana Turco, Elisangela dos Santos, Cristiane de Freitas, Hellem de França, Danieli Pimentel, Ana Paula Botassin, Ieda Santana, Ewelín Lima, Lorena Correia, Letícia Marçal, Marina Aloizio, Afonso Takahashi Ferreira, Pedro Takahashi Ferreira, Maria Rita G. Ferreira...

A SKALA FM é uma emissora de rádio sem fins lucrativos. Ela é uma associação, ela não tem dono, tem sim pessoas que se doam e se dedicam para mantê-la a serviço de Palmeira d’Oeste/SP.

A SKALA FM segue sua jornada contribuindo com a formação de pessoas e perseguindo o seu objetivo: **Ser um agente facilitador do desenvolvimento de Palmeira d'Oeste.**



SKALA FM – 105,9 Mhz
Comunitária igual não há

ACADEMIA PALMEIRENSE ETÊ DE LETRAS ESCAPADAS

A Academia Palmeirense Etê de Letras Escapadas (APELe) foi fundada em 18/12/2024 em Palmeira d'Oeste/SP, com a finalidade de reunir escritores e amantes ilustres da leitura (do Tupi-Guarani: Etê = Ilustre) que residem ou já residiram em nossa comarca. A instituição visa preservar e divulgar o patrimônio literário, além de estimular a produção intelectual. É consequência direta do trabalho de resgate e registro da história de Palmeira d'Oeste. É composta por membros efetivos, perpétuos e mortais. O seu primeiro presidente é o escritor, Sr. Esmeraldo Antonio Ribeiro.

Composição em 2025

Membros Apelados Titulares Acadêmicos Mortais:

José Roveri – Patrono – Cadeira 1;

Raul Reis – Patrono – Cadeira 2;

Esmeraldo Antonio Ribeiro – Fundador – Cadeira 1;

Antônio Esquina Dias – Fundador - Cadeira 2;

Edivaldo Benedito Biscassi – Fundador - Cadeira 3;

Milton Barbieri – Fundador - Cadeira 4;

Marcus Vinicius Guarnieri da Silva – Fundador - Cadeira 5;

Márcia Botelho Soares Dutra Fernandes – Fundador - Cadeira 6;

Hermenegildo Jose Ferreira – Fundador - Cadeira 7;

Maria Rita Garcia Ferreira – Fundador - Cadeira 8;

João dos Santos – Fundador - Cadeira 9.

Membros Apelados Honorários:

Jadir dos Santos;

Emerson César Tavares;

Maria de Lourdes do Vale Esquina.



PARTE 4

A FÉ QUE MOVE UM POVO

IGREJA CATÓLICA - PARÓQUIA DE SANTA LUZIA

A Paróquia de Palmeira d'Oeste foi criada no dia 19 de março de 1958, sendo o seu primeiro vigário o Padre Afonso Négkrake. A construção da igreja foi iniciada pelo Padre Walter Passmans. O primeiro batizado realizado naquela paróquia foi o de Aparecida, filha de Braulino Ferreira e Ana Rosa Gomes, no dia 2 de janeiro de 1959. A primeira igreja de alvenaria foi construída em 1958, com sua porta principal de entrada voltada para o leste, tradição antiga, associado ao nascer do sol, que, por sua vez, simboliza a luz de Cristo e a ressurreição. Entre 1968 e 1971, foi submetida a uma grande reforma e adquiriu as características atuais. Na ocasião foi mudada a sua porta principal de entrada que era voltada para a Rua Marechal Castelo Branco e com a mudança foi transferida para a Rua Brasil. Nas paredes da igreja estão as 14 estações da Via-Sacra, representadas por pinturas. No altar, há uma pintura representando a crucificação de Jesus. As pinturas foram concluídas em 1972.

Párcos:

- Pe. Afonso Négkrake (1960-1963);
- Pe. Gilberto Nievergeld (1963-1981);
- Pe. Valentim Felipe Stefanoni (1981-1983);
- Pe. Vitorino (1983-1986);
- Pe. João Serra Araujo (1983-1986);
- Frei Valentim (1986-1987);
- Pe. Donizete Aparecido dos Santos (1987-1994);
- Pe. José Aparecido Ferro Martinez (1995 - 2002);
- Pe. Wilson Alves da Silva (2003-2005)
- Pe. Pedro Martelo Coqueiro (2006-2008);
- Pe. Eduardo Rodrigues Magnani (2009-2017);
- Pe. Maximiano Pelarim Neto (2018 – até dias atuais);

Comunidades Urbanas ativas:

Dalas - São João Batista;

Cohab João José Dias - Santo Expedito;

Comunidades Rurais ativas:

Córrego do Macumã - Nossa Senhora Aparecida;

Córrego do Sucuri - Nossa Senhora Aparecida;

Missas:

Matriz: Domingo: 7h30m e 19h30m;

1ª Sexta-feira: 19h30m;

Comunidade Dalas: 1º e 3º Sábado: 19h30m;

Comunidade Santo Expedito: Quarta-feira: 19h30m;

Funcionamento da Secretaria:

Segunda à sexta: 8h às 11h e das 12h30m às 17h30m;

Sábado: 8h às 12h;

Atendimento do Padre:

Quarta-feira: 13h30 às 17h;

Sexta-feira: 13h30 às 17h;

Sábado: 08h30 às 11h;

Centro Catequético:

Construído durante a administração dos Padres Vitorino e João Serra Araujo (1983-1986).

Salão Paroquial: Construído durante a administração do Padre Gilberto Nievergeld, é utilizado para eventos da Paróquia Santa Luzia e alugado para a comunidade para a realização de diversos eventos.

Quermesses anuais: Quermesse de São Cristóvão, realizada no final do mês de julho; Quermesse em Louvor à Santa Luzia, realizada em 13 de dezembro.

Pastorais/Cursos/Grupos: Adolescentes, Apostolado da Oração, Batismo, Catequese, Dízimo, Grupos de Quarteirões, Jovens, Ministros, Pastoral da Saúde, Pastoral Familiar, Renovação Carismática Católica, Terço dos Homens, Curso preparatório para o Batismo, Curso preparatório para o Casamento., Movimento de Cursilhos de Cristandade.

Procissões:

Domingo de Ramos: Também chamado de Domingo da Paixão do Senhor, é uma festa cristã móvel celebrada no domingo antecedente à Páscoa. Comemora a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, mencionada nos quatro evangelhos canônicos. O nome "Domingo de Ramos" vem dos ramos de palmeira usados pela multidão para saudar Jesus. Marca o início da Semana Santa.

Sexta-feira Santa: Também chamada de Sexta-feira da Paixão, recorda a crucificação e morte de Jesus Cristo no Calvário, celebrada na sexta-feira que antecede o Domingo de Páscoa.

Procissão de Corpus Christi: Comemora o mistério da Eucaristia, o sacramento do corpo e sangue de Jesus Cristo. No único dia do ano em que o Santíssimo Sacramento é levado em procissão pelas ruas, a fé católica é manifestada publicamente, com a confecção de tapetes coloridos com desenhos religiosos. A procissão simboliza a caminhada do povo de Deus em busca da Terra Prometida e reforça a presença de Jesus na Eucaristia.



Padre Maximiano Pelarim Neto

Nascimento: 14/07/1965
Natural de Jales/SP
Ordenação Sacerdotal: 07/07/2001
Pai - Bento Pelarim;
Mãe - Iolanda Marcolino Pelarim.

Trajatória Formativa e Ministerial:

Entrou no Seminário em Ribeirão Preto/SP no dia 26 de janeiro de 1994. cursou Filosofia nas Faculdades Claretianas de Batatais/SP entre 1994 e 1996. Em 1997, ingressou no CEARP (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto), onde cursou o 1º ano de Teologia. No ano de 1998, transferiu-se para o Seminário Maior de São José do Rio Preto/SP, onde concluiu a Teologia no ano 2000. Foi ordenado diácono em maio de 2001 na Matriz de Santa Fé do Sul e, posteriormente, ordenado presbítero em 07 de julho de 2001 na Catedral de Jales. Entre agosto de 2001 e setembro de 2003, fez o Curso de Especialização em Bíblia (1º e 2º Testamento) no Centro Bíblico Verbo Divino, em São Paulo.

Atividades e Ministérios:

Na Diocese, exerceu diversos papéis de liderança e serviço:

- Coordenador da Pastoral da Juventude;

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

- Coordenador do Setor Santa Fé;
 - Coordenador da 1ª Etapa da Escola de Animadores;
 - Membro da Equipe Missionária Diocesana;
 - Professor no Curso Diocesano de Teologia.
- 2009, assumiu o atendimento da Paróquia de Pereira Barreto.
- 2013, foi responsável pela coordenação do Setor Pereira/Ilha.
- Ministério Atual:
- 2018, tornou-se Administrador Paroquial da Paróquia Santa Luzia em Palmeira d'Oeste.
- 1º de outubro de 2022, assumiu também o cargo de Administrador Paroquial da Quase-Paróquia São Francisco, no município de São Francisco/SP.



Construção da primeira igreja em alvenaria



Padre Afonso Négkrake (1960-1963), o primeiro pároco



Igreja de Santa Luzia (2025)

IGREJA BATISTA

Em meados de 1953, a cidade de Palmeira d'Oeste não tinha nenhum templo evangélico.

1953 - Início na Casa do Sr. José Pereira da Silva: Em união com aproximadamente 8 irmãos batistas, mais 2 da Congregação Cristã do Brasil e 2 da Assembleia de Deus, começaram a se reunir para cultos na casa do Sr. José Pereira da Silva, pai do irmão Joel. Através do irmão Antônio Freire de Alencar e sua família, deu-se prosseguimento ao sonho de construir um local de culto para a denominação batista, enquanto os demais seguiram suas trajetórias em suas respectivas denominações.

1958 - Compra do Lote e Construção do Primeiro Templo de Madeira: Com a união das famílias Pereira, Freire de Alencar, Lopes e outras, surgiu a ideia de comprar o lote onde seria construído o primeiro local de culto. O templo, que era um salão de madeira, foi utilizado por aproximadamente 6 anos. Naquela época, a cidade ainda não tinha rede de energia elétrica, funcionando com motor a diesel e lampiões. A população era majoritariamente rural, com uma cultura voltada para o cultivo de café. As madeiras para a construção do templo foram retiradas do sítio do Sr. José Pereira da Silva e transportadas por carro de boi, conduzido pelo irmão Antônio Freire.

1964 - Segundo Templo de Alvenaria: Foi construído um templo de alvenaria com as dimensões de 10x10 metros. Na época, o pastor era o Sr. Antônio Pacheco de Albuquerque, e havia cerca de 20 irmãos presbiterianos na cidade.

1978 - Organização Formal da Igreja: A igreja passou a ser organizada oficialmente com o pastorado do Pr. Mário Pereira, quando foi elaborada a primeira ata. Até então, o trabalho era mantido pelos próprios irmãos, com pastores interinos.

1986 - Construção do Terceiro Templo: Sob a liderança do Pr. Anésio, devido ao aumento do número de membros, iniciou-se o projeto de construção do terceiro templo, que foi concluído com a vinda do Pr. Aparecido. Em 2001, foi lançado o projeto *Feira Missionária*. Este pastor também foi responsável pela construção da galeria e do batistério, permanecendo no pastorado até 2011.

2025 - A Igreja Hoje: A igreja conta com uma comunidade de aproximadamente 250 membros. Mantemos uma prática constante de oração diária no templo, que já alcançou a impressionante marca

de 1.723 dias de oração ininterrupta até o dia 9 de julho de 2025. Além do templo, em cada bairro da cidade existe um trabalho batista ativo, voltado para servir e apoiar a comunidade local, fortalecendo a presença e o impacto da igreja na sociedade.

Dados Históricos:

- Primeiro batismo realizado na Igreja Organizada: Irmão Morita, Henrique Freire;
- Membros Fundadores: José Pereira da Silva, Rita Ferrari da Silva, Amélia Gonçalves de Oliveira, Eurides Fásccio, Inês Gorzoni;
- Famílias Antigas: Família Pereira (pai do irmão Joel Pereira da Silva), Família Lopes, Família Biazi, Família Rezende, Família Morita.

Galeria Pastoral:

- Pr. Pedro Pereira: Primeiro Pastor Local (Templo de Tabuá, Bahia) – 1959;
- Pr. Antônio Pacheco de Albuquerque: Primeiro Pastor Integral;
- Pr. Antônio Frota: Pastor Interino, era de Jales;
- Pr. Mário Pereira: Pastoreou de 1978 a 1982;
- Pr. Elias de Matos;
- Pr. Sidney Vidal: Pastoreou na Primeira Igreja Batista de Pereira Barreto;
- Pr. Gidalth Pereira de Souza: Pastor por 5 meses;
- Pr. Anésio da Silva: Pastoreou de 1986 a 1990 - Responsável pela construção do templo;
- Pr. Abel Rezende Correia: Ano marcado: 2019;
- Pr. Eliezer Almeida: Ano: 1992;
- Pr. Aparecido Pinheiros de Azevedo: Pastoreou de 1993 a 2011;
- Pr. Alex Fonseca da Rocha: Pastoreio atual iniciado em 2012.

Ministérios Atuais: Escola Bíblica Dominical, Células (Pequenos Grupos nas Casas), Ministério de Louvor, Ministério Infantil, Ministério de Jovens, Ministério de Casais, Ministério de Ação Social, Ministério de Saúde, Ministério de Homens, Ministério de Mulheres, Departamentos de Suporte, Ministério de Oração (todos os dias no Templo).

Impacto na Comunidade: Ações evangelísticas na cidade com os jovens, ajuda social com cestas básicas, parcerias com escolas, prefeituras, eventos cívicos, transformações de vidas e famílias restauradas.

VALORES DOUTRINÁRIOS BATISTAS QUE SUSTENTAM A IGREJA:

Os valores doutrinários batistas são os princípios fundamentais que sustentam a fé, a prática e a organização da Igreja Batista. Eles formam a base sólida sobre a qual a igreja vive, ministra e testemunha no mundo.

O BATISMO: O batismo é uma ordenança para os crentes, realizado por imersão, simbolizando a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo.

CEIA DO SENHOR: A Ceia é uma ordenança simbólica para lembrar o sacrifício de Cristo. Celebrada regularmente, é um momento de comunhão, reflexão e renovação da fé.

RESPONSABILIDADE DA EVANGELIZAÇÃO: A missão da igreja é proclamar o evangelho a todas as pessoas.

DIRETORIA ATUAL - 2025:

- Presidente: Alex Rocha
- Vice-Presidente: Sergio Aoki
- Primeiro Tesoureiro: Ezequiel Botta
- Segundo Tesoureiro: Antenor
- Primeiro Secretário: Marcus Vinicios
- Segundo Secretário: Gildeon

Endereço: Rua Padre Anchieta, nº 50-87, Centro, Palmeira d'Oeste/SP.



Pastor Alex Fonseca da Rocha

Nascimento: 23/01/1979.

Natural de São Paulo/SP.

Filiação:

- Pai: João Ribeiro da Rocha;

- Mãe: Antonina Fonseca da Silva.

Cônjuge: Fabiana Wantuil da Rocha.

Filhos: Ana Livia da Rocha e Calebe Emanuel da Rocha.



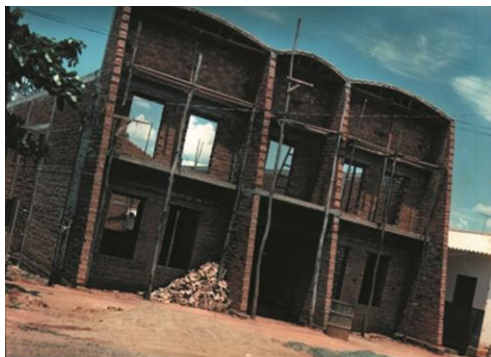
Pastor Alex Fonseca da Rocha e esposa

Breve Resumo da Vida Ministerial – Pr. Alex Rocha.

Tenho 46 anos. Fui vocacionado ao ministério pastoral e sirvo ao Senhor como pastor desde o ano de 2002. Iniciei minha trajetória ministerial na Primeira Igreja Batista em Pirajuí/SP, onde tive o privilégio de pastorear localmente pela primeira vez. Em seguida, assumi o pastorado da Primeira Igreja Batista em Pongai/SP, onde servi ao Senhor e à igreja com dedicação por sete anos. Desde então, estou há 13 anos pastoreando a Primeira Igreja Batista em Palmeira d'Oeste, onde continuo exercendo o ministério com zelo, amor e temor diante de Deus. Tenho como vocação central o Ministério de Ensino, atuando também como professor no Seminário Batista Grandes Lagos, preparando obreiros e líderes para servirem com firmeza doutrinária e paixão pelo Evangelho. Além do ensino, meu coração arde por conduzir a igreja a um estilo de vida de oração. Nosso compromisso local tem sido orar todos os dias, até a volta de Jesus, pois cremos que uma igreja que ora permanece sensível ao Espírito e firme em sua missão. Sou um pastor que valoriza os relacionamentos, o cuidado com as pessoas e a visitação pastoral, crendo que a saúde da igreja nasce do poder transformador da Palavra de Deus aplicada com amor e verdade.



Templo antigo da Igreja Batista de Palmeira d'Oeste



Novo Templo Batista em construção



Fachada do Templo Batista logo após sua construção



Fachada da Primeira Igreja Batista de Palmeira d'Oeste (2025)

IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS - MINISTÉRIO DO BELÉM

No início de 1958 o Sr. Alcides do Nascimento com sua esposa Valdira Paulino do Nascimento e família passaram a residir em Palmeira d'Oeste, oriundos de Estrela d'Oeste/SP. O “irmão” Alcides do Nascimento e sua família, (convertidos em Cristo e pertencentes a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Missão do Campo de Jales), juntamente com o irmão Paulo passaram a anunciar o Evangelho de Jesus Cristo para as pessoas que residiam em Palmeira d'Oeste, tanto na zona urbana como na rural. No final de 1958, foi fundada a Igreja Assembleia de Deus de Palmeira d'Oeste, a princípio as reuniões eram realizadas em um templo construído com tábuas, localizado na Avenida Fernão Dias Paes Lemes, (hoje Av. Prefeito Hélio Ponce), esse primeiro templo da igreja ficava ao lado do atual Posto de Saúde, e de frente à atual Câmara de Vereadores. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério do Belém, teve como fundador e primeiro Pastor Dirigente o “irmão” Alcides do nascimento, a igreja é vinculada e filiada ao Campo Ministerial com sede na cidade de Jales/SP, que teve como Pastor Presidente o senhor Florentino Zacarias até o ano de 1982. Desde a sua fundação em 1958, até o ano de 1980 a Igreja era denominada Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Missão, porém, em 06 de janeiro de 1980 passou a ser denominada Assembleia de Deus Ministério do Belém, pelo fato de que sua sede estadual está localizada no bairro Belenzinho na cidade de São Paulo, Capital. O maior propósito da igreja Assembleia de Deus em Palmeira d'Oeste, sempre foi cumprir a missão de Nosso Senhor Jesus Cristo, anunciando a palavra de Deus, promovendo a paz e o amor entre as pessoas e dando auxílio, principalmente espiritual a todos que necessitarem. Com o crescimento do número de fiéis e adeptos foi necessário a construção de um templo maior em um novo endereço, na Rua Brasil nº 40-17, cuja construção foi iniciada em 1963, quando, em um evento especial oficializado pelo Pastor Florentin Zacarias e com a participação do pastor local Alcides do Nascimento, juntamente com a comunidade da igreja, foi lançada a Pedra fundamental. A partir de então com muito esforço e dedicação por parte do “irmão” Alcides e sua esposa a “irmã” Valdira, e todos os membros e congregados, em especial os “irmãos José Batista e Clemente, que colocando literalmente “a mão na

massa”, construíram o templo de alvenaria e outras dependências da igreja como os sanitários e a casa pastoral. O novo templo foi inaugurado em 07 de setembro de 1964, sendo que ao longo dos anos passou por diversas reformas. No ano de 2004 o templo foi então demolido e no mesmo local foi construído o templo atual sob a administração do pastor Jandeive dos Santos. As obras foram finalizadas no ano de 2010. Sob a liderança do Pastor João de Oliveira, no ano de 2013, foi demolido o restante das dependências antigas e construído outras novas no lugar, sendo 05 salas de departamentos e novos sanitários com acessibilidade, obras essa finalizadas em 2015. Assembleia de Deus - Ministério do Belém de Palmeira d'Oeste, no intuito de exercer sua tarefa como Comunidade Cristã, segue proclamando e defendendo os princípios de sua fé em Cristo, tem a Bíblia Sagrada como base para suas doutrinas, sendo que para o exercício dessa importante obra, a igreja contou e conta com os relevantes serviços dos homens e mulheres de Deus que dedicaram suas vidas com todo o amor e carinho em favor dessa obra que com as bênçãos de Deus permanece de pé até os dias atuais.

Igreja Evangélica Assembleia de Deus

Endereço: Rua Brasil, nº 40-17, Centro, Palmeira D'Oeste/SP.

PASTORES PRESIDENTES:

- 1958-1982: Florentino Zacarias e esposa Maria Veloso Zacarias;
- 1982-2010: Sebastião Umbelino de Oliveira e Lindaura Ribeiro de Oliveira;
- 2010-Atual: Cláudio de Oliveira e Rosangela Noemi Nalini de Oliveira.

PASTORES LOCAIS:

- 1959-1973: Alcides do Nascimento e esposa Valdira Paulino do Nascimento;
- 1973-1975: Clemente dos Santos;
- 1975-1976: Antonio Pereira dos Santos;
- 1976-1982: Adelson Nalini;
- 1982: Euclides Verissimo da Silva;
- 1982-1983: Marino Mário de Assis;
- 1983-1985: Albino Ferreira dos Santos;
- 1985-1986: Nelson Rodrigues;
- 1986-1987: Osmar;
- 1987-1988: Albino Ferreira dos Santos;

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

- 1988-1994: João Francisco de Oliveira;
- 1994-1998: Cláudio de Oliveira;
- 1998-1999: Francisco Felício;
- 1999: Claudio de Oliveira;
- 1999-2004: Adelino Dias da Silva;
- 2004-2011: Jandeive dos Santos;
- 2011-dias atuais: João Francisco de Oliveira.



Pastor João Francisco de Oliveira

Nascimento: 20/05/1964

Natural de Palmeira d'Oeste/SP

Filiação:

- Pai :Lázaro Francisco de Oliveira;

- Mãe: Maria do Amaral Oliveira.

Cônjuge: Maristela Aparecida Pelais de Oliveira.

Filhos: Jasciely Pelais de Oliveira, Jesiany Pelais de Oliveira e Jonathas Pelais de Oliveira.

O Sr. João Francisco de Oliveira estudou até o Ensino Médio na E.E. Orestes Ferreira de Toledo, é lavrador desde a infância e atua como pastor da igreja, ministrando a palavra por aproximadamente 37 anos. De 1988 a 1994 e de 2011 aos dias atuais na igreja local, no restante do período, em outras igrejas da região.



Alcides do Nascimento e José Batista Sobrinho,
fundadores da Igreja Assembleia de Deus

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



A antiga e a atual sede da Igreja Evangélica Assembleia De Deus



Batismo na década de 1970



Pastor: João Francisco de Oliveira e sua
Esposa, Maristela Aparecida Pelais de Oliveira

CENTRO ESPÍRITA FÉ, AMOR E CARIDADE E ALBERGUE NOTURNO

O Centro Espírita Fé, Amor e Caridade foi fundado em 01/01/1962, com funcionamento inicial todos os dias da semana, da 18h às 22 h.

Sua primeira diretoria tinha a seguinte composição:

- Presidente: Sebastião Jacinto da Silva;
- Vice-presidente: Augusto Saturnino Vilela;
- Primeiro Secretário: Atilio Teixeira de Araújo;
- Segundo Secretário: Laudelino Theodoro de Moraes;
- Primeiro Tesoureiro Zenário Ilheu dos reis;
- Segundo Tesoureiro: Elisio Teixeira de Araújo;
- Primeiro Fiscal: Durval Teodoro de Moraes;
- Segundo Fiscal: Benedito Batista Carlos;
- Diretor de Estudo: Dulcilio Rodrigues.
- Membros: Elias Caires Braz, Melquiades Mescua, José Mescua, Francisco Gomes, Trindade Mescua, Isaura Ferreira Borges, Aparecida Jacinto de Souza, João Antonio Ribeiro, Santo Chimarelli, Joaquim Ferreira da Silva, João Derti, Waldemar Valentin, Amália Medina, Antonio Biscassi, Santo Oliveira Pessina, Benedito Theodoro de Carvalho, Rita Pereira da Silva Rodrigues, Mario Lourenço, Jonas Gomes de Menezes, José Theodoro Carvalho e Alzira Munhos.

Em sua Ata de Fundação, as finalidades do Centro Espírita Fé, Amor e caridade são as seguintes:

- Dedicar-se ao estudo e a prática do espiritismo, no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico. De acordo com a decodificação de Allan Kardec e obras espirituais subsequentes e complementares, surgidas com o desenvolvimento natural do cristianismo;
- Difundir a Doutrina Espírita por todos os meios humanos, na sua missão de espiritualização da humanidade;
- Fundar obras de caráter filantrópico e beneficente, e de natureza educacional, cultural, assistencial de preferência na conformidade do artigo 38º, tais como as de amparo a infância, aos enfermos e idosos necessitados, a todos assistindo sem distinção de classe, sexo, cor, raça, nacionalidade ou religião;
- Trabalhar sem sectarismo pessoal ou de grupo, pela efetivação da fraternidade humana e pelo conhecimento e prática do Bem, do

Belo, da Justiça, do Amor e da verdade, inspirando-se especialmente no Evangelho de Jesus.

Ao longo do tempo, o Centro Espírita já serviu, sopa, lanche e pernoite com jantar (Albergue Noturno) para as pessoas carentes da comunidade e outras que eventualmente passavam por Palmeira d'Oeste. O Albergue Noturno iniciou suas atividades em 28/11/1971, atendendo em média 10 pessoas por mês.

Atualmente o Centro Espírita oferece cestas básicas mensais, além de “kits” maternidade para as famílias carentes que buscam auxílio.

Atividades da casa:

Terça feira - Estudo mediúnico das 20h às 21h e passes.

Quinta feira - Vibrações espirituais, passes e estudo do Livro dos Espíritos, das 20h às 21h.

Sábado - Palestra pública das 20h às 21h e passes.

Endereço: Rua Duque de Caxias, 42-31, Centro, Palmeira d'Oeste/SP.



Odair de Souza Araújo
Presidente atual

Nascimento: 09/07/1957.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- Pai: Atílio Teixeira de Araújo;

- Mãe: Rita de Souza Araújo.

Uma pessoa conhecida por sua dedicação a doutrina espírita e sua execução é o Sr. Durval Theodoro de Moraes.



Durval Theodoro de Moraes

Nascimento: 28/02/1938.

Natural de Palestina/SP.

Filiação:

- Pai: Joaquim Theodoro de Moraes;
- Mãe: Ernestina Belarmina de Souza;
- Cônjuge: Mercedes Semensati de Moraes.
- Filhos: Ozair Semensati de Moraes, Enefercio Semensati de Moraes, Valter Semensati de Moraes, Valdir Semensati de Moraes.

O senhor Durval Theodoro de Moraes chegou em Palmeira d'Oeste no dia 23 de junho 1953 e durante muitos anos, de no período de 1967 a 2024, esteve à frente ocupando o cargo de presidente do Centro Espírita Fé, Amor e Caridade.



Centro Espírita Fé, Amor e Caridade
e Albergue Noturno que iniciou suas atividades em 28/11/1971

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR

A Igreja Pentecostal Deus é Amor foi fundada em Palmeira d'Oeste no ano de 1975, e até os dias de hoje, seu propósito de firmeza e ensinamento tem se estendido. No início, eram poucos membros, mas ao longo dos anos, as pessoas foram conhecendo o trabalho da igreja e, atualmente, o número de fiéis frequentadores aumentou consideravelmente. Todo ano, no mês de setembro, acontece um culto especial em comemoração ao aniversário da igreja. Também são celebrados: o Dia Internacional da Mulher, o Dia das Mães, o Dia dos Pais e o Dia das Crianças. No decorrer de sua existência, em meio a desafios e contratempos, a igreja adquiriu muitas experiências. Hoje, ela sobrevive com a ajuda dos fiéis para se manter e, juntos, procuram ajudar as pessoas necessitadas de forma filantrópica, por meio da doação de cestas básicas. Ao longo desses anos, muitas lutas e provas foram enfrentadas. Muitos fiéis já partiram dessa vida, mas muitos outros continuam firmes em seu propósito de transmitir o ensinamento que receberam e seguir no aprendizado, sempre orientando as pessoas a separarem o que é material do que é espiritual. Como diz o ditado: *"Aprender em Deus nunca é demais."* Muitas conquistas também foram relatadas, diante das provações. Entre elas, destaca-se a cura da esposa do pastor, "Dona Maria", que foi diagnosticada com câncer no intestino e foi curada dentro da igreja através das orações e da fé. Outro caso foi de um jovem que, depois de não conseguir abandonar o vício, encontrou libertação com a ajuda espiritual da igreja. Também o filho do pastor, "Daniel de Jesus", atualmente com 27 anos, nasceu sem vida e Deus lhe deu uma nova chance. Segundo as palavras do pastor, essas e outras grandes curas e milagres têm acontecido não apenas nos relatos, mas também por meio de testemunhos vivos. Ao longo desses anos, a igreja tem experimentado crescimento, tanto no templo, quanto na membresia. A luta contínua da igreja é para que haja crescimento espiritual, e para que os ensinamentos da palavra da Bíblia prevaleçam. Tudo isso só foi possível graças à ajuda dos obreiros, que são pessoas preparadas para colaborar no ensinamento, e ao apoio dos membros da igreja e dos visitantes. Como está escrito no Evangelho de São Mateus, capítulo 6, versículo 33: *"Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas."*

A luta continua, e o Sr. Luís Carlos Colombo atua como pastor da Igreja Pentecostal Deus é Amor desde janeiro de 2018, contribuindo com a vida espiritual de todos. Ele afirma que a “igreja está de portas abertas para receber todas as pessoas, independentemente de cor, raça, sexo ou credo religioso.” Aqui, não é apenas uma igreja, mas uma verdadeira família, como ele reitera.

Endereço: Rua VX de novembro, nº 50-66, Centro, Palmeira d’Oeste/SP.



Pastor Luís Carlos Colombo

Nascimento: 19/11/1973.

Natural de Palmeira d’Oeste/SP

Filiação:

- Pai: Avelino Colombo;

- Mãe: Lourdes Lopes Colombo.

Cônjuge: Maria Aparecida Lopes Colombo.

Filhos: Luís Davi Lopes Colombo, Daniel de Jesus Lopes Colombo e Danielle Diovanna Lopes Colombo.

Histórico: O Senhor Luís Carlos Colombo atua como pastor da Igreja Pentecostal Deus é Amor de Palmeira d’Oeste desde 16/01/2018. Em seus relatos, o pastor disse que não nasceu em um berço evangélico. Foi, somente, depois que conheceu o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Aprendeu e passou a entender quem é Deus e se entregou ao evangelho.

“Só depois de passar por muitas lutas e provas foi que vi as mãos de Deus trabalhando em meu favor”.

Em 1998, quando nasceu meu filho, Daniel, os médicos disseram que ele havia nascido sem vida. Após cerca de meia hora de reanimação, ele reviveu.

Entre 2012 e 2015, minha esposa passou por tratamento de um câncer no intestino, mas através de muitas orações e fé em Deus, ela recebeu a cura, sem precisar passar por cirurgia.

Fui trabalhador rural, mas em 2017, prestei concurso público, fui classificado e, desde 18/06/2018, sou agente sanitário do município de Palmeira d'Oeste, função que exerço até o presente momento.

“A luta e o trabalho fazem parte da vida de quem algum dia será vencedor.”



Interior da Igreja Pentecostal Deus é Amor



Fachada da Igreja Pentecostal Deus é Amor

IGREJA JESUS O REI

A Igreja Jesus o Rei foi instalada em Palmeira d'Oeste em setembro de 2009, sendo dirigida pelos pastores José Carlos Pereira e Adaíse Baraldi de Souza Pereira. Atualmente, a igreja conta com aproximadamente 100 membros e nasceu de um propósito, após a vida do pastor José Carlos ser impactada por Cristo. Antes de ser alcançado por Cristo, o pastor era policial civil e se encontrava em profunda depressão, sendo internado em uma clínica psiquiátrica na cidade de Urânia. Dentro da clínica, ele recebeu a visita de alguém que fazia um trabalho social e lhe falou do amor de Cristo. Foi então que ele sentiu que Deus, através de sua infinita misericórdia, sempre dá uma segunda chance para aqueles que necessitam, e que vidas são transformadas e tocadas por Ele todos os dias. Após esse encontro pessoal com Cristo, o pastor sentiu a necessidade de viver ainda mais em comunidade. Fazendo parte da igreja, que tem como objetivo divulgar o evangelho, realizar obras sociais e valorizar a vida humana, ele sentiu que poderia impactar a sua vida e a de outras pessoas com a mensagem do evangelho. A Igreja Jesus o Rei faz parte do movimento pentecostal e, através da pregação, tem como principais atividades: os ministérios infantis, o grupo de louvores, o grupo de danças e a escola bíblica, sempre levando a mensagem da cruz. Os pastores José Carlos Pereira e Adaíse Baraldi de Souza Pereira convidam a todos para fazerem essa experiência com Deus, que nos convida a viver essa grande prova de amor deixada em Pentecostes e por Jesus Cristo.

Igreja Jesus o Rei: Avenida Antonio Fernandes nº 51-33, Centro, Palmeira d'Oeste/SP.



Pastor José Carlos Pereira

Nascimento: 27/11/1965.

Natural de Palmeira D'Oeste/SP

Filiação:

- Pai : Custódio Borges Pereira.

- Mãe: Iraci Colombi Pereira.

Irmãos: Jesus Carlos Pereira, Débora Regina Pereira Iroldi e Daniela Pereira.

Cônjuge: Adaíse Baraldi de Souza Pereira.

Filhos: Lerissa Bertolassi Pereira Montanari, Riane Bertolassi Pereira Candil, Filipi Bertolassi Pereira e Ana Clara Hadassa Pereira, esta última da união com a pastora Adaíse

Histórico: O Pastor José Carlos iniciou sua jornada profissional na empresa Pernambucanas, onde permaneceu por quatro anos. Em 27/03/1989, ingressou na Polícia Civil do Estado de São Paulo como investigador de polícia, onde permaneceu até sua aposentadoria. Atualmente, exerce seu ministério junto à Igreja Jesus o Rei em Palmeira d'Oeste. Em 2024, o Pastor José Carlos foi eleito vereador pelo partido PRD. Tomou posse como vereador do município de Palmeira d'Oeste em 01/01/2025 e, atualmente, exerce o cargo de Presidente da Câmara de Vereadores. O Pastor José Carlos pauta sua vida na pregação da palavra de Deus, na realização de obras sociais e na busca por melhores condições de vida para os munícipes de Palmeira d'Oeste.



Pastores e os Presbíteros com suas esposas



Lideranças dos Ministérios



Corpo de Obreiros

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada oficialmente em 09 de julho de 1977, mas não foi planejada nem sonhada em um escritório, ou apenas como uma ideia de um homem. Ela nasceu de uma dor vivida pelo Senhor Bispo Edir Macedo. A dor da impotência diante do nascimento de uma bebê com uma deficiência física (lábio leporino) e os sofrimentos e desafios que surgiram, fizeram-no sentir a dor de milhões de pessoas que convivem com esse tipo de sofrimento, e com todas as dores que este mundo traz. Essa dor trouxe uma revolta, uma disposição para levar o único alento para o ser humano, que é o Evangelho - a Palavra de Deus, capaz não só de consolar, mas de guiar para uma nova vida. E é isso que a Igreja Universal do Reino de Deus tem feito ao longo desses 48 anos: tem lutado para alcançar os aflitos, os desesperançados diante das dores desta vida, com atuações de amparo social e espiritual. Não se limitando a quatro paredes, mas indo ao encontro dos aflitos, debaixo dos viadutos, nos hospitais, nos presídios, nas estradas, nas forças militares. E isso, independentemente de cor, raça, condição social ou orientação sexual. Onde há uma alma aflita, ali estará alguém disposto a livrá-la da dor que carrega, qualquer que seja a sua necessidade. O objetivo principal da Igreja Universal do Reino de Deus é levar a salvação através do Senhor Jesus Cristo, buscando a transformação de vidas através da fé e da pregação do Evangelho. Também tem como foco a libertação e a cura. Além disso, a Igreja realiza ações sociais e filantrópicas (distribuição de alimentos, kits de higiene e apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade), buscando atender às necessidades da comunidade e promover o bem-estar social. A Igreja Universal do Reino de Deus chegou à cidade de Palmeira d'Oeste em setembro de 1998, trabalhando ativamente no apoio social e espiritual da população, com um único objetivo: levar o Reino de Deus a todos os que necessitam, atendendo à ordem do Senhor Jesus Cristo, que é a pregação do Evangelho em Palmeira d'Oeste e nas cidades circunvizinhas, como Marinópolis, Aparecida d'Oeste, São Francisco e no Distrito de Dalas.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

E disse-lhes: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado (Marcos 16:15-16).

Horário das reuniões:

- Segunda-feira / Sexta-feira: 8h, 15h e 19h30m;
- Sábado: 15h30m - FJU (Força Jovem Universal) e FTU (Força Teen Universal);
- Domingo: 7h30m e 18h.

Atualmente, o Pastor responsável pela Igreja Universal do Reino de Deus é o Pastor Flávio Antonio Cardoso da Rocha, natural de Joaçaba/SC, casado com Jhennifer Antunes da Rocha.

Igreja Universal do Reino de Deus

Endereço: Rua Brasil, 44-62, Centro, Palmeira d'Oeste/SP.



Sede da A Igreja Universal do Reino de Deus

IGREJA ÁGAPE – AMAR E CUIDAR

A Igreja Ágape teve suas raízes na própria palavra que a batiza: o amor incondicional. Longe de um planejamento ambicioso ou de uma estrutura grandiosa, sua história começou de forma orgânica, com um encontro singelo de amigos que compartilhavam não só a amizade, mas uma fé profunda e o desejo de viver o Evangelho de maneira autêntica. Impulsionados pelo anseio dos irmãos, Ananda Massa, Alan Matos e Renan Oliveira, que acompanhavam as transmissões online e começaram a frequentar os cultos da Igreja Ágape House de Ilha Solteira, os pastores Jean Chaves (Pastor Presidente da Ágape House) e Clayton Viana decidiram estabelecer uma célula em nossa comunidade. Isso fez vibrar o coração dos irmãos, que, unidos em um só propósito, compartilharam a ideia com o amigo Luca Pontel e sua família, que movidos pela mesma fé e entusiasmo, abriram as portas de sua casa para esses momentos de comunhão. Os encontros começaram em meados de agosto de 2020. Semanalmente, irmãos da Ágape House se revezavam em equipes para apresentar a estrutura dos Grupos de Comunhão Ágape (GCA), um modelo já estabelecido pela igreja-mãe. A essência dessas reuniões era o louvor, a oração e o estudo da Palavra de Deus. Logo ficou claro que um movimento maior estava em andamento e essa nova realidade trouxe a necessidade de uma organização mais estruturada para acolher e servir ainda melhor a todos que chegavam. Em um movimento de união e fé, os irmãos de Ilha Solteira e Palmeira d'Oeste se juntaram para fundar uma congregação da Ágape House em Palmeira d'Oeste. Embora supervisionada pela igreja-mãe, essa nova comunidade teria seu próprio pastor. Foi então que, atendendo ao convite do Pastor Jean Chaves, o Pastor Valdilson Abreu de Carvalho e sua esposa, Emiliana Carvalho, aceitaram o chamado para pastorear a congregação local e mudaram-se para nossa cidade. O desafio agora era conseguir um local adequado para o templo e, ao mesmo tempo, arrecadar fundos para equipá-lo. A comunidade se organizou e, mesmo antes da chegada do Pastor Valdilson e sua família, algumas promoções foram realizadas. O dinheiro arrecadado foi fundamental, permitindo a compra do sistema de som e de parte do mobiliário, essenciais para a inauguração da igreja. O prédio foi escolhido, e os esforços passaram a se concentrar nos reparos necessários para adaptá-lo e caracterizá-lo

como o novo lar da igreja. Com a forte expectativa de ver o templo pronto, alguns irmãos dedicaram-se incansavelmente à reforma, revezando-se dia e noite. O comprometimento foi tanto que, além do tempo, eles também compartilharam de suas finanças, tudo para acelerar a inauguração da igreja. A tão aguardada inauguração finalmente aconteceu em 29 de janeiro de 2021, e a alegria era imensa. Em meio a uma pandemia que parou o mundo e desafiou a fé de muitos, a igreja floresceu, mostrando que, em meio às maiores adversidades, a luz da fé pode brilhar ainda mais forte. O Pastor Valdilson liderou os trabalhos da igreja por quase dois anos, sempre contando com o apoio próximo dos irmãos Eduardo e Dalva Peruchi. Eduardo tornou-se seu principal auxiliador, sendo fundamental no desenvolvimento e na execução dos projetos da igreja. Durante o período em que estiveram aqui, o Pastor Valdilson e Emiliana demonstraram notável resiliência na busca pelo próprio sustento. Sem que a igreja pudesse financiar seu salário, dedicaram-se incansavelmente, tentando empreender em diversos setores. Porém, apesar de todo o esforço e sacrifício, não conseguiram prosperar. Essa realidade os levou à difícil decisão de retornar para Santa Catarina. A notícia causou grande tristeza entre os irmãos, que passaram a temer a possível dissolução da comunidade. A partida do pastor levantou preocupações sobre quem poderia continuar o trabalho e a condução da igreja. Após um período de intensa oração e diálogo com os pastores da igreja-mãe, algumas propostas foram apresentadas, como a mudança de um pastor de Ilha Solteira para a cidade ou a vinda semanal de um pastor para a condução dos cultos. Diante da incerteza que pairava, os irmãos Eduardo e Dalva Peruchi, em um notável ato de fé e obediência, decidiram aceitar o chamado de Deus. Movidos por uma palavra profética, liberada sobre suas vidas anos antes, e com profunda convicção na Palavra do Senhor, tinham a certeza de que Deus possuía um plano especial e assumiram a direção da igreja em Palmeira d'Oeste, como um compromisso de vida. Essa decisão emocionou profundamente os irmãos, que, em seus corações, já os tinham escolhido como pastores. A partir daí, a congregação rompeu com a igreja-mãe e tornou-se uma comunidade independente, deixando de ser Ágape House - Palmeira d'Oeste e passando a se chamar Igreja Ágape - Amar e Cuidar, mantendo, no entanto, a essência de seus primeiros dias: a ênfase no

relacionamento, na simplicidade e na vivência prática do amor e da graça de Deus. Hoje, muitos se achegam, a estrutura física foi aprimorada, mas a Igreja Ágape continua sendo um testemunho de como a fé, quando vivida de forma genuína e compartilhada em amor, tem o poder de transformar encontros casuais em comunidades florescentes. Sua história é um lembrete de que a verdadeira igreja não se resume a paredes, mas sim a pessoas que, movidas pelo amor divino, se dedicam a servir uns aos outros e a espalhar esperança e amor.

Igreja Ágape – Amar e Cuidar.

Endereço: Rua duque de Caxias, 46-31, Centro, Palmeira d'Oeste/SP.



Pastor Eduardo Peruchi

Nascimento: 16/06/1966.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- Pai: Pedro Peruchi;

- Mãe: Isabel de Carvalho Peruchi.

Cônjuge: Dalva Celina Bartolomeu Peruchi.

Filhas: Danieli Fernanda Bartolomeu Peruchi, Lericia Bartolomeu Peruchi.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Irmãos no interior da Igreja Ágape – Amar e Cuidar



Fachada da Igreja Ágape – Amar e Cuida

CASA ESPÍRITA BENEFICENTE MARIA DE NAZARÉ

Na tarde do dia 24/3/2001, um grupo de pessoas amigas e a Mocidade Espírita Tia Cleo reuniram-se embaixo de um abacateiro, na residência do Sr. José Venâncio de Souza, na Rua XV de novembro, nº 47-27, numa roda de conversa e estudo para colocar no papel as intuições recebidas dos amigos espirituais com a intenção de fundar uma Casa Espírita. Sandro Mauro Ferreira, presidente da mocidade Tia Cleo, fez a prece inicial, envolvido pelas vibrações de seu mentor amigo, rogando amparo e direcionamento da espiritualidade ao grupo presente. Solicitou aos amigos espirituais e aos mentores de cada um dos presentes, a proteção para a responsabilidade que estavam assumindo, o compromisso de trabalhar na assistência fraterna; que a reunião pudesse alcançar os objetivos propostos, norteados pelos princípios Filosóficos, Científicos e Religiosos da Doutrina dos Espíritos, com a finalidade precípua de estudar e praticar o Espiritismo, com base nas obras codificadas por Allan Kardec, no seu tríplice aspecto. Em seguida, a irmã Juliana Barrinoevo, membro da mocidade, foi solicitada para abrir o ESE (Evangelho Segundo o Espiritismo) e fazer a leitura de um pequeno trecho do capítulo XII, item 03, AMAI OS VOSSOS INIMIGOS. Após a leitura e as explicações foi sugerido pela irmã Zulmira Covalô da Rocha o nome da casa: Maria de Nazaré. Todos se emocionaram com a oportunidade de homenagear a Mãe Maria Santíssima (mais tarde foi entendido o porquê da escolha do nome de Maria, pois somente ela compreende a dor de uma mãe ao sepultar seu filho). A reunião continuou com os presentes entusiasmados. Foi colocado em pauta como as atividades da Casa Espírita seriam desenvolvidas e quais os objetivos a alcançar. O Senhor José Venâncio de Souza disponibilizou um pequeno espaço na JS TRANSPORTADORA, com pia e fogão para iniciar as atividades agendadas:

Aos sábados, às 14h, seria o encontro para o preparo da sopa fraterna e, em seguida, reunião de estudos com os jovens. Após o término dos estudos, seria a distribuição de sopa nas residências dos assistidos que não podiam ir à Casa Espírita e, também, a realização do atendimento fraterno àqueles que necessitassem de socorro e orientação espiritual. Aos Domingos, Terças e Quintas às 20h, os estudos doutrinários das Obras Básicas (*ESE: O Evangelho Segundo o Espiritismo*; *LM: O Livro dos Médiuns*; *LE: O Livro dos*

Espíritos). Na segunda reunião, foram deliberadas as responsabilidades da parte administrativa da Instituição, formando a primeira Diretoria que, por unanimidade, foram eleitos os seguintes membros:

Presidência: Sandro Mauro Ferreira; **Vice-presidente:** José Venâncio de Souza; **Diretor Administrativo:** Aparecida Ávila de Souza; **Diretor de Doutrinário:** Leandro Buzinari; **Diretor Social:** Silvia Aparecida Nunes Chimatti; **Diretor de Patrimônio:** Clésio Buzinari de Souza; **Secretária:** Edna Emilio Bertolassi Felício; **Coordenadores de Atendimento Fraterno:** Sandro Mauro Ferreira e Aparecida Ávila de Souza; **Conselho Fiscal:** Almir Rogério Ferreira, Milton José Barbeiro e **Suplentes:** Célia Regina Canova Barbeiro e Marinilce Lopes Mingorance. Assim ficou estabelecido, de acordo com o Estatuto, que a Diretoria vigente ficaria por um mandato de dois anos, podendo ser prorrogado por mais um mandato.

Durante a reunião, foi doado por um dos membros do grupo um terreno na Rua Catanduva, em frente a Cohab João José Dias. Em comum acordo, o grupo decidiu angariar fundos para iniciar a construção. Por unanimidade, foi decidido fazer uma galinhada beneficente. Com todos interagindo e colaborando, programaram-se as próximas promoções. A construção teve início com muita restrição e sacrifício, mas com ajuda do Grande Arquiteto do Universo e o olhar amoroso da Mãe Maria Santíssima, a obra prosseguiu. A rua não tinha energia nem água, mas o Senhor Antônio e Dona Onélia, que residiam na Rua Eucadio, paralela à Casa Espírita, prontamente, supriram essas necessidades. Com o prédio ainda em construção, a Instituição foi inaugurada e as atividades iniciadas no dia 1/9/2001. A primeira palestra pública foi realizada pela irmã Mariângela Moura Manfrin, sendo tudo muito desafiador. Aos sábados, às 16h, foi implantada a Evangelização do Ser (de 4 aos 80 anos), com os membros da Mocidade. Em seguida oferece-se um lanche fraterno.

Aos domingos, a Mocidade Tia Cleo se reunia às 19h e, em seguida, havia palestra pública às 20h. Os estudos continuavam nas terças e quintas. A Mocidade Espírita participava dos eventos regionais promovidos pela USE (União das Sociedades Espíritas) de Jales. Em 2004, os jovens da EMERJ (Encontro de Mocidade Espírita da Região de Jales) foram recebidos na Casa de Maria de

Nazaré. Houve, também, participação nos encontros interestaduais nas cidades de São José do Rio Preto/SP, Jales/SP, São Joaquim da Barra/SP, dentre outras. Em 2005 o irmão José Cezar Montanari foi eleito prefeito e favoreceu a casa, colocando energia na ruela escura. Houve muitas doações de pessoas amigas: um irmão da Maçonaria doou todo o piso, o Senhor Miguel e Dona Marina, um fogão industrial e doações de latões e painéis de outros amigos solidários. Assim os trabalhos prosseguiram. Teve início a sopa fraterna às quartas-feiras; nos finais de ano, o jantar ou almoço de confraternização com todos os nossos assistidos e os trabalhadores da casa. O prefeito emprestava o microônibus para buscar as pessoas para a confraternização. Só boas lembranças da primeira década, cada um buscando doar de si o seu melhor. Os jovens foram terminando seus estudos, buscando o que seria melhor para sua caminhada e, sempre que podem, ainda visitam a casa. Assim, prosseguem as atividades que foram propostas desde o início, nos mesmos horários. A casa de Maria de Nazaré caminha na terceira década e está sempre de coração aberto para todos aqueles que buscam uma Casa Fraterna. **“Iluminar e libertar consciências”**, eis o objetivo essencial da Casa Espírita Beneficente, Maria de Nazaré. Sendo que a iluminação consciencial, sempre será ofertada por intermédio dos estudos da Doutrina dos Espíritos, o maior tesouro que se pode legar ao Ser Humano que busca a compreensão de sua origem conceptual, o entendimento de sua verdadeira natureza e a perfeita convicção de sua real destinação. Caminhar com as próprias luzes, deve ser o propósito inequívoco, intransmissível e impostergável de todo aquele que almeja a felicidade legítima, pois somos cientes de que só é feliz quem é livre. Só é livre quem assume responsabilidade. “Estamos conscientes de que o ser desperto lhe impõe como norma irrevogável que seja sempre o seu falar à semelhança do seu pensar e de seu sentir, e estes a matriz do seu agir”. (Sebastião Camargo). “Quando fui convidada a fazer parte do desabrochar, deste ponto de luz que é a casa espírita Maria de Nazaré me senti lisonjeada e extremamente feliz, pois muito significativo para a cidade de Palmeira d’Oeste é o trabalho desta instituição em prol da assistência fraterna. No lar ou fora dele, o auxílio ao próximo sempre será sua melhor para conquista da paz espiritual”. (Mariangela Moura Manfrin).

"A evangelização do ser é o processo de compartilhar a mensagem de amor e esperança de Jesus Cristo, buscando transformar vidas e corações através do conhecimento e aceitação do Evangelho".
(Aparecida Ávila de Souza).

Agradecimentos: Mônica Maria Barbeiro, Luciano Fernando Giacometi, Francisco Ortolan, Adão Gabaldi, José Venâncio de Souza, Lilian Bazzo dos Santos e amigos e companheiros que auxiliaram nessa proposta, que estiveram sempre presentes diante aos desafios e no decorrer do trabalho da Casa Espírita.

A Casa Espírita Maria de Nazaré fica localizada na Rua Catanduva, nº 41-112, Cohab João José Dias, Palmeira d'Oeste/SP.



José Venâncio de Souza e sua esposa Aparecida Ávila de Souza

Aparecida Ávila de Souza.

Nascimento:30/01/1953.

Natural de Valentin Gentil/SP.

Filiação:

- Pai : Jaime Ávila;

- Mãe: Iignes Ovida Ávila.

José Venâncio de Souza.

Nascimento: 01/09/1953.

Natural de Votuporanga/SP.

Filiação:

- Pai :Benedito Marcelino de Souza;

- Mãe: Maria de Souza.

Filhos :Giuliano Ávila de Souza, Patricia Ávila de Souza Bosco,
Priscila Ávila de Souza Zanardi, Fabiana Marcelino.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

O casal atua na coordenação do Grupo Espírita Beneficente Maria de Nazaré há 24 anos.



Equipe de preparação do lanche fraterno e degustadores



Palestra no GP Maria de Nazaré/Evangelização de jovens



Sede do GPB Maria de Nazaré

UNIÃO ESPÍRITA JOÃO BATISTA

A União Espírita João Batista foi fundada em 23 de setembro de 1967 por João Antonio Ribeiro e vários companheiros seguidores da doutrina espírita. A essência da casa é o estudo da filosofia, da ciência e da religião, onde realizam-se atividades de evangelização doutrinária com base em Jesus. Dentro dos estudos de ciências, buscam promover reflexões sobre quem somos, sobre o ser humano e sobre os espíritos. Nos estudos de filosofia, buscam refletir sobre conceitos como liberdade, conhecimento, amor pelo saber, estudos dos questionamentos, ação e reação. Já no campo religioso, buscam refletir sobre o plano espiritual, o estudo da evolução do espírito e da matéria. Os estudos têm como fonte as cinco obras básicas de Allan Kardec, conhecidas como o Pentateuco Espírita. São elas: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Essas obras são consideradas a base da Codificação do Espiritismo e abordam diversos aspectos da doutrina, como a filosofia, a moral, a mediunidade e a relação entre os espíritos e os homens. Na casa, realizam-se muitos encontros de evangelização, seminários, palestras com outros grupos e comunidades. Às segundas e quintas-feiras, acontecem palestras sobre os ensinamentos de Jesus. Às terças-feiras, realizam-se estudos sobre religião, filosofia e acompanhamento psicossocial. Nas quartas, quintas e sextas-feiras, são promovidos trabalhos de passe, fluidoterapia e evangelização. A evangelização infantil, sob a coordenação da professora Monica Maria Barbeiro Mella, acontece às segundas e quintas-feiras durante as palestras. No plano social, promovem o acompanhamento de pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade. Entre os trabalhos realizados, destacam-se: o Bazar da Pechincha, a Sopa Fraterna aos sábados, o Diálogo Fraternal, os Samaritanos (visitas a pessoas enfermas da comunidade) e a Campanha da Pizza, cuja renda é revertida para a doação de cestas básicas ao longo do ano e, em especial, na época do Natal, quando são distribuídas, em média, entre 150 a 300 cestas, conforme o cadastro de prioridade. O Centro Espírita, além de ensinar a doutrina, procura atender a todos aqueles que, de certa forma, buscam conforto espiritual e material. Cabe ressaltar que a doutrina espírita ocupa um espaço significativo nesta região.

União Espírita João Batista.

Endereço: Rua Duque De Caxias, nº 54-50, Centro,
Palmeira d'Oeste/SP.

Um expoente, conhecido por sua dedicação a doutrina espírita e sua execução é o Sr. Olair Ângelo Rebelatto.



Olair Ângelo Rebelatto

Nascimento: 17/07/1939.

Natural de Itajobi/SP

Filiação:

- Pai: Afonso Rebelatto;

- Mãe: Amadora Rodrigues Rebelatto.

Cônjuges: Cleonice Vegro Rebelatto (in memorian) e Aparecida Donizete Talhari Hernandes.

Filhos: Silvia Helena Rebelatto Berne, Silvio Humberto Rebelatto e Olair Ângelo Rebelatto Junior.

O senhor Olair Ângelo Rebelatto chegou a Palmeira d'Oeste no ano de 1967, quando ingressou como professor lecionou por 30 anos até se aposentar. Passou a seguir os ensinamentos da Doutrina Espírita em 1977 e, a partir de então, realizou um trabalho magnífico junto à comunidade, durante o tempo em que foi presidente da União Espírita João Batista por diversas vezes.

Presidente atual: Marco Aurélio Fusco Garcia (atua como presidente a 07 meses e foi vice-presidente por 15 anos).

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Marco Aurélio Fusco Garcia

Nascimento: 07/10/1966.

Natural de São José do Rio Preto/SP.

Filiação:

- Pai: Miguel Garcia;

- Mãe: Marlene Fusco Garcia.

Cônjuge: Patrícia Nery Jorge Garcia

Filhos: Bruna Barbieri Garcia, Beatriz Barbieri Garcia, Murilo Henrique Jorge Garcia e Ana Laura Jorge Garcia.

Netos: Luiz Miguel Garcia Lima.



Evangelização das crianças



Sede da Associação Espírita João Batista

LAR DE AMPARO ESPERANÇA E RENOVAÇÃO DE DALAS

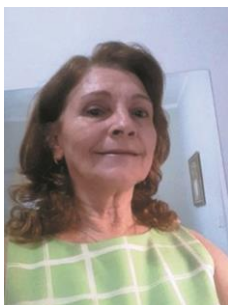
O Lar de Amparo Esperança e Renovação em Dalas nasceu por pedido da Espiritualidade, por meio da psicografia de Simone, Mentora Espiritual de dona Aparecida Donizete Talhari Hernandes, que solicitou que os irmãos terrenos tivessem um olhar atento para aquele distrito, que necessitava de mais atenção, principalmente para com as pessoas daquele lugar. Ela pediu para que fosse construído um local voltado para auxiliar, com respeito, todos os que se achegassem a adentrar aquele Lar. Foi então que, com a ajuda da população, o prédio foi construído e ficou pronto em 9 de agosto de 2020, durante a pandemia de COVID-19, sendo inaugurado oficialmente em 9 de setembro de 2024. Trata-se de um local ecumênico, não sendo uma casa que prega esta ou aquela religião, mas a boa nova cristã para todos. O objetivo é unir todas as religiões e todas as pessoas, sem nenhum preconceito de religião, raça, gênero, etc., onde é possível desenvolver projetos culturais, sociais e, principalmente, o acolhimento com a proposta de Nosso Senhor Jesus Cristo, tendo como base Seus ensinamentos: a Lei de amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como Ele nos ensinou. O Lar de Amparo realiza um trabalho de produção de pães caseiros, que são vendidos aos menos favorecidos financeiramente por preços simbólicos, permitindo que todos possam levar o seu pão para casa. Este projeto também foi pensado no crescimento daquele que compra o seu pão e se sente valorizado.

Endereço: Av. Vereador Narciso Gambarato nº 18-64, Dalas, Palmeira d'Oeste /SP.



Produção de pães

A presidente do Lar de Amparo Esperança e Renovação em Dalas é a senhora Aparecida Donizete Talhari Hernandes.



Aparecida Donizete Talhari Hernandes

Nascimento: 16/06/1956.

Natural de Mirassol/SP

Filiação

- Pai: José Talhari;

- Mãe: Anna Lopes Talhari.

Cônjuge: Olair Ângelo Rebelatto.

Filha: Simone Angélica Hernandes.

A Sra. Aparecida Donizete Talhari Hernandes, desde cedo, trabalhou com seus pais na lida cotidiana, estudou até a oitava série em Palmeira d'Oeste e concluiu o Ensino Médio através da aprovação nas provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Em seguida, formou-se em música. Sua vida religiosa foi marcada pelo espiritismo após o desencarne de sua única filha, **Simone Angélica Hernandes**, que faleceu aos 14 anos de idade. A partir de então, “Dona Aparecida”, acometida por fenômenos naturais que somente o espiritismo explica, passou a psicografar, tendo 10 livros publicados sob a égide de Simone. “Dona Aparecida Talhari”, seguindo os ditames da doutrina espírita, trabalha com psicografia mecânica, é palestrante em toda a região, professora de música e ministra aulas de violino, teclado, piano, violão e canto. Também é formada em Artes Cênicas e Terapia Quântica. Seu lema é: **“Fazer o bem sem olhar a quem.”**

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Livros publicados por Aparecida Donizete Talhari Hernandes



Construção do Lar de Amparo Esperança e Renovação em Dalas



Lar de Amparo Esperança e Renovação

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL EM PALMEIRA D'OESTE

A história religiosa de Palmeira d'Oeste/SP é um testemunho de como a fé e a cultura podem caminhar juntas na formação da identidade de um povo. Entre as expressões religiosas que marcaram a trajetória social e espiritual da cidade, destaca-se a presença da Congregação Cristã no Brasil (CCB), cuja atuação teve início na década de 1950 e se consolidou como parte significativa da vida comunitária local.

Origem da Congregação Cristã no Brasil: A Obra de Deus, conforme crida e professada pelos membros da Congregação Cristã no Brasil, teve início no país em junho de 1910, quando o missionário ítalo-americano, Louis Francescon, realizou os primeiros cultos pentecostais em Santo Antônio da Platina/PR e, logo depois, no bairro do Brás, em São Paulo/SP, sem qualquer denominação formal. Estes encontros tinham como único propósito a pregação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo a doutrina apostólica, tal como exposta nas Sagradas Escrituras. Posteriormente, com o crescimento dos membros e a necessidade de administração patrimonial, foi oficializado o seu Estatuto em 1931, atribuindo-se a denominação de Congregação Cristã do Brasil, posteriormente em 1962 alterada para Congregação Cristã no Brasil, constituída de número ilimitado de membros, sem distinção de sexo, nacionalidade, raça, ou cor, tendo por finalidade propagar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e o amor a Deus, tendo por cabeça só a Jesus Cristo e por guia o Espírito Santo (João, 16:13).

O Início do Trabalho Evangelístico em Palmeira d'Oeste/SP: Na cidade de Palmeira d'Oeste/SP, esse trabalho evangelístico teve início na década de 1950, em um contexto social marcado pela agricultura e por comunidades de forte identidade familiar e valores tradicionais. As primeiras reuniões de oração foram realizadas na chácara do irmão Vicente da Costa Lima, que também foi o primeiro Cooperador do Ofício Ministerial nesta localidade, atendendo aos primeiros cultos com simplicidade e dedicação. Em 1953, a irmandade local adquiriu um terreno na Rua Marechal Humberto Castelo Branco, e, entre 1955 e 1956, construiu uma modesta sala de madeira, onde passaram a ser realizados os cultos públicos. Com o contínuo crescimento dos membros, em 1958

iniciou-se a construção da primeira Casa de Oração em alvenaria, cuja inauguração se deu por volta de 1961, marcada por um culto com a participação de uma orquestra formada por 25 músicos, demonstrando que, desde então, a música tem desempenhado papel central na adoração e na cultura da irmandade.

O Papel Comunitário, Social e Cultural da Congregação: Ao longo de décadas, a Congregação Cristã no Brasil em Palmeira d'Oeste tem promovido não apenas o fortalecimento da fé, mas também o desenvolvimento de práticas que estimulam a solidariedade, a ética e o serviço voluntário.

As atividades da igreja, além de atenderem às necessidades espirituais, fomentaram:

A educação musical de crianças, jovens e adultos;

A prática de ações assistenciais internas e externas;

O fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários;

A valorização da música sacra como expressão de fé e cultura.

As Construções da Casa de Oração: Um Testemunho de Voluntariado e Fé: Tanto a primeira sala de madeira, quanto a segunda Casa de Oração em alvenaria, e posteriormente a terceira e atual Casa de Oração, foram construídas, em sua prevalência e maior parte, por meio de mão de obra voluntária, oferecida com amor, dedicação e espírito de serviço pela própria irmandade. Destaca-se, especialmente, que na mais recente edificação, iniciada em 19 de janeiro de 2015, consta que mais de 600 irmãos, provenientes de diversas localidades do Estado de São Paulo e até mesmo de outros Estados da Federação, participaram ativamente dos trabalhos, seja na construção civil, seja na logística de apoio, tudo de forma não remunerada, como é tradição na Congregação. A obra foi inteiramente financiada por ofertas voluntárias, sem qualquer espécie de financiamento ou dívida, demonstrando o profundo espírito de união e cooperação que caracteriza a irmandade local. A abertura oficial dessa nova Casa de Oração ocorreu em 07 de abril de 2018, em um culto de louvor e adoração à Deus.

A Música: Um Patrimônio de Fé e Cultura: Outro aspecto de notável relevância cultural é a orquestra sacra da Congregação Cristã no Brasil, reconhecida como a maior orquestra musical congregacional do mundo, estimada em mais de 500.000 músicos e organistas espalhados em diversos países. A formação desses

músicos se dá por meio de um sistema próprio de escolas musicais, mantidas internamente pela irmandade, onde instrutores voluntários, sem qualquer remuneração, dedicam-se ao ensino da teoria e prática musical, visando exclusivamente o louvor a Deus durante os cultos. Em Palmeira d'Oeste, a tradição musical também é forte e integra-se ao patrimônio cultural do município, envolvendo crianças, jovens e adultos na prática instrumental.

O Ministério Local: Dedicção e Continuidade: Atualmente, o Ministério da Congregação Cristã no Brasil em Palmeira d'Oeste é composto por irmãos que, em espírito de voluntariado e obediência à direção de Deus, têm dedicado suas vidas ao atendimento da Obra. Destaca-se que a cidade conta com um dos Anciãos mais antigos do Brasil ainda em pleno exercício do Ministério, o senhor José Cortez Sobrinho, atualmente com 92 anos de idade, ordenado em 12 de maio de 1974, o qual permanece ativo no cuidado e assistência espiritual da irmandade. Além dele, integram o Ministério local: Paulo Cezar Vilches de Almeida - Ancião; Pedro Rico Neto - Cooperador do Ofício Ministerial; Emerson Villas Boas - Diácono. Nenhum dos ofícios ministeriais é remunerado, em respeito ao princípio doutrinário que professam de que os servos de Deus repartem gratuitamente o que de graça receberam, servindo com dedicação e desprendimento, conforme a tradição que orienta a Congregação Cristã no Brasil desde os seus primórdios.

Conclusão: A história da Congregação Cristã no Brasil em Palmeira d'Oeste é, antes de tudo, uma história de fé, serviço voluntário e profundo compromisso espiritual. Ao longo de mais de sete décadas, a irmandade local tem mantido vivo o testemunho de uma fé ativa, baseada na oração, na caridade e na obediência aos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mais do que uma construção física ou uma organização religiosa, a CCB em Palmeira d'Oeste, representa um legado de valores espirituais, comunitários e culturais que continuam a enriquecer a história desta cidade.

Endereço: Rua Sylvio Paulo Lacativa Pozzetti, nº 60-21, Jardim Primavera, Palmeira d'Oeste/SP.



Ancião José Cortez Sobrinho

Nascimento: 10/12/1932.

Natural de Engenheiro Schimit/SP.

Filiação:

Pai: Joaquim Cortez;

Mãe: Tomasia Pinhel Vicente.

Cônjuge: Carmem Carmona Cortez.

Filhos: Mercedes Cortez, Elisabete Cortez, Dirceu Cortez, Helena Cortez, Sidnéia Cortez, José Cortez, Divaneia Cortez, Dovanildes Cortez, Rosinéia Cortez e Eder Cortez.

Histórico: Descendente de espanhóis, juntamente com seus pais, chegaram à Palmeira d'Oeste no ano de 1959, o senhor Joaquim Cortez comprou uma fazenda situada no Córrego da Laranjeira, onde derrubaram a mata, plantaram café, cereais, bem como pastagens para o gado. Foi ordenado Ancião da **Congregação Cristã no Brasil** em Palmeira d'Oeste no dia 12 de maio de 1974, cargo que ocupa até os dias atuais. A família Cortez é um exemplo de seguidores do cristianismo. Residindo em Palmeira d'Oeste há 65 anos, o senhor José Cortez recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Benemérito, dado aos serviços prestados à cidade e na região.



Casa de Oração em Palmeira d'Oeste



Primeira Casa de Oração, em alvenaria, de Palmeira d'Oeste



Congregação Cristã no Brasil de São Paulo (Bairro do Brás)

PARTE 5

ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

NOS TEMPOS DO EMBORNAL

As primeiras escolas de Palmeira d'Oeste surgiram ainda no tempo do patrimônio. Eram locais improvisados, e as professoras, geralmente voluntárias, eram filhas ou esposas dos pioneiros, que não mediam esforços para garantir as “primeiras letras” - leitura, escrita e aritmética - além de noções de moral e religião para as crianças do vilarejo recém-criado. No entanto, havia muitos desafios, como a resistência de algumas famílias mais pobres, que dependiam do trabalho infantil para a sobrevivência, e a falta de reconhecimento da escola como um meio de ascensão social, na época, já que o trabalho braçal era mais valorizado. Segundo Dona Iracema Cardoso Beltramini, as primeiras professoras da cidade foram: Irma Queda, Ruth Queda, Luzia Marchiori, Terezinha, Valdete, “Dona Dirce”, “Dona Aparecida”, Dinorá Valério, “Senhorinha”, Maria Elisa de Mendonça Vicente (a primeira com formação acadêmica), “Dona Dorothy”, Maria Helena, Conceição Gurian, Norma, Adalgisa, Francisca, Dona Adélcia Serapião, Derci. Nora Bombig, Florinda, “Dona Rose”; Os primeiros professores foram: Rubens, Antônio Gonçalves e Antônio Moratório. As aulas, em geral, eram realizadas com alunos de diferentes níveis de escolaridade, instruídos simultaneamente. Segundo relatos, as primeiras crianças foram alfabetizadas em um galpão na praça da matriz, que também servia como espaço para as reuniões dos moradores. Esse local ficava na Praça José Vicente Vicente, em frente ao que hoje são o Mercado Central e a Veterinária Montanari (Rua Brasil), o professor se chamava-se Pércio e vinha de outra cidade.



Com o passar do tempo, outros espaços foram sendo adaptados ou construídos para dar lugar às primeiras salas de aula. Segundo depoimento do senhor Darcy Diana foi construída uma sala com madeira no espaço onde atualmente é a praça José Fernando Chagas (“Praçinha do Orestes”). Esses locais foram muito uteis para que as crianças fossem alfabetizadas, mesmo que em instalações simples.

GRUPO ESCOLAR DE PALMEIRA D’OESTE

No ano de 1957 foi construído o primeiro espaço oficial destinado à educação: o “Grupo Escolar”, que estava localizado no terreno onde, atualmente, se encontra a quadra coberta da E.E. Orestes Ferreira de Toledo.



Grupo Escolar de Palmeira d’Oeste, inaugurado no ano de 1957

O Grupo Escolar de Palmeira d’Oeste foi importante para o ensino fundamental da cidade, inaugurado em 18 de fevereiro de 1957, por meio do Ato de 21/01/1956. Inicialmente, a escola funcionava na Rua Brasil, s/n, e atendia a 225 alunos, sendo 124 meninos e 101 meninas, com uma média de 45 alunos por classe.

O horário de funcionamento era dividido da seguinte forma:

- Das 7:45 às 10:45: 2 classes;
- Das 11:00 às 14:00: 1 classe;
- Das 14:15 às 17:15: 2 classes;
- Período noturno, 1 classe.

No entanto, o prédio da escola possuía apenas duas salas de aula, o que exigia esse esquema de turnos alternados. A instituição foi formada pela anexação de outras escolas primárias e classes já existentes na época, como:

- 1ª classe mista: Regida pela professora Maria Elisa de Mendonça;
- 2ª classe mista: Regida pela professora Luzia Marchiori;
- 3ª classe mista: Regida pela professora Irma Queda;
- Escola masculina: Regida pela professora Ivonete Amaral da Silva Rosa.

A diretora interina era Maria Eliza de Mendonça Vicente, e a escola contava com diversos professores: Terezinha Neide Beschiga, Luzia Marchiori, Neyde de Lázari, e Irma Queda, entre outros. As substitutas eram: Dercy da Silva Carramona, Ruth Queda, Elman Regatiéri, Maria Izabel de Oliveira, Ana de Souza, Onofre Soares da Silva, Iracema Martins, e Napoleão Pinto Gomes.

O Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste representou um marco importante na história da educação local, atendendo às crescentes demandas de instrução da população. Com o crescimento de Palmeira d'Oeste, que se tornou município em 1958 e comarca em 1963, a procura por vagas na escola aumentou consideravelmente. Para suprir a demanda, moradores da cidade, como o senhor João Gurian, Antonio Biscassi, e Massuyama, contribuíram de forma significativa, doando tijolos, madeira de suas serrarias, e até mesmo carregando materiais com suas próprias mãos, o que possibilitou a construção de uma nova sala de aula. Posteriormente, a Prefeitura Municipal construiu a quarta sala de aula.

No início da década de 1970 o espaço do “GESP” (Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste) se tornou insuficiente. Nesse momento já foi construído um novo prédio escolar na Rua Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, (Prédio da E.E. Orestes Ferreira de Toledo), com espaço físico de 19 salas de aula e demais dependências, quando a demanda era de 29 classes de 1ª a 4ª séries somando 1032 alunos sem oferta de pré- escola. Pessoas de visão perceberam que o pioneiro Grupo Escolar já não era suficiente, sendo necessário implantar o grau de ensino seguinte, o Ginásio, a partir de então passamos a ter em um único prédio, dois estabelecimentos de ensino. Em 1973, a escola perdeu, em um trágico acidente, o professor, Disney Antonio Monzani, um dos seus mais queridos e competentes mestres. Em sua homenagem, dois anos depois, pela Lei 718/75, o Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste passou a se chamar EE Prof. Disney Antonio Monzani. O Grupo Escolar foi a origem de duas importantes escolas da cidade: a EM

Disnei Antonio Monzani e a EE Orestes Ferreira de Toledo, cujas histórias serão abordadas separadamente neste livro.

AS ESCOLAS RURAIS

As escolas rurais no passado desempenharam um papel fundamental na interiorização da educação e cultura, especialmente em locais onde o acesso à escola era limitado. Elas foram importantes para a formação de cidadãos e para a manutenção da identidade cultural das comunidades rurais, além de contribuírem para a valorização do trabalho no campo e para a fixação das famílias na região. As escolas rurais foram a única opção de educação para muitas crianças e jovens do campo, permitindo que tivessem acesso a conhecimentos básicos e se alfabetizassem, mesmo com as dificuldades de deslocamento e a distância dos centros urbanos. As escolas rurais não apenas ensinavam conteúdos curriculares, mas também transmitiam valores, costumes, noções de higiene e a identidade da cultura local, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes de sua realidade e de seu papel na sociedade, como a valorização do trabalho rural e a fixação das famílias no campo. As escolas rurais atuavam como centros de preservação da cultura local, promovendo atividades culturais, festas e eventos que celebravam as tradições e costumes da região. As escolas rurais também eram espaços de integração social, onde crianças e jovens de diferentes famílias e comunidades se encontravam, interagiam e aprendiam uns com os outros, fortalecendo os laços sociais e comunitários. Muitas escolas rurais enfrentavam desafios como falta de infraestrutura adequada, muitas eram de madeira com assoalho de cimento, os materiais didáticos eram insuficientes, os uniformes confeccionados pelos familiares. Conta-se em depoimentos cedidos por antigos moradores, de que os pais dos alunos construíam suas carteiras e cadeiras com madeira local, não havia merenda escolar, quase sempre era uma única sala de aula que abrigava alunos de várias idades e séries, todos sob a orientação de um único professor, os banheiros eram improvisados e mistos e os estudantes chegavam à escola caminhando por estradas, as vezes estreitas, abrindo porteiros, se dirigiam a pé e raramente a cavalo ou charretes. Também as professoras muitas vezes moradoras na zona urbana usavam esses meios para chegar até seus locais de trabalho.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

Vários bairros rurais em Palmeira d'Oeste, um total de vinte e dois, tiveram ao longo de sua história as chamadas escolas isoladas para atender as crianças da localidade, entre eles: Canguçu, Anta, Azém, Macumã, Santa Maria, Jaguará, Santana, Espírito Santo, Monte Verde, Cavaco, Banhado, Laranjeira, Cortez, Santo Antônio (Peresi), Jaguari, Cervo, Barro Preto, Sucuri, Cacic, Dr. Diógenes, Cabrera e Distrito de Dalas.



Nas três fotos, alunos da Fazenda Cacic, década de 1950



Escola fazenda Cacic, década de 1970



Escola do Bairro do Espírito Santo, década de 1970

EM PROFESSOR DISNEI ANTÔNIO MONZANI

A EM Professor Disney Antonio Monzani é uma escola pública municipal em Palmeira d'Oeste/SP. Nessa instituição de ensino de educação básica é oferecido apenas da etapa de formação de Ensino Fundamental. Esta unidade escolar que hoje se denomina EM Prof. Disney Antonio Monzani, foi criada em 1957, pequena, humilde, quando ruas e avenidas poeirentas ou barrentas ainda não contavam com o asfalto e calçadas, e tem suas origens no antigo Grupo Escolar, cuja construção iniciou-se em 21 de janeiro de 1956 e sua inauguração, em 18 de fevereiro de 1957, localizado no terreno onde, atualmente, se encontra a quadra coberta da E.E. Orestes Ferreira de Toledo. O Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste foi uma importante instituição de ensino fundamental da cidade e atendia a 225 alunos no ano de sua fundação, funcionava em três turnos pois o espaço físico era de apenas duas salas de aula. Este estabelecimento de ensino representou um marco importante na história da educação local, buscando atender às crescentes demandas de instrução da população. Com o crescimento de Palmeira d'Oeste, a procura por vagas na escola aumentou consideravelmente até que no início da década de 1970 o espaço do Grupo Escolar se tornou insuficiente. Nesse momento foi construído um novo prédio escolar na Rua Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, (Prédio da E.E. Orestes Ferreira de Toledo), com espaço físico de 19 salas de aula e demais dependências onde funcionavam 29 classes de 1ª a 4ª séries somando 1032 alunos. Em 1973, a escola perdeu, em um trágico acidente, o professor, Disney Antonio Monzani, um dos seus mais queridos e competentes mestres, cuja vida foi mesclada de amor, dedicação e entusiasmo à causa do ensino. Em sua homenagem, dois anos depois, pela Lei 718/75, o Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste passou a se chamar EE Prof. Disney Antonio Monzani. No mandato do prefeito Sylvio Paulo Lacativa Pozzetti (1973 a 1976), a prefeitura municipal realizou a doação do terreno para a construção da Escola Disney Antônio Monzani, sendo iniciada às obras até que no segundo mandato do prefeito Baptista Alvares Campos, de 1977 a 1982, a o prédio foi inaugurado e passou a funcionar na localidade que se encontra atualmente, na rua Papa Joao XXIII, 5351, oferecendo de 1º a 4ª séries do Ensino Primário e de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

Havia uma certa demarcação para efetuar as matrículas, tendo o Ginásio de Esportes como referência, os estudantes que moravam da entrada da cidade até ele, faziam o Ensino Fundamental na EM Disney Antonio Monzani, já os que residiam do Ginásio até o outro lado da cidade rumo até onde atualmente é o prédio da APAE, estudavam na E.E.P.S.G. Orestes Ferreira de Toledo. No ano de 1996 a Secretária Estadual de Educação, Rose Neubauer, organizou uma reforma no ensino do Estado de São Paulo. As escolas foram reorganizadas para atender os níveis escolares divididos em: Educação Básica, que inclui Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, desta maneira, a EE Disney Antonio Monzani ficou responsável apenas pela etapa de formação de Ensino Fundamental I (1º a 4ª séries), sendo posteriormente modificado para abranger do 1º ao 5º ano, atendendo crianças de 6 a 10 anos de idade. Essa primeira etapa do Ensino Fundamental tem como objetivo a alfabetização e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a continuidade dos estudos. No ano de 2010 a Escola Disney Antonio Monzani através de um acordo firmado entre a Prefeitura Municipal e o governo do estado de São Paulo, aderiu ao projeto de municipalização do ensino fundamental que visa transferir a responsabilidade pela gestão e oferta desse nível de ensino dos estados para os municípios. Essa transferência tem por objetivo envolver a gestão de escolas, professores, recursos financeiros e materiais, com o objetivo de aproximar a gestão da educação das necessidades locais e promover uma gestão mais eficiente. Em 2019 o prédio passou por uma reforma geral, fazendo as adequações necessárias para garantir acessibilidade aos portadores de deficiência. A escola atende atualmente 364 estudantes, uma clientela que reside na Zona Urbana e Zona Rural.

Endereço: Avenida Papa Joao XXIII, nº 5351, Jardim Boa Vista, Palmeira d'Oeste/SP.

EM Professor Disney
Antonio Monzani
(1977).



O PATRONO



Disnei Antonio Monzani

Nascimento: 27 de julho de 1943.

Natural de Olímpia/SP.

Pais: Marcelo Monzani e Rosalina de Souza Monzani.

Cônjuge: Neuza Nancy Garcia Monzani.

Filhas: Claudia Nancy Monzani e Adriana Cibele Monzani Nora.

Histórico: Estudou na Escola Normal Livre Nossa Senhora da Conceição, em Olímpia/SP, sendo diplomado em 20 de dezembro de 1962. Ingressou como professor em 16 de fevereiro de 1967 no Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste, era um professor idealista, exigente e amado pelos alunos que sabiam que podiam encontrar nele um ponto de apoio quando necessitassem, sempre defendendo os direitos dos estudantes. Era alegre, comunicativo, não temia as dificuldades da profissão, sempre estava presente nas atividades realizadas em benefício da escola, fosse angariando contribuições pelas ruas, carregando, mesas e cadeiras e trabalhando de garçom nas quermesses. Não sabia dizer não, quando os benefícios eram para os alunos e para a escola. Segundo relatos, era um ótimo amigo e colega de profissão, sabia ouvir e partilhar consigo os problemas do outros Apaixonado por futebol, assim que chegou à nossa cidade passou a fazer parte do Clube Atlético Juvenil, naquela época dirigido pelo professor Jesus Claudio Machado (“Prof. Rui”). O jovem Disnei foi o destaque no campeonato daquele ano e com seus gols venceu a equipe do Macumã fazendo com que seu time fosse o campeão, daí para a frente e na sequência, foi a glória do Cruzeiro Esporte Clube de nossa cidade.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

O professor Disney Antonio Monzani era ótimo também no futebol de salão, nessa época foram seu parceiros: Bombig, Zé Luis, Jesus Pagnossim, Felício, Olair, Bisseli, Arnaldo, Vivaldo, Rui, Iuca, Zanuto, Clovis Terêncio, Tanaka, Sylvio, Benatti, Dinho, Dair, Dalvo, Pajé, Divo, Mínguito, Roberto, Osmar, Arai, entre outros. Durante uma partida Disney machucou-se, não poderia mais entrar em campo, porém, não abandonou o esporte, tornou-se técnico do Cruzeiro Esporte Clube. Esse futebol que ele tanto amava ceifou sua vida. Era uma terça-feira, 18 de dezembro de 1973, a equipe voltava de um jogo em Nova Lusitânia quando sofreu um grave acidente automobilístico, o Professor Disney faleceu aos 30 anos de idade. Em sua homenagem, dois anos depois, pela Lei 718/75, o Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste passou a se chamar EE Prof. Disney Antonio Monzani.



EM Professor Disney Antonio Monzani (2025)

EE ORESTES FERREIRA DE TOLEDO

Em um município em ascensão, com acelerado crescimento e aumento significativo da população, já vislumbrando um futuro promissor para crianças e jovens, surge a necessidade da ampliação do atendimento educacional, bem como inicia-se a migração de professores e outros profissionais da educação para esse município em busca de trabalho. No ano de 1964, a *Lei n.º 8.225*, de 8 de julho de 1964, criou o Ginásio Estadual “**Orestes Ferreira de Toledo**”, cuja instalação foi autorizada nove meses depois, pela *Portaria n.º 16/04*, de 1º de abril de 1965. Sua inauguração deu-se em 12 de abril de 1965, durante a administração do então prefeito Francisco Garcia Otarola. O prédio, teve sua construção iniciada na gestão do governador Carvalho Pinto (de 1959 a 1963), sendo entregue à comunidade no governo seguinte, de Abreu Sodré, cuja gestão deu-se entre 1967 e 1971. A empresa responsável pela construção foi a “Pérola” da cidade de Birigui. O Ginásio Estadual, atendia estudantes nos três períodos, com salas abarrotadas e, por décadas, esse cenário educacional se manteve, suprimindo as necessidades da população palmeirense, que contava com uma população bem superior a atual. Existem especulações acerca da construção. De acordo com prosas da época, a planta baixa não seria aqui construída e sim, na cidade de Santos, litoral paulista, mas que, por um descuido dos responsáveis, foi construída no município de Palmeira d’Oeste. É importante esclarecer que não há comprovações do fato até o momento. Convém, no entanto, salientar, que o investimento na construção do prédio escolar, veio colaborar com a expansão das oportunidades de estudo dos munícipes, assim como, veio fomentar o desenvolvimento econômico e social do município, com o processo migratório de outros profissionais que vislumbravam novos horizontes comerciais. De 1965 a 1970, o Ginásio Estadual funcionou nas dependências do *Colégio Comercial de Palmeira d’Oeste*, cedido pelos proprietários, o Sr. Francisco Augusto Cezar Serapião, então professor, e sua esposa Adelcia Serapião. Em 10 de março de 1971, passou a funcionar no prédio atual, onde já funcionava o Grupo Escolar de Palmeira d’Oeste. O Ginásio Estadual foi transformado em Colégio Secundário, por disposição do *Decreto n.º 52.645*, de 4 de fevereiro de 1971, sendo que o curso colegial, hoje denominado Ensino Médio, foi autorizado pela *Resolução SE de 15 de março de*

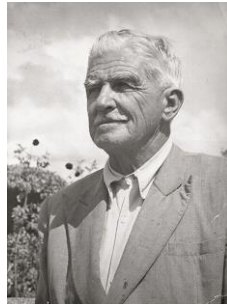
1971. Houve então uma mudança na denominação de Ginásio Estadual para Colégio Estadual “Orestes Ferreira de Toledo”. A denominação “Orestes Ferreira de Toledo”, deu-se em homenagem ao agrimensor, responsável por demarcar as terras oriundas do patrimônio denominado Palmeira d’Oeste, pessoa ilustre na cidade. De 1971 a 1975, o Colégio Estadual “Orestes Ferreira de Toledo” e o Grupo Escolar de Palmeira d’Oeste compartilharam o mesmo prédio. A *Resolução SE n.º 22*, de 26 de janeiro de 1976, com fundamento no *Decreto n.º 7.400*, de 30 de dezembro de 1975, e considerando o disposto no *Plano Estadual* de implantação da Lei Federal n.º 5.692/ 1971, alterou a denominação de Colégio Estadual para Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Orestes Ferreira de Toledo”, transformando o primário e o ginásial em curso de 1º Grau e o colegial em curso de 2º Grau. A partir de 1984, a Escola Estadual passou a oferecer a habilitação de 2º Grau para o Magistério, curso que funcionou até 1997, cuja abertura ofereceu a oportunidade, a muitas pessoas de tornarem-se professores, emergindo um processo de formação de grandes grupos, formados por alunos do município e de municípios vizinhos, como Marinópolis e Aparecida d’Oeste. A implantação do curso de Magistério, oferecido no município foi marcada pela formação de grandes profissionais, que até os tempos atuais, são destaques na atuação em salas de aula e na gestão de escolas. Esse polo fértil foi um marco na formação de profissionais que se espalharam pelo estado de São Paulo e outros estados. A educação que já teve objetivos técnicos, profissionalizantes, atualmente, passa por processos de mudanças, se reinventando, se reorganizando e sempre buscando atender o alunado, com educação de qualidade, a preparação para o mundo do trabalho e o exercício pleno de cidadania. Durante toda a sua existência, essa instituição de ensino coleciona grandes resultados na formação básica de seus alunos, que, preparados, ingressam em grandes universidades, se tornando profissionais competentes e respeitados. Há sete anos, a instituição de ensino é dirigida pela diretora de escola, Sandra Regina Rosa, que reside no município desde o ano de 1996, iniciando a sua trajetória profissional como efetiva na rede municipal de ensino deste município em 1998, como PEB I. Passou a atuar na Rede Estadual de Ensino de São Paulo, no ano de 2006, quando assumiu seu cargo em Santa Isabel/SP, retornando para Palmeira d’Oeste, no

ano de 2007, acumulando os cargos de professora efetiva da rede estadual e municipal de ensino. Em 2018, aprovada em concurso público, passou a atuar como diretora de escola e após curto período fora do município, foi agraciada e por remoção, em julho de 2018, pôde voltar e assumir a direção da Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo. Ao longo de sua existência a E.E. Orestes Ferreira de Toledo aderiu aos principais projetos educacionais do estado de São Paulo, tais como: Projeto Educacional "Escola Padrão", abrangendo o Ensino Fundamental e Médio, com o propósito de recuperar o padrão de qualidade do ensino nas escolas públicas, modernizar a escola pública e incorporar novas tecnologias educacionais; Programa Escola de Tempo Integral (ETI) implementado pelo governo do estado de São Paulo que visava ampliar a jornada escolar para promover a educação integral dos alunos; e o Programa Ensino Integral (PEI) que visa promover um modelo pedagógico e de gestão mais completo, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação pública, com foco na ampliação do tempo de permanência dos alunos na escola e no desenvolvimento integral dos estudantes. Em 2020, após reunião de consulta com a comunidade escolar para a apresentação da proposta de transformar a Escola Regular, em escola do Programa de Ensino Integral, a comunidade aprovou a proposta de adesão ao *Programa de Ensino Integral* (PEI), turno de 9 horas, que foi implantado a partir de 2021. Atualmente, estão matriculados 244 alunos no segmento de anos finais do Ensino Fundamental, agrupados em nove classes de 6º a 9º anos. Outros 138 alunos cursam o Ensino Médio, distribuídos em seis classes instaladas, também no período diurno. Com a implantação do Programa de Ensino Integral, os alunos matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio têm tido participações altamente meritórias em concursos de conhecimentos, alcançando classificações de destaque, tanto no âmbito regional como no estadual. Os estudantes concluintes do Ensino Médio têm conseguido ingressar em cursos superiores de faculdades públicas, mantendo a tradição dessa instituição, que busca cumprir sua missão com responsabilidade e compromisso com uma educação de qualidade, minimizadora de desigualdades sociais, na busca de uma sociedade mais igualitária, empática e ética.

Na proposição e realização de todas as suas atividades a escola tem buscado o estreitamento de relações positivas com a comunidade escolar através da gestão democrática das decisões e desenvolver o protagonismo e a autonomia de seus estudantes, para isso conta com os Colegiados Escolares, que participam ativamente das decisões na identificação das dificuldades, propondo soluções, auxiliando na tomada de decisões sobre questões pedagógicas (Conselho de Classe/série/ano); na deliberação de questões político-pedagógicas, administrativas e financeiras; na aprovação do projeto pedagógico da escola; no acompanhamento da execução do plano de ação e na análise de questões encaminhadas pelos diversos segmentos da escola (Conselho de Escola); na representação dos estudantes e seus interesses dentro da escola, promovendo atividades culturais, esportivas e sociais (Grêmio Estudantil); e, no apoio financeiro à escola, na organização de eventos e atividades, e na defesa dos interesses da comunidade escolar (APM). A participação nos colegiados escolares fortalece a gestão democrática da escola, permitindo que todos os segmentos da comunidade escolar tenham voz e participem das decisões. A descentralização da tomada de decisões e a execução das ações, com a participação de todos, contribui para a formação de cidadãos críticos e participativos almejando uma sociedade mais justa e de igualdade de oportunidades para todos. Durante seis décadas algumas mudanças ocorreram, mas aqui ainda podemos ver o imponente prédio, com sua planta original mantida, com poucas alterações, que foram necessárias para o melhor atendimento dos alunos. Foram 60 anos cumprindo sua missão e na memória de alunos, professores, gestores e funcionários, muitas histórias poderiam ser contadas e dentre essas lembranças os grandes eventos que esse espaço sediou. A fanfarra com suas bailarinas e lindas acrobacias. A montagem de lindos carros alegóricos, que desfilavam imponentes, seguidos de alas coloridas, cujos personagens principais, eram eles, os alunos dessa instituição de ensino. E como não lembrar das grandes gincanas culturais, com muito conhecimento construído, em pesquisas realizadas em livros e nas coleções conhecidas como Barsa, nas bibliotecas. A biblioteca da escola com poucas obras e a biblioteca municipal. Essas gincanas culminaram em uma grande festa e uma disputa acirrada entre as equipes.

E ainda no campo das lembranças, o Bon Odori, festa tradicional, realizada na quadra da Escola Orestes oportunizando à comunidade local o contato com a cultura japonesa. Um espaço de educação e cultura, a 60 anos cumprindo a sua missão. Em 2025 a EE. Orestes Ferreira de Toledo, completa 60 anos de existência e durante seis décadas, essa instituição de ensino tem buscado incessantemente cumprir seus objetivos educacionais na promoção de uma educação de qualidade, no desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os para a vida em sociedade e para o mercado de trabalho, investindo na formação de cidadãos críticos e participativos, capazes de atuar de forma sustentável no mundo em que vivem. Para isso, é imprescindível ações que promovam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional, físico e ético dos estudantes, de forma que construam um projeto de vida pessoal sólido e promissor.

O PATRONO



Orestes Ferreira de Toledo

Orestes Ferreira de Toledo, nasceu em 29 de outubro de 1887, em Itajobi/SP, em uma fazenda de nome Aroeira. Filho de Francisco Orestes Ferreira e Ana Francisca de Toledo, cuja família pertenceu aos primeiros desbravadores daquela região do estado. Desde criança, revelou-se inteligente e dinâmico. Autodidata, mesmo não frequentando a escola por muito tempo, interessava-se por todo tipo de assunto, como Política, Poesia, Literatura, História, Geografia, Ciências e outros. Em um dos escritos a seu respeito, foi considerado repentista, poeta, revelando acentuado lirismo e amor à terra e as gentes do interior. Homem justo e dotado de grande senso de solidariedade humana, procurava corrigir injustiças, amparar os fracos, socorrer os pobres e acalmar os aflitos, aconselhando e

orientando sobre negócios, problemas familiares ou questões jurídicas. Conta-se que certa vez, um amigo estava acometido de lepra, excluído por todos. Viu em Orestes o único amparo, que lhe construiu uma cabana de madeira, levava-lhe refeições, fazia-lhe a barba e cortava -lhe o cabelo. O senhor Orestes casou-se em 25 de outubro de 1913 com a prima Maria Machado Ferreira, tendo com a mesma o total de dez filhos. O sogro e tio, Antonio Casimiro Machado foi o fundador da cidade de Itajobi. Tornou-se proprietário rural e dedicou-se a criação de gado. Em 1928, Orestes ingressou na política, tornando-se o chefe político daquela região, participou de convenções e encontros na capital paulista, despertando admiração por sua facilidade de comunicação. Com a Revolução Constitucionalista de 1932, realizou campanhas para angariar fundos e alistou-se como voluntário no combate, dispensando honrarias. Foi vereador e prefeito em sua cidade natal por diversas vezes, sempre acompanhando os movimentos regionais e nacionais que visavam o desenvolvimento do país. Em 1939, resolveu dedicar-se a topografia, ofício que aprendera na juventude com seu cunhado, o engenheiro José Rafael Pero. Após ter vendido suas propriedades e, a convite de seu compadre e amigo Joaquim Moreira Lima Filho, embrenhou-se no sertão da alta Araraquarense, a fim de lotear 12 mil alqueires de terras pertencentes à família Moreira. O senhor Orestes trabalhou como agrimensor, mediu as glebas, localizou os córregos. Em uma das glebas, contratado por seu proprietário (Thomaz Vicente Vicente), delimitou as quadras, nomeou as ruas e avenidas e sugeriu o nome do novo povoado que surgia, Palmeira d'Oeste.

Trabalhou arduamente, passou privações e conseguiu adquirir, na região loteada, uma gleba de terra ainda não desbravada, a qual deu o nome de Paciência, devido às dificuldades enfrentadas. Em 1945, vendida essa gleba, mudou-se para Jales/SP, onde comprou uma fazenda de nome Sossego e, na época, tornou-se amigo de Euphly Jales. Incentivado por amigos, volta à vida política, em 1952, traçando estradas e criando o Grupo Escolar de Pontalina/SP. Em 1951, perdeu a esposa, que deixou sete filhos formados, sendo cinco professoras. Em 22 de agosto de 1963, faleceu, após uma vida de dedicação, bondade e trabalho, sendo sepultado no cemitério de Araçá, ao lado da esposa em São Paulo/SP.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Construção do prédio



Professor Roberto Benati em apresentação de alunos (1974)



Gincana com os alunos (1976)



Frente da EE Orestes Ferreira de Toledo (2025)

EMEI MINERVINA BÁRBARA CARDOSO

As Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) desempenham um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, oferecendo um ambiente seguro e acolhedor para o aprendizado e a socialização. Elas representam o primeiro contato da criança com a educação formal, marcando o início de sua jornada escolar e promovendo o desenvolvimento da autonomia e da convivência social. Essa rotina estruturada permite que as crianças se sintam seguras, ao mesmo tempo que desenvolvem autonomia, aprendendo e explorando o mundo ao seu redor. Em 1996, durante o mandato do prefeito Francisco Botelho Mendonça, foi criada a EMEI Docinho de Coco, em Palmeira d'Oeste, sob a coordenação da professora Amagali Bressanin. De forma criativa, ela proporcionou às professoras um trabalho focado no estímulo à imaginação e à curiosidade, para que as crianças se sentissem felizes e motivadas a aprender. As professoras dessa primeira turma foram: Rosely Fernandes Pelicho Capobianco, Aparecida Antonia Godareli Lopes, Zuleica Alvares Urdiales, Solange Aparecida Fernandes de Almeida Rodrigues, Rosângela Previato, Lucilena Cardoso Borges e Magali Mura. Em 1997, com a troca de prefeito, após a posse de João Farias Gonçalves, as aulas começaram com uma nova coordenação, sob a direção da professora Marilde Murzani Teixeira Santiago. Ela se efetivou no cargo após concurso público, colaborando para a contratação de mais professores e a oferta de novas vagas. Posteriormente, diversas outras diretoras assumiram a gestão da escola até os dias atuais: Brasiliana Giovanini, Rosely Fernandes Pelicho Capobianco e Mileide Borges Januario. Nos primeiros anos, a EMEI Docinho de Coco se destacou pela abordagem inovadora e criativa no ensino, criando um ambiente estimulante e seguro para que as crianças pudessem aprender e se desenvolver. A equipe de professores e funcionários trabalhou com empenho para criar um currículo que atendesse às necessidades específicas das crianças, incentivando o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Em 1999, durante a gestão do prefeito João Farias Gonçalves, a escola passou por uma mudança significativa: seu nome foi alterado para EMEI Minervina Bárbara Cardoso. Essa mudança refletiu o compromisso da instituição em homenagear e preservar a história e a cultura local, mantendo o foco na educação de excelência. Ao longo dos anos, a

EMEI Minervina Bárbara Cardoso se modernizou e se dedicou a proporcionar uma educação que não só prepara as crianças para o futuro, mas também as ajuda a se tornarem cidadãos conscientes e responsáveis. Com uma abordagem centrada na criança, a escola busca fomentar a curiosidade, a criatividade e o amor pelo aprendizado. Atualmente, a EMEI Minervina Bárbara Cardoso é uma referência na comunidade, conhecida por sua dedicação e compromisso com a educação infantil. A história da escola é um testemunho da importância da educação na formação das futuras gerações e do impacto positivo que uma instituição pode ter na vida das pessoas. Ao longo de sua trajetória, a EMEI contou com diversos professores de excelência, entre os quais destacamos: Márcia Ismalci, Viviane, Rosângela, Sandra Cabelo, Roseli Canova, Cristiane Boiate, Inês Palata, Lucilena Borges, Márcia Beraldo, Débora, Romano, Marilza de Mori Ponce, Elza Meirelles Dalpozo, Maria Regina, Claudete, Brasiliana, Elizabete de Jesus, Suzane, Amanda, Carlos, Elton, Nilda, Floriano, Claudia Machuca, Andreza, Liliane, Mileide, Elizabete Roncador, Sandra Rosa, Elaine, Angela Caron, Daniela, entre muitos outros, que desempenharam um papel fundamental na formação das crianças de nossa cidade. Também não podemos deixar de lembrar dos funcionários que contribuíram e continuam contribuindo para a formação dos pequenos, como: Sidneia, Joana, Aparecida Felício, Lola, Dolores, Neide, Cidinha, Andréia, Célia Hidalgo, Josélia, Geisa, Sueli, João, Uelinton, Célia, Adriano, Milene, Maria Virtrude, entre muitos outros, que sempre contribuíram para o bem-estar das crianças, que são a garantia do nosso futuro. No início, a escola contava com quatro salas de aula, número que foi aumentando ao longo dos anos. Hoje, a EMEI possui oito salas de aula, sendo cinco para atividades regulares, duas de descanso para os alunos do período integral (em que ficam das 7h às 16h) e uma biblioteca, que funciona em dois turnos. A escola conta com 14 professores, 123 alunos matriculados, uma diretora, uma coordenadora e 10 funcionários. A EMEI Minervina Bárbara Cardoso atendeu mais de 6.000 alunos ao longo dos anos. Mais do que uma escola, é uma verdadeira família que se dedica a formar cidadãos conscientes e responsáveis. A instituição tem se comprometido a oferecer uma educação de qualidade, que não apenas prepara as crianças para o futuro, mas também as ajuda a se

tornarem seres humanos melhores. Com a dedicação de seus professores e funcionários, a escola continua sendo um lugar onde as crianças podem aprender, crescer e se desenvolver de forma integral. A história da EMEI Minervina Bárbara Cardoso é um testemunho da importância da educação na formação das futuras gerações e do impacto positivo que uma instituição pode ter na vida das pessoas.

A escola infantil está localizada na Rua José Morato de Toledo nº 44-83, Centro - Palmeira d'Oeste /SP.

A PATRONA



Minervina Bárbara Cardoso

Nascimento: 14/12/1904.

Natural de Olímpia/SP.

Filiação:

Pai: Rogério Gonçalves da Silva, natural de Santo Antônio do Monte/MG.

Mãe: Ana Bárbara de Jesus (filha de índios) natural de Airuoca/MG.

Cônjuges:

1º casamento: Antonio Belucio, 2º casamento: Liovergílio Francisco Cardoso.

Filhos:

1º casamento: Lucia Belucio Leite, Alzira Belucio Coporaline, Belarica Belucio Gormini.

2º casamento: Otaviano Cardoso da Silva, Argentina Cardoso da Silva Borges, Dolerina Cardoso de Paula, Durcelina Cardoso de Paula, Iracema da Silva Beltramini.

“Dona Minervina”, doméstica, sem estudo nenhum, porém, muito inteligente, casou-se com um membro da família Belucio, donos de muitas terras na região de Palestina/SP e Nova Granada/SP. Ficou viúva precocemente e com três filhas ainda pequenas. Herdou uma fazenda de 140 alqueires, e tornou-se uma fazendeira próspera. Minervina, viúva, contraiu seu segundo matrimônio aos 29 anos de idade com Liovergílio Francisco Cardoso, rapaz solteiro e muito bem relacionado na sociedade da cidade de Palestina/SP. Liovergílio, passou a ajudá-la na administração e nos trabalhos da fazenda em Palestina/SP. No ano de 1940 decidiram buscar terras novas que proporcionassem melhor produtividade. Em lombo de mulas, aventuraram-se pelas estradas de terras e picadas no meio das matas. Passaram por muitas dificuldades, dormiam ao relento, tomavam banho nós córregos...

Chegaram à vila de Jales e seguiram em frente, rumo à Fazenda Palmital, pelas picadas no meio da mata, passaram pela vila de Palmeira d’Oeste e foram até a vila Moreira (vila que não prosperou) hoje município de Marinópolis. Acabaram fixando residência em Palmeira d’Oeste no ano de 1944.



CRECHE MENINO JESUS E CRECHE ESCOLA SIRLEI DIAS ALVES

No passado, as creches no interior tinham uma importância crucial, principalmente para famílias de baixa renda, atuando como um espaço de cuidado, seguro e proteção para crianças enquanto seus pais trabalhavam especialmente em áreas rurais. Além disso, as creches eram vistas como locais de socialização e desenvolvimento para a criança desenvolver habilidades sociais e emocionais, além de receber estímulos para o desenvolvimento cognitivo. Foi por iniciativa do prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler, que esteve à frente do executivo entre 1983 e 1988, que foi instalada a primeira creche em Palmeira d'Oeste. Foi assim que em junho de 1983 foi inaugurada a Creche Menino Jesus de Palmeira d'Oeste. Funcionou, primeiramente, em uma casa localizada à Avenida Doutor Francisco Félix Mendonça, 51-45. Atendia 40 crianças, de zero a sete anos, em regime de semi-internato, os custos eram todos mantidos pela Prefeitura Municipal e alguns convênios estaduais, e estava sobre a coordenação da professora Silvia Regina Rubio. No dia 13 de dezembro de 1986 foi inaugurada, ainda na gestão do prefeito Hélio Ponce, o prédio próprio para a Creche Menino Jesus, na Avenida Getúlio Vargas, 49-76 e ali funcionou até 2016. Em sua nova sede, a creche passou a atender 120 crianças, com idade de zero a doze anos, e contava com diversos espaços para atender às necessidades das crianças e promover seu desenvolvimento integral: salas de atividades, berçário, refeitório, área de repouso, área de higiene (banheiros e trocadores), área de recreação interna e externa, espaços para a administração e estoque de materiais. No passado, as creches muitas vezes eram vistas como instituições de assistência social, focadas no cuidado básico das crianças, enquanto hoje são reconhecidas como espaços de educação e desenvolvimento. No mandato do prefeito Luciano Ângelo Esparapani (2013 a 2016), foi inaugurada a Creche Escola Sirlei Dias Alves em dezembro de 2016, em novo prédio com o objetivo de oferecer um espaço mais adequado, seguro, e acolhedor para o desenvolvimento integral das crianças. A creche Escola recebeu esse nome em homenagem à professora Sirlei Dias Alves que faleceu precocemente ela dedicou muitos anos de sua vida à educação e cuidado de crianças na instituição. A Creche Escola nessa fase de mudança de local era administrada pela coordenadora

Viviane Brunelli. O novo prédio foi equipado com todos os recursos necessários e adequados para atender às necessidades das crianças. Com uma equipe qualificada, a creche passou a oferecer um trabalho ainda mais produtivo e um ambiente estimulante e seguro, onde as crianças podiam desenvolver suas habilidades de forma integral e plena. No ano de 2020 a Creche Escola passou a ser administrada pela coordenadora Márcia Regina Beraldo Oel Pintor. Hoje, conta com uma equipe dedicada e qualificada que oferece um trabalho de excelência voltado à área pedagógica e cuidados com as crianças, possui 8 salas de aulas em tempo integral com cerca de 145 alunos de zero a quatro anos. Funciona das 6h às 18h. A equipe é formada pela coordenadora administrativa, Márcia Regina Beraldo Oel Pintor, pela coordenadora pedagógica, Rosely Pelicho Capobianco, por 30 funcionárias entre efetivas e frentes de trabalho, 10 professores de várias disciplinas e uma nutricionista. É uma equipe multidisciplinar e multifacetada, com profissionais de diferentes níveis e áreas de especialização, trabalhando juntos para oferecer um atendimento de qualidade às crianças e famílias. A creche é um espaço onde as crianças podem crescer, aprender e se desenvolver de forma segura e feliz. Com uma equipe dedicada e uma infraestrutura adequada, a Creche Escola Sirlei Dias Alves é um exemplo de como a educação e o cuidado infantil podem ser oferecidos com qualidade e carinho para a comunidade.

Endereço: Rua Jose Morato de Toledo 56-101, Palmeira d'Oeste/SP.



Inauguração da Creche Menino Jesus de Palmeira d'Oeste, na Avenida Dr.Francisco Félix Mendonça



Creche Menino Jesus, na Avenida Getúlio Vargas, nº 49-76



Creche Escola Sirlei Dias Alves na Rua Jose Morato de Toledo,
nº 56-101

ESCOLA COMUNITÁRIA DE PALMEIRA D'OESTE

A Escola Comunitária de Palmeira d'Oeste - CEIA (Centro de Estimulação Infantil e Adolescente) nasceu da paixão pela educação e do desejo de oferecer um ambiente que promovesse a aproximação entre pais, alunos, professores e a comunidade, sendo um local onde os alunos pudessem aprender, crescer e se desenvolver de forma integral. Foi fundada em 25 de janeiro de 1998 por Leila Silva e Regina Amado Oliva Costa, que já administravam uma escola na cidade de Jales. As fundadoras contaram com a colaboração do bispo emérito Dom Luiz Demétrio Valentini, que ajudou cedendo salas de catequese para que as primeiras turmas tivessem aulas, além de alguns pais que foram fundamentais para tornar esse sonho realidade.

No início, a escola possuía apenas três salas de aula, funcionando no período da manhã: Maternal, Infantil I e Infantil II. As professoras responsáveis pelas turmas eram Elenice de Cássia Siqueira dos Santos, Luciana Jorge e Fátima Florêncio, que residiam em Jales. Elas vinham de carona e, depois, um dos pais era responsável por levá-las de volta, já que trabalhavam à tarde na outra unidade da CEIA. Após alguns meses, a escola foi transferida para uma casa na Avenida Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, em frente à Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo. Com o tempo, as turmas foram crescendo, o que gerou a necessidade de um espaço maior. A escola, então se mudou para uma casa mais ampla, situada na Avenida Catanduva, em frente à Praça da Alegria. Mesmo assim, o ambiente ainda era pequeno, e muitas apresentações de datas comemorativas foram realizadas na Escola Orestes. O primeiro Festival da Primavera aconteceu na cidade de Jales, em parceria com a escola de lá.

Em 30 de janeiro de 1999, os sócios fundadores se reuniram em uma das salas de catequese da Casa Paroquial e decidiram se desvincular da escola de Jales, fundando a Associação Comunitária Educacional de Palmeira d'Oeste, uma entidade civil sem fins lucrativos. Para isso, criaram a Ata de Fundação e o Estatuto que rege todas as regras da instituição. Na sequência, houve a eleição e posse da diretoria e do conselho fiscal, cargo que é renovado bianualmente (a cada dois anos), com possibilidade de prorrogação por mais dois. O objetivo da associação é promover a assistência e

a proteção de crianças, jovens e adolescentes, oferecendo cursos que vão da Educação Infantil ao Ensino Médio. A reunião foi presidida por Leila Silva e Henrique José Baldo Toledo.

Cumprindo as formalidades legais, determinou-se, por meio de eleição, os seguintes fundadores: Henrique José Baldo Toledo, Inêz de Oliveira M. Venturini, Neide Faria Duarte, Sônia Regina de Toledo, Edimar Antônio Dias, Carlos Eduardo Rubio, Moacir Rossetti, Roberto Jorge Garcia, Eduardo Elias Padovez, Vilma Basílio S. Peruchi, Cleonice F. Silva Ribeiro e Admilson Domingues Cardoso. Naquele mesmo dia, foi definida uma nova sede para a escola, devido à necessidade de mais espaço, pois ela estava crescendo rapidamente. Sendo assim, alugaram algumas salas no antigo prédio do Hospital São Francisco, localizado na Avenida Dr. Francisco Félix Mendonça, 51-84 (antiga Av. José de Alencar). Porém, com o passar do tempo, o prédio todo foi alugado, e a escola permaneceu nesse endereço por 26 anos e 5 meses.

Após muitos anos, devido à crescente demanda por matrículas, tornou-se necessário buscar um novo local, mais amplo e moderno. Então, no dia 23 de junho de 2025, a escola foi transferida para um novo prédio, localizado na Rua José Morato de Toledo, 48-93, Centro. O imóvel foi construído por Marcus Túlio Lyuji Murzani Tanaka, um dos pais associados, juntamente com Paulo Lyuji Tanaka, para ser alugado permanentemente pela escola.

Durante todos esses anos, a escola CEIA contou com muitos associados, professores e funcionários que foram fundamentais para o crescimento e sucesso dessa instituição. A professora Elenice de Cássia Siqueira dos Santos faz parte da equipe desde o início, e a professora Cleide Sevestrin desde 2001, ambas em exercício até a presente data. A primeira diretora foi Silvia Maria Meloti Dottore, de 2000 a 2011, seguida por Juliana Maria de Toledo Rós, de 2012 a 2021. Atualmente, a direção está sob responsabilidade de Ádila Manzani, com a coordenação de Jéssica Garcia Furlanetti, ambas no cargo desde 2022.

Acreditamos que a educação é a base para a construção de um futuro melhor, e é com grande entusiasmo que apresentamos a Escola Comunitária de Palmeira d'Oeste (CEIA), uma instituição dedicada a oferecer um ensino de qualidade, inovador e

transformador, formando cidadãos críticos, criativos e preparados para enfrentar os desafios.

A Escola CEIA tem como Missão: Promover um ambiente de aprendizado estimulante e acolhedor para que cada aluno possa desenvolver seu potencial máximo, adquirir conhecimentos sólidos e construir valores éticos e morais.

Durante a realização de seus trabalhos, a escola CEIA desenvolve os seguintes Valores:

- Respeito: Valorizamos a diversidade, a individualidade e a dignidade de cada pessoa, promovendo um ambiente de convivência harmoniosa e colaborativa;
- Ética: Baseamos nossas ações em princípios sólidos, cultivando a honestidade, a transparência e a responsabilidade;
- Excelência: Buscamos aprimorar continuamente nossos processos pedagógicos e administrativos, visando à qualidade em todas as áreas de atuação;
- Inovação: Incentivamos a criatividade, a busca por novas metodologias e a adaptação às mudanças do mundo contemporâneo;
- Comprometimento: Assumimos a responsabilidade pela formação integral dos alunos, trabalhando em parceria com as famílias associadas e a comunidade;
- Responsabilidade: Formamos cidadãos conscientes de seus deveres e direitos, comprometidos com o desenvolvimento social e ambiental;

A Escola CEIA tem como Objetivos Educacionais e Compromisso:

- Desenvolver habilidades cognitivas, socioemocionais e motoras;
- Estimular o pensamento crítico, a resolução de problemas, a criatividade e a autoconfiança;
- Preparar os alunos para o futuro, seja no âmbito acadêmico ou profissional;
- Promover a formação de cidadãos atuantes, conscientes e responsáveis;
- Orientar sobre escolhas profissionais e carreira;
- Oferecer um ambiente seguro e acolhedor.

Endereço: Rua Jose Morato de Toledo, 48-93 - Centro, Palmeira d'Oeste/SP.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Sedes antigas da Escola Comunitária de Palmeira d'Oeste – CEIA



Sede atual da Escola Comunitária de Palmeira d'Oeste – CEIA

COLÉGIO FÊNIX – CENTRO EDUCACIONAL DE PALMEIRA D'OESTE/SP

Período de funcionamento – 1998 a 2013

Endereço – Av. Francisco Félix Mendonça, 45-80 (Antigo Serapião)

Tipo de atendimento: Particular

Sócios fundadores: Helena Palata, Maria Virgínia Rosseto, João Eugenio Giovanini.

Inicialmente, o objetivo era fundar uma Escola de Inglês com um método e mensalidade mais em conta para atender uma clientela maior. Preocupados, à época, com uma possível privatização do Ensino Público, nos unimos e resolvemos partir para a fundação de uma Escola Particular. Por desconhecermos parte dos trâmites burocráticos, contatamos a Diretora do CECAFE - COC de Santa Fé do Sul, Maria Alice Moreira Basso que nos direcionou naquele momento. Era início de 1997 e, ansiedade misturada com prazos nos deixava empolgados. Também tínhamos que encontrar um local viável onde fosse possível pôr em prática nosso projeto que inicialmente visava a implantação de salas da pré-escola a quarta série do Ensino Fundamental. Tínhamos no centro da cidade ocioso, o prédio da antiga EMEFM “Francisco Augusto César Serapião”, localizamos seu herdeiro em São José do Rio Preto/SP e fomos falar com ele. Acertamos o local. Uma vez locado o prédio já tínhamos em mente o espaço amplo pelo qual nós poderíamos dimensionar as possibilidades de distribuição das salas e, demais espaços organizacionais necessários. Ocuparíamos inicialmente todas as salas do primeiro bloco e apenas uma sala do segundo bloco. Surgiu também naquele momento a preocupação com o nome da Escola. O nome deveria ser fácil, significativo e, marcante. Nos propomos a pensar no nome e entre outros sobressaiu: COLÉGIO FÊNIX, que comportava nossa ideia de renascimento, mas também de crescimento, ampliação com a extensão do nome CENTRO EDUCACIONAL DE PALMEIRA D'OESTE.

COLÉGIO: estabelecimento público ou particular dedicado ao ensino fundamental ou médio; associação ou reunião de colegas de uma mesma profissão ou atividade; corporação, grêmio.

FÊNIX: é uma criatura mitológica, geralmente representada como uma ave majestosa que renasce das próprias cinzas após morrer queimada. Ela simboliza: renascimento, transformação, imortalidade simbólica, esperança após a destruição. Origem: a lenda da fênix tem raízes em diversas culturas, especialmente no Egito Antigo, na Grécia Antiga e em tradições orientais. Em todas elas, a ave representa o ciclo da vida, da morte e do renascimento.

Tínhamos muito a fazer: abertura da empresa, Estatuto e Regimento Escolar. Os momentos com Maria Alice de Santa Fé do Sul, nossa orientadora, eram poucos, porém muito promissores pois tínhamos entre os sócios, Maria Virgínia, que tinha um conhecimento maior sobre Normas e Legislações Educacionais. Tornou-se a primeira Diretora do Colégio conduzindo-o de forma sensível, eficiente e pautado em padrões éticos contribuindo sobremaneira para o êxito em todos os aspectos administrativos e pedagógicos durante anos. Também sabíamos da importância de um bom “método de ensino”, porém desejávamos encontrar não apenas um método, mas ideais educacionais que contribuíssem para a formação dos alunos para além dos conteúdos, com embasamento nos pensamentos “construtivistas”. Entramos em contato com diversos Sistemas de Ensino, porém nem todos atendiam o nosso perfil e para outros não atendíamos algo básico: o número de alunos. Isso nos trazia preocupação, mas também algo suscitava em nossos pensamentos: teríamos o sistema de ensino certo na hora certa. Em julho de 1997, após vários contatos via telefone com o Sistema de Ensino EXPOENTE, marcaram conosco um encontro em Campinas/SP. No dia certo lá estávamos, nós sócios, acompanhados de Ínis Palata que também naquele momento se engajava no projeto. Consideramos que havíamos encontrado o método tão desejado, havia, porém, a questão do número reduzido de alunos. Ficaram de nos dar a resposta que veio positivamente dias depois.

O método EXPOENTE trazia em si o ideal de Excelência em Educação considerado em sua plenitude e com seriedade. O que permaneceu para o profissional foi o olhar humanizado, o ensino contextualizado, e a visão de que antes de sermos mestres precisamos nos dispor a sermos “aprendizes permanentes”.

Com prédio e Sistema de Ensino definidos era a hora de contatar os pais. A documentação necessária, Estatuto, Regimento Escolar,

abertura da Empresa e outras providências menores eram cuidadas. Em setembro de 1997, realizamos a primeira reunião aberta à comunidade. Divulgamos inclusive com carro de alto falante, não havia os meios atuais: Facebook, Instagram, Internet enfim... Alguns pais colaboraram na divulgação. Na reunião sobraram cadeiras, porém tivemos muito êxito com os pais presentes, alguns já efetivando a matrícula e nos fornecendo nomes de outros pais para visitarmos. Em janeiro de 1998 estávamos com calendário pronto, prédio em ordem, funcionários e professores contratados para a pré-escola (Educação Infantil) e primeira à quarta série do Ensino Fundamental. Poucos alunos por sala especialmente para terceira série. Aconteceram diversas reuniões com os funcionários e professores que se mostravam empolgados e motivados. Tínhamos um bom número de alunos de Aparecida d'Oeste e outros pais de lá nos procuravam, porém, sinalizando a dificuldade de transporte de seus filhos. Havíamos contratado uma professora daquele município e estava certo, ela viria com seu filho. Nascia ali nossa primeira parceria. A empresa começava grande com sete funcionários registrados. Eram 2 funcionários, Secretário e Auxiliar de Serviços e, 5 professores, um para cada série e para a pré-escola, porém todos engajados e apostando no projeto. Os sócios Maria Virgínia e João eram funcionários públicos, ficavam parte do dia na escola, Helena também era funcionária pública, porém aposentada dedicava-se pela manhã a tarefas necessárias de apoio aos professores, alunos, secretaria e financeiro e a tarde auxiliava em tarefas, acompanhava alunos com dificuldades, realização de pesquisas e trabalhos. Pais e alunos visualizaram nossos ideais e vestiram a camisa literalmente. O Colégio foi se consolidando na comunidade, tornando-se referência em municípios vizinhos. Fomos crescendo. Em 1999 ampliamos o atendimento com a quinta série e com ela professores especialistas, além dos contratados. Os sócios João e Maria Virginia foram para sala de aula, respectivamente nas disciplinas de História e Língua Portuguesa. Tivemos ainda mais certeza da profundidade do método Exponente e da capacidade de nossos alunos. Nos anos que se seguiram, a cada ano abria-se uma série nova até a oitava série. O Ensino Médio só viria anos depois com a construção de Salas específicas no espaço vazio do prédio. Começamos a realizar eventos externos, sendo o primeiro, a formatura da pré-escola da turma de 98 realizada no

ainda existente salão do Clube de Campo das Palmeira (CCP). Foi um marco, percebemos que podíamos nos organizar para eventos. Vieram então as acolhedoras Festas Juninas e as Festas da Família, as primeiras no Salão Paroquial e as Festas da Família no antigo Banespinha com atividades recreativas para toda família. Com a ampliação da Educação Infantil e da Educação Básica - Ensino Médio, alguns alunos passaram toda sua trajetória escolar no Colégio obtendo expressivo êxito no Ensino Superior. Ali iniciaram relacionamentos, queremos nós para uma vida inteira. Lisiane era aluna do Colégio e na quinta série chegou Lucas Missiano. Estudaram juntos os anos posteriores e só no Terceiro ano do Ensino Médio iniciaram o namoro. Depois, Universidade, curso de Direito em comum, retornam para Palmeira d'Oeste, se instalam profissionalmente e se casam. Se houve outros casamentos a partir do Colégio Fênix não sabemos, mas outros relacionamentos mais próximos com certeza nas escadas e sob as sombras das árvores. Gostamos de relatos, eles nos fazem reviver aqueles dias e até momentos específicos. Marcelo Araújo foi um dos artistas talvez revelado no Colégio Fênix. Não tinha tempo ruim: atuava, era criativo, mas gostava e sabia bem cantar. Canta e atua até hoje. Somos muito gratos a ele (e aos pais) por enriquecer muitas de nossas manhãs com sua voz e principalmente nossos eventos com pais e comunidade. Segue relato do mesmo com algumas referências do cotidiano da escola.

“Os anos escolares nem sempre passam depressa, porém depois voam. Depois do Ensino Médio cada qual segue seu caminho, seus estudos: faculdades, universidades, ensino técnico, primeiro emprego, empreendedorismo, concretização dos sonhos talvez cultivados na escola e no caso, no Colégio Fênix”.

Permanecem os pais, já mais distantes, sonhando junto, esperando no compasso das horas, dos dias, meses, anos, a graduação, talvez a pós-graduação, o mestrado, o doutorado, mas todos esperam mesmo é que os filhos estejam felizes e os acompanham nesta busca constante.

O Colégio Fênix ofereceu educação de excelência por 15 anos (1998 - 2013). Foram anos efervescentes, dinâmicos, mas principalmente anos de continuidade de compromisso com a qualidade, deferência, regularidade e normatização.

Com o passar dos anos, houve algumas alterações no quadro de sócios e direção sem, no entanto, provocar alterações nos ideais e no Sistema de Ensino além de continuar priorizando a composição de um seleto grupo de professores. Nós sócios fundadores sempre acreditamos e tratamos a educação em qualquer esfera como uma oportunidade de despertar sonhos, e prover meios para transformá-los em realidade. Consideramos nossa contribuição também na escola pública, algo que ido ao encontro dos anseios de alunos, muitos dos quais tiveram trajetória de vida alteradas para melhor, inclusive, por interações e aprendizados mediados por nós. Temos orgulho de toda nossa trajetória na educação não só por conta do Colégio Fênix. Essa foi uma experiência empreendedora favorecida por um método rico, construtivista que desencadeou excelência de ensino e aprendizagem e geração de oportunidades de emprego para professores em início de carreira, hoje, profissionais de excelência em diferentes regiões. Cabe destacar que “fundamos” a escola com um mínimo de capital inicial, através principalmente de boas relações com instituições e amigos que construímos ao longo dos anos. Também foi nossa prioridade honrar nossos compromissos sempre, aluguel, impostos, encargos sociais, manutenção do prédio e primordialmente salários. Em todo período que estivemos presentes, atuando nos diferentes cargos ou bastidores nunca retiramos pró-labore ou qualquer outro tipo de retribuição financeira. Isso é dito com orgulho, tivemos inúmeras outras formas de pagamentos inidimensionáveis, como neste momento os depoimentos anteriormente registrados. Acreditar na educação, se posicionar, estudar, revisar, construir projetos reais embora pareçam impossíveis, se unir há pessoas que buscam ideais parecidos, investir sem soltar os pés do chão, acreditar em valores e não simplesmente em crenças, ir adiante sem titubear, de repente o melhor acontece... E depois descobriremos as respostas do tempo, e como podem ser boas.

Texto produzido por João Eugenio Giovanini (Sócio, Professor e Diretor de Escola).

Nota: Atendendo a solicitação dos organizadores do projeto Nossa Terra, Nossa gente, o Colégio Fênix produziu um texto completo sobre sua história, porém, ele precisou ser editado devido ao espaço limitado para cada Instituição na formatação deste livro.



Desfile com a participação de alunos do Colégio Fênix



Alguns professores que atuaram no Colégio Fênix

APAE DE PALMEIRA D'OESTE

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Palmeira d'Oeste (APAE) foi fundada em Assembleia Geral pela Senhora Marlene Fusco Garcia, em 07 de outubro de 1998. Trata-se de uma associação civil beneficente, sem fins lucrativos e de duração indeterminada. A APAE tem como missão atuar nas áreas de assistência social, educação, saúde, prevenção, trabalho, profissionalização, defesa e garantia de direitos, esporte, cultura, lazer, estudo, pesquisa, entre outras.

Sua sede está localizada na Rua Zacarias das Neves, nº 26-45, no Bairro Mutirão, em Palmeira d'Oeste/SP, e sua jurisdição é no município de Palmeira d'Oeste/SP.

Há 26 anos, a instituição presta atendimentos realizados por uma equipe multiprofissional especializada. A ação é intersetorial, envolvendo as políticas de assistência social, saúde e educação. O atendimento é direcionado a pessoas com deficiência que necessitam de apoio contínuo, residentes em Palmeira d'Oeste/SP, Aparecida d'Oeste/SP, Marinópolis/SP e no distrito de Dalas, estendendo-se também aos seus familiares.

A APAE de Palmeira d'Oeste tem como objetivo principal promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientações, prestação de serviços e apoio à família. Tudo isso é realizado em busca da melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência e da construção de uma sociedade justa e solidária.

A Diretoria Executiva da APAE é composta pelos seguintes membros: Presidente, Vice-presidente, Primeiro e Segundo Diretores Secretários, Primeiro e Segundo Diretores Financeiros, Diretor de Patrimônio, Diretor Social e Autodefensores.

A responsabilidade dessa diretoria é executar as diretrizes propostas pelos Conselhos de Administração e Fiscal, além de administrar os recursos humanos, materiais e financeiros da entidade.

Atuação em Rede:

A APAE de Palmeira d'Oeste tem como missão a garantia e defesa de direitos das pessoas com deficiência, atuando em rede com as demais APAEs do Estado de São Paulo. A instituição segue as orientações da FEAPAES-SP e da FENAPAES. Em sua atuação local, a APAE articula-se com serviços socioassistenciais, CRAS,

CREAS, unidades de saúde e órgãos de garantia de direitos. Essa articulação visa superar a fragmentação do atendimento e fortalecer as ações em rede, garantindo um atendimento mais integrado e eficaz para os usuários.

Relevância Pública:

O trabalho da APAE visa promover ações de defesa de direitos, prestando serviços e oferecendo apoio às famílias, contribuindo para uma sociedade mais justa e solidária. Sua atuação abrange as áreas de assistência social, saúde e educação.

No contexto da assistência social, a APAE segue os princípios do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), conforme estabelecido pela PNAS/2004 e normatizado pela NOB/2005 e Resolução nº 109/2009 do CNAS. A instituição está inscrita nos Conselhos Municipal e Nacional de Assistência Social, sendo reconhecida como uma entidade preponderante na defesa e atendimento às pessoas com deficiência e seus familiares. Além disso, a APAE integra o Plano Municipal de Assistência Social de Palmeira d'Oeste, oferecendo serviços de Proteção Social Especial.

Capacidade Técnica e Operacional

A APAE possui capacidade técnica e operacional para exercer o serviço de Proteção Social de Média Complexidade para pessoas com deficiência e seus familiares. A infraestrutura da instituição é adequada e diversificada, oferecendo diversas salas para atendimentos socioeducacionais e oficinas. Entre as instalações estão: Salas de aula, Sala de educação física, Sala de informática, Sala de fisioterapia, Sala de assistência social, Sala de psicologia, Padaria, Quadra esportiva coberta e Academia ao ar livre. Esses espaços garantem que os serviços sejam prestados com qualidade e fidedignidade, proporcionando um ambiente acolhedor e adequado para o atendimento.

Setores da APAE:

A atuação da APAE está organizada em diferentes setores, que trabalham de forma integrada para garantir um atendimento completo e humanizado.

1 - Setor Social: Este setor tem como objetivo acolher e capacitar as famílias das pessoas atendidas pela APAE. Busca ampliar sua participação na instituição e em diversos espaços sociais. Também

é responsável por atender usuários acima de 29 anos e 6 meses, promovendo atividades que favoreçam a qualidade de vida, a autonomia nas atividades diárias e a inclusão social.

2 - Setor Educacional: A Escola de Educação Especial Edionir Antônio da Silva oferece ensino exclusivo para o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As turmas são organizadas para atender às especificidades de cada público, com salas específicas para: Alunos com deficiência múltipla e Transtorno do Espectro Autista (TEA), Alunos com deficiência intelectual e múltipla, Alunos com deficiência intelectual e física.

3 - Setor de Saúde: Focado no bem-estar físico e emocional dos usuários, este setor desenvolve ações para promover a saúde das pessoas com deficiência intelectual e múltipla ao longo de seu ciclo de vida. As atividades incluem: Avaliação multidimensional, Acompanhamento de projetos de habilitação e reabilitação, Prevenção de complicações.

A APAE também oferece atendimento com equoterapia, em parceria com o Haras Sonho de Criança, promovendo o desenvolvimento biopsicossocial dos alunos, além de contribuir para sua habilitação e reabilitação. A equoterapia estimula o convívio social e o desenvolvimento global, sendo um dos principais serviços oferecidos aos usuários dos municípios de Palmeira d'Oeste, Aparecida d'Oeste, Marinópolis e Distrito de Dalas.

Equipe de Recursos Humanos:

A equipe de Recursos Humanos da APAE é composta por profissionais qualificados e habilitados para atuar conforme os requisitos do SUAS. A equipe participa, sempre que possível, de capacitações oferecidas pelas Federações Nacional e Estadual das APAEs, com o objetivo de aperfeiçoar continuamente os serviços prestados à comunidade.

Caracterização Socioeconômica e Perfil do Serviço Prestado:

O serviço da APAE de Palmeira d'Oeste é oferecido em um prédio cedido pelo município, localizado na Rua Zacarias das Neves, nº 26-45, no bairro Mutirão, em Palmeira d'Oeste, SP. A instituição atende a diversos municípios da região e realiza um trabalho sistemático voltado às áreas de assistência social, saúde e educação.

Dentre os atendimentos oferecidos, estão serviços especializados em assistência social, psicologia, fisioterapia, equoterapia e atendimento educacional especializado.

O público atendido pela APAE é composto por famílias que convivem com deficiências físicas e cognitivas, o que, muitas vezes, está associado a dificuldades sociais. Essas famílias necessitam de atendimentos contínuos, informações especializadas e apoio financeiro, dado o aumento das demandas relacionadas à condição das pessoas com deficiência. Atualmente, a instituição atende estudantes diagnosticados com deficiência intelectual ou múltipla, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que exigem apoio permanente e não puderam ser incluídos nas classes regulares do ensino comum.

Descrição do Serviço - Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais:

O serviço prestado pela APAE de Palmeira d'Oeste está classificado, conforme a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, como serviço de média complexidade. Isso significa que se trata de um serviço continuado, permanente e planejado, que desenvolve programas e projetos voltados para indivíduos e famílias em situação de risco social e pessoal, conforme as normativas vigentes. Esses programas oferecem benefícios em áreas como assistência social, saúde e educação.

Perfil dos Usuários:

A APAE de Palmeira d'Oeste atende um público, diverso em situação de vulnerabilidade social: Pessoas com deficiência intelectual (com ou sem a associação a outras deficiências), de todas as faixas etárias de ambos os sexos.

Funcionamento do Serviço:

O serviço da APAE de Palmeira d'Oeste segue a rotina de atendimento de segunda a sexta-feira, das 7:00h às 12:00h. Atualmente, 65 usuários são atendidos regularmente pela instituição.

Perfil Institucional:

A APAE é uma instituição assistencial e educacional, de caráter

filantrópico e sem fins lucrativos, que depende integralmente de repasse de recursos dos governos estadual, federal e municipal, além de recursos próprios, como aqueles arrecadados em eventos e por meio de doações da comunidade.

Essas parcerias são essenciais para garantir a continuidade das atividades da APAE e a qualidade dos serviços prestados. Com esse suporte, a instituição pode investir na estrutura e na atuação de sua equipe, promovendo qualidade de vida, autonomia e independência para os usuários. As ações são voltadas para o acompanhamento de saúde, práticas físicas, qualificação para o trabalho, convivência social e desenvolvimento educacional.

Objetivos e Impacto Social do Serviço de Média Complexidade:

O serviço de média complexidade oferecido pela APAE tem como objetivos principais:

- Garantir a segurança de renda para as famílias e indivíduos atendidos;
- Favorecer a socialização e a habilitação/reabilitação dos usuários;
- Fortalecer a autonomia dos usuários e a convivência familiar e comunitária;
- Assegurar o acesso aos direitos das pessoas com deficiência, incentivando sua participação social plena.

Através dessa abordagem, a APAE contribui de forma significativa para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, promovendo a inclusão de pessoas com deficiência e a garantia de seus direitos básicos.

Trabalho com Famílias:

O trabalho com as famílias na APAE de Palmeira d'Oeste tem como foco o fortalecimento dos vínculos afetivos e sociais, reconhecendo a importância do núcleo familiar na construção do protagonismo biopsicossocial. As famílias são atendidas de maneira individualizada, recebendo suporte emocional, psíquico e social para superar barreiras e alcançar uma vida mais participativa. Para garantir que cada família receba a atenção necessária, a APAE realiza reuniões em grupo, visitas domiciliares e atendimentos específicos, sempre respeitando a realidade e as necessidades de cada núcleo familiar. Esse processo permite a construção de soluções conjuntas com a equipe técnica, buscando sempre o

fortalecimento dos laços familiares e a superação das dificuldades cotidianas.

Promoção da Autonomia e Independência da Pessoa com Deficiência:

A promoção da autonomia e da independência das pessoas com deficiência é um dos princípios fundamentais do serviço oferecido pela APAE. A valorização da diversidade humana é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, e as pessoas com deficiência integram plenamente essa diversidade.

A instituição acredita que, assim como qualquer outra pessoa, aqueles com deficiência possuem particularidades, desafios e potencialidades. Por isso, a APAE se dedica a promover ações que defendam os direitos dos indivíduos com deficiência, oferecendo apoio psicossocial e criando condições para o desenvolvimento integral e a adaptação à realidade cotidiana dessas pessoas.

Objetivo Geral da Instituição:

O objetivo principal da APAE é aperfeiçoar a oferta da Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e seus familiares. Isso envolve a promoção de melhorias nas áreas de educação, saúde e assistência social, além de ações de qualificação para o trabalho, com o intuito de proporcionar uma vida mais plena e independente aos atendidos.

Impacto Social Esperado:

A atuação da APAE visa provocar uma transformação significativa na qualidade de vida das pessoas com deficiência, especialmente aquelas com deficiência intelectual, múltipla ou transtornos globais do desenvolvimento, em todas as fases da vida: infância, adolescência, idade adulta e envelhecimento.

O objetivo é garantir o pleno exercício da cidadania e o desenvolvimento integral dos alunos e usuários, promovendo sua inclusão na sociedade, na educação e no mercado de trabalho. Os atendimentos são realizados com segurança, respeito e sensibilidade às diversas realidades sociais dos atendidos.

Serviço de Média Complexidade:

O Serviço de Média Complexidade é voltado para pessoas com

deficiência e seus familiares, oferecendo atendimento contínuo de segunda a sexta-feira, das 7:00h às 12:00h, totalizando 20 horas semanais de serviço;

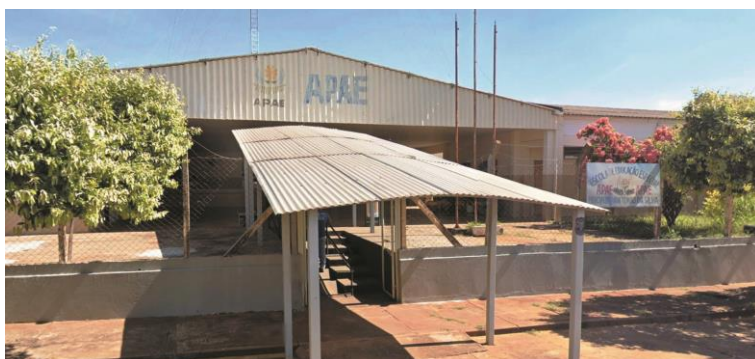
Durante esse período, os usuários recebem café da manhã e almoço. As equipes de assistência social e saúde se reúnem pelo menos uma vez por semana para discutir os casos em andamento, elaborar Planos de Intervenção Individualizados e atualizar os prontuários dos usuários, garantindo a qualidade e continuidade do atendimento.

Equipe Técnica Especializada:

A equipe técnica da APAE é composta por profissionais de nível superior, incluindo assistentes sociais e psicólogos, que são responsáveis pelo acompanhamento das demandas diárias da instituição. As principais atividades realizadas pela equipe incluem:

- Atendimento qualificado às famílias, com escuta ativa e orientação sobre direitos e serviços disponíveis;
- Encaminhamentos necessários aos serviços especializados, quando necessário.

Esse trabalho é realizado com ética, acolhimento e compromisso com o bem-estar e a dignidade de cada pessoa atendida, respeitando as necessidades individuais de cada família.



IRMANDADE PADRE EMANOEL D'ALZAN

A doação do terreno para o funcionamento da Irmandade Padre Emanuel D'Alzan ("Lar dos Velhinhos de Dalas") foi realizada pelo Prefeito Municipal Baptista Alvares Campos (mandato de 1977 a 1982), e registrada em cartório no dia 30 de dezembro de 1980. Tratava-se do local onde funcionava o grupo escolar de Dalas, que estava abandonado após a transferência para o novo prédio. Dessa maneira a Irmandade Padre Emanuel D'Alzan foi fundada em 01/09/1980 e registrada em cartório em 10 de outubro embora só tenha passado a funcionar definitivamente no ano de 1983. O prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler que esteve à frente do executivo em Palmeira d'Oeste de 1983 a 1988 era um homem de visão, preocupa-se em trazer progresso para a cidade e região e entre seus feitos estava em levar ao Distrito de Dalas todos os recursos necessários para o bem estar de população. Em seu mandato foi inaugurado no local o Conjunto Administrativo no Distrito (atendimento médico, dentário, posto telefônico e biblioteca), a Creche Menino Jesus e o "Lar dos Velhinhos" (a Irmandade Padre Emanuel D'Alzan). O prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler que vinha observando a necessidade de acolher pessoas em situação de vulnerabilidade, como pessoas idosas desamparadas e pessoas em situação de rua, buscando oferecer-lhes dignidade, qualidade de vida e o reconhecimento de seus direitos na velhice, agilizou os documentos necessários para a criação da Irmandade Padre Emanuel D'Alzan. Consta que no início eram atendidos um total de 8 pessoas idosas do município de Palmeira d'Oeste e 4 idosos do município de Sud Mennucci, os usuários desde aquela época até os dias de hoje são todos aposentados ou beneficiários. O aumento da proporção de pessoas idosas fragilizadas e dependentes de assistência e cuidados médicos, associados ao alto custo de um cuidador domiciliar aumentou a demanda por atendimento desse tipo de instituição, de longa permanência, voltados para o atendimento de pessoas idosas. A Irmandade Padre Emanuel D'Alzan, é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos e assemelha-se a uma residência, é um ambiente bastante acolhedor, com estrutura física adequada, oferece ótimas condições de habitabilidade, higiene, salubridade, segurança, acessibilidade, segurança e privacidade.

O atendimento é realizado a pessoas de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 60 anos. O atendimento é de forma integral, visando oferecer alimentação, vestuário, medicamentos, atendimento médico, fisioterapia social e sociocultural, a indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade. Em 2025, a instituição acolhe 18 pessoas idosas, sendo elas 7 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, advindos dos municípios de Palmeira d'Oeste/SP, Dirce Reis/SP, Pontalinda/SP, Aparecida d'Oeste/SP, São Francisco/SP, Andradina/SP, Jales/SP e Dolcinópolis/SP, além de outras cidades circunvizinhas durante alguns períodos. O Lar dos Velhinhos é de grande representatividade no distrito, conta com parcerias da administração pública para oferecer um atendimento de excelência aos institucionalizados, assegurando-lhes alimentação, vestuário, higiene saúde, recreação e entretenimento. O Lar do Velhinhos de Dalas, desenvolve o serviço de proteção social especial de alta complexidade de acordo com a resolução nº 109 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), de 11 de novembro de 2009, visando a valorização da pessoa idosa, a sua participação na sociedade, a garantia da privacidade, respeito aos costumes, as tradições e a formação da diversidade para a construção de uma sociedade igualitária também nesse ciclo da vida, garantindo direitos, não importando raça, etnia, religião e gênero. Propõe atender seus usuários em consonância com as legislações que assegurem os direitos das pessoas idosas. Busca, através de trabalho em rede, parcerias com órgãos públicos e privados: Conselho Municipal da Pessoa Idosa, Conselho Municipal de Assistência Social, Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Saúde, Ministério Público, entre outras diligências. Através de suas organizações representativas busca formular, implementar e avaliar políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos direcionado ao segmento de pessoas idosas. A origem do nome: O Padre Gilberto Nievergeld, que esteve à frente da paróquia de Santa Luzia em Palmeira d'Oeste de 1963 a 1981 foi que sugeriu o nome da entidade:

“IRMANDADE PADRE EMANOEL D'ALZAN”.

Endereço: Rua Cinco, nº 20-65, Distrito de Dalas, Palmeira d'Oeste/SP. Telefone: (17) 3651-6129.

Horário de Visitas: 13h:30m às 16h:30m de domingo a domingo.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Padre Gilberto Nievergeld.

EMEFM E ENSINO SUPLETIVO PROFESSOR FRANCISCO AUGUSTO CEZAR SERAPIÃO

Em 1962, o professor Francisco Augusto Cézar Serapião e sua esposa, a senhora Adélcia da Matta Serapião, fundaram o Colégio Comercial de Palmeira d'Oeste, recebendo autorização para seu funcionamento, em 14 de março de 1962, pela portaria número 76 do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

A escola funcionava em prédio construído com recursos próprios, sediada na Av. José de Alencar, 45-80, em Palmeira d'Oeste/SP, e passou a oferecer a Habilitação de Técnico em Contabilidade a partir do ano de 1967.

Em 26 de março de 1968, pelo Ato nº 110 da Secretaria de Estado dos Negócios da educação, publicado no D.O.E., o estabelecimento passou a denominar-se “Escola Normal Dona Maria do Carmo de Abreu Sodré.

Em 1975, através da Portaria C.E.B.N., foram criados os Cursos Supletivos de 1º e 2º graus na modalidade “Suplência”, de 5ª a 9ª séries e supletivo de Segundo Grau. A escola passou a chamar-se E.E.P.S.G “Professor Francisco Augusto Cezar Serapião”, subordinada à “Escola Normal Dona Maria do Carmo de Abreu Sodré.

Desde seu início até 08 de abril de 1975, a escola funcionou como entidade particular, registrada como Sociedade Civil Ltda., sob o nº 3 “0”, 11889, folhas 39 do livro 1-A.

Pela lei Municipal nº 539/75 de 08 de abril de 1975, e retificada em 19 de novembro de 1976, o Colégio Comercial de Palmeira d'Oeste e a Escola Normal Dona Maria do Carmo de Abreu Sodré passaram a constituir-se uma única escola sob a denominação de E.M.P.S.G Professor Francisco Augusto Cézar Serapião, situação regularizada através da portaria CEI, de 30 de novembro de 1978, tendo sido homologada a transferência de entidade para a Prefeitura Municipal de Palmeira d'Oeste.

A partir de 1977, deixa de existir o curso Normal, continuando o funcionamento dos cursos supletivos de 1º e 2º graus e de Técnico em Contabilidade.

O reconhecimento “Escola Municipal de 2º grau e Ensino Supletivo” deu-se em 09 de fevereiro de 1982, através da portaria do Conselho Estadual de Educação.

Ao longo dos anos, a "Escola Serapião" cumpriu seu papel de formadora. Muitos de seus alunos se tornaram excelentes profissionais, alguns concluíram o curso de Medicina, Direito (Promotor e advogados), Enfermagem, Engenharia, Licenciaturas e tantos outros tornaram-se policiais (Cabos, Tenentes e Sargentos), comerciantes etc., motivo de orgulho para a cidade que desta forma celebra o sucesso de alunos e da instituição, destacando a qualidade da formação e o alcance de seus objetivos.

No ano de 1998, durante a gestão do prefeito João Farias Gonçalves (1997 a 2000), a escola mudou de espaço, após a inauguração do novo prédio na Rua Zacarias das Neves, nº 26-45, Bairro Mutirão. Foi também o prefeito "João Boiadeiro" que aboliu as mensalidades dos cursos supletivos de Ensino Fundamental, passando para a prefeitura a responsabilidade desses valores. Outro feito desse chefe de executivo foi a organização de um concurso público para a efetivação dos professores que lecionavam na unidade escolar.

Na gestão do prefeito Dirço Teruo Yamamoto (2001 a 2004) foram abolidas também as mensalidades dos cursos supletivos de Ensino Médio.

No início do ano 2000, por determinações educacionais e projetos de leis em andamento a escola teve que deixar de oferecer o curso de Técnico em Contabilidade, decisão precitada, pois somente a partir de 2015 o registro profissional para técnicos em contabilidade passou a ser obrigatoriamente vinculado à formação em Ciências Contábeis.

Nas últimas cinco décadas, alguns diretores passaram pela escola entre eles: Maria de Lourdes Gonçalves Cassavia, João Roberto Stefano e a atual desde 1997 a senhora Wilma Delaci Graminholi dos Santos.

Atualmente nesta instituição de ensino de educação básica há o funcionamento apenas da modalidade de ensino, a EJA - Educação para Jovens e Adultos, que representa uma formação destinada a pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular. Ela oferece a chance de retomar e concluir o ensino fundamental e médio em série semestrais. Os professores que lecionam na instituição atualmente são: Edivaldo Benedito Biscassi, Roger Leal de Oliveira, Sandra Regina Rosa, Valdir Roberto Barbieri e Elisabete Neves Santos de Jesus.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Francisco Augusto César Serapião



Adélcia da Matta Serapião



Colégio Comercial de Palmeira d'Oeste.



Equipe atual da E.M.E.F.M. e Ensino Supletivo Professor Francisco Augusto César Serapião

EEPG DE DALAS

O Grupo Escolar do Distrito de Dalas, foi criado pelo Decreto 11, publicado a 12 de dezembro de 1961. O terreno para a construção do Prédio foi doado pelo senhor José das Graças Veiga, sendo o mesmo construído pela Prefeitura Municipal de Palmeira d'Oeste, na legislatura do Sr. Manoel Pantaleão. O primeiro diretor do Grupo Escolar de Dalas foi o senhor José Carlos Arantes. Através de Lei 8987, de 20/09/1965, publicada a 30/09/1965, o Grupo Escolar de Dalas passou a denominar-se D.E.S.C. “Presidente John Kennedy., posteriormente suprimido pelo Ato 12, publicado a 13 de maio de 1969, a escola passou ao regime de Escolas Agrupadas de Dalas. Através da Resolução. SE nº 22, publicada a 27 de janeiro de 1976, as Escolas Agrupadas de Dalas passaram a denominar-se E.E.P.G. de Dalas. No ano de 1981, no mandado do prefeito Baptista Alvares Campos (1977 a 1982), a escola passou a funcionar em um novo prédio, atendendo em três períodos os estudantes da 1ª a 8ª séries do Endino Fundamental. No século XXI, com a diminuição da população em áreas rurais e a migração para centros urbanos, muitas escolas rurais, especialmente as escolas isoladas, foram fechadas, e assim também ocorreu com a E.E.P.G. de Dalas, que não tendo mais clientela suficiente para a abertura de salas, encerrou suas atividades. A E.E.P.G. de Dalas durante décadas de funcionamento atendeu aos alunos do Distrito e dos bairros rurais próximos, sempre com objetivo de cumprir sua missão de educadora, buscando promover a aprendizagem, o desenvolvimento integral dos alunos e sua inserção na sociedade.



Primeiro Grupo Escolar de Dalas (1961)



E.E.P.G. de Dalas (2025)

INSTITUIÇÃO BENEFICENTE LAR DAS CRIANÇAS SANTA ISABEL

No passado, a “Casa da Criança” ou Instituição Beneficente Lar das crianças Santa Isabel atuava como uma instituição de acolhimento e assistência social Com um caráter assistencial e de caridade, onde crianças e adolescentes que não podiam ser cuidados por suas famílias biológicas, seja por abandono, negligência ou outras situações de risco, eram acolhidos pela instituição que se tornava responsável por garantir a proteção e os cuidados necessários, funcionando como um lar substituto, oferecendo abrigo, alimentação e cuidados básicos garantindo o bem-estar físico e emocional dos acolhidos. A Instituição Beneficente Lar das crianças Santa Isabel, só foi possível graças ao empenho de muitas pessoas, das quais destacamos a senhora Adelcia da Matta Serapião. Era uma casa simples, mas essa instituição foi fundada com o propósito de oferecer abrigo e cuidado a crianças órfãs ou em situação de risco, buscando garantir seus direitos e promover sua integração na sociedade. O Lar das Crianças Santa Isabel foi uma instituição filantrópica que durante cinco décadas acolheu crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. A instituição buscava oferecer um ambiente seguro e acolhedor, promovendo o desenvolvimento integral dos acolhidos através de atividades educacionais, culturais e sociais. Ao longo de sua existência, o Lar das Crianças Santa Isabel ofereceu acolhimento e diversas atividades: pedagógicas, culturais, esportivas e de lazer; acompanhamento psicológico, social e jurídico para garantir o bem-estar e os direitos dos acolhidos. No mandato do prefeito Baptista Alvares Campos (1977 a 1982), um novo prédio foi construído para poder oferecer melhores condições às 50 crianças e jovens em regime de internato naquela época. A instituição costumava aceitar doações de alimentos, roupas, materiais escolares, brinquedos e outros itens que podiam auxiliar no bem-estar das crianças. Também era possível contribuir com trabalho voluntário e apoio financeiro. É fundamental ressaltar que, embora os orfanatos tenham desempenhado um papel importante no passado, as práticas e concepções sobre o acolhimento de crianças e adolescentes evoluíram significativamente. Com a mudança na legislação, o foco está na convivência familiar e

comunitária, com o objetivo de evitar a institucionalização e promover o direito das crianças a crescer em um ambiente familiar.



Primeiro prédio da “Casa da Criança”



Inauguração do Lar das Crianças Santa Isabel



Cenas do cotidiano na “Casa da Criança”

PARTE 6

INSTITUIÇÕES

O LIONS CLUBE



Sileide Crespilho Bosco

Nascimento: 01/01/1952.

Natural de Macaúbal/SP.

Filiação:

- Pai: José Crespilho;

- Mãe: Alinda Castelani Crespilho.

Cônjuge: Antônio Bosco Cicote.

Filhos: Rogerio Crespilho Bosco, Tissiana Crespilho Bosco, Victor Crespilho Bosco.

Formação e vida profissional:

1973: Ensino superior em letras, pela faculdade de Votuporanga

1989: Formação em magistério.

Lecionou como professor I, em Macedônia/SP e Professor III, na EE Orestes Ferreira de Toledo, até o ano 2000, quando se aposentou.

Em 1982, juntamente com o esposo, foram convidados a fazer parte do LIONS CLUBE, onde servem até hoje.

Com os problemas causados pela Primeira Guerra Mundial e a rápida industrialização, em 1917, um empresário de Chicago, chamado Melvin Jones, convidou clubes de diversas partes dos EUA para uma reunião, em que se formou a Associação de Lions

Clubes. Criou-se, então, o primeiro Lions em Chicago, Illinois, EUA.

Em 1920, o Lions tornou-se internacional, apenas três anos após sua fundação, com a formação do Lions Clube Bolder Cities, em Windsor, no Canadá. Nessa época, o Lions já estava atuante em 23 estados dos EUA, com 6.400 associados.

Em 1925, Helen Keller (uma cidadã cega desde os 18 meses de vida, mas que sempre trabalhou para minimizar o sofrimento dos deficientes) desafiou os leões, na Convenção Internacional, em Cedar Point, Ohio (EUA), a se tornarem os “Paladinos dos Cegos na Cruzada contra a Escuridão”. O Lions aceitou o desafio e, com isso, ajudou milhões de vidas, pois esse trabalho vem sendo realizado há mais de 100 anos.

Para que essa campanha se tornasse ainda mais eficaz, em 1990, o Lions lançou a campanha para ajudar a restituir a visão e prevenir a cegueira em escala mundial. Graças a essa iniciativa, mais de 488 milhões de pessoas foram atendidas nos últimos anos. Essa campanha recebeu o nome de Sight First.

Em 1945, os Leões e representantes de 46 países se reuniram para criar a seção sobre ONGs da Organização das Nações Unidas (ONU), destacando o compromisso do Lions Clubs International com “uma paz certa e duradoura para o mundo”. Hoje, os Leões continuam a trabalhar com a ONU nos eventos anuais.

Essa Associação de Lions Clubes continuou crescendo e se expandindo, até que, em 1952, foi fundado o primeiro Lions Clube no Brasil, no Rio de Janeiro - hoje, o Lions Clube Rio de Janeiro-Centro. Quem trouxe a ideia para o Brasil foi Nivaldo Navarro. O primeiro governador foi Armando Fajardo, considerado o “Patrono do Leonismo no Brasil”.

Em 1955, a II Convenção Nacional ocorreu em São Paulo, e ficou deliberado que o dia 16 de abril será o Dia do Leonismo Nacional. Somos cerca de 50 mil associados. Temos um distintivo que usamos para identificar o companheiro (CL), a companheira (CaL), a domadora (DM) e também o associado LEO.

Dentre os membros, todos os anos é escolhida uma diretoria composta por presidente, secretário e tesoureiro. Assim, a cada ano temos um novo presidente para coordenar os trabalhos.

O Lions é uma organização de serviço voluntário com mais de 1,4 milhão de membros, presente em 210 países e regiões. À medida

que avançamos pelo segundo século de serviço, nosso compromisso está cada vez mais fortalecido. Cada Leão, em qualquer parte do mundo, sabe o poder que tem ao colocar a bondade em ação. O Lions é uma das maiores forças do bem que o mundo já conheceu.

Em 2023, a LCIF e o Lions Quest tornaram-se membros fundadores do Projeto Escolha a Bondade, uma iniciativa que visa combater o bullying, promover a inclusão intencional e cuidar do bem-estar mental dos jovens.

E então, em 1967, um jovem funcionário do Banco Itaú, Luís Jodas Nogueira, ao ser transferido para a agência de Palmeira d'Oeste, trouxe consigo a ideia da fundação de um Lions Clube na cidade. A proposta foi bem recebida e, aos poucos, vários casais foram aderindo ao movimento. Entre eles, destacamos: Diógenes José da Silva / Luzia; Sílvio Paulo Lacativa Posseti / Hilda; Carlos Caetano / Izildinha; Roberto Benati / Zaira; Antonio Vieira / "Biluca".

Assim, no dia 17 de março de 1968, foi oficialmente fundado o Lions Clube de Palmeira d'Oeste, e a Carta Constitutiva chegou em 28 de abril de 1968. Estava, então, estabelecido o clube, iniciando-se o compromisso com o lema "Servir Desinteressadamente", que é o verdadeiro propósito do Lions.

No início, tudo foi muito difícil. Não tínhamos sede, e as reuniões e festas eram realizadas nas casas dos companheiros. Desde o começo, porém, era visível o compromisso do grupo com as causas e a união entre os membros - todos extremamente companheiros.

Começaram os trabalhos. Não tinham nada, mas os próprios companheiros supriam as necessidades. Por exemplo: não havia copos, pratos, muito menos talheres. Então, os companheiros iam aos mercados e empórios da época, pediam emprestado, retiravam os rótulos e os guardavam. Após os eventos, recolocavam os rótulos e devolviam os itens aos comerciantes parceiros.

Trabalhavam em todas as quermesses das capelas da zona rural. Iam de caminhão, levando tudo o que fosse necessário, e todos se envolviam com afinco. Voltavam cansados, mas felizes, pois mais uma vez o "servir" havia sido cumprido com sucesso. Assim os anos foram passando. Além disso, compreenderam a importância de participar dos comitês e convenções - encontros que reúnem Lions de todo o distrito, do Brasil e até do mundo - buscando

conhecimento e fortalecimento do movimento. Isso só foi possível graças ao comprometimento de cada um.

O Lions foi crescendo na comunidade como um grupo sério, que fazia o bem, independentemente de a quem. Nessa época, a Igreja Matriz passou por uma grande reforma, e o Lions Clube se mobilizou: ajudou em quermesses, fez arrecadações junto aos proprietários rurais, pediu contribuições como café, gado e o que mais pudesse ser doado de coração. Enfim, ajudou em tudo o que foi necessário para que a reforma se concretizasse. Hoje, temos uma Matriz ampla e acolhedora, graças também à dedicação dos Leões e Domadoras do nosso clube.

Mais de cinquenta anos se passaram, e o Lions continua firme com o mesmo propósito. Quando é preciso limpar o rio (São José dos Dourados), o clube organiza uma navegação anual para remover detritos das águas e margens. Quando conseguimos mudas de árvores, plantamos às margens do rio. Quando temos alevinos (peixinhos), soltamos no rio para repovoamento. Quando uma família precisa de uma casa, o Lions está lá, colaborando com seus serviços para tornar esse sonho realidade.

Sempre que uma entidade pede ajuda, como: o Hospital do Amor, o grupo Une Vida (que atua em aldeias indígenas), a APAE, o CRAS, o Lar do Idoso, ou em campanhas nas cidades vizinhas (Marinópolis, Jales, Cardoso), o Pedal Solidário de Palmeira d'Oeste, ou qualquer iniciativa de assistência social - o Lions está em parceria, pronto para servir.

Na Campanha do Agasalho, o Lions não se omite: arregaça as mangas e participa. Coleta de invólucros de remédios, tampinhas de garrafas, lacres de latinhas, óleo usado para troca - o Lions está sempre ativo para que tudo isso ocorra.

A campanha mais bonita, a meu ver, é a Comenda de Melvin Jones. Por meio dela, cada clube que participa envia mil dólares por ano para a LCIF (Fundação de Lions Clubes Internacional), que administra esses recursos. O dinheiro fica reservado para emergências, como grandes enchentes, terremotos, “tsunamis” ou surtos de doenças (como a vacinação contra o sarampo na África). Quando ocorre uma tragédia, os recursos são imediatamente liberados.

Quando o Brasil enfrentou as enchentes no Sul, o Lions foi o primeiro a chegar com recursos, ajudando as vítimas naquele

momento tão difícil. Além disso, se uma cidade elabora um projeto - especialmente nas áreas de saúde ou combate à fome - esse fundo pode ser utilizado para compra de equipamentos, reformas, construção e aquisição de alimentos. Exemplos concretos disso são o Hospital dos Olhos em Taquaritinga, a APAE de Mirassol, entre muitos outros que seriam incontáveis listar.

Aqui em Palmeira d'Oeste, quando você compra uma pizza do Lions, está contribuindo diretamente com essa campanha da LCIF, e nós lhe somos eternamente gratos. Essa é uma campanha mundial. O primeiro apoio registrado da LCIF foi a liberação de US\$ 50.000 para as vítimas do terremoto no México, em 1985.

A Fundação foi criada em 1968, com o objetivo de, por meio dos esforços dos Lions Clubes e seus parceiros, levar esperança através de subsídios e projetos de serviço humanitário àqueles que mais precisam. A cada projeto concluído, a cada pessoa atendida, fazemos história, por mais de 100 anos e mesmo assim nossa história está sendo traçada, está sendo escrita por mãos solidárias, por pás cravadas à terra, por doações feitas e por comunidades e vidas que são atendidas de forma positiva em todo o mundo.

O Lions também desenvolve um importante projeto voltado à juventude: o LEO Clube, criado em 1957 com o objetivo de oferecer aos jovens do mundo uma oportunidade de desenvolvimento pessoal por meio do voluntariado.

Em Palmeira d'Oeste, esse grupo foi criado em 1983 e, desde então, vem cumprindo com dedicação o seu propósito de formar líderes comprometidos com o bem comum.

Ao longo dos anos, muitos companheiros e companheiras dedicaram-se à presidência do Lions Clube de Palmeira d'Oeste. São eles:

- Diógenes José da Silva;
- Osvaldo de Lima;
- Sílvio Paulo Lacativa Pozzete;
- Jesus Cláudio Machado (“Rui”);
- Roberto Benati;
- Antônio Bosco Cicote;
- Maria Lúcia Servello;
- Marliza Pagliarini de Abreu;
- Antônio Luís Venâncio;
- Sileide Crespilho Bosco;

- Sílvia Sumam Curti;
- Amanda Orlandi Dias;
- Marccelo F. Bolonheze;
- Yosetake Tomosaburo (“Luís da Farmácia”);
- Waldecir Ferrari;
- Arnaldo dos Santos;
- Osmair Carlos Toninato;
- Wilsom Barbieri;
- Norivaldo Martines Domingues;
- Antônio Vieira;
- Adersom Guriam;
- Roberto Dias;
- Salvador Luís Zanelati.

Além disso, tivemos a grata satisfação de fundar o Lions Clube de Auriflama. Os companheiros CL Sílvio e CL Benati foram os responsáveis por levar a ideia, que foi prontamente aceita. Logo, o clube se tornou um dos maiores da região. Até hoje somos homenageados por eles como seus padrinhos, o que nos enche de orgulho, por sabermos que mais uma comunidade está sendo servida desinteressadamente - em tudo aquilo que for necessário e possível.



Lions a serviço da comunidade.

Lions Clube de Palmeira d'Oeste, Rua Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, 52-42 - Centro Palmeira d'Oeste/SP, CNPJ: 51.845.584/0001-37.

Redatora: Sileide Crespilho Bosco. Colaboração dos associados do Lions: José Ângelo Facin, Antônio Bosco Cicote, Sílvia Sumam Curti, Celso Aparecido Curti, Tissiana Crespilho Bosco; ex-

associada: Rose Mari de C. Machado e LEO Clube: Ianá Bosco Figueiredo.



Melvin Jones – Fundador do Lions Internacional e sede do Lions Clube de Palmeira d'Oeste



Navegação Ecológica



Visita ao Lions Clube de Auriflamma

A MAÇONARIA **Uma Jornada pela Luz da História.**



Douglas Luiz dos Santos

Nascimento: 05/05/1976.

Natural de São Francisco/SP.

Filiação:

- Pai: Arnaldo dos Santos;

- Mãe: Clarice Francisco da Silva Santos.

Cônjuge: Lilian Teixeira Bazzo dos Santos.

Filhos: Thiago Bazzo dos Santos; Thales Bazzo dos Santos; Thalita Bazzo dos Santos.

Formação:

De 1983 a 1987 - Escola Estadual Oscar Antônio da Costa - São Francisco/SP.

De 1988 a 1990 - Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP.

1991 - Colégio XV de Abril - Anglo Jales

De 1992 a 1993 - Colégio Rui Barbosa - Objetivo Jales

De 1995 a 1998 - Direito - Faculdade Toledo de Araçatuba

Vida Profissional:

Advogado desde 1999 na cidade de Palmeira d'Oeste, com atuação na área cível e criminal.

Professor de Direito na UEMG de Frutal - 2006/2007.

Venerável mestre da Loja Maçônica Obreiros de Palmeira 388, gestão: 2023/2024, 2024/2025.

Douglas Luiz dos Santos, atual *past master da Loja Maçônica Obreiros de Palmeira n° 388 de Palmeira D'Oeste*.

I. A Maçonaria Universal e sua Chegada ao Brasil: História, Símbolos e Grandes Nomes

Desde tempos imemoriais, a humanidade busca compreender os mistérios da vida, construir sociedades mais justas e aperfeiçoar-se como indivíduo. A Maçonaria surge como uma escola filosófica, iniciática e fraternal, dedicada à elevação moral, intelectual e espiritual do homem.

Com raízes históricas nas corporações de pedreiros da Idade Média — os maçons operativos — e transformada em instituição especulativa a partir do século XVIII, a Maçonaria moderna tem sua origem oficial em 1717, com a fundação da Grande Loja de Londres. A partir daí, a Ordem se expandiu para todos os continentes, levando consigo um legado de liberdade, igualdade, fraternidade e tolerância.

A Maçonaria chegou ao Brasil ainda no período colonial, por volta de 1796 com a instalação de lojas maçônicas em diversas regiões, como Pernambuco e Bahia e foi fundamental em momentos-chave da história nacional, como a Independência, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

Grandes nomes da história brasileira integraram seus quadros, como José Bonifácio de Andrada e Silva, D. Pedro I, Rui Barbosa, Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca, Hipólito da Costa, Gonçalves Ledo e Castro Alves.

Esses irmãos — como milhares de outros ao longo dos séculos — entenderam que a verdadeira construção maçônica não se faz com argamassa e pedra, mas com virtude, disciplina, estudo e serviço à humanidade. Assim, a Maçonaria se estabeleceu em solo brasileiro como uma instituição discreta, mas profundamente ativa na formação do pensamento e do caráter de homens comprometidos com o bem comum, sendo que a primeira loja maçônica instalada no Brasil foi Areópago de Itambé, fundada em 1796 em Itambé, Pernambuco, por Manoel Arruda Câmara.

II. A Loja Maçônica Obreiros de Palmeira nº 388: Um Pilar de Luz em Palmeira d'Oeste.

No fértil solo do Noroeste Paulista, a cidade de Palmeira d'Oeste viu nascer, no dia 29 de maio de 1990, a Loja Maçônica Obreiros de Palmeira nº 388, fruto da determinação e da fé de irmãos que sonhavam em construir um templo simbólico de sabedoria e fraternidade.

Sua regularização ocorreu em 24 de março de 1992, sob os auspícios da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, consolidando sua presença e compromisso com os princípios da Maçonaria Universal.

Foram seus valorosos fundadores:

- **Araí Caldeira Brazão**
- **Dumar Carlos Rezende**
- **Esmeraldo Antonio Ribeiro**
- **Hélio Neves da Silva**
- **Ilto Maciel**
- **José Benedito Ferreira de Souza**
- **José Rubens Pomponi**
- **José Venâncio de Souza**
- **Luis Carlos Mortari**
- **Rubens Marouelli**
- **Sylvio Paula Lacativa Pozzetti**
- **Tomaz Gonsalez Bejarano**

No início, as reuniões de trabalho da Loja Maçônica Obreiros de Palmeira eram realizadas em uma sala no piso superior da farmácia Drogaria Total localizada na Rua Brasil, antiga farmácia do Sr. Esmeraldo Antonio Ribeiro.

Esses pioneiros lançaram as sementes de uma história que floresce até hoje. A Loja consolidou-se como espaço de aprendizado, elevação moral e compromisso cívico, formando homens de bem que atuam em diversas esferas da vida comunitária.

Atualmente, a Loja se encontra instalada em prédio próprio na Rua Zacarias das Neves, 28-77 e tem como Venerável Mestre o Irmão Antônio Marcos Brandini, que, com dedicação, conduz os trabalhos da oficina com equilíbrio, fraternidade e firmeza nos princípios que regem a Ordem.

As ações dos irmãos da Obreiros de Palmeira sempre se pautaram pela solidariedade com o próximo. Muitos de seus membros ocupam posições de destaque na sociedade local, especialmente na liderança de instituições de amparo e cuidado, como a Santa Casa de Misericórdia e o Lar dos Idosos, levando os valores maçônicos do templo ao mundo profano, com discrição e generosidade.

A Loja, mais do que um espaço de reuniões, é uma escola de virtudes, um abrigo de reflexões e um laboratório de cidadania. Ali se cultiva o silêncio construtivo, a palavra responsável, a igualdade fraterna, a humildade do aprendiz e a sabedoria do mestre.

Não se trata apenas de ritos e sessões — embora estes tenham sua importância ritualística e pedagógica. A Loja Obreiros de Palmeira é também presença viva nos momentos de alegria e necessidade da cidade. Suas ações silenciosas — campanhas beneficentes, apoio a instituições, auxílio a famílias — traduzem na prática os valores que nela se cultivam.

Palmeira d'Oeste pode se orgulhar de abrigar em sua história esta respeitável oficina que, há décadas, lapida pedras brutas em homens justos e perfeitos, sempre fiéis ao juramento de servir à humanidade com ética, honra e discrição.

Nos quadros da Loja Maçônica de Palmeira D'Oeste tem, na sua composição, Irmãos de toda a nossa Comarca, ou seja, membros de Aparecida d'Oeste, Marinópolis e São Francisco.

A Loja valoriza profundamente o envolvimento da família na vivência maçônica, reconhecendo que os princípios cultivados na Ordem se fortalecem no ambiente familiar. Nesse espírito, os filhos dos maçons e não maçons da comunidade são

incentivados a trilhar caminhos de virtude e liderança por meio das ordens paramaçônicas.

Assim, é com orgulho que a Loja Obreiros de Palmeira apóia e acompanha a participação dos jovens na Ordem DeMolay e das meninas na Ordem Internacional das Filhas de Jó e Garotas do Arco-Íris, que são verdadeiras escolas de civismo, respeito e responsabilidade.

As esposas dos maçons participam do chamado Clube das Acácias. O nome acácia remete a simbologia da árvore, representando resistência e beleza, e na maçonaria está ligada à imortalidade da alma e ressurreição.

As ações sociais do Clube das Acácias refletem da distribuição de alimentos, roupas e outros itens a pessoas em situação de vulnerabilidade.

Que a memória dos fundadores e dos que vieram após eles jamais se apague e que o legado da Loja Obreiros de Palmeira continue a iluminar gerações futuras, como um farol silencioso de virtude em meio ao mundo.



A OAB DE PALMEIRA D'OESTE
Um Marco de Autonomia, Cidadania e Representatividade.



Lilian Teixeira Bazzo dos Santos

Nascimento: 04/05/1979.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- Pai: Virginio Genésio Bazzo;

- Mãe: Aparecida Teixeira Ramos Bazzo.

Cônjuge: Douglas Luiz dos Santos.

Filhos: Thiago Bazzo dos Santos; Thales Bazzo dos Santos, Thalita Bazzo dos Santos

Formação:

De 1985 a 1992– Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP.

De 1993 a 1996 - Colégio XV de Abril - Anglo Jales.

De 1997 a 2001 - Direito - Universidade do Norte Paulista (UNORP)

Vida Profissional:

Advogada desde 2002 na cidade de Palmeira d'Oeste, com atuação na área cível, trabalhista e previdenciária. Diretora da OAB Jales nas gestões 2016/2018, 2019/2020 como Secretária Adjunta e na OAB Palmeira d'Oeste nas gestões 2020/2021, 2022/2024, 2025/2027, como Presidente.

A trajetória da OAB e da advocacia em Palmeira d'Oeste confunde-se com a própria história de consolidação do Estado Democrático de Direito.

Desde seus primeiros passos, ainda como subsede da 63ª Subseção da OAB de Jales, até alcançar a autonomia administrativa com a criação da 264ª Subseção da OAB de Palmeira d'Oeste, a instituição tem desempenhado papel central na promoção da Justiça, na defesa das prerrogativas da advocacia, no debate público, no relacionamento entre as Instituições e no fortalecimento da cidadania local.

O nascimento da Subseção autônoma como verdadeira “emancipação institucional” é a concretização de um sonho antigo da advocacia local.

Das origens à mobilização: o sonho da autonomia institucional

Em 1º de abril de 1985, teve início o funcionamento da OAB em Palmeira d'Oeste, como Subsede da 63ª Subseção da OAB de Jales, sob a Presidência do Dr. Vanderlei Garcia, instalada em uma pequena sala no prédio do Fórum local, em meio à transição do regime militar para a democracia, momento delicado da história brasileira. Por quase três décadas, esse espaço acolheu os primeiros passos da advocacia local.

A instalação da sala, portanto, foi um ato simbólico e concreto de resistência democrática, marcando o compromisso da advocacia local com os direitos, mesmo antes que eles estivessem plenamente reconhecidos pelo Estado, atuando como um bastião da legalidade, ética e da cidadania.

Em setembro de 2015, a Subsede foi transferida para um prédio nas imediações do Fórum, oferecendo mais comodidade aos profissionais e jurisdicionados. À frente da administração local estava o Diretor Executivo Dr. José Fernandes, nomeado pelo então Presidente de Jales, Dr. Aislan de Queiroga Trigo, que destacou o fortalecimento institucional da advocacia em nossa Comarca.

Durante mais de 30 anos, a advocacia local almejava a criação e instalação de uma Subseção própria, desejo esse cultivado por gerações de advogados que já atuaram na Comarca.

A iniciativa ganhou força entre os anos de 2019/2020, com o apoio do então presidente da OAB de Jales, Dr. Marlon Luiz Garcia Livramento, cuja Diretora era composta pela Secretária Adjunta e advogada desta cidade, Dra. Lilian Teixeira Bazzo dos Santos já em sua segunda gestão. Como secretária-adjunta nas gestões da OAB/Jales em 2016/2018 e 2019/2021, houve um avanço estratégico importante nessa conquista, articulando para esse novo momento da OAB local.

Com apoio da advocacia local, das Instituições, Sociedade Civil, Setores de Justiça e tantos outros, foi montado o processo de criação da Subseção de Palmeira d'Oeste, com sua aprovação pelo Conselho Seccional em 14 de dezembro de 2020, sendo a Dra. Lilian Teixeira Bazzo dos Santos, então nomeada pelo Presidente Seccional, Dr. Caio Augusto Silva dos Santos a primeira Presidente da 264ª Subseção da OAB de Palmeira d'Oeste.

Destaca-se que criação da OAB de Palmeira d'Oeste não se deu em tempos comuns. Ela ocorreu em plena pandemia da Covid-19, em um dos momentos mais desafiadores da história recente do Brasil e do mundo, período de grande polarização, exigindo da Diretoria e advocacia não apenas firmeza institucional, mas também empatia, responsabilidade social e capacidade de se reinventar em um cenário tão crítico.

Com a autonomia conquistada, a OAB de Palmeira d'Oeste, instalou sua sede, no atual prédio situado na Rua Euclides da Cunha (esquina com o Fórum), para melhor atender as necessidades da Subseção, nomeado em homenagem ao saudoso advogado desta cidade e ex-diretor da OAB de Jales como Casa da Cidadania Dr. Arnaldo dos Santos, este defensor incansável da advocacia e inspiração para a realização desse projeto.

A OAB de Palmeira d'Oeste tornou-se referência jurídica e cidadã da Comarca, com infraestrutura para atendimentos, audiências, eventos, cursos, contribuições sociais e articulações institucionais.

Em 1º de janeiro de 2022 foi empossada a primeira Diretoria eleita da 264ª Subseção, sendo Presidente: Lilian Teixeira Bazzo dos Santos; Vice-Presidente: Leandro Fernandes; Secretário-Geral: Luiz Fernando Mingati; Secretário-Geral Adjunto: Reginaldo Castelo Borges; Tesoureira: Joseane de Paes Machado e nomeada Diretora Administrativa: Clélia Renata Oliveira Vieira.

Essa gestão iniciou um ciclo de atuação combativa, valorizando a advocacia, fortalecendo o diálogo com os poderes, ampliando a presença da OAB junto à sociedade e destacando o papel da mulher advogada, juntamente com a Presidente Seccional eleita, Dra. Patrícia Vanzolini, sendo a Presidente local a única mulher a presidir uma Subseção em toda região à época.

Em seu discurso de Solenidade de Posse ocorrido em 29 de julho de 2022, que contou a presença da Secretária Geral da OAB/SP, Dra. Daniela Magalhães representando a Seccional, de Conselheiros Estaduais e Federais da OAB, bem como diversas autoridades locais e regionais, tais como o Juiz de Direito da Comarca, Dr. Rafael Salomão de Oliveira, a Presidente Dra. Lilian Teixeira Bazzo dos Santos destacou:

“A conquista valoriza não só a OAB, mas também a cidade e a Comarca. A conquista valoriza de sobremaneira os cidadãos, quando prestamos assistência gratuita em convênio com a Defensoria Pública. Assim, essa conquista promove a cidadania de igual forma em que valoriza a advocacia local.”

Uma das grandes expressões do compromisso da Subseção com a cidadania é o projeto “Mulheres Vivendo sem Violência”, criado com o objetivo de combater a violência contra a mulher e acolher vítimas em situação de vulnerabilidade.

O impacto do projeto foi reconhecido em 2023, no Colégio de Presidentes da OAB/SP, ocorrido na cidade de Campinas, quando foi reconhecido o trabalho da Subseção e da Comissão da Mulher Advogada com o “Prêmio Boas Práticas – Inovação nos Serviços Prestados à Advocacia e à Sociedade”, destacando-se no mapa das mais de 250 Subseções do Estado de São Paulo.

Outro importante trabalho da Subseção é o atendimento jurídico gratuito, realizado diariamente, cumprindo seu papel social, por meio de Convênio com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, assegurando que cidadãos da Comarca economicamente vulneráveis tenham acesso à orientação jurídica e defesa de seus direitos de forma digna, ética e profissional.

Um legado em movimento

A história da OAB de Palmeira d'Oeste é um convite para reflexão de toda sociedade, pois se mistura à história local, do nosso país, bem como de pessoas que se empenharam nas últimas décadas para que todo esse movimento se consolidasse; como abertura de caminhos — para uma justiça cada vez mais acessível e para a participação plural na gestão institucional. Sob uma liderança comprometida, a Subseção foi edificada com base no esforço coletivo e na confiança da classe. Quando diferentes vozes têm espaço para contribuir, toda a sociedade se fortalece.

Texto institucional redigido: Lilian Teixeira Bazzo dos Santos, advogada, Presidente da 264ª OAB de Palmeira d'Oeste.



PARTE 7

NOSSAS PRAÇAS

As praças nas cidades do interior desempenham um papel crucial, funcionando como espaços de convivência, lazer e socialização, além de serem importantes para o desenvolvimento infantil e para a preservação da memória da cidade. Elas são locais onde pessoas de todas as idades podem interagir, se divertir e fortalecer os laços comunitários. As pracinhas oferecem áreas para descanso, prática de atividades físicas, brincadeiras e momentos de lazer ao ar livre, promovendo o bem-estar e a qualidade de vida. São locais onde as pessoas podem se encontrar, conversar, fazer novas amizades e fortalecer os laços sociais, especialmente entre crianças e idosos. As pracinhas, com brinquedos e espaços adequados, são fundamentais para o desenvolvimento motor, social e emocional das crianças, além de estimular a criatividade e a imaginação. As praças, muitas vezes, carregam marcos referenciais da cidade e histórias que contribuem para a construção da identidade local, sendo espaços de memória e pertencimento. Ao oferecerem um ambiente agradável e propício para atividades diversas, as pracinhas contribuem para o bem-estar geral da população e para a vitalidade urbana. As praças também podem abrigar eventos culturais, atividades artísticas e memoriais, promovendo a valorização da cultura local e da história da cidade.

PRAÇA JOSÉ VICENTE VICENTE (PRAÇA DA MATRIZ)

Popularmente é chamada de Praça da Matriz, por abrigar a Igreja Católica dedicada à Santa Luzia (Santa Padroeira da cidade). A surgiu logo no início da formação do lugarejo. Em 1944, o fundador da cidade de Palmeira d'Oeste, José Vicente Vicente, teve a iniciativa de limpar uma quadra de mata e construir uma capela de pau a pique, dando origem à praça. Ironicamente, faleceu tragicamente, em 25 de julho de 1957, nesse local, que posteriormente recebeu seu nome em justa homenagem. Por ser o local oficial de fundação do patrimônio, abriga em seu centro o “marco zero” da cidade de Palmeira d'Oeste. Ela é um dos principais pontos de referência da cidade e já foi palco de eventos

importantes, como comícios, shows de artistas, festivais de violeiros, Festa da Uva, entre outros...

Nessa praça, foram construídos alguns monumentos históricos, símbolos da fé e cultura local, entre eles: o "Jardim Japonês"; a gruta com a Nossa Senhora de Lourdes e a menina Bernadette Soubirous; o monumento à Festa da Uva; a Fonte Luminosa com seu complexo de estátuas: Santa Luzia, José Vicente Vicente e um Agricultor – obra majestosa do escultor e artista plástico Adélio Sarro. No ano de 2012, o prefeito José César Montanari, através de uma reforma e revitalização da Praça José Vicente Vicente, inaugurou o Calçadão Severino Caffer, onde foram instalados cinco quiosques com o objetivo de oferecer variedades gastronômicas à população.

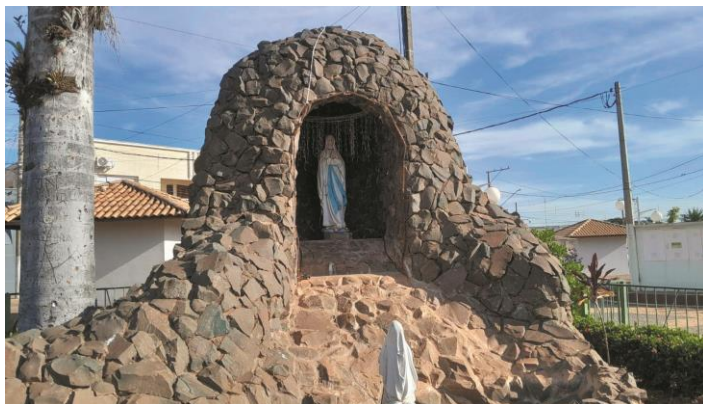


Vista aérea da Praça José Vicente Vicente



"Jardim japonês" - versão antiga e atual

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Gruta de N. Sra. De Lourdes



Monumento – Palmeira d'Oeste a Capital Regional da Uva



Fonte Luminosa

PRAÇA FELIX ALVARES ZORILLA (PRAÇA DO BATISTA)

Este espaço foi destinado à construção de uma praça desde a fundação da cidade e teve vários nomes não oficiais, entre eles: "Praça ou Ponto do Fuxico", porque ali se reuniam vários homens à noite para relatar e discutir os fatos da cidade; "Praça dos Tubos", devido ao depósito de enormes tubos de cimento no local, que ficaram esquecidos por anos até que fossem usados em alguma canalização; e, por fim, foi nomeada oficialmente como, Praça Felix Alvares Zorilla, em homenagem ao pai do prefeito Baptista Alvares Campos, que esteve à frente do Executivo por dois mandatos (1969 a 1972 e 1977 a 1982), e residiu com sua família por décadas na Avenida Catanduva, em uma casa em frente a essa localidade.



Baptista Alvares Campos (1935-2013)



Praça Felix Alvares Zorilla (Praça do Batista)

PRAÇA LIOVERGÍLIO FRANCISCO CARDOSO (PRAÇA DO CRISTO REDENTOR)

Local de destaque na cidade, com uma estátua do Cristo Redentor localizada em um ponto elevado, oferecendo uma bela vista panorâmica. O local foi revitalizado, incluindo a construção de uma escadaria para acesso à estátua. A praça é um ponto turístico e religioso, atraindo visitantes que desejam apreciar a vista e o monumento. Além da beleza cênica, a praça também serve como espaço para eventos e momentos de contemplação. A praça foi inaugurada no mandato do prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler no dia 13 de dezembro de 1984. Em sua placa estão as inscrições: “PRAÇA LIOVERGÍLIO FRANCISCO CARDOSO – Homenagem ao laborioso pioneiro pelo de trabalho e amor à comunidade”. Liovergílio Francisco Cardoso nasceu em Parnamirim, estado da Bahia, em 04 de maio de 1907. Filho dos lavradores Otaviano Cardoso e Silvina Sulina Cardoso, teve três irmãos (dois homens e uma mulher). passou uma infância difícil, pobre, estudou somente o primário. A família procurando melhores condições de vida, mudou-se para a cidade de Palestina/SP. Liovergílio, inteligente, gostava de leitura, conseguiu trabalho em um escritório de contabilidade, fez muitas amizades com pessoas públicas e do meio político. Casou-se com Minervina Bárbara Cardoso, 29 anos de idade, ela viúva e com três filhas pequenas, e ele com 29 anos de idade. Minervina era proprietária de uma fazenda de 140 alqueires em Palestina/SP muito bem estruturada. Com o tempo a terra foi “ficando cansada” e eles decidiram procurar terras virgens e de boa fertilidade. Em 1940, o casal iniciou uma viagem, no lombo de mulas, enfrentado todo tipo de dificuldade no meio das estradas, trilhas e matas. Encantaram-se pelas terras férteis de uma vila que se iniciava no sertão: Palmeira d’Oeste/SP. Liovergílio Francisco Cardoso, amigo de políticos influentes, implantou o nosso primeiro serviço de correios, aqui fez sua história, construiu sua família e deixou um legado de força, trabalho e perseverança.

Endereço: Rua Brasil (em frente ao Cemitério), Palmeira, d’Oeste/SP.



Liovergílio Francisco Cardoso.



Prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler, a primeira-dama Hermínia, Minervina Barbara Cardoso, membros da família de José Vicente Vicente. Argentina e seu esposo Levino Borges (1984)

PRAÇA JOSÉ FERNANDO CHAGAS (PRAÇA DO ORESTES) Próxima a E.E. Orestes Ferreira de Toledo, é um espaço público central na cidade. Ela faz parte do cotidiano dos moradores, sendo um ponto de encontro e lazer, e, em seu entorno, há um trailer que oferece lanches e porções, de propriedade do conhecido "João do Lanche". A praça foi inaugurada durante o mandato do prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler, no dia 13 de dezembro de 1984. Em sua placa, estão as inscrições: “JOSÉ FERNANDO CHAGAS – “Homenagem dos Poderes Executivo e Legislativo ao ilustre líder estudantil.” O jovem José Fernando Chagas, entre outras atividades, foi instrutor de fanfarra, é exemplo de dedicação à comunidade e à cultura local.

Endereço: Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco - Palmeira d’Oeste/SP.



José Fernando Chagas.

Nascimento: 08/01/1947.

Natural de José Bonifácio/SP.

Filiação:

- Pai: Miguel Chagas Rabelo;

- Mãe: Cecília Bertoldo Silva Chagas Rabelo.

Irmãos: Darcy L. Rabelo, Dazilda Lucila Rabelo, Dailda Chagas Rabelo, Dionice Maria Rabelo, Antonio Flávio Chagas Rabelo, Miguel Farid Chagas Rabelo.

Conjuge: Massako Sugai.

Filhos: Adila Fernanda Chagas.

Falecimento: 02 de maio de 1970 aos 23 anos de idade.

Histórico: Fernando passou a infância em José Bonifácio/SP. Foi um menino, como tantos outros, destacando-se com sua

criatividade na vida escolar. Sempre foi um exemplo, proporcionando alegrias e orgulho para os pais. Com a mudança da família, para nossa cidade, passou a adolescência em Palmeira d'Oeste. Era um jovem feliz, cheio de sonhos que foram ceifados pela morte precoce. Formou-se em Contabilidade, foi um aluno dedicado, tornou-se professor. Trabalhou no Fórum como escriturário. Fernando, apesar das dificuldades, era um homem muito culto, discorria sobre qualquer assunto. Pessoa boníssima, de caráter ímpar, humilde, inteligente, educado e muito bem-quisto na comunidade. Fernando casou-se muito jovem, com a jovem, Massako Sugai, apesar das objeções por parte da família da esposa. O casal teve apenas a filha, Adila Fernanda Chagas. Aprovado em concurso federal, assumiria sua função em 15/05/1970 em um fórum da cidade de São Paulo/SP, porém, não assumiu o cargo, em decorrência de seu falecimento em 02/05/1970, provocado por ato médico desastroso. Faleceu ao ser submetido a uma injeção de Adrenalina.

- *“Fernando era muito querido na cidade por sua alegria, bondade, bom filho, bom pai, esposo, irmão, amigo e um grande cidadão”. “Nós perdemos você e a vida perdeu um gênio”. “Fernando amava a vida era um homem cheio de projetos, ideais e que ansiava um futuro”. “Fernando amava a vida, mas, de tudo só ficou saudades”.* Sua irmã, Dionice Maria Rabelo.



PRAÇA DOS PIONEIROS

A construção dessa praça teve como objetivo prestar uma "justa homenagem aos pioneiros", reconhecendo e valorizando aqueles que foram os primeiros a chegar e a contribuir para o desenvolvimento dessa localidade. O espaço celebra o trabalho, a dedicação e a importância desses indivíduos na construção da história e do progresso da cidade, inspirando as futuras gerações. A praça foi inaugurada durante o mandato do prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler, no dia 13 de dezembro de 1983. Em sua placa, estão as inscrições: *"Homenagem dos Poderes Executivo e Legislativo de Palmeira d'Oeste às famílias pioneiras que, com a força de seu trabalho, desbravaram esta querida terra de Santa Luzia."*



PRAÇA MANOEL RASTEIRO

A praça Manoel Rasteiro está no Distrito de Dalas, foi totalmente reformada e arborizada no mandato do prefeito Baptista Alvares Campos (1977-1982) e foi nomeada, Praça Manoel Rasteiro, homenageando este ilustre cidadão dalesense. A praça já comportou o Centro Comunitário Carlos, José da Veiga Carlos Carlson, local de grandes festas e bailes nos anos de 1980 e 1990, atualmente demolido. Em um dos espaços da praça está a Igreja de São João Batista um marco importante para a comunidade local, testemunho de fé e da história da região. A praça Manoel Rasteiro representa o coração de Dalas, rodeada por árvores, é um local de reunião de amigos e passeios em família, sendo um ponto de encontro popular entre os moradores e visitantes. Dalas é um distrito do município de Palmeira d'Oeste/SP, possui, aproximadamente, 500 habitantes. O cenário de tranquilidade impera no local, uma praça, uma pequena igreja e poucas pessoas nas poucas ruas. Segundo o site da prefeitura de Palmeira d'Oeste, o município perdeu habitantes desde a década de 1960, quando foi considerado um dos maiores produtores de banana do estado. Dalas dista 11 quilômetros da rodovia Feliciano Sales Cunha (SP 310), está a 163 de São José do Rio Preto/SP e a 13 quilômetros da sede Palmeira d'Oeste. Há dois quilômetros do distrito está o rio São José dos Dourados (sua nascente está em Mirassol/SP e sua foz no rio Paraná em Ilha Solteira/SP).



Entrada do Distrito de Dalas

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Inauguração da Praça Manoel Rasteiro no mandato do prefeito Baptista Alvares Campos (1981)



Praça Manoel Rasteiro com a Igreja de São João Batista



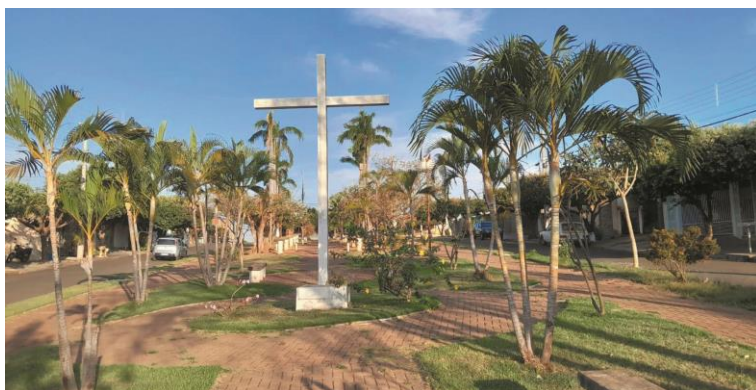
Rio São José dos Dourados

PRAÇA MIGUEL URBANO GONÇALVES (PRAÇA DO CRUZEIRO)

A Praça do Cruzeiro, tem uma importante história de manifestação da fé e de resgate histórico, conta-se que uma senhora de nome Maria Eduvirges Figueira (sobrenome não comprovado), moradora da cidade de Palmeira d'Oeste nos idos de 1960, ao alcançar já uma certa idade foi acometida de uma grave doença. Em momentos como estes, muitas pessoas buscam refúgio na fé, recorrendo a Deus em oração e, em alguns casos, fazendo promessas à Deus, geralmente acompanhado de um pedido de cura ou auxílio em relação à enfermidade. Naquele momento da vida, a Sra. Maria Eduvirges, prometeu em suas orações, que se alcançasse a cura construiria uma igrejinha ou uma capela no terreno de sua casa, como gratidão e reconhecimento pela intervenção divina. Após seu restabelecimento, com muito esforço e contando com a ajuda de amigos, mandou erguer no local um enorme cruzeiro de madeira, porém, de origem humilde, sem recursos, vivendo sozinha chegou ao fim da vida sem conseguir realizar a obra prometida. Alguns familiares vieram até a cidade para realizar os procedimentos funerários e acabaram se desfazendo do terreno, situado na Avenida Getúlio Vargas, 49-76, vendendo-o para a Prefeitura Municipal. No dia 13 de dezembro de 1986 foi inaugurada, na gestão do prefeito Ângelo Hélio Ponce Soler, o prédio da Creche Menino Jesus. Nesse momento a ideia era retirar o cruzeiro e redirecioná-lo para a praça Miguel Urbano Gonçalves, na Cohab João Antônio Ribeiro. Segundo depoimentos, o cruzeiro havia se deteriorado com o tempo, então houve a necessidade da construção da nova cruz semelhante à anterior.

Endereço: Rua Ernesto Pazini, Cohab João Antônio Ribeiro, Palmeira d'Oeste/SP.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



PRAÇA ADAIL MASTROCEZARE

Abriga um complexo de locais de lazer.

Endereço: Avenida Catanduva, Cohab João José Dias, Palmeira d'Oeste/SP.



Adail Mastrocezare



PRAÇA JOSÉ MÉSCUA FILHO (PRAÇA DA BÍBLIA)

Localizada próximo ao portal de entrada da cidade de Palmeira d'Oeste.

Construção e inauguração: Prefeito José César Montanari.
Palmeira d'Oeste SP.

Histórico: José Méscua Filho nasceu em 26 de janeiro de 1931, filho de José Méscua e Albertina Marques, casou-se com Maria Ângela de Souza e tiveram 08 filhos. Nos tempos em que Palmeira d'Oeste era grande produtora de banana, seu pai e seu irmão Melquíades Méscua foram grandes compradores de banana. José Méscua Filho, trabalhou como agricultor, açougueiro e pecuarista. Cidadão ilustre e atuante, foi homenageado, recebendo esta praça o seu nome.



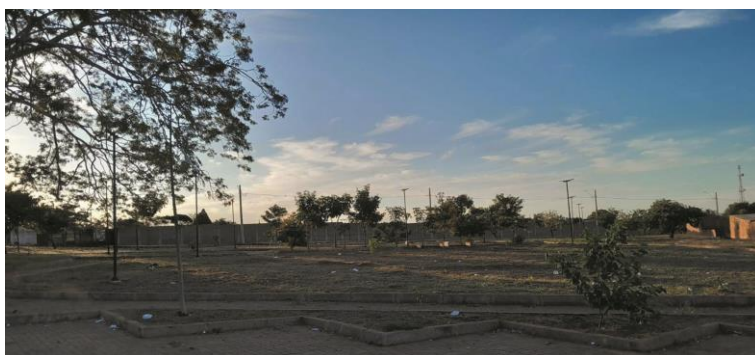
Portal de entrada de Palmeira d'Oeste/SP

PRAÇA DA COHAB LUIZ PALATA



PRAÇA REINALDO CASTELANI

Cohab José Antônio Esparapani



PRAÇA DO JARDIM DO BOSQUE



PARTE 8

PALESTRAS E PALESTRANTES DO PROJETO NOSSA TERRA, NOSSA GENTE



Aparecido Alves de Lima

Nascimento: 23 de maio de 1956.

Natural de Ibitinga/SP.

Filiação:

- Pai: Osvaldo Alves de Lima;

- Mãe: Helena Maria de Lima.

Esposa: Cleuza Henriques de Lima.

Filhos: Alcides José Alves de Lima, Maria Elza Alves Lavrandeiro,
Izabel Aparecida Alves Neves.

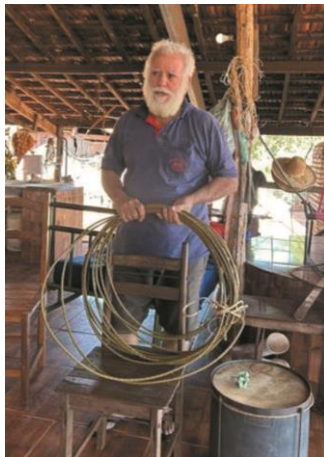
Histórico:

O senhor Osvaldo Alves de Lima e sua esposa Helena Maria de Lima, vindos de Nova Granada/SP, chegaram a Palmeira d'Oeste em 1954. Inicialmente, adquiriram 50 alqueires de mata virgem e, posteriormente, mais 20 alqueires, onde plantaram café, milho, feijão e arroz, além de destinarem uma parte para pastagens. Parte da propriedade ainda está nas mãos dos herdeiros, entre eles o Sr. Aparecido Alves de Lima, que mantém a tradição da “Chegada de Reis” em sua propriedade, recebendo a comunidade todo ano para os festejos. A família de lavradores sempre foi devota e costumava cantar a “Bandeira de Santo Reis”, saindo com ela durante muitos anos. A tradição foi passada por gerações, porém, atualmente, só realiza a “Chegada da Bandeira”, com a ajuda de amigos e familiares. Ainda assim, a família Lima reúne anualmente, em sua

propriedade, a Companhia de Reis “Renascer com Cristo”, de Auriflâma/SP, recebendo pessoas da comunidade para uma grande festa, regada a muita comida, bebida, danças, orações e cantorias. A família Lima também é devota dos “Santos Juninos”, Santo Antônio, São João e São Pedro. Todo ano, no dia de São João, convidam seus amigos para uma típica festa junina, com fogueira, queima de fogos de artifício, pipoca, quentão... É realizada uma missa e o levantamento do mastro com as imagens dos referidos santos. Essa tradição simboliza a fertilidade e a alegria da festa, além de ser uma forma de devoção e fé expressa nas atitudes dos Limas. Durante o ano, a família Lima, dedica-se ainda ao trabalho artesanal em couro de boi. O trabalho é iniciado com o preparo do couro. Produzem laços (utilizados na “lida de gado”), cabeçadas, rédeas, cintos, reios, etc. . Esses produtos artesanais atraem compradores de vários estados, tais como: São Paulo; Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. No dia 30 de maio de 2025, a família Lima recebeu em sua propriedade os organizadores do **Projeto Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural** (professores Edivaldo Biscassi, Alessandra Mastelari e o Dr. Hermenegildo Ferreira), juntamente com 28 alunos das segundas séries do Ensino Médio da E.E. Orestes Ferreira de Toledo, onde relatou toda a trajetória da família, desde as origens até os dias atuais.



Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Visita ao Sítio São José (Aparecido Alves de Lima)



Arlete Rodrigues de Almeida

Nascimento: 08/08/1967.

Natural de Palmeira d'Oeste SP.

Filiação:

- Pai: Aduino Rodrigues de Almeida;

- Mãe: Aparecida de Souza Almeida.

Cônjuge: solteira.

Filhos: não tem.

Formação:

- 1975 a 1984 - Escola Estadual Oscar Antônio da Costa - São Francisco/SP;

- 1985 a 1987- Ensino Fundamental - E.E. Orestes Ferreira de Toledo Palmeira d'Oeste/SP;

- 1988 a 1989 - Ensino Médio (Magistério) na Escola Estadual Prof.^a Vanir Ferreira de Moraes em Guzolândia/SP;

-1990 a 1993 - Licenciatura Plena em Educação Artística/Desenho Geométrico – Faculdade de Filosofia Ciências de Letras de Jales - Jales/SP.

Vida profissional:

- 1988 PEB I;

- 1990 a 1999 Professora de Arte - D. E. Pereira Barreto/SP;

- 2000 a 2005 Professora de Arte - D.E. Jacarei/SP;

- 2006 a 2018 Professora de Arte - D.E. São José do Rio Preto/SP;

- 2018 – Aposentadoria;

- 2019 - Criadora de Saci - Protetora e Incentivadora da Cultura Popular/Folclore Brasileiro.

- 2020 até momento, representante Comercial - Vendas de Peças e Acessórios para Caminhão.

Palestra: Cultura familiar: preservar, esquecer ou criar culturas.

Em sua palestra a professora Arlete narrou que perdeu os avós paternos muito cedo. Porém, conviveu com os avós maternos por muito tempo, período em que aprendeu muita coisa com a avó Izaulina Rosina de Jesus, que era parteira. Foi com ela que conheceu aspectos da vida de uma mulher, do casamento e da gravidez. Relatou que o casamento “antigo” era focado na obrigatoriedade do casal ter filhos. A avó costumava dizer três frases:

“A mulher é do lar e o homem é do mundo” (o homem tem que sair para trabalhar);

“ O marido pode trazer diversas riquezas para dentro de casa, mas cabe a mulher cuidar para que isso gere prosperidade”;

“ A mulher deve aprender a conversar com o marido, ela reforçava que o casal deveria sempre dialogar”.

A avó também lhe ensinou que, quando a lua mudava de fase, era sinal de que a criança estava pronta para nascer. Antes disso, era preciso lavar todas as roupinhas, desabotoá-las e desamarrar os lacinhos para facilitar o parto. Após o nascimento, o bebê era enrolado em mantas, mesmo nos dias de calor, e a mãe ficava sete dias isolada, sem receber visitas. Sua alimentação deveria ser baseada em milho e sopa de galinha caipira. Contava ainda que, se outra mulher estivesse menstruada, não poderia visitar o recém-nascido, pois acreditava-se que isso poderia fazer o leite “secar” nas mamas da mãe. Havia também cuidados específicos com o umbigo da criança e uma certa urgência em realizar o batizado. O respeito pelos mais velhos era ensinado desde a infância. Bastava um olhar, dos pais, para se perceber a aprovação ou reprovação diante de uma atitude do filho. Entre os saberes de sua avó estavam a fabricação de sabão com cinzas e a infusão de chás, entre eles, um feito com raspas de chifre de carneiro, usado para curar lombrigas. Essa avó, sábia, fazia a “oração da boa morte”, para não sofrer na hora de partir deste plano. Na época, quando havia falta de chuvas, enchia-se garrafas com água e jogava-se em um cruzeiro, na esperança de que as chuvas viessem. Relatou que seu avô, praticamente um artesão, produzia muitos móveis de madeira para a casa. Foi ele quem fez o

primeiro açúcar que ela provou, extraído da cana-de-açúcar. A professora viveu a infância em uma fazenda e contou sobre o modo de vida no local: as dificuldades com a higiene pessoal, os banhos em bacias, os colchões recheados com palha de milho, os travesseiros de penas de galinha, a produção de alimentos. Narrou como deviam se comportar durante a quaresma, como eram os benzimentos e simpatias, os medos, a religiosidade, os terços, as folias de reis, a fé em Nossa Senhora do Bom Parto, os velórios que aconteciam dentro das casas, além das brincadeiras, superstições e suas aventuras ao vir para a cidade em carro de boi. Contou sobre os almoços de domingo, em família, e as tradicionais festas de Natal, onde todos se reuniam, um costume que se mantém até os dias de hoje. A professora Arlete lembrou que, nos bailes que frequentava em sua juventude, uma moça não podia recusar o pedido de um rapaz que a chamasse para dançar. Entre as festas e diversões da juventude, destacou os circos, os parques e as famosas "touradas".

Sobre o que ainda era considerado um tema proibido, lembrou-se de uma frase da avó que marcou sua vida aos 12 anos de idade: **“Desde que o mundo é mundo, existe, e cabe a nós respeitar.”** A frase tratava da homossexualidade, um assunto evitado por todos na época. Sua avó, mulher sábia, aconselhava-a a estudar, ter uma casa, morar em uma cidade grande e não se casar. Aos 27 anos, Arlete compreendeu os conselhos da avó. A professora também falou sobre os preconceitos da época com mulheres separadas e crianças com deficiência. Deixou como lição o exemplo de empoderamento das mulheres de então, que, mesmo com muitos afazeres domésticos e filhos para cuidar, eram verdadeiras guerreiras.



Antônio Ricardo de Souza, Izaulina Rosina de Jesus, netos (Igreja Matriz -1970)



Reynaldo Gregório, Padre Gilberto, Celestino Teixeira – bodas de ouro do casal Antônio e Izaulina



Antonio Esquina Dias

Nascimento: 7 de dezembro de 1948.

Natural de Nipoã/SP (Vila Leuza).

Filiação:

- Pai: João Esquina;

- Mãe: Mathilde Dias Monteiro Esquina.

Esposa: Maria de Lourdes do Valle Esquina

Filhos: Cibely do Valle Esquina Santos, Wesley do Valle Esquina.

Netos: Lívia Esquina dos Santos, Wesley do Valle Esquina.

Formação:

- Curso Primário: de 1956 a 1960; o primeiro ano na Escola Mista “Dona Isabel Alves de Carvalho” (sítio do Sr. Gabriel Rodrigues de Carvalho, Córrego do Botelho, Palmeira d’Oeste/SP); o segundo ano na Escola “Ponto Novo”, cabeceira do Córrego do Botelho, Palmeira d’Oeste/SP e o terceiro e quarto anos na Escola Mista de São Francisco/SP;

Após a conclusão do curso primário, e não tendo opção de prosseguimento nos estudos, continuou ao lado dos seus pais e irmãos, trabalhando na lavoura cafeeira; foram quase 10 anos sem pisar numa sala de aula, período de muita tristeza, frustração e revolta;

- Curso de Admissão ao Ginásio: em 1969, cursou o extinto “Curso de Admissão ao Ginásio”, e foi aprovado, porém só iniciou o Curso Ginásial no ano de 1970 quando, finalmente, foi criado o “Ginásio Estadual de São Francisco”;

- Curso Ginásial: cursou a 1ª. série e a primeira metade da 2ª. série em São Francisco/SP, a segunda metade da 2.ª série e a primeira

metade da 4ª. série, na cidade de Americana/SP, regressando à São Francisco/SP, concluiu o referido curso em 12/12/1973;

Em 1973, foi aprovado em Concurso Público Estadual para Servente de Escola; e assumiu sua função como Servente do Ginásio Estadual de São Francisco em 1974;

Terminado o ginásial, foi impedido de fazer sua matrícula na E. E. Orestes Ferreira de Toledo para cursar o Colegial (2.º grau), atualmente Ensino Médio, por ter a idade de 25 anos, segundo norma da época, teria ultrapassado a idade limite para frequentar este curso da Secretaria Estadual de Educação;

- Curso Técnico em Contabilidade: aconselhado pela namorada, hoje sua esposa, em 1974, matriculou-se na Escola de Comércio (Escola do Professor Serapião), em Palmeira d'Oeste/SP, onde fez o 1º. e 2º. anos de Técnico em Contabilidade, o terceiro e último ano do referido curso fez na Escola de Segundo Grau “Dona Leonor Mendes de Barros”, pertencente à Instituição Soler de Ensino, da cidade de Jales/SP;

- Curso de letras: iniciado em 1977 na FAFICLE (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales); Habilitação em Português, Inglês, Literaturas: Portuguesa, Brasileira e Infantil, com duração de três anos.

- Curso de Pedagogia Plena: iniciado em 1981 na FAFICLE (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales); Habilitação em Didática, Psicologia, Sociologia, Filosofia e Administração Escolar de 1º. e 2º. Graus, com duração de dois anos.

- Curso de Bacharelado em Direito: iniciado em 2019 no Centro Universitário de Jales com duração de cinco anos, graduando-se em 16/12/2023, aos 75 anos de idade!

Vida profissional:

- Lavrador, dos sete aos vinte e dois anos de idade, junto aos pais e irmãos;

- Encarregado de Setor de Exportação de Tecidos, entre setembro de 1971 e agosto de 1972, na empresa Toyobo do Brasil S/A - Fiação e Tecelagem, na cidade de Americana/SP;

- Servente (ACT) – Secretaria Estadual de Educação, admitido por concurso, entre 13/12/1973 e 18/7/1976, na Escola Oscar Antônio da Costa em São Francisco/SP;

- Escriturário (ACT) – Secretaria Estadual da Educação, admitido por concurso, entre 20/7/1976 e 19/10/1976, na Delegacia de Ensino de Jales;
- Escriturário (ACT) – Secretaria Estadual da Saúde, admitido por concurso, entre 20/10/1976 e 19/10/1982, no Centro de Saúde III de São Francisco;
- Encarregado de Setor – Administração Geral (Diretor) – Estável por concurso especial, de 20/10/1982 a 5/2/1995, exerceu a Direção Administrativa do Centro de Saúde III de São Francisco, cujo Diretor Técnico era, o seu grande amigo e companheiro, Dr. Dumar Carlos Rezende;
- Professor (ainda aluno no curso de Letras), na Escola Estadual “Oscar Antônio da Costa”, a convite e em substituição, de agosto de 1977 a fevereiro de 1978;
- Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (ACT) - Escola Padrão – Secretaria Estadual de Educação – “Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo” de Palmeira d’Oeste, no ano 1995;
- Professor de Psicologia e Sociologia (ACT) – Eventual - Escola “Baptista Dolci”, na cidade de Dolcinópolis/SP, durante quatro meses, em 1996;
- Professor de Português e Literatura na Escola Estadual “Dr. Euphly Jalles”, durante quatro meses, em 1996;
- Professor de Filosofia, Português e Literatura Brasileira na Escola Estadual “Orestes Ferreira de Toledo” em Palmeira d’Oeste, em 1996;
- Professor de Português e Literatura na Escola Estadual “Orestes Ferreira de Toledo”, em Palmeira d’Oeste entre 1997 e 30/01/1998, quando se aposentou aos 49 anos e dois meses de idade.
- Após a sua aposentadoria pela Secretaria de Estado da Educação, como Professor ACT, fez um novo concurso na tentativa de ingressar, como Professor Efetivo, no Quadro do Magistério Paulista, ingressou na cidade de Sumaré/SP e lá permaneceu por cinco anos, até surgir a oportunidade de remoção para São Francisco/SP, na Escola Estadual “Oscar Antônio da Costa”. Concomitantemente ministrou aulas em caráter de substituição eventual nas escolas de Jales/SP, São Francisco/SP, Marinópolis/SP, Palmeira d’Oeste/SP e Dirce Reis/SP.

- Também foi professor plantonista de Língua Portuguesa e Redação no Sistema Anglo de Ensino nas cidades de: Jales/SP, Auriflâma/SP e Santa Fé do Sul/SP, durante os anos de 1993 e 1994;
- Foi Professor substituto de Linguística para alunos do segundo ano do Curso de Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales durante um ano, em 1998;
- Foi Professor substituto de Literatura Brasileira durante dois semestres, na FAFICLE, em 1999;
- Foi Professor de Português, Inglês e Literatura na Escola Agrícola Dr. José Luiz Viana Coutinho”, em Jales/SP, nos anos de 1997 e 1998;
- Foi Professor de Português, Inglês, Literatura Brasileira e Literatura Infantil na Escola de 2º. Grau “Dona Leonor Mendes de Barros”, da Instituição Soler de Ensino de Jales entre 1981 e 1990.

Produção Literária:

- 1-Minha Poesia - Poemas, Crônicas, Mensagens e Agradecimentos;
- 2-Meu Encontro Com o Poeta - Um pouco do grande José Fortuna;
- 3-Retrato Vivo - Textos, Crônicas, Causos e Pensamentos;
- 4-Reminiscências do Magistério - Recordações e relatos;
- 5-Falando ao Coração - Trovas, Pensamentos, Provérbios e Máximas;
- 6-Encontro Festivo - Poemas, Piadas e Reminiscências;
- 7-Porteiras Fechadas - Relatos de Obstáculos em sua vida;
- 8-Antologias - textos Diversos e de diversos autores (didático);
- 9-Viajando e Sonhando - Contos, Causos e Crônicas;
- 10-Conversando Com Deus - Preces, Orações e Meditações;
- 11-É Bom Saber - Curiosidades (Internet), Colaborações;
- 12-Desbravando o Sertão - Histórico sobre São Francisco/SP;
- 13-Retrospectiva Literária - Síntese dos Prefácios, Cartas e etc.

Palestra: A Vida, Dom Divino.

O professor Antonio Esquina Dias iniciou sua palestra dizendo que: tem setenta e seis anos de idade; descende de famílias de imigrantes espanhóis Italianos e portugueses; sempre foi muito estudioso; gosta de ler e cultiva diversas culturas. Em sua explanação, relatou que até a idade de vinte e três anos,

residiu no Córrego do Botelho, em Palmeira d'Oeste/SP. Morava na zona rural e sua família tirava o sustento da roça, principalmente das lavouras cafeeiras. Assim que concluiu o Curso Primário (1960), teve que interromper sua formação escolar para poder trabalhar e ajudar a família no sustento do lar, fato este que lhe deixou muito triste, pois era seu sonho completar os estudos, porém, seus pais não tinham condições de mantê-lo na escola. Na sequência, o palestrante contou que aos 25 anos de idade, sua namorada o incentivou a fazer o curso técnico que equivalia ao Ensino Médio, eram tempos difíceis, tinha que pagar a mensalidade e ainda gastaria com transporte, mas conseguiu carona e concluiu o curso com muita dificuldade. Ao falar sobre Cultura e Família, entre as lembranças da infância, narrou que as mulheres tinham uma vida muito difícil, trabalhando nas lavouras ao lado dos esposos e de filhos ainda jovens. Lembrou da autoridade extrema dos pais, dentro dos lares, no passado (vivia-se o patriarcado), e a submissão da mulher, ressaltou que isso vem mudando, atualmente a família não possui um líder direto, sendo comandada pelo marido e pela mulher. Traçou um paralelo, entre o passado e os tempos modernos, falou da união de pessoas do mesmo sexo e afirmou que a adoção de crianças é um gesto muito bonito e humanitário. Também disse que a família tradicional, antiga e numerosa, era formada por pai e mãe, juntamente com os filhos, em alguns casos gerava-se 10, 12 filhos... Contou que uma tia sua, teve por três vezes, filhos gêmeos, mas os tempos mudaram, pois atualmente os casais optam por filho único, ou dois no máximo.

Ao falar da vida profissional, disse que com vinte e três anos de idade, passou em um concurso público estadual, da Secretaria Estadual de Educação, tendo sido aprovado, foi trabalhar no antigo Ginásio Estadual de São Francisco/SP, como Servente.

Em meados de 1976, passou em 1º. Lugar no Concurso Público Estadual da Educação, foi trabalhar na Delegacia de Ensino de Jales; nesse mesmo ano, passou em mais dois Concursos Públicos para o Cargo/Função de Escrivão: um para a Caixa Econômica Federal, unidade de Jales (2º. Lugar) e outro na Secretaria Estadual da Saúde, tendo optado por este último, uma vez que havia uma vaga no Centro de Saúde III de São Francisco/SP, onde começou como escrivão e se tornou Diretor Administrativo. Permaneceu nesta unidade por 18 anos e alguns meses. Trabalhou como

professor na Escola Francisco Augusto Cezar Serapião, a convite do então Diretor, o saudoso professor e amigo João Roberto Stefano. Em 1995 exonerou-se da Secretaria Estadual da Saúde e, também através de convite, assumiu aulas em período integral na Escola Estadual “Orestes Ferreira de Toledo”, de Palmeira d’Oeste, no Projeto de Escola Padrão; no final de 1995, o referido Projeto foi extinto, e em virtude de várias mudanças no magistério, acabou ficando sem aulas. Passou por muitas dificuldades, inclusive financeiras, e até rejeição, mas tinha no pensamento que “Desistir nunca, pois sempre soube se reerguer e recomeçar”, nessa oportunidade foi lecionar Psicologia e Sociologia na Escola Estadual “Baptista Dolci”, na simpática cidade de Dolcinópolis/SP, onde permaneceu apenas quatro meses, tendo regressado ao Orestes no mesmo período letivo e lecionado até 30 de janeiro de 1998, quando se aposentou.

Também trabalhou lecionando no curso de Magistério no colégio XV de abril em Jales e lecionou Filosofia na E.E. Orestes Ferreira de Toledo, de Palmeira d’Oeste/SP, em substituição ao colega Antônio Miguel Soares.

Quanto à sua aposentadoria, o Professor Antonio Esquina Dias relatou que se aposentou com 49 anos e não deixou de lecionar. Em escolas particulares, lecionou na Instituição Soler de Ensino: Sistema Anglo de Ensino (Jales, Santa Fé do Sul e Auriflama) e na antiga FAFICLE (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales), por dois anos, substituindo os colegas Prof. Belão e a saudosa Prof^a. Elza Maria Aydar (de quem fora aluno no Curso de letras entre os anos de 1977 e 1979). Ainda sobre sua carreira no Magistério, relatou que, após se aposentar, voltou a prestar concurso público estadual para Ingresso no Magistério e, tendo sido aprovado, resolveu voltar à ativa, tendo ingressado na Escola Estadual “Maria de Lourdes Martins”, no Jardim Maria Antônia, na cidade de Sumaré/SP, onde permaneceu, por cinco longos anos, até ser removido por União de Cônjuge para a Escola “Oscar Antônio da Costa”, de São Francisco/SP, na qual permaneceu por apenas mais três anos, após o que, solicitou exoneração de seu cargo efetivo. Afirmou o professor Palestrante que, depois de se exonerar do cargo de professor efetivo, isso em 2015, descansou por uns três anos e voltou aos bancos escolares, desta feita para realizar um sonho de criança, já esquecido pelo tempo: cursou Bacharelado em

Direito na UNIJALES - Centro Educacional de Jales, tendo concluído o referido curso em 16/12/2023 com 75 anos de idade!

Em seus relatos, contou que é leitor assíduo e que lê pelo menos duas horas por dia. É colecionador de livros, possui aproximadamente 3.700 exemplares de livros diversificados. Coleciona discos de vinil (LPs e Compactos), registrando até o presente momento um acervo com mais de 11.200 exemplares. O palestrante gosta muito de futebol, é torcedor fanático do Sport Club Corinthians Paulista; é escritor, e já publicou treze livros, até o presente momento.

O Professor Esquina, como é conhecido, é casado com a também, Professora Maria de Lourdes do Valle Esquina, com quem possui dois filhos: Cibely do Valle Esquina Santos formada em Direito, residente em Presidente Prudente e um filho formado em Medicina Veterinária, Wesley do Valle Esquina, residente em São Francisco/SP. Durante a palestra, que teve momentos de muita interação, o professor falou sobre Cultura, deu exemplos de culinária, superstições, costumes, diversidade e liberdade religiosa; discorreu sobre a importância da família, sobre ter segurança profissional, sobre amor aos filhos e fé. Terminou sua palestra com a frase: **“A vida é um dom divino, sempre agradeço por ter uma vida, pelo que tenho, pelo que que faço e pelo que sou”!** Os relatos do professor Antonio Esquina Dias deixaram aos estudantes um "exemplo de vida" pois trata-se de uma pessoa cujo comportamento, atitudes e escolhas são considerados dignos de admiração e podem inspirar outros. É alguém que vive de acordo com seus valores, demonstra integridade, age com bondade e deixa um impacto positivo na vida daqueles ao seu redor, é modelo a ser seguido.





Cleiton Aparecido Lopes

Nascimento: 2 de dezembro de 1996.

Natural de São Caetano do Sul/SP.

Filiação:

- Pai: Jovelino da Silva Lopes;

- Mãe: Cássia Antonio da Silva.

Irmãs: Evelin Lopes e Ludmila Lopes.

Cônjuge: Atualmente, noivo de Emanuelli Soler Florindo.

Filhos: não tem.

Cleiton Aparecido Lopes iniciou seus estudos do Ensino Fundamental nas instituições E.E. Clotilde Peluso, em Santo André/SP, e E.E. Prof.^a Sueli da Silveira Marin Batista, em Jales/SP. Concluiu o Ensino Médio na E.E. Orestes Ferreira de Toledo, em Palmeira d'Oeste/SP, no ano de 2013.

Sua trajetória profissional inclui experiência na área de climatização, além de ter atuado como auxiliar de serviços gerais, contribuindo para a manutenção de áreas verdes, com foco em jardinagem e cultivo de hortaliças.

Desde 2013, Cleiton se dedica à música como instrumentista, tendo a bateria como principal instrumento. Atua de forma ativa em sua igreja e compartilha seus conhecimentos por meio de aulas de bateria, incentivando novos músicos no desenvolvimento de suas habilidades.

Desde maio de 2019, Cleiton ampliou sua atuação na área da comunicação, trabalhando como radialista e locutor na Rádio Comunitária Skala FM de Palmeira d'Oeste. Nesse período, além de realizar edições de áudio e gravações, passou a receber alunos

de escolas na emissora, compartilhando conhecimento, sobre o funcionamento da emissora de rádio, com estudantes e incentivando novas gerações a explorarem esse meio de comunicação.

Comprometido com o aprendizado contínuo, Cleiton investe constantemente em sua formação por meio de cursos voltados ao desenvolvimento pessoal e profissional. Entre suas qualificações, destacam-se:

- Oratória de Alta Performance – Kultivi, Curitiba/PR (2023);
- Gestão de Tempo e Produtividade – Kultivi, Curitiba/PR (2023);
- Conexões Estratégicas e Networking Intencional – Kultivi, Curitiba/PR (2024);
- Gestão de Pessoas – SEBRAE (2025);
- Autoinstrucional em Inteligência Artificial para Empresas – Fundação Bradesco, Escola Virtual/Microsoft (2025).

Com um forte compromisso com a música, a comunicação, a educação e o desenvolvimento pessoal, Cleiton segue aprimorando suas habilidades e construindo uma trajetória de constante evolução.

Visita à emissora de rádio, Skala FM.

Por ocasião das comemorações dos 80 anos de Palmeira d'Oeste, ocorridas no ano de 2024, os professores Edivaldo Biscassi e Alessandra Carla Mastelari, em parceria com o Dr. Hermenegildo Ferreira, continuam em 2025 o desenvolvimento do projeto “**Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural**”, com os alunos das 2^{as} séries do Ensino Médio da Escola Estadual “Orestes Ferreira de Toledo”.

O projeto conta com inúmeras palestras ministradas por moradores e personalidades locais, que compartilham suas memórias e relatos sobre a história do município. A partir dessas experiências, os estudantes produzem textos para a composição deste livro, contendo recortes da história da cidade.

Além das palestras, o projeto prevê visitas a locais relevantes, nos quais os estudantes poderão vivenciar manifestações culturais presentes na comunidade. Uma dessas atividades aconteceu no dia 16 de maio de 2025, com uma visita aos estúdios da Rádio Skala FM. Na ocasião, os alunos tiveram a oportunidade de participar de

uma transmissão ao vivo, divulgar o projeto e conhecer os bastidores da emissora.

Os estudantes foram recebidos pelo radialista Cleiton Aparecido Lopes, que apresentou a estrutura da rádio, explicou o funcionamento dos equipamentos e mostrou os estúdios. Eles acompanharam uma parte do programa que estava no ar naquele momento, conheceram o setor técnico e observaram como são gravadas as chamadas, como é feita a produção artística e como a notícia chega diariamente às casas das pessoas.

A visita teve ainda como objetivo mostrar aos jovens como a notícia é produzida dentro de uma emissora de rádio, despertando neles o interesse pela comunicação e pela preservação da cultura local. “O rádio, como meio de comunicação, é algo que perpassa gerações e ainda tem grande importância na produção de pautas voltadas à prestação de serviços e ao âmbito comunitário. É um gênero que continua tendo seu espaço, e a nova geração precisa conhecê-lo”, afirmou o locutor que recebeu os visitantes com muito carinho.

“Para uma geração essencialmente educada pelo visual, foi uma chance de ver como a sonoplastia, o estúdio e as transmissões ao vivo ainda provocam aquele friozinho na barriga em quem se dispõe a falar ao microfone,” completou o locutor. Durante a visita, Cleiton explicou que o locutor é o profissional responsável pela comunicação verbal em uma emissora de rádio. Ele pode apresentar programas, conduzir entrevistas, ler notícias, anúncios... Como encerramento da visita, Cleiton Aparecido Lopes deixou um depoimento de incentivo aos jovens, falando sobre sua trajetória, seus sonhos e seus projetos de vida, buscando inspirá-los a refletirem sobre o próprio futuro e suas possibilidades.





Filipe Botelho Soares Dutra Fernandes

Nascimento: 13 de outubro de 1988.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- José Antonio Fernandes;
- Marcia Botelho Soares Dutra Fernandes.

Formação educacional e acadêmica:

- 1995 - 2002: Ensino Fundamental, na Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo;
- 2003 - 2005: Ensino Médio, na Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo;
- 2008 - 2012: Graduação em Direito, na Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO);
- 2013: Intercâmbio na English School of Canada, em Toronto, no Canadá;
- 2015 - 2019: Graduação em Arqueologia, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com período de mobilidade acadêmica internacional na Universidade de Coimbra, em Portugal, por intermédio do Programa de Bolsas Ibero-Americanas Santander Universidades;
- 2017 - 2019: Especialização *latu sensu* em Educação, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL);
- 2020 - 2022: Licenciatura em História, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG);
- 2020 - 2022: Mestrado em Ciência Política, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com bolsa de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

- 2022 - 2026: Doutorado em Ciência Política, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com bolsa de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e período de mobilidade acadêmica internacional na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, por intermédio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE).

Vida profissional:

- 2016 - 2017: Monitor de disciplinas da Universidade Federal do Rio Grande (FURG);

- 2017: Estagiário do Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo;

- 2017 - 2018: Tutor do curso de formação de professores para Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG);

- 2017 - 2019: Ministrante de oficinas da Universidade Federal do Rio Grande (FURG);

-2018 - 2021: Estagiário da Secretaria de Município de Cultura e do Arquivo Público e Histórico Municipal do Rio Grande;

- 2022 - 2023: Arqueólogo responsável pelo Projeto de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na área do novo aterro sanitário de Palmeira d'Oeste;

- Desde 2018 se dedica a pesquisar o período da ditadura militar brasileira e seus desdobramentos no pós-redemocratização. Tendo participado de diversos eventos e congressos no Brasil e no exterior, possui artigos e produção acadêmica variada nas áreas de Arqueologia, História, Educação e Ciência Política, publicados em português, inglês e espanhol;

- Desde 2020 atua como pesquisador do Núcleo de Pesquisa sobre Políticas de Memória da Universidade Federal de Pelotas (NUPPOME-UFPeL);

- Em 2024 realizou capacitação docente de Ensino Superior no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Atividades extracurriculares:

- Presidente do LEO Clube de Palmeira d'Oeste, na gestão 2008/2009;

- Presidente do Distrito LEO LC-6, na gestão 2009/2010;
- Por mais de dez anos ocupou diversos cargos na hierarquia do LEO Clube de Palmeira d'Oeste, Distrito LEO LC-6 e Distrito Múltiplo LEO LC, incluindo o de Secretário do Distrito LEO LC-6, na gestão 2010/2011. O Distrito LEO LC-6 é composto pela metade norte do Estado de São Paulo e parte da região sudoeste do Estado de Minas Gerais; já o Distrito Múltiplo LEO LC é composto pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e parte do estado de Mato Grosso do Sul;
- Membro da Ordem DeMolay, organização juvenil, de caráter filantrópico, patrocinada pela Maçonaria, tendo integrado o Conselho Consultivo do Capítulo Jales e atuado como Secretário do Colégio Alumni Newton José Costa.

Palestra:

Tema 1: Palmeira d'Oeste como objeto de pesquisa.

Tema 2: Trajetória Acadêmica.

O palestrante, Dr. Filipe Botelho Soares Dutra Fernandes, arqueólogo e professor de História, iniciou sua palestra comentando que existem poucos registros documentados sobre a história de nossa cidade; por isso, projetos como os desenvolvidos pelos Professores, Edivaldo e Alessandra, e pelo Dr. Hermenegildo Ferreira, são importantes para o registro e documentação da história local. Em seguida, o palestrante nos relatou um caso ocorrido em Palmeira d'Oeste, durante a Ditadura Militar, em agosto de 1971, quando um jovem de nome Altair Gonçalves Nunes, acompanhado de duas garotas (Maria Luiza e Maria Paula), refugiou-se por uma semana em uma casa na zona rural de nossa cidade, no bairro rural do Sucuri.

Segundo indícios e relatos da época, Altair, Maria Luiza e Maria Paula pertenciam a um movimento revolucionário contra a Ditadura Militar. Altair integrava um grupo em que um dos integrantes era membro do Partido Operário Comunista (POC), que foi famoso pela luta armada e ações de expropriação que visavam o combate à ditadura. Altair teria participado de dois assaltos que tinham como objetivo utilizar o dinheiro para libertar dois amigos que haviam sido presos em ações anteriores. Entretanto, a tentativa de libertar os companheiros nunca aconteceu, e Altair precisou

fugir da polícia em São Paulo, em uma ação que lhe resultou em um tiro na perna. Esta ação foi chefiada por Sérgio Fernando Paranhos Fleury, mais conhecido como Delegado Fleury, um policial que atuou no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo, durante a Ditadura Militar, no Brasil. Temido publicamente, era reconhecido como agente apoiador da ditadura, torturador e assassino de opositores ao regime.

Estando ferido, Altair decidiu viajar para o interior do Estado, com as duas moças. Provavelmente, pegaram um “trem de ferro”, até a cidade de Jales e, depois, devem ter pegado a Marinete, uma espécie de ônibus, que circulava na região, naquela época. Apesar das dificuldades de se fazer um trajeto tão longo e tendo sido baleado, conseguiu chegar ao sítio onde residiam familiares de Maria Luiza.

A partir das informações dadas pelo palestrante, que usou como fonte matérias de jornais da época, fichas do DOPS e um Inquérito Policial da Delegacia de Polícia de Palmeira d’Oeste, pudemos investigar com alguns moradores da época o que aconteceu quando o grupo chegou de São Paulo. Conforme nos foi relatado, chegando a Palmeira d’Oeste, buscaram informações sobre onde residia o Sr. Valdemar da Silva Santana, o “Déma Barbeiro”, com sua família; e então, alugando uma charrete, dirigiram-se ao bairro do Sucuri para encontrar dona Ana Maria Gomes Santana, esposa de seu Déma e tia de uma das moças. Ao chegarem, foram muito bem recebidos e alegaram estar de passagem, uma vez que partiriam na próxima semana para uma festa de casamento no estado do Mato Grosso.

O rapaz, Altair, ia de carrinho ou charrete constantemente à cidade nos dias que se seguiram, pois necessitava tomar injeções contra tétano, para combater a infecção na perna ferida. Procurava o estabelecimento conhecido por Farmácia do Sr. Jerônimo, onde relatara que o ferimento acontecera durante uma partida de futebol, em que, para buscar uma bola, que havia sido chutada longe, acabou se ferindo ao atravessar uma cerca de arame farpado. O fato e a gravidade do machucado chamaram a atenção do proprietário e de seus funcionários.

Enquanto isso, a jovem Maria Luiza, despediu-se do pessoal do sítio, alegando que passaria alguns dias na cidade de Estrela d’Oeste/SP, em visita a familiares; queria rever e se despedir da avó. Segundo relatos de dona Ana, após essa visita rápida, parentes

contaram-lhe, posteriormente, que a jovem foi abordada na rua por policiais quando deixava a residência, com a pretensão de retornar a Palmeira d'Oeste. Estes eram soldados que já estavam em seu encalço e dos demais fugitivos.

Identificada, e assumindo sua identidade, ela foi levada para depoimento. Entretanto, nunca mais foi vista. Supõe-se que, possivelmente, ela teria sofrido forte pressão ou tortura e, por fim, sem saída, teria revelado o paradeiro dos companheiros no sítio, em Palmeira d'Oeste.

Então, foi no dia de 19 de agosto de 1971 que integrantes do DOPS, de São Paulo, em conjunto com a polícia local, cercaram a propriedade no bairro do Sucuri, onde os jovens Altair e Maria Paula se encontravam escondidos. Segundo relatou a família moradora do sítio, todos os pertences da dupla foram recolhidos e os corpos foram levados de caminhão e sepultados no cemitério local.

O Dr. Filipe, em sua pesquisa, teve acesso a documentos que não constam no Inquérito Policial e que, contrariando os depoimentos do próprio Inquérito, dizem que Altair teria cometido suicídio ao ver a aproximação dos policiais, fato que considera inverídico e forjado pelas autoridades policiais. Forjar documentos e situações era uma prática comum dos agentes da ditadura para encobrir os crimes, abusos e violações de direitos humanos cometidos.

Na segunda parte da palestra, o Dr. Filipe contou sobre sua carreira acadêmica. Disse que fez Direito por pressão de seus pais, mas que, com o tempo, decidiu seguir seus sonhos, e formou-se em Arqueologia e História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tendo depois seguido na área acadêmica, fazendo mestrado e doutorado em Ciência Política, conforme seu currículo acima apresentado.

Por fim, o palestrante, fez uma apresentação de fotos dos mais de 20 países por onde viajou, estudou, trabalhou e participou de congressos, deixando aos estudantes uma lição de vida e encorajamento para que todos busquem seus propósitos e sonhos, pois, assim como nós, também foi aluno da escola Orestes.



Jadir dos Santos

Nascimento: 19 de julho de 1966.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- Pai: Evaristo dos Santos;

- Mãe: Marcília do Carmo Santos.

Estado Civil: Casado.

Cônjuge: Lígia Mara Pavão dos Santos.

Filhos: Matheus Henrique dos Santos e Lucas Eduardo dos Santos.

Formação Escolar:

- 1973 a 1975: Ensino primário na Escola Mista da Fazenda Azem, Palmeira d'Oeste/SP;

- 1976: Ensino primário na Escola Isolada do Córrego Açoita Cavalo – Santana da Ponte Pensa/SP;

- 1977 a 1981: Ensino fundamental na Escola Estadual “Disnei Antônio Monzani” – Palmeira d'Oeste/SP;

- 1982 a 1984: Ensino médio na Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Orestes Ferreira de Toledo” – Palmeira d'Oeste/SP;

- 2025: Membro Honorário da Academia Palmeirense Etê de Letras Escapadas.

Vida Profissional:

- 1986: Ingressou na Polícia Militar do Estado de São Paulo como Soldado PM

- 2016: Aposentou-se como Subtenente PM, após 30 anos de serviço à corporação

Palestra: “Memórias de um menino pobre da roça: meus sonhos, medos e conquistas”.

Nesta palestra, Jadir dos Santos compartilha sua trajetória de vida, desde a infância simples no interior, até a realização de seus sonhos profissionais. Com sinceridade e emoção, ele narra os desafios enfrentados, os valores construídos no campo, o impacto da educação e a dedicação à Polícia Militar do Estado de São Paulo. Sua história inspira jovens, educadores e toda a comunidade a acreditarem que, com esforço e fé, é possível transformar a própria realidade.

Durante sua fala, o senhor Jadir dos Santos contou que nasceu em 1966, sendo o oitavo filho de uma família numerosa. Seus pais chegaram a Palmeira d’Oeste no ano de 1952, quando a cidade ainda estava em seus primeiros passos. Vieram de caminhão, vindos de outra região, para trabalhar na fazenda Azem.

Parte do trajeto até a fazenda foi feita a pé, pois não havia estradas. O local era cercado por mata fechada. Coube a seu pai abrir caminho, cortando o mato e fazendo as chamadas "picadas", onde mais tarde seriam construídas as primeiras moradias. Com o passar do tempo, outras famílias foram chegando, a fazenda foi se desenvolvendo, e foi ali, naquele ambiente rural e desafiador, que Jadir viveu sua infância.

A casa onde moravam era construída em pau a pique, típica da zona rural da época. Seu nascimento foi realizado ali mesmo, na Fazenda Azem, pelas mãos de uma parteira chamada Dona Pureza, figura tradicional e respeitada na comunidade local.

A simplicidade da infância, as dificuldades enfrentadas e os valores aprendidos com o trabalho no campo formaram a base de um homem que, mais tarde, ingressaria na Polícia Militar do Estado de São Paulo e construiria uma carreira sólida, culminando com a aposentadoria como Subtenente PM, após 30 anos de serviço.

Na palestra intitulada “*Memórias de um menino pobre da roça: meus sonhos, medos e conquistas*”, Jadir dos Santos compartilhou com emoção e sinceridade a trajetória de sua vida, desde a infância humilde até sua realização profissional como policial militar. Seu relato é uma verdadeira lição de superação, esforço e fé.

As condições de vida eram extremamente precárias. Jadir contou que sua mãe foi picada duas vezes por cobras da espécie jararaca, muito comuns na região, e só se curou por meio de benzimentos, já

que os recursos médicos eram inacessíveis. Consultas médicas eram muito caras, e, quando ficavam doentes, o pai os levava à farmácia. Ele mesmo só foi atendido por um médico pela primeira vez aos dezenove anos, ao ingressar na Polícia Militar.

Traçando um paralelo entre o passado e a atualidade, Jadir relatou que, na infância, as roupas eram compradas uma única vez ao ano. O pai comprava rolos de tecido, e a mãe, habilidosa, costurava as roupas para toda a família. Os shorts dos meninos eram feitos com tecidos de sacos de açúcar. Os banhos eram tomados em bacias ou com o raríssimo chuveiro “Tiradentes”. Algumas pessoas nem tomavam banho completo, apenas lavavam os pés. A casa não tinha luz elétrica, e a água era buscada a três quilômetros de distância. Não havia geladeira; a água era armazenada em potes e moringas de barro, e os colchões eram recheados com palha de milho. As lamparinas a querosene e lâmpões a gás iluminavam o lar, mas a fumaça deixava o teto todo “empretejado” e causava intoxicação. Sua mãe frequentemente ficava acordada à noite, vigiando os filhos para que não fossem picados pelo inseto “barbeiro” (“chupança”), transmissores da doença de Chagas. As crianças não tinham brinquedos comprados prontos. Brincavam de nadar, faziam bolas com meias velhas para jogar “pelada”, e caminhões improvisados eram feitos com pedaços de madeira. A infância foi marcada pela dureza da vida e pelo ensinamento do valor do trabalho, transmitido pelo pai. Os irmãos mais velhos ajudavam na roça, derrubando mato, enquanto os mais novos buscavam lenha para o fogão.

Jadir iniciou seus estudos aos seis anos, na escola da fazenda, sendo sua primeira professora Dona Francisca Cavalcante. No local, havia apenas as três primeiras séries. Para cursar a quarta série, ele precisava caminhar seis quilômetros até Santana da Ponte Pensa. Ao retornar da escola, já precisava ajudar nas tarefas da roça.

Aos dez anos, observando as dificuldades da família, expressou ao pai seu desejo de ter um futuro diferente dos irmãos. Foi então autorizado a estudar na cidade à noite, e passou a frequentar a escola montado a cavalo, convidando também amigos da fazenda.

Iniciou a quinta série no período noturno na EEPG Disney Antônio Monzani, em Palmeira d’Oeste. Ia de carroça, abrindo onze porteiras pelo caminho, e levava seus materiais em um embornal

feito pela mãe. Saía de casa às 17:00h e retornava por volta das 23h20m, muitas vezes debaixo de chuva, molhado e com frio. Chegava em casa por volta da 1:00h da madrugada. Apenas no meio do ano a Prefeitura passou a oferecer uma perua Kombi para o transporte dos estudantes.

Cursou o Ensino Médio na Escola Estadual “Orestes Ferreira de Toledo”. Embora o pai não obrigasse os filhos a estudarem, Jadir sempre desejou concluir os estudos. Lamentou que, naquela época, as mulheres não tinham a oportunidade de estudar além da quarta série primária, pois precisavam cuidar da casa. Ainda no Ensino Fundamental, começou a perceber que o trabalho árduo dos irmãos na roça não trazia retorno financeiro. Isso o motivou ainda mais a seguir um caminho diferente.

Durante a palestra, exibiu diversos objetos antigos que marcaram sua infância: lampião, bules de chá, escovão de piso, ferro de passar roupa, chuveiro Tiradentes, e um objeto de ferro chamado "formiga", usado para segurar gado.

Entre seus sonhos, Jadir queria cursar Direito. Em 1985, passou no vestibular da FADIR, em São José do Rio Preto, mas não pôde cursar por falta de condições financeiras.

Em 1986, buscou uma segunda opção: ingressar na Polícia Militar, o que exigiu que se mudasse para São Paulo. Enfrentou muitos desafios, viajava a cada 15 dias para as provas, e chegou a ficar oito meses sem ver os pais, trocando apenas cartas com a família. A adaptação em São Paulo foi difícil, lidou com pessoas ruins, e foi nesse período que passou a valorizar ainda mais os ensinamentos e princípios familiares, como a honestidade e o amor ao próximo. Começou sua carreira em Osasco, em um período de alta violência. Depois, foi transferido para Fernandópolis e, mais tarde, para Estrela d'Oeste. Em 1993, com o falecimento do pai, sua mãe entrou em profunda depressão, e Jadir retornou à região para cuidar dela. Com o dinheiro economizado, comprou uma chácara, que ele chama de “Paraíso”, onde vive até hoje com a esposa Lígia, os filhos e sua mãe, atualmente com 92 anos.

Memórias e Legado de Jadir dos Santos: Um Exemplo de Superação e Dedicção

O senhor Jadir dos Santos dedicou sua vida à Polícia Militar até sua aposentadoria, seguindo um caminho que, segundo ele, foi trilhado por necessidade e não por escolha inicial. No entanto, com o

tempo, passou a amar a profissão, entregando-se com responsabilidade e dignidade à missão de servir e proteger.

Durante seis anos, trabalhou na cidade de Marinópolis, onde encerrou sua carreira. Nesse período, destacou-se por um trabalho social exemplar. Jadir buscava jovens com atitudes equivocadas, conversava com suas famílias para que, juntos, encontrassem soluções e resgatava pessoas das drogas. Também ajudou a localizar pessoas desaparecidas e sempre buscou resolver os conflitos por meio do diálogo entre as partes envolvidas. Por sua contribuição notável, recebeu o título de “Cidadão Marinopolense”, reconhecimento merecido por seu compromisso com a comunidade. Ao recordar sua trajetória, Jadir se emociona e fala dos momentos de medo e incerteza, mas enfatiza que seus sonhos sempre foram maiores do que seus medos. Fazendo um paralelo entre o passado difícil e as conquistas atuais, ele ressalta que tudo o que alcançou é fruto de trabalho árduo, esforço e muita garra. Hoje, ele se considera um homem realizado: conquistou aquilo que um dia parecia impossível, alcançou uma vida digna, uma família unida e uma casa própria.

Com carinho e sabedoria, deixou uma mensagem para os estudantes:

“Siga em frente, nunca se esqueçam de suas origens, de onde vocês vieram. Ninguém é melhor do que ninguém, e a única maneira de mudar a vida é através dos estudos.”

Jadir dos Santos é um exemplo vivo de que jamais devemos desistir. Apesar de passar fome, ter carência de roupas e o medo constante de não conseguir ajudar seus pais, ele nunca deixou de lutar. Foi atrás dos seus sonhos com determinação, construiu seu nome e realizou tudo o que sempre almejou.





José Costa Nunes

Nascimento: 17/07/1937.

Natural de Porto da Cruz, Concelho de Machico, Distrito de Funchal, Ilha da Madeira, Portugal.

Filiação:

- Pai: Manoel da Costa Nunes;

- Mãe: Rosa Dias.

Cônjuge: Maria Aparecida da Silva Nunes.

Filhos: Pedro da Silva Nunes, Luiz Antônio da Silva Nunes, Paulo Afonso da Silva Nunes, José Alberto da Silva Nunes, Francisco da Silva Nunes, Fernando da Silva Nunes.

Netos: Vanessa Aparecida Nunes Rodrigues, Augusto Nunes, Alex Zucato Nunes, Mateus Zucato Nunes, Gabriel Galbiatti Nunes, Pedro Galbiatti Nunes, Tiago Galbiatti Nunes, Afonso Willian Nunes, Carlos Eduardo Dias Nunes.

Bisnetos: Maria Teresa Nunes Rodrigues, Maria Luísa Nunes Rodrigues, Maria Helena Nunes Rodrigues, José Pedro Nunes Rodrigues, Graziela Passerini Zucato.

Formação:

- Não frequentou escolas, aprendeu a ler e escrever com uma prima, em Portugal.

- Estudou eletrônica através do Instituto Radiotécnico Monitor, hoje Instituto Monitor

Vida profissional:

- Quando chegou ao Brasil, trabalhou na Fazenda Santa Clara, em Bady Bassitt/SP. Posteriormente, trabalhou em outra fazenda em Nova Itapirema, distrito de Nova Aliança/SP, onde tomou

conhecimento do curso de eletrônica, do Instituto Rádio Técnico Monitor.

- Em seguida, mudou-se para Palmeira d'Oeste, onde também atuou como trabalhador rural. Com o conhecimento adquirido em eletrônica, começou a consertar equipamentos eletrônicos e a fabricar o Rádio Transportugal, uma marca própria.

- Foi proprietário de loja de móveis e eletrodomésticos,

- Foi proprietário de empresa distribuidora de armarinhos com vendas no estado de Mato Grosso.

- Foi proprietário de indústria de manufatura de utensílios domésticos de alumínio.

- Aposentou-se em 21/07/1994.

Palestra: “Minha história, minha vida”.

O senhor José Costa Munes, mais conhecido como “José Português”, iniciou sua palestra dizendo que teve pouco estudo, tendo aprendido a ler e escrever com uma prima em Portugal. No entanto, durante o tempo em que esteve com os estudantes, demonstrou ter muita sabedoria, sendo uma pessoa muito inteligente, com uma oratória magnífica e portador de grande conhecimento cultural.

Descendente de portugueses, nasceu e foi criado na cidade do Porto da Cruz, na Ilha da Madeira, Portugal. Ainda criança, saiu da Ilha da Madeira, embarcando em um navio cargueiro, fabricado na Alemanha, chamado North King, com toda a família, um total de nove pessoas. Era um entardecer, e seu José narrou que, sentado no convés do navio, ficou olhando a ilha até que ela desaparecesse por completo no horizonte. Ele disse que essa cena nunca lhe saiu da memória, sendo um momento de muita emoção, carregado de tristeza e saudades.

Em águas do Oceano Atlântico, ao passar pelo arquipélago de Fernando de Noronha, um marinheiro lhe disse que naquela ilha ficava uma prisão brasileira. Seu José tinha 13 anos quando desembarcou no Porto de Santos. Depois, rumaram para a cidade de São Paulo/SP. Muito emocionado, contou que se apaixonou pelo Brasil à primeira vista, principalmente pelas características das pessoas, e que se impressionou com o tamanho do nosso país.

Em terras brasileiras, passou a viver em uma fazenda chamada Santa Clara, em São José do Rio Preto/SP, durante 5 anos, e nunca

foi à escola. Já as irmãs estudavam pela manhã e trabalhavam na roça à tarde. Foram tempos difíceis, o patrão era uma pessoa muito autoritária. Passado algum tempo, mudaram-se da fazenda em busca de novas oportunidades de emprego. Quando tinha 19 anos, abriu uma oficina para consertar rádios, onde convidou os irmãos para trabalharem junto a ele.

Durante sua palestra, falou das tradições portuguesas, dos costumes sobre a divisão de terras e heranças, e relatou conflitos familiares oriundos das antigas gerações por ocasião dessas partilhas.

Chegou em Palmeira d'Oeste em 1959, quando ainda era uma vila pequena. Montou uma oficina para consertar rádios e alguns eletrônicos. Naquela época, já existia o cinema, fundado pela família Haddad, onde trabalhou por muitos anos. Porém, com o advento da televisão, o cinema foi perdendo força. Contou que o primeiro aparelho de TV foi trazido para Palmeira d'Oeste pelo médico, Dr. Paulo Costa, o segundo pelo dentista, Dr. Diógenes e o terceiro foi comprado por ele. Relembra que as transmissões eram complicadas, tanto para a imagem quanto para o som.

Sobre a composição de sua família, contou que conheceu sua esposa no dia da cerimônia da colocação da pedra fundamental da Igreja (Catedral) de Jales. Ele tinha 17 anos na época.

O tempo passou, veio o casamento, os filhos, e a vida foi melhorando. Fez um curso de eletrônica através do Instituto Radiotécnico Monitor, hoje Instituto Monitor. Aos poucos, seu José se tornou sócio-proprietário de uma loja na cidade. Ele foi o primeiro a vender televisores em Palmeira d'Oeste a partir de 1963. Sua loja oferecia uma diversidade de produtos, sendo a primeira a trazer liquidificadores, bicicletas, brinquedos, vitrolas, rádios e uma série de utensílios domésticos. Com o tempo, passou a comprar rádios pré-montados e fazer a produção completa do produto, vendendo sob sua própria marca, *Rádios TransPortugal*.

Sua loja tinha uma matriz e duas filiais. O palestrante contou que, na primeira viagem que fizeram ao estado do Mato Grosso, venderam 40 rádios em um único dia.

Quando lembra de Portugal, seu José se emociona e relata as dificuldades, como a temperatura que chegava a 27 ou 24 graus, a falta de ferramentas para trabalhar a terra, e a ausência de cavalos ou tratores — tudo era feito à mão ou com enxada. O alimento era regrado, e o que mais se lembra de comer era batata-doce. Havia

escassez de arroz, produto que só comiam no Natal. Não havia médicos, e a miséria era grande, mas ele não sente saudades desse período. Ele compara aqueles tempos de infância com a realidade do Brasil e diz que esta terra é um paraíso.

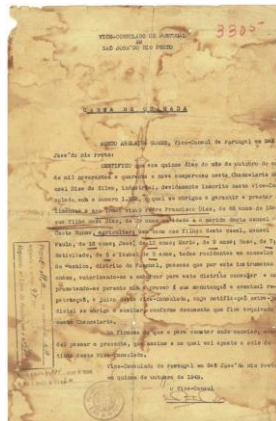
O palestrante falou também sobre sua viuvez. Contou que tem 6 filhos, sendo 4 vivos, 1 neta, 7 netos, 4 bisnetas e 1 bisneto. Terminou dizendo que trabalhou muito na vida e que, apesar das dificuldades, venceu. Tem uma grande família, uma casa, alimento e tudo o que um homem de honra como ele precisa para ser feliz.

Senhor José é construtor do instrumento musical “guitarra portuguesa”.

Obs.: Para que o Sr. José Costa Nunes pudesse vir para o Brasil, foi enviada a ele uma “CARTA DE CHAMADA” emitida em 15/10/1949. Nessa carta, o Sr. Manoel Dias da Silva se obrigou a garantir e prestar alimentos a todas as pessoas citadas no referido documento.



Navio North King



Carta de chamada de José da Costa Nunes



Luiz Antônio Mingati

Nascimento: 08/10/1951.

Natural de Severinia/SP.

Filiação:

- Pai: Aristides Mingati;

- Mãe: Santa Luiza Cassim Mingati.

Estado Civil: Casado

Cônjuge: Debora Cristina Boralli Mingati.

Filhos: Renan Boralli Mingati e Thalles Boralli Mingati.

Formação Escolar:

- 1968: Ensino Médio completo.

Vida Profissional:

- 1968: Trabalhou na agricultura familiar com plantações de café, laranja e uva;

- 2001: Fundou a torrefação de café “Café flor d’Oeste”;

- 2023: Encerrou a torrefação de café.

No dia 13 de junho de 2025, os estudantes das segundas séries do Ensino Médio, E.E. Orestes Ferreira de Toledo participantes do PROJETO NOSSA TERRA, NOSSA GENTE - O LEGADO CULTURAL, sob responsabilidade dos professores: Edivaldo Biscassi e Alessandra Mastelari com parceria do Dr. Hermenegildo Ferreira, realizaram uma visita ao sítio Nossa Senhora Aparecida, de propriedade do Sr. Luiz Antônio Mingati, para presenciarem todo o processo que envolve a produção do café Flor d’Oeste. Na ocasião fomos recebidos pelo casal, Luiz e sua esposa Débora, que relataram toda a história que envolve a marca desse saboroso café

produzido em nossa região. O Café Flor d'Oeste, sediado no Sítio Nossa Senhora Aparecida, nasceu com o objetivo principal de ofertar ao mercado, um café puro e de ótima qualidade. Permaneceu em atividade de 2001 a 2023 e teve o privilégio de estar na preferência absoluta dos consumidores da região de Palmeira d'Oeste. Basicamente, isto se deu devido à qualidade de seus grãos e aos processos de torrefação, embalagem e higienização, aplicados durante sua produção. Inicialmente, fez-se uso do próprio café produzido no sítio, mas devido à fatores climáticos, ocasionando falta de chuva, buscou-se no estado de Minas Gerais a reposição do produto, mantendo assim a qualidade desejada. Neste período foram processados e comercializados cerca de 40 a 50 sacas/mês. Por motivos alheios á vontade do proprietário, decidiu-se pelo encerramento das atividades do “Café Flor d'Oeste” em 2023, com a certeza de que a missão principal foi plenamente alcançada, ou seja, levar ao consumidor final um produto de alta qualidade. Aos consumidores que se mantiveram fiéis, os proprietários expressaram seus sinceros agradecimentos.

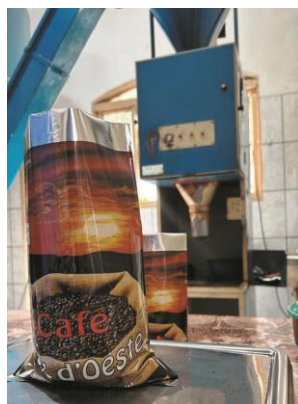
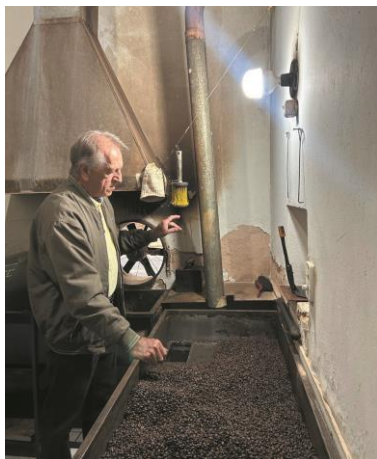


Sítio N. Sra. Aparecida de
Luiz Antônio Mingati e
Aristides Carlos Mingati.

O casal, Luiz e Débora Mingati.



Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



A produção do Café Flor d'Oeste



Grupo de visitantes - Torrefação Café Flor d'Oeste



Marcia Botelho Soares Dutra Fernandes

Nascimento: 15 de julho de 1958.

Natural do Rio de Janeiro/RJ.

Filiação:

- Francisco de Sales Soares Dutra;

- Marília Botelho Soares Dutra.

Cônjuge: José Antonio Fernandes.

Filhos: Filipe Botelho Soares Dutra Fernandes e Marília Botelho Soares Dutra Fernandes

Formação:

- 1963 a 1967: Ensino primário nas Escolas Classe 203 e 114 Sul, em Brasília/DF;

- 1968 a 1971: Ensino ginásial no Colégio da CASEB, em Brasília/DF;

- 1972 a 1976: Ensino de segundo grau no Colégio Laser, em Brasília/DF;

- 1977 a 1980: Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, Inglesa e Literaturas, na Universidade de Brasília (UnB);

- 1987: Especialização *latu sensu* em Didática Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales/SP;

- 2025: Membro Acadêmico, Fundador, Titular da cadeira nº 6 da Academia Palmeirense Etê de Letras Escapadas.

Vida profissional:

- 1981: Professora no Colégio Comercial Castilho Lima, de Niterói/RJ;

- 1981: Professora no Colégio Brasil, de Niterói/RJ;

- 1982 a 1985: Professora substituta em diversas escolas;

- 1986 a 1990: Professora na Escola Municipal Professor Francisco César Serapião, de Palmeira d'Oeste/SP
- 1988 a 1999: Professora na Escola Estadual Oscar Antonio da Costa, de São Francisco/SP;
- 2000 a 2012: Professora na Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo, de Palmeira d'Oeste/SP;
- 1999: Aprovada no concurso para provimento de cargos de Professor de Educação Básica II em Português, do Estado de São Paulo;
- 2004: Aprovada no concurso para provimento de cargos de Professor de Educação Básica II em Inglês e Português, do Estado de São Paulo.
- Aposentou-se em 2012.

Palestra: Diálogos sobre Cultura.

A professora Marcia iniciou sua palestra perguntando aos estudantes qual era o significado da palavra “cultura”. Após as interações, concluiu que “Cultura é aquilo que ficou em você, depois de tudo o que te ensinaram”.

A palestrante afirmou que além da família, religião e amigos, os livros são as melhores formas de aprender sobre Cultura. Concluiu que a leitura nos leva a uma fuga da realidade, e recomendou a coletânea “Para gostar de Ler”, uma composição de história curtas para iniciantes.

Marcia nasceu no Rio de Janeiro. Contou que morou em Brasília durante o Regime Militar e que seu pai trabalhou no governo nesse período. Disse que tinha um segurança que cuidava dela onde quer que fosse. Também contou que seu pai se levantava de madrugada para apagar as ameaças escritas na porta do apartamento onde moravam. Durante todo o tempo que cursou a faculdade, de 1977 a 1980, a palestrante presenciou inúmeras greves. Contou também que teve um primo, médico, que foi vítima da repressão naquele período. Narrou que morou sozinha com o pai por um ano em Brasília, quando sua mãe decidiu mudar-se para Palmeira d'Oeste. Ela mesmo somente se mudou para nossa cidade após ficar desempregada e receber uma proposta de casamento que a assustou e a fez querer ir embora.

Foi só após a mudança para o interior que conheceu seu esposo, o advogado José Fernandes, de Marinópolis. Durante a palestra

contou como o conheceu e falou sobre o início do namoro, o noivado, o casamento, a vinda do casal de filhos e os trabalhos que o casal exerceu ao longo da carreira profissional.

A professora Marcia também é escritora e tem um livro publicado intitulado “Histórias de dentro de mim”, em que conta a história de seu irmão, Marcos, que faleceu vítima de um tumor cerebral. Ela escreveu também sobre a morte de seus pais e temas de seu cotidiano. A palestrante ainda tem dois livros inacabados, um sobre a vida do irmão, outro sobre sua adolescência.

A palestrante contou que já realizou muitas viagens pelo Brasil, algumas de moto, com seu marido, conhecendo quase todos os estados, excetuando o Acre e o Amazonas. Contou ainda que, no exterior, conhece 12 países, entre eles Espanha, Itália, Portugal, Suíça, França, Holanda, Bélgica, Chile e Argentina, entre outros, e que já teve a oportunidade de vivenciar a cultura e os costumes de muitos povos diferentes.





Renata Veiga Alves Montoro

Nascimento: 24 de fevereiro de 1968.

Natural de Palestina/SP.

Filiação:

- Pai: Waldemir Galan Alves

- Mãe: Elizabeth Veiga Alves

Avós paternos: Porfírio Alves (farmacêutico) e Petra Galán Alves.

Avós maternos: Nicolau Veiga Filho e Aparecida Silvano Veiga.

Cônjuge: Valnei Montoro.

Filhos: Renan Alves Montoro e Raissa Alves Montoro.

Formação:

- De 1975 a 1976 - Ensino primário na Escola Agrupada da Fazenda Cacic de Palmeira d'Oeste – SP.

- De 1977 a 1978 - Ensino primário na Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP.

- De 1979 a 1982 - Ensino médio (Colegial) na Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP.

- De 1977 a 1978 - Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério na Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP.

- De 1987 a 1990 - Cursou Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales/SP.

Vida Profissional:

- Substituição nas Escolas Agrupadas do Município de Palmeira d'Oeste/SP, vinculadas à Escola Disney Antônio Monzani e na sede Disney Antônio Monzani, de 1987 a 1991.

- Substituição na Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP, de 1992 a 1995.
- Substituição na Escola de Dalas, Distrito de Palmeira d'Oeste, de 1996 a 1998.
- Lecionou na Escola CEIA - Centro Educacional de Infância e Adolescência, de 1999 a 2001.
- Atuou junto à APAE de Palmeira d'Oeste/SP, respondendo ao cargo de Direção, em 1991.
- Ministrou o curso de Qualificação Profissional, Planejamento e Educação em Escolas Públicas, na Escola Francisco Augusto Cezar Serapião de Palmeira d'Oeste/SP, em 1991.

Palestra: “Uma viagem ao passado”

A palestrante, a professora Renata Veiga Alves Montoro, iniciou sua palestra contando sobre a chegada de seus antepassados ao Brasil. Relatou que ambas as famílias, tanto a paterna como a materna, vieram em navios, pois eram espanhóis e portugueses. Ela relatou que o nome de seu bisavô era Nicolau Veiga, porém, em Uchoa/SP, ao ser alfabetizado pela filha do fazendeiro onde viera trabalhar, acabaram ensinando-o a escrever Veiga, dessa maneira, o sobrenome foi alterado.

Nessa época, as avós trabalhavam nas casas e na lavoura. Eram guerreiras, não reclamavam, enfrentavam a situação, limpavam o arroz com o pilão, trabalhavam com café, cuidavam das criações, e produziam sabão. Os fogões eram à lenha. Participavam do abate dos porcos, cuja carne era guardada em latas de gordura para conservação, a chamada “carne de lata”.

Concomitante a tantos afazeres, era essencial que todas as mulheres soubessem costurar naquela época. Dessa maneira, sua avó materna se tornou uma exímia costureira de roupas masculinas (usando sua máquina Singer, que atualmente tem mais de 100 anos e vem sendo passada para as mulheres da família de geração em geração). Já a cunhada da avó costurava roupas femininas, inclusive vestidos de noiva.

Entre as histórias que ouviu contar sobre a família, está uma que em determinada época uma geada acabou com os cafezais em Uchoa/SP. Então, seus bisavós se mudaram para um vilarejo e montaram uma fábrica destinada à produção de tijolos (Olaria) e,

aos poucos, foram coautores da fundação de Mangaratu, distrito de Nova Granada/SP.

Assim como as mulheres da época, sua avó também não tinha estudo. Porém, em sua casa havia galinheiros, chiqueiros, horta e um pomar, atrás da casa, com árvores frutíferas que ela cuidava com o maior carinho. Muitas pessoas iam lhe pedir frutas, e ela, com toda sua sabedoria, que transmitiu para os filhos e netos, após oferecer o que lhe solicitavam, dizia:

“Quem planta, colhe. Dentro de cada fruta há uma semente.”

Isso era um incentivo para que as pessoas também passassem a produzir, pois aquelas terras eram muito férteis.

O avô materno trabalhava em um cartório e, na ausência de um agrimensor, ele mesmo fazia as contas para verificar o tamanho dos terrenos. Escrevia tudo em um livro muito grande, utilizando caneta tinteiro, sendo que, com o passar dos anos, adquiriu uma máquina de datilografia que atualmente está com o irmão da palestrante.

Renata nos relatou que, entre as muitas histórias que sua mãe lhe conta, uma delas é sobre as carteiras escolares, que eram feitas de madeira. As crianças sentavam-se em duplas e no centro da mesa havia uma perfuração onde se encaixavam os tubos de tinta, para que os estudantes molhassem as canetas que se assemelhavam a penas.

Seu avô paterno, Porfírio Alves, se formou farmacêutico em Portugal, mas, no Brasil, teve que fazer o curso de recapitação em Araraquara/SP. Casou-se em terras brasileiras com uma espanhola. Ele tinha sua própria drogaria em sua residência, havia um cômodo onde ele deixava em observação as pessoas que, porventura, estivessem passando mal e procuravam seus cuidados. Era uma pessoa de muito prestígio na localidade onde moravam e exercia funções semelhantes às de um médico para a população carente.

Esse avô também era músico, e mantinha guardado em um quarto da casa os instrumentos de uma "banda" da qual era o maestro, e que se apresentavam no coreto da praçinha de Mangaratu, geralmente após a missa dominical.

Segundo seus relatos, na torre da igreja da cidade havia um sino enorme instalado, que soava três vezes aos domingos. A primeira vez era para alertar a população de que haveria missa, pois, como

não havia padres na localidade e os sacerdotes vinham de outras cidades da região, não era frequente a cerimônia. Já o segundo sino era para que as pessoas se aprantassem e se dirigissem à igreja, e o terceiro sino indicava o início do ato litúrgico.

Conta que a casa de seu avô era moderna para a época. Era a única que possuía uma banheira, cujo encanamento passava por detrás do fogão à lenha, chegando com água quente até o banheiro. Eles também possuíam um gerador que levava energia para a igreja e o salão de festas. O avô da professora Renata era um homem muito habilidoso, consertava rádios, tinha um telefone, um “relógio cuco”, toca-discos e auto-falante.

No início da década de 1970, os pais da palestrante se mudaram para Palmeira d’Oeste/SP, onde seu pai, o professor Waldemir Galan Alves, lecionou na fazenda Cacic e, tempos depois, na escola Disney Antonio Monzani. A propriedade na zona rural tinha o chão de vermelhão e sua mãe fazia uso de um escovão para que o chão, após receber as camadas de cera, ficasse brilhando (um dos artifícios da época para manter a casa bonita).

Entre suas lembranças, está o fato de que os professores se dirigiam até as escolas conduzidos por cavalos ou charretes, e que, sempre ao lado das casas, havia um “terreirão” de cimento onde se colocava o café para secar. Depois de seco, o produto era armazenado em sacos de estopa. Para se utilizar o café, era necessário processá-lo em torradores usando fogão à lenha e, em seguida, moer em moinhos manuais para obter o pó.

Das recordações dos tempos difíceis que sua mãe lhe transmitiu, uma das mais marcantes era que as moças, nas sextas-feiras, retiravam dos poços a média de sessenta baldes de água para as necessidades da família: lavar roupas, limpeza da casa, banho e dar brilho nos alumínio (estes ficavam pendurados em paneleiros e tampeiros para a apreciação dos visitantes). Outras dificuldades da época eram passar roupas com ferros à brasa e iluminar as noites com luz de lamparinas.

Na fazenda Cacic, seu pai construiu, com a ajuda do prefeito, duas privadas, uma para as meninas e outra para os meninos, para que as crianças fizessem suas “necessidades fisiológicas” e deixassem de usar o cafezal durante o período de aulas.

Recordando sua infância, a professora Renata disse que os meninos brincavam de nadar, soltar pipa e fazer arapuca, já as meninas

brincavam de passar anel, pega-pega, boneca, entre outras distrações.

A palestrante se emocionou ao lembrar da capelinha que havia em frente à casa onde morava, no sítio do senhor Flávio Pedrazzi, que cedeu a casa para o professor Waldemir Galan Alves morar com sua família. Nesse mesmo lugar, havia várias casas, que eram chamadas de colônia, onde residiam a família Bolognesi. Muitas das mulheres do local vinham aos domingos até a casa da palestrante aprender com sua mãe as técnicas de pintura em tecido, bordado, crochê e outros trabalhos manuais.

Muitas famílias mantinham capelinhas em suas propriedades ou em locais de fácil acesso para a comunidade. Essas capelinhas eram espaços de fé e devoção, muitas vezes construídas em agradecimento a santos ou como pedidos de proteção. Elas refletiam a forte ligação das famílias com a religião e suas tradições, especialmente em locais onde a igreja mais próxima poderia estar distante. A prática de manter capelinhas em áreas rurais tem raízes históricas, possivelmente originando-se da necessidade de buscar sorte com a agricultura e a saúde.

A professora Renata, durante sua palestra, mostrou inúmeras imagens digitalizadas do período que nos relatou. São registros importantes de uma época, cenas que preservam a herança familiar e cultural, permitindo, através de suas análises, passar essas lembranças do passado para as gerações atuais.



Igreja de Mangaratu



Escola da Cacic, alunos, professor Waldemir e diretora “Dona Silvia”



Terezinha Gonçalves Lima

Nascimento: 10/06/1955.

Natural DE Monte Castelo/SP.

Filiação:

- Pai: João Gonçalves Lima;

- Mãe: Maria Félix Bezerra.

Cônjuge: João Batista Gonçalves Dias (falecido).

Filhos: Mércia Gonçalves Dias, Fabiano Gonçalves Dias, Terezinha Gonçalves Dias e Luciana Gonçalves Dias.

Netos: Inês Oliveira Negrão, Beatriz Gonçalves Lima, Laura Gonçalves Lima, Martin Gonçalves Dias, Mariana Gonçalves Dias, João de Carvalho Dias e Beijamim Gonçalves Lima.

Formação:

- Curso primário iniciado em 1962 em Monte Castelo/SP com término em 1966 no grupo Escolar de Palmeira d'Oeste/SP;

- Ensino médio iniciado em 1967 na E.E. Orestes Ferreira de Toledo em Palmeira d'Oeste/SP, interrompido na sexta série. Em 1972 prosseguiu com os estudos no E.E. Prudente de Moraes em São Paulo/SP;

- Aos 42 anos iniciou o curso de geriatria na Faculdade do Porto em Portugal, concluído aos 45 anos.

Vida profissional:

- Aos 16 anos - Auxiliar de enfermagem no Hospital São Francisco de Palmeira d'Oeste/SP, por 3 anos;

- Comerciante no ramo de padaria, na cidade de São Paulo, capital, por 13 anos;

- Comerciante no ramo de padaria, na cidade do Porto, em Portugal, por 10 anos;
- Motoristas de ônibus (“auto-carros”), em Portugal, por 4 anos;
- Motorista de caminhão (“camionista”) na empresa Imas, em Pamplona, Espanha, por 4 anos;
- Motorista de caminhão (“camionista”) na empresa Teixeira Bastos em Cerolico de Bastos, Portugal, por 5 anos;
- Após problema de saúde (AVC) encerrou suas atividades como “camionista”;
- Auxiliar de saúde na área de geriatria, por 12 anos, no Hospital Pedro Espano, na cidade do Porto, Portugal.
- Aposentadoria aos 65 anos.

Palestra: “Força e Poder”

A palestrante, Dona Terezinha, iniciou sua palestra dizendo que nasceu em Palmeira d’Oeste e se considera “Filha dessa terra”. Contou que dos tempos em que morou em nossa cidade, tem muitas lembranças, entre elas, do cinema, dos bailes e carnavais que frequentava junto a companhia de amigos.

Lembrou que quando jovem, por certa ocasião aconteceu nas proximidades da cidade uma colisão entre um ônibus e um trator, com um número significativo de feridos que deram entrada ao hospital São Francisco em busca de socorro. Esse tipo de acontecimento pouco comum no interior atraiu a curiosidade dos moradores que se aglomeraram na porta do referido hospital.

Em suas lembranças, dona Terezinha disse que sempre foi muito solidária e que por isso também se dirigiu ao local e percebendo que, pelo fato de ser noite e haver poucas enfermeiras no momento, sentiu a necessidade de oferecer ajuda no que fosse possível no que se referia aos atendimento das vítimas, e mesmo sem curso, conta que sempre foi curiosa e teve sede de aprender, foi autorizada pela enfermeira Maria Camargo que lhe deu uma pinça solicitando-lhe que retirasse estilhaços de vidro do rosto de algumas pessoas. A partir daquele dia, narrou a palestrante que sempre aparecia no hospital para trabalhar como voluntária, até que em certa ocasião foi convidada para fazer parte do corpo clínico, uma vez que desenvolvera as habilidades necessárias para atuar na área de enfermagem, na verdade ela afirma ter o dom para exercer tal função.

Buscando novas oportunidades de trabalho e uma certa “sede de liberdade”, Dona Terezinha mudou-se para São Paulo, lá conheceu aquele que viria a ser seu esposo. Foi tudo muito rápido, veio o namoro, o casamento e os filhos. A vida na cidade grande não era fácil, o casal tornou-se proprietário de uma estabelecimento comercial, uma panificadora, onde tiveram alguns imprevistos, entre eles um funcionário que tentou desviar dinheiro do caixa, e ao ser descoberto, jurou vingança tentando matar seu marido e sequestrar uma das crianças. Abalados com essa situação, o casal vendeu tudo e decidiu mudar-se para a Europa, escolhendo Portugal como residência por se tratar da terra natal de seu esposo. Ao chegar em terras lusitanas, seus filhos estranharam a língua e os costumes, mesmo assim, o casal decidiu ficar lá, para sempre, para que as crianças aprendessem tudo o que necessitassem.

Em Portugal dona Terezinha foi proprietária de uma cafeteria, por 20 anos e nesse período ficou viúva vindo a passar por algumas dificuldades tendo os filhos para criar em terras tão distantes. Contou que para sobreviver exerceu diversos ofícios, alguns até voltados na maioria das vezes para homens, como por exemplo o período em que foi dirigir ônibus, levando estudantes para a escola, jogos de futebol e handebol, nesse período era chamada carinhosamente pela pessoas de “Senhora Motorista”.

A princípio, quando se viu sozinha, pensou em desistir, mas persistente, dizia para si mesma:

- Eu posso, eu quero, eu consigo.

Seguiu em frente até que decidiu se tornar caminhoneira, foi desafiador, fez o curso de empilhadeira que era restrito a homens e quase ninguém concluía, sendo ela uma pioneira no ramo. Trabalhou, na Europa, como caminhoneira por dez longos anos, entregando carregamento de leite e motores de caminhão, enfrentando diversos preconceitos por ser mulher. Outra situação relatada foram os acidentes ocorridos nas serras europeias, cobertas de neve. Por diversas vezes a palestrante presenciou acidentes, inclusive com conhecidos e amigos que por situações diversas acabaram despencando com seus veículos em despenhadeiros. Relatou que na Europa os caminhoneiros têm limite de horas para trabalhar, que todos respeitam as leis de trânsito e há um limite de carga para ser transportada.

Um fato inusitado narrado pela palestrante foi sua prisão em um centro de refugiados, na França, por 17 dias, onde, enquanto dirigia seu caminhão, certa vez, foi abordada por um policial que exigiu seu passaporte, documento este que ela não portava naquele momento, chegaram a sugerir sua extradição para o Brasil, o que de fato não ocorreu. Nessa ocasião, em que esteve detida, conheceu um senhor por quem veio a se apaixonar, era um cônsul que teve seus documentos roubados, era a única pessoa naquele lugar que falava português, porém depois que foi solta nunca mais se viram. Ao chegar de volta em casa foi recebida no aeroporto pelos filhos com uma triste notícia, sua mãe havia falecido no Brasil, precisamente na cidade de Palmeira d’ Oeste já se faziam três dias passados.

Entre os fatos vividos pela palestrante na Europa, Dona Terezinha lembrou emocionada os momentos em que sofreu xenofobia por ser estrangeira, situação essa que lhe deixava muito sensibilizada, porém, a tornou mais forte.

Em seus relatos sobre cultura, a palestrante mostrou diversas fotos de suas viagens pelos vinte países da Europa em que já conheceu, entre eles Vaticano, Roma (Itália), França, Espanha, Alemanha, Bélgica, Holanda, entre outros.

Sobre a Turquia a palestrante narrou que a mulher ainda vive em situação de submissão, não tem espaço na sociedade, não toma nenhuma atitude sem autorização do homem, não usa vestimentas que deixam aparecer o corpo e não andam de mãos dadas com um homem pois isso denota situação de desrespeito.

Dona Terezinha têm atualmente uma família numerosa, tem sete netos, seus filhos cresceram, foram atrás de seus objetivos, migraram para outros países, estão estabilizados profissionalmente. A palestrante tem 69 anos de idade, é autora do livro “Força e Poder”, lançado em Portugal e, que nessa ocasião, em que a palestrante está em visita ao Brasil, aproveitara a oportunidade, para lançar sua obra em nossas terras.

Terezinha não teve uma vida fácil, mas como é narrado em seu livro, teve, força, coragem, fé e poder para enfrentar tudo de cabeça erguida para criar seus quatro filhos.

Seus relatos mostram uma jornada de combate à discriminação, luta por superação e determinação para vencer os obstáculos em uma narrativa de desafios enfrentados por ser mulher, viúva e

imigrante, muitas vezes sendo subestimada e até zombada em um outro país.

Os estudantes se interessaram pela narrativa da palestrante, pois os fatos contados muito enriqueceram os conhecimentos sobre a cultura e modo de vida de diversos países, e entender o valor, a postura e a importância feminina em diversas localidades do globo. A palestrante, senhora Terezinha, fala três idiomas, é uma mulher batalhadora, simpática, cheia de energia, sabedoria e conhecimento, compartilhou com os estudantes experiências magníficas de autoajuda, uma pessoa que conquistou tudo o que almejava, alguém que nunca deixou de sonhar, de acreditar, um exemplo para todos nós, principalmente para as mulheres.





Darci Diana

Nascimento: 19 de setembro de 1952.

Natural de Guapiaçu/SP.

Filiação:

- Pai: Fioravante Diana;

- Mãe: Paschoa Previato Diana.

Cônjuge: Valdenice Maria de Almeida Diana.

Filhos: Elvis de Almeida Diana.

Formação:

Estudou no Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste onde concluiu a 4ª série primária.

Vida profissional: Exerce o ofício de marcenaria de 1969 aos dias atuais.

Palestra: Em algum lugar do passado:

Em sua palestra o senhor Darci Diana relatou que reside em Palmeira d'Oeste há 70 anos, e que chegou a essa cidade no ano de 1952 com poucos meses de vida, junto aos pais que aqui vieram em busca de trabalho. O palestrante é memória viva da história de nossa cidade e em seus depoimentos falou sobre política, economia, cultura, sociedade e personalidades que marcaram Palmeira d'Oeste.

Lembrou das primeiras escolas, contou que havia um galpão na praça da matriz e ali as crianças aprendiam as primeiras letras, depois falou sobre o Grupo Escolar e por fim sobre a construção da escola Orestes Ferreira de Toledo, ressaltando que a obra ficou parada por três anos devido a problemas burocráticos, até ser

finalizada em 1970, época que a cidade contava com 32 mil habitantes.

Entre tantos fatos do passado, o senhor Darci contou sobre uma briga ocorrida durante um jogo de futebol no ano de 1962, da qual houve um vítima fatal e mais de 80 feridos.

Em seus relatos, o senhor Darci contou sobre a construção do prédio, onde hoje se localiza a Confecções Magida, no ano de 1969. Disse que no local funcionava o Banco Brasul, e que o gerente, Luiz Jodas Nogueira solicitou à matriz em São Paulo a construção de um prédio imponente, pois a cidade merecia devido ao enorme fluxo de circulação de capitais oriundos da lavoura cafeeira,

Outra obra importante para a cidade, citada na palestra, foi o Recinto da FEPEB, seu Darci disse que na época (1980) a população se mobilizou para a doação de material para que os trabalhos fossem concluídos. Ele lamenta que na atualidade o Recinto que foi palco de tentas festividades e eventos, esteja em situação de abandono.

O senhor Darci também contou que a rede elétrica foi trazida para a cidade no ano de 1963, o primeiro asfalto em 1973 e que o cinema em sua sessão inaugural (1959) apresentou três filmes: Montanhas em fogo Helena de Tróia e Spartacus e que a último filme a ser exibido em 1984 por ocasião do fechamento, foi Karina, um filme nacional. O Sr. Darci disse que na época se mobilizou, procurou políticos para que o prédio do cinema não fosse demolido, porém foi tudo em vão.

Sobre personalidades marcantes, falou sobre sua amizade com o professor Disney Antonio Monzani, sua paixão pela educação e pelo futebol e como sua vida foi ceifada em um terrível acidente automobilístico. Também falou sobre o fundador José Vicente Vicente, seu forte temperamento e relatou algumas curiosidades como o fato de que era um homem que estava sempre armado e treinava tiro ao alvo em melancias expostas sobre seu carro. Por fim contou como sua vida teve um desfecho trágico.

Outra personalidade marcante citada pelo palestrante foi o professor Fuad Atieh, o qual se tornaram amigos, o senhor Darci relatou sua importância na educação de nossa cidade nos primeiros anos de sua existência. A ele o palestrante quis deixar sua homenagem:

“ Vai ficar na memória, na amizade, na ternura. Com carinho, no nosso cantinho de saudade”.

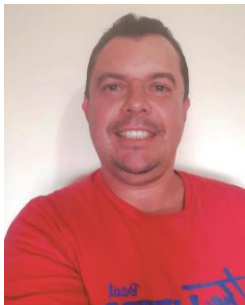
Durante sua palestra, o Senhor Darci apresentou parte de seu acervo de relíquias, ele é colecionador de dinheiro antigo possui cédulas e moedas, sempre buscando peças que são raras e historicamente significativas. Essas peças deixam de ser apenas objetos e se tornam fontes de conhecimento histórico, social, econômico e político. Também apresentou jornais e revistas antigas com publicações da cidade e afirmou possuir uma grande coleção de selos, colocando à disposição dos estudantes a possibilidade de visita para conhecimento da totalidade do material.

Algumas profissões extintas foram lembradas pelo palestrante, como: tintureiros, sapateiro, alfaiates, e que costureiras e marceneiros estão deixando de existir com o passar dos anos. Na oportunidade ressaltou que foi muito feliz trabalhando com marcenaria e que esse ofício foi seu “ganha pão”, disse que essa profissão é uma arte e que durante décadas confeccionou moveis com suas próprias mãos. Afirmou que se pudesse voltar ao tempo faria tudo novamente.

Sobre sua vida pessoal, o palestrante contou que trabalhou desde pequeno, descarregava caminhões de telha e tijolos até aprender o ofício de marcenaria. Falou com orgulho da família que construiu e apresentou dois livros escritos pelo seu filho, Elvis Diana, um “Phd” (“Doctor of Philosophy”, um grau acadêmico de doutorado) e um de sua nora, Andréia H. P. de Fazio (professores de História), e se emocionou ao falar do amor que tem pela cidade de Palmeira d’Oeste, dizendo que não nasceu aqui, mas quer ser enterrado nessa localidade, pois aqui está sua história, e que se sente parte dessa terra, dessa nossa gente.

O senhor Darci finalizou a palestra dando um conselho aos alunos que estudem, aproveitem as oportunidades e busquem seus sonhos.





Eduardo Cardeliquio de Melo

Nascimento: 20/11/1981

Natural de Americana/SP.

Filiação:

- Pai :Antônio Arcanjo de Melo;

- Mãe: Helena Cardeliquio de Melo.

Cônjuge: Carla Pereira Frossard Cardeliquio de Melo.

Filhos:

Geovana Frossard de Melo, Gabriel Frossard de Melo.

Formação:

De 1988 a 1995 – Ensino primário na EEPG de Dalas, Distrito de Palmeira d'Oeste/SP.

De 1996 a 1998– Ensino médio (Colegial) na Escola Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste/SP.

Vida Profissional:

No ano de 1999 mudou-se para cidade de Americana/SP.

Trabalhou na empresa OBER, localizada na cidade de Nova Odessa/SP, de dezembro de 1999 até novembro de 2000.

Em Março de 2001 entrou na empresa KS PISTÕES, em Nova Odessa, onde trabalhou até Janeiro de 2017.

Em Fevereiro de 2017 adquiriu uma propriedade rural localizada no córrego da paca em Palmeira d'Oeste/SP transformando-a em sua residência atual.

No mesmo ano deu início, com o plantio de 300 pés de maracujá, ao que viria ser a atual empresa de polpa de fruta,s que atende a rede municipal de merenda escolar, atualmente com cerca de 6 sabores diferentes.

Palestra: A empresa de polpas de frutas "**Lembrança da Roça**".

No ano de 2017 com o planejamento de plantio de maracujá também incluiu-se a aquisição de uma máquina despolpadeira de frutas, para a opção de comercialização de polpas, do que viria a sobrar da venda de frutas in natura.

Com a comercialização de polpa de maracujá com qualidade superior aos produtos industrializados, encontrados no mercado, a demanda por outros sabores começou a ser solicitada pelos clientes. No ano de 2018 vendo a necessidade de expansão, devido a demanda, foi dado início a estrutura para a adequação de produção junto aos pré-requisitos da vigilância sanitária.

Após vários meses, estava tudo preparado para a visita de inspeção da vigilância sanitária, onde a mesma constatou e confeccionou o alvará de liberação para a produção de polpas dentro do padrão solicitado para garantir para o cliente as questões de identificação e sanidade do produto.

Nos anos seguintes, com a disseminação do produto no município, veio o questionamento do porque não oferecer o produto às crianças da rede de ensino do município.

Após vários anos entregando no município e concorrendo com empresas de fora, de grande porte, demos início a adequação da documentação para fazermos parte do programa de agricultura familiar.

Com muita luta, passando por momento, onde todo o mundo estava perplexo, diante das dificuldades que a pandemia do COVID, causou no cotidiano das pessoas, consegui, posteriormente, a liberação para atuação no programa de agricultura familiar.

Em um momento oportuno, visando garantir o fornecimento integral da demanda pelo suco de frutas na merenda escolar, com um produto natural, vindo do próprio município, fizemos a parceria com a cooperativa de produtores da cidade, onde, através da priorização de concorrência, puderam garantir o fornecimento.

A empresa de polpas de frutas "**Lembrança da Roça**", atua na comercialização de polpas, em todo o município, atendendo a rede pública, comercial e particular levando à mesa de nossos clientes sabor, saúde e fruto do nosso trabalho. Estamos somando, junto

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

com todos aqueles, que querem ver o desenvolvimento do nosso querido município de Palmeira d'Oeste/SP.





Aurora Alves Pereira

Nascimento: 13/08/1941.

Natural de Mirandópolis/SP.

Filiação:

- Pai: Antonio Alves;

- Mãe: Maria Alves.

Cônjuge: Antonio Pereira da Costa Filho.

Filhos: Wellington Alves da Costa, Wagner Alves da Costa e

Gláucia Alves da Costa.

Formação:

Ensino Fundamental, na Escolinha Rural e Grupo Escolar 28 de Julho, em São Caetano do Sul/SP.

Ensino Médio em Mirandópolis/SP.

Concluiu o Magistério na Escola Normal Municipal de Mirandópolis/SP em 1962.

Histórico:

1967 - Passou no Concurso de Ingresso – professora primária – Escolheu a Escola do bairro rural do Jaguara onde ficou aproximadamente por 3 anos.

1970 - Removida para Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo.

Fez Curso de Pedagogia e Curso de Administração na FAFICLE – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales.

Aposentadoria, com 26 anos de serviço, em 21 de abril de 1989.

Palestra: Permanências e Mudanças.

Parte 1- Professora Aurora Alves Pereira

A palestrante, senhora Aurora Alves Pereira iniciou sua explanação contando sobre o início de sua carreira como substituta no ano de 1963, eram tempos difíceis, tinha que se conduzir até o Bairro da Anta com charretes.

Relatou que teve uma aluna descendente de alemães, então, “Dona Aurora” teve que se aprofundar nos estudos de Língua Portuguesa e isso colaborou muito para que com muito esforço, passasse no concurso público, vindo a ingressar como professora primária – Escolheu a Escola no bairro rural do Jaguará.

Recordou que, certa vez, estando grávida, conduzia uma velha caminhonete, com pneus carecas, havia chovido muito, então, com medo de bater em algum barranco e arriscar sua vida e a do bebê, abandonou o veículo e seguiu o trajeto a pé.

Quando se removeu para a Escola Orestes, ainda não havia o prédio atual, era o Grupo Escolar, pelo fato de ter pouca pontuação, lhes atribuíam salas com alunos com mais dificuldades

Antigamente, as professoras primárias eram vistas como figuras de autoridade e respeito, muitas vezes comparadas a pais ou mães, e a relação com os alunos era marcada por uma postura mais formal. A escola era vista como uma extensão da família, e a professora era vista como uma figura maternal. “Dona Aurora” narrou que tinha por hábito enviar recadinhos aos pais, escritos nos cadernos dos alunos para que os pais assinassem e tomassem ciência da situação de aprendizagem de cada um.

Durante uma gestação, a família passou por problemas financeiros. Em casa, só o marido trabalhava como marceneiro, ela, para colaborar com as despesas, voltou a lecionar aulas particulares e em seguida no MOBREAL, (Movimento Brasileiro de Alfabetização), um programa criado durante o regime militar no Brasil, com o objetivo de erradicar o analfabetismo no país. Surgiu em 1967 e vigorou até 1985, com foco na alfabetização funcional de jovens e adultos. “Dona Aurora” conta que se sentia feliz ao ver os avanços das senhoras e o quanto queriam aprender.

A palestrante contou que na cidade de São Caetano do Sul, uma determinada escola se recusou a matricular um sobrinho seu portador de deficiência, então, ela assumiu sua educação em casa utilizando o livro “Onde está o patinho”.

Dona Aurora aconselhou os alunos a respeitarem os professores e a aprenderem de tudo. Lembrou que na escola sempre tratou seus filhos da mesma maneira que tratava os outros alunos. Para formar seus três filhos, advogados, ela trabalhou muito, pois as mensalidades, os livros e a moradia eram muito caros. Relata que contou com a ajuda de uma irmã. Durante esse longo período a família se privou de muitas coisas, mas valeu a pena, os filhos sempre a entenderam, respeitaram, são gratos por todo o esforço desempenhado. “Dona Aurora” era muito amada por seus alunos e os tratava como filhos, sendo um exemplo a ser seguido por todos. Aposentou-se em 1989, após 26 anos de serviço e nos deixou um legado, uma lição de vida como uma professora inspiradora.



Gláucia Alves da Costa

Nascimento: 08/11/1971.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- Pai: Antonio Pereira da Costa Filho;

- Mãe: Aurora Alves Pereira.

Formação:

1978 – 1990: Ensino Fundamental e Ensino Médio, na Escola Estadual Orestes Ferreira de Toledo.

1992 – 1995: Graduação em Direito, na Faculdade de Direito de Bauru/SP.

1998 - Especialização em Direito de Família na Faculdade de Direito – Universidade de São Paulo.

2019 – Especialização em Responsabilidade Civil – Universidad de Castilha La Mancha – Toledo - Espanha.

Histórico:

1996 a 2004: Advogada com escritório em Bauru/SP.

2004 a 2013: Advogada Coordenadora da Área Cível do Escritório Crivelli Advogados Associados – Brasília/DF.

2013 até a presente data: Advogada com atuação na Área de Previdência Complementar e Sócia Patrimonial do escritório LBS – Advogadas e Advogados – com unidades em Brasília, São Paulo, Campinas e Goiânia.

2024: Conselheira Suplente da Câmara de Recursos da Previdência Complementar – CRPC – Indicação da Representação do seguimento dos Participantes e Assistidos – com mandato até agosto de 2026.

Palestra: Permanências e Mudanças.

Parte 2- Doutora Gláucia Alves da Costa

A Dra. Gláucia Alves da Costa, filha de “Dona Aurora”, nasceu em Palmeira d’Oeste, iniciou sua palestra dizendo que se formou em Direito e conquistou tudo o que sempre sonhou.

Estudou na EE Orestes Ferreira de Toledo, considera essa instituição de ensino um “Templo”, disse que tudo o que tem e conseguiu se deve à essa escola, cada professor que passou por sua vida lhe ofereceu um tijolinho para que ela concretizasse seu projeto de vida. Contou que muito se esforçou para alcançar seus objetivos, passar em um vestibular, para tanto estudava muito, comprava livros e fez o curso de datilografia.

Ao terminar o ensino médio fez um ano de cursinho na cidade de Araçatuba/SP) e conseguiu ser aprovada no vestibular de Direito na cidade de Bauru/SP, as vagas eram poucas e para filhos de famílias ricas,

Durante uma entrevista para uma vaga como estagiária em um escritório de advocacia, o Dr. lhe perguntou que eram seus pais e de onde vinha. Humildemente Gláucia disse que era filha da professora Aurora e do marceneiro “Pereirinha”, ficou com a vaga por sua determinação dizendo que se tivesse oportunidade de aprender algo já era mais que suficiente como pagamento. No local

havia uma extensa biblioteca com livros de direito e Gláucia se aprofundou cada dia mais em seus estudos.

Suas funções eram preencher guias e dirigir-se aos bancos, porém, a chance de sua vida aconteceu por ocasião da falta de uma colega de trabalho e ela teve a oportunidade de realizar sua primeira petição, onde após 18 horas de trabalho, entregou um documento com tanta perfeição para o patrão que, dias depois, foi promovida e passou a receber pelo seu trabalho.

Na festa de formatura abdicou dos gastos com o evento dizendo para a mãe que queria que o dinheiro fosse revertido com a compra de livros.

A Dra. Gláucia trabalhou no escritório por 10 anos até que um dia foi convidada para se tornar sócia. Sem condições de partilhar as despesas com os demais advogados do grupo, ficou combinado que ajudaria como pudesse, e dessa maneira os colegas advogados foram lhe repassando clientes e com sua dedicação a Dra. Gláucia se firmou em sua profissão.

No ano de 2004 recebeu uma proposta para trabalhar em Brasília como Advogada Coordenadora da Área Cível do Escritório Crivelli Advogados Associados, para ser coordenadora de uma área civil.

De 2013 até a presente data atua como Advogada na Área de Previdência Complementar e Sócia Patrimonial do escritório LBS – Advogadas e Advogados – com unidades em Brasília, São Paulo, Campinas e Goiânia.

No ano de 2024 assumiu a função de Conselheira Suplente da Câmara de Recursos da Previdência Complementar – CRPC – Indicação da Representação do seguimento dos Participantes e Assistidos – com mandato até agosto de 2026.

A Dra. Gláucia, relata que tudo que faz na vida pensa nos pais, sem eles ela não teria conseguido nada, por essa razão, agora com a vida financeira estabilizada, proporciona-lhes oportunidades que eles nunca tiveram.

Conta que nunca cobrou nenhum processo movido por professores, pois tudo o que tem na vida deve aos professores.

A Dra. Gláucia é uma profissional bem-sucedida, realizou muitas conquistas, é uma parceira da EE Orestes Ferreira de Toledo, e um exemplo a ser seguido. Sua fala inspira nossos jovens a seguirem seus sonhos. A palestrante é gente da nossa terra, é gente da nossa gente.

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural





Marcus Túlio Lyuji Murzani Tanaka

Nascimento: 24/04/1981.

Natural de Palmeira d'Oeste/SP.

Filiação:

- Pai: Paulo Lyugi Tanaka;

- Mãe: Maderli Maria Murzani Tanaka.

Formação:

- Estudou na EE Orestes Ferreira de Toledo, do Fundamental I ao Ensino Médio.

Histórico:

Túlio Tanaka, como jogador de futebol, fez um teste no Cruzeiro onde permaneceu por 40 dias treinando, mas não obteve um convite do clube. Não sendo convidado pelo Cruzeiro, foi para o Mirassol Futebol Clube, onde ficou entre os 15 e 16 anos. . Aos 16 anos, ganhou uma bolsa de estudos e seguiu para o Japão, país de seus avós paternos, com intuito de terminar o ensino médio e jogar futebol, no Shibuya Makuhari High School.

Sanfrecece Hiroshima - Após se formar, foi contratado pelo Sanfrecece Hiroshima aos 20 anos. Com dois anos na equipe, acabou sendo emprestado por uma temporada para o Mito Hollyhock, após o rebaixamento do Sanfrecece para a segunda divisão. Pelo Sanfrecece, atuou em 49 jogos, marcando 2 gols.

Mito Hollyhock - Foi emprestado ao Mito Hollyhock em 2003. Sendo importante para o time, Túlio foi o artilheiro da equipe no ano, com 10 gols, todos marcados na J2 league, além de ser o 3º jogador que mais atuou pela equipe na temporada, com 42 atuações. A equipe terminou em 7º lugar do campeonato.

Red Urawa Diamonds - Após uma boa temporada na J-League 2, foi contratado pelo Urawa Red Diamonds em 2004. Conquistou títulos importantes, como uma tríplice coroa em 2006, além de prêmios individuais e eleito para as seleções dos campeonatos de 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 e 2009, foi também o melhor jogador da J-league e o MVP (jogador mais valioso) em 2006 e ganhou o prêmio mais importante de sua carreira: a Liga dos campeões da Ásia em 2007 e participou do mundial de clubes em 2007, chegando as semifinais, mas foi eliminado pelo Milan (time Italiano), que seria campeão, por 1 x 0. Na disputa do 3º lugar, ganhou nos pênaltis por 4 x 2 do Étoile du Sahel, depois de empatar no tempo regulamentar por 2 x 2. Permaneceu até 2009 no clube, quando se desentendeu com o então técnico do Reds Volker Finke, após criticá-lo por deixar o time repleto de jovens, dispensando jogadores veteranos. Ao todo, jogou 213 jogos e marcou 42 gols.

Nagoya Grampus - Em 2010, quando já tinha 30 anos de idade, fechou contrato com o clube Nagoya Grampus. Logo em sua primeira temporada, ajudou o Nagoya a conquistar a primeira J-League de sua história. Ganhou também a supercopa japonesa em 2011, sobre o Kashima Antlers, nos pênaltis por 3 x 1, após empate no tempo normal por 1 x 1. Ficou no Nagoya até 2015, quando foi dispensado por não aceitar reduzir seu salário pela metade para renovar seu contrato. Ficou um ano parado, retornando na temporada seguinte em uma emergência, já que o Nagoya corria risco de rebaixamento. Ficou 6 anos no Nagoya, jogando 225 partidas e marcando 52 gols.

Kyoto Sanga FC - Aos 35 anos, após a passagem pelo Nagoya Grampus, assinou com Kyoto Sanga por duas temporadas para a disputa da J-league 2.

Aposentadoria - Com 621 jogos e incríveis 125 gols na carreira de 23 anos (sua posição era de zagueiro), com inúmeros títulos individuais e coletivos, em sua última temporada pelo Kyoto Sanga achou que seria o momento oportuno para encerrar sua, gloriosa carreira, como jogador de futebol. Anunciou sua aposentadoria definitiva dos gramados no dia 1º de dezembro de 2019, aos 38 anos de idade. Em sua entrevista de despedida recebeu flores de dois companheiros de seleção japonesa, Narazaki e Nakazawa.

Seleção Japonesa- A primeira oportunidade na Seleção Japonesa foi no ano de 2004, quando adquiriu a nacionalidade

japonesa. Foi convocado para a Seleção Japonesa Sub-23, atuando em 7 partidas. Em 2006 integrou-se na Seleção Principal e, foi convocado para a Copa do Mundo FIFA de 2010, onde foi peça fundamental para o Japão chegar às oitavas de final, sendo derrotado pelo Paraguai nos pênaltis por 5 x 3, após um empate de 0 x 0 no tempo normal de jogo.

Túlio é o quarto brasileiro a atuar pela Seleção Japonesa, após Ruy Ramos, Wagner Lopes e Alex Santos. Vale destacar que foi o primeiro e, até hoje, o único a ter origem nipônica. Em 16/06/2020, Túlio foi eleito o zagueiro da seleção de todos os tempos da J1 League. (Fonte Wikipédia).

Palestra “Sonho de Criança”

Na palestra para os alunos do Projeto Nossa Terra, Nossa Gente, Túlio Tanaka relatou fatos de sua vida, sua trajetória como jogador de futebol e algumas curiosidades, entre elas destacamos:

- Estudou na E.E. Orestes Ferreira de Toledo, do Fundamental II ao Ensino Médio;

- Na sua adolescência, entre 1996 e 1998 trabalhou no Escritório Orientador de Contabilidade;

- Túlio contou que seu sonho, seu projeto de vida, sempre foi jogar futebol e se dedicava muito a isso, estudava de manhã, treinava e jogava no período da tarde. Foi um longo trajeto, mas sempre se guiou pelos caminhos corretos, geralmente, os mais difíceis.

Durante a vida, seu pai sempre moldou sua educação pautada no respeito, disciplina e desempenho. Disse que seu pai sempre foi sua base e lhe é eternamente grato.

Aos 16 anos, em 1998, Túlio reuniu coragem e decidiu ir para o Japão, partiu sozinho para um país que não conhecia, não sabia a língua e a cultura. Essa foi sua primeira experiência em viajar de avião. Contou que por não saber falar inglês, não entendia o que a aeromoça dizia, dessa maneira não comeu nada durante o longo voo.

No Japão fez cursos de Inglês e Japonês, (tornou-se fluente nesses idiomas) logo no início achou tudo muito difícil, mas com o tempo, ele foi repensando as ideias, os pensamentos e então as coisas começaram a fluir.

Quando iniciou seus estudos no Japão, Túlio teve como professor uma pessoa rígida, disciplinadora, muito bravo, porém, hoje

reconhece que esse homem foi a base para que ele se diferenciasse dos demais jogadores, Túlio recebia bolsa de estudos, e se jogasse bem teria a possibilidade de entrar para algum time melhor.

Em 2004, Túlio teve a oportunidade de jogar nas Olimpíadas da Grécia, já era a realização de um sonho, mas ele queria mais, almejava jogar em uma Copa do Mundo.

Em 2006, o técnico da seleção japonesa era o brasileiro, “Zico”. O jovem jogador Túlio alimentava o sonho de ser convocado, porém isso não aconteceu, até hoje não entende porque “Zico” convocou o reserva do seu time em sua posição. Túlio Tanaka contou que ficou chateado, mas esse fato lhe serviu como inspiração para que desse o melhor de si objetivando alcançar o sonho de jogar em uma Copa do Mundo.

No início, quando chegou no Japão, comunicava-se com a família por cartas que demoravam para chegar ao destinatário. Demonstrou um grande carinho por sua avó paterna, “Dona Cida Tanaka”, sua maior fã.

Entre uma Copa e outra, de 2006 a 2010, Túlio foi eleito várias vezes o melhor zagueiro do campeonato japonês, e quando chegou a época da Copa do Mundo na África, em 2010, seu nome estava na lista, enfim, Túlio realizaria seu sonho.

A mídia local desacreditou a seleção japonesa, era apenas a 4ª Copa do Mundo que o Japão participava e nunca havia passado da fase de grupos, mas a equipe sabia que poderia chegar mais longe. Venceram o primeiro jogo contra Camarões, perderam o segundo contra a Holanda e venceram o 3º contra a Dinamarca, classificando-se para a próxima fase.

O jogo contra o Paraguai terminou 0 x 0 e a seleção japonesa perdeu nos pênaltis sendo eliminada.

Após deixar o futebol, Túlio não esquecendo-se de suas origens, voltou a sua terra Natal. Túlio continua trabalhando, hoje dedica-se por apenas um mês durante o ano às “coisas” do futebol, nesse período atua como comentarista, palestrante e fazendo comerciais (seu contrato com a Nike ainda persiste). Já viajou por aproximadamente 80 países.

Sempre engajado com as causas sociais, construiu um hotel na cidade vizinha de Jales, próximo ao “Hospital do amor”, proporcionando um espaço para que os pacientes encontrem conforto durante seus tratamentos. Colabora com a APAE de

Palmeira d'Oeste e disponibiliza para essa entidade seu Haras “Sonho de Criança”. No local onde situava-se o CCP (Clube de Campo das Palmeiras), hoje sua propriedade, construiu um prédio para abrigar a escola CEIA e também o Projeto Sonho de Criança, oferecendo às nossas crianças, a oportunidade de se desenvolverem no esporte.

Túlio considera que na vida 90% é dedicação, e 10% prazer. Contou que abdicou de muitas coisa para poder realizar seus sonhos, vendeu seu tempo. Ele dá grande importância ao tempo, diz que hoje o tempo é seu, ele não precisa mais vender seu tempo.

Deixou um conselho aos estudantes: “ Na vida tudo é possível de se conquistar, basta ter fé e força de vontade”.



Túlio Tanaka em evento da EE Orestes Ferreira de Toledo



Alguns livros publicados no Japão sobre Túlio Tanaka



Jorge Rangel Torres Filho

Nascimento: 29/07/67.

Natural de Santa Salete/SP.

Filiação:

- Pai: Jorge Rangel Torres;

- Mãe: Maria de Lima Torres.

Cônjuge: Gislaine Bocalon Rangel Torres.

Filhos: Camila (in memoriam), Rafaela e Jorge Divino.

Trajetória:

- 1974 - Estudou na EE Francisco Molina Molina, onde cursou até a 8ª série;

- Desde pequeno trabalhou com os pais na lavoura no sítio São Jorge em Santa Salete;

- Foi integrante da Banda Real Madri atuando como cantor;

- Em 1995 casou-se com Gislaine Bocalon Rangel Torres, mudou-se para Palmeira d'Oeste vindo para trabalhar no Comercial São Bento onde permanece até os dias atuais.



Jorge Divino Bocalon Rangel Torres

Nascimento: 28/09/2000.

Natural Jales/SP.

Filiação:

- Pai: Jorge Rangel Torres Filho

- Mãe: Gislaine Bocalon Rangel Torres

Trajetória:

- 2010 - Estudou na escola CEIA em Palmeira d'Oeste/SP;

- Estudou no Colégio Anglo de Jales onde terminou o Ensino Médio em 2024;

- Atualmente cursa Medicina Veterinária na Uni Brasil.

Palestra Musicada: “Tocando em frente”

No dia 5 de setembro de 2025, a dupla sertaneja Jorge e Divino (formada por pai e filho) veio até a EE Orestes Ferreira de Toledo para participar do projeto *Nossa Terra, Nossa Gente*. Contaram suas histórias, tocaram e cantaram diversas músicas.

Jorge, o pai, nasceu em Santa Salete/SP e sempre foi apaixonado por música. Seu avô materno tocava viola, e foi aí que ele começou a aprender tocar violão. A família mantinha a tradição de “cantar” a Folia de Reis. Foram a mãe e o tio os responsáveis por ensinar-lhe as primeiras notas musicais.

Contou que, quando jovem, participou de uma apresentação na escola, para um público mediano. Na verdade, tratava-se de um concurso e, quando chegou sua vez de se apresentar, ficou muito nervoso e demorou uns 10 minutos até se acalmar e iniciar a performance, entoando a canção de Geraldo Vandré, “Para não dizer que falei das flores”. Como resultado, venceu o concurso. Isso foi um incentivo para que ele continuasse persistindo em seu sonho.

Jorge nunca fez curso para aprender a tocar. Na sua infância, havia uma revista que trazia as letras das músicas com cifras; porém, eram caras. Muitas vezes ele encontrou pessoas que lhe emprestavam esse material e foi assim que, de forma autodidata, aprendeu a tocar violão.

Com 15 anos, formou uma banda de forró. Muitos anos depois, formou uma dupla sertaneja com um amigo, intitulada “Jorge e Orlando”.

Quando seu filho, Jorge Divino, nasceu, ele sabia que o menino seria um violeiro. Então, colocou um violão de brinquedo sobre seu peito, e o garoto o segurou com a mãozinha. Desde cedo, ensinou-lhe a cantar e a tocar. No começo, foi difícil, pois o garoto tinha outros interesses. Jorge levava o filho aos shows, mostrava-lhe o palco e, com o tempo, Jorge Divino foi mudando de ideia e focando no aprendizado dos instrumentos musicais. Assim, seu pai o matriculou em uma escola de música: primeiro teclado, depois violão, bateria, cavaquinho, ukulele e viola.

“Jorginho” tentou jogar futebol e participar de rodeios e, durante a pandemia da COVID-19, no ano de 2020, com 13 anos, passou a estudar diversas duplas sertanejas. Quando a crise passou, iniciou suas apresentações em shows juntamente com o pai. Estava formada a dupla “Jorge e Divino”.

A família passou por um momento triste em 2023: Jorge e sua esposa perderam uma filha, Camila. Isso abalou a todos, mas, ao mesmo tempo, a música serviu de força para que se unissem ainda mais, fortalecendo-se e superando aquele momento tão doloroso.

A dupla tem várias canções inéditas, compostas por eles, que serão lançadas em breve. Atualmente, a dupla Jorge e Divino faz muitos shows, apresentando-se em bares, lanchonetes, confraternizações e quermesses. Com muita humildade, relatam que não cantam por dinheiro, mas sim para levar alegria às pessoas. Também transformam suas apresentações em um instrumento para vencer, superar e lutar contra suas dores.



A dupla Jorge e Divino

PARTE 9

OS ORGANIZADORES DO PROJETO: NOSSA TERRA, NOSSA GENTE – O LEGADO CULTURAL

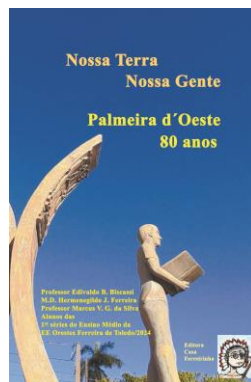
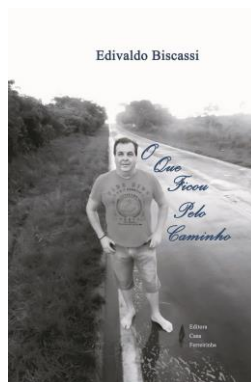
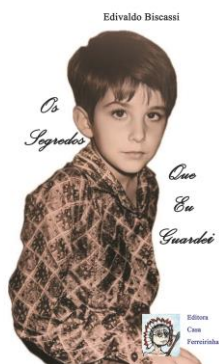
EDIVALDO BENEDITO BISCASSI



Professor Edivaldo Benedito Biscassi

Nascido em Palmeira d'Oeste/SP, aos 24 de fevereiro de 1967, descendente de famílias italianas pioneiras na formação da cidade, é filho de Zulmiro Biscassi e Neusa Bolognesi Biscassi. Estudou na E.E. Orestes Ferreira de Toledo onde cursou o Ensino Fundamental (1974 a 1981) e o Ensino Médio (1982 a 1984), depois, o Magistério no Colégio XV de abril em Jales/SP (1985 a 1987) e, por fim o Ensino Superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras também em Jales/SP, onde cursou licenciatura em História de 1988 a 1990. O curso de pedagogia foi concluído em 2024 pela Centro Universitário UNIFAVENI. A decisão de seguir a carreira do magistério foi tomada no início do Ensino Médio, seguindo o exemplo de professores inspiradores. Na adolescência trabalhou no Escritório Bandeirantes (1979 a 1983), Madeireira Ponce (1984), e ao completar 18 anos foi admitido na Prefeitura Municipal de Palmeira d'Oeste/SP, onde trabalhou na ACEFFI (Associação Comunitária Eugênio Finotto Filho) de 1985 a 1987 e comandou a guarda-mirim (seu pai foi um foi um dos fundadores dessa corporação), posteriormente, foi transferido para o escritório da Creche Menino Jesus onde ficou entre 1988 e 1992. Iniciou no magistério em 1992, na EMEFM Prof. Francisco Augusto César Serapião onde ainda permanece em 2025. (Educação de Jovens e

Adultos/EJA). Em 1993 abriu portaria na Rede Estadual de Educação do Estado de São Paulo, efetivando-se como titular de cargo no ano 2000. Em sua carreira trabalhou nas escolas Disney Antônio Monzani (1993), Palmeira d’Oeste/SP, Antônio Marim Cruz, em Marinópolis/SP (1993 a 2002), Coripheu de Azevedo Marques, Aparecida d’Oeste/SP (2000 e 2012), e Orestes Ferreira de Toledo, Palmeira d’Oeste/SP (2013 até os dias atuais), onde além das atribuições de professor, também ocupa a função de CGPAC, Coordenador da área de Ciências Humanas. No ano de 2021 recebeu da Câmara de vereadores de Palmeira d’Oeste o título de “Professor nota 10” em reconhecimento pela importância de seu trabalho junto à educação na cidade. É autor de dois livros autobiográficos intitulados “Os segredos que eu guardei”, publicado em 2024, onde narra sua infância junto aos principais fatos ocorridos na cidade de Palmeira d’Oeste na década de 1970, e “O que ficou pelo caminho”, publicado em 2025, onde relembra os principais fatos da cidade entrelaçados com sua juventude nas décadas de 1980 e 1990. É autor do Projeto “Nossa terra, Nossa gente” na E.E. Orestes Ferreira de Toledo, onde juntamente com os alunos das 1ª séries do Ensino Médio e parcerias com Dr. Hermenegildo Jose Ferreira e o Professor Marcus Vinicius Guarnieri da Silva publicaram o livro “Nossa Terra, Nossa Gente – Palmeira d’Oeste 80 anos” contando as origens, a evolução política e econômica da cidade de Palmeira d’Oeste, lançado no ano de 2024. É Membro Acadêmico, Fundador, Titular da cadeira nº 3 da Academia PalmeireNSE Etê de Letras Escapadas.



HERMENEGILDO JOSE FERREIRA



M.D. Hermenegildo Jose Ferreira

Hermenegildo Jose Ferreira, filho primogênito do seleiro e sapateiro, Jose Arlindo Ferreira e da dona de casa, Etezarife Violin. Nasceu em 07 de setembro de 1958 na cidade de Monte Aprazível/SP. Com a idade de seis meses mudou com seus pais para Palmeira d'Oeste/SP.

Ensino Primário:

- Iniciou seus estudos aos seis anos de idade no Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste.- Palmeira d'Oeste/SP - 1965 a 1968.

Ensino secundário:

- Seminário Santo Agostinho – Engenheiro Schmidt/SP -1969 a 1970;

- Seminário Santo Agostinho – Bragança Paulista/SP – 1º semestre de 1971. Em regime de internato, os professores eram padres espanhóis, ensino de alta qualidade, exigência de desempenho e disciplina que ofuscava a disciplina militar. Deixou o seminário por desistir de seguir a carreira religiosa;

- EE Orestes Ferreira de Toledo – Palmeira d'Oeste/SP - 2º semestre 1971 a 1973. Ganhou um livro de Física de um filho de Manoel Pantaleão, que estudava fora, se encantou e decidiu ser “cientista”, pensava ser a Física a mãe impulsionadora das ciências. Nessa escola o diferencial foi o estudo de Sociologia e Psicologia. Deixou-a por não ter na grade curricular, à época, as matérias de Química e Física;

- EE Américo Brasiliense – Santo André/SP – 1974 a 1975. Escola considerada, na época, uma das melhores do Brasil, onde preparou-se para realizar seu sonho de ser um Físico, um “cientista”.

Ensino Superior:

- Bacharelado em Física - Instituto de Física da Universidade de São Paulo - São Paulo/SP - 1977 a 1980. Integrou o grupo de pesquisadores, como bolsista da FAPESP, do Laboratório de Metrologia Nuclear do IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares) - 1980. Apesar de ter garantido o seu mestrado aqui no Brasil e seu doutorado nos Estados Unidos da América, deixou o IPEN e desencantou com a carreira de “cientista” quando descobriu que não se pesquisa o que se quer e, sim o que o sistema ordena e isso lhe pareceu inconveniente;

- Bacharelado em Medicina – Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia/MG – 1981 a 1987. Prestou apenas este vestibular para medicina, após quatro meses de sua desistência em ser “cientista”. Procurava entender melhor a fragilidade humana e o senso comum do “ser humano”;

Pós-Graduação:

- 1988, Por necessidade, à época de médicos, as Forças Armadas Brasileiras, convocou-o a “servir” obrigatoriamente por um ano.

Estágio de Adaptação e Serviço – Exército Brasileiro – 1ª Fase: 36º Batalhão de Infantaria Mecanizado (Uberlândia/MG), 2ª Fase: 11º Grupo de Artilharia Antiaérea (Brasília/DF). No posto 2º Tenente comandou a Seção de Saúde do 11º Grupo de Artilharia Antiaérea. No hospital do exército HGB (Hospital da Guarnição de Brasília) atuou como Oficial de dia em plantões esporádicos. Organizou, produziu material didático (o exército não possuía) e ministrou cursos de formação de Soldado de Saúde, Cabo de Saúde e Primeiros Socorros para Soldados no 11º Grupo de Artilharia Antiaérea.

- Residência Médica - Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto/SP - 1989 a 1991. Sua vaga já estava assegurada no ano anterior através de concurso nacional. Atrasou o início da sua especialização devido a convocação do Exército Brasileiro. A decisão de se especializar em ginecologia e obstetrícia se deu por ser área cirúrgica, ter a liberdade de trabalhar em qualquer lugar do mundo (até “nos cafundós do Judas”) e

principalmente para compreender melhor o ser misterioso e espetacular que é a mulher!

- Médico Adido em Vídeo Endoscopia Ginecológica do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP - 1996. Apesar de ter desistido de ser “cientista”, teve três trabalhos científicos publicados em revistas renomadas da especialidade médica. Desencantou com a medicina quando observou que o sistema funciona mal, que pessoas sofrem em vão e morrem “antes da hora marcada” por negligências e falcatruas, principalmente do estado.

Realizações:

- Projeto e administração da fábrica de botas e botinas “NATHUS BOOTS”;

- Participação na diretoria e reestruturação da Associação Comercial de Palmeira d’Oeste na década de 1990;

- Participação na conquista do canal de rádio FM comercial e do canal e instalação da emissora de rádio comunitária SKALA FM, organizando principalmente a parte jurídica dos processos. Na SKALA FM atua até os dias atuais em várias funções como Voluntário. Foi nesta instituição sem fins lucrativos que deu início ao trabalho de registro da história de Palmeira d’Oeste e sua gente através de publicações no site: www.skalafm.org.br;

- Paternidade tardia (aos 53 anos de idade) com o nascimento de sua única filha, “Maria Rita Garcia Ferreira” nascida em 2012;

- Participação na diretoria e organização da parte jurídica com o intuito de encerrar o Clube de Campo das Palmeiras que se encontrava em situação inviável para prosseguimento de suas atividades;

- Trabalho como comerciário e administrador da loja Ferreira Calçados;

- Autoria e edição dos livros: Bicho Preso; Palmeira d’Oeste histórias e Causos Volumes: I, II e III; Nossa Terra, Nossa Gente – Palmeira d’Oeste 80 anos;

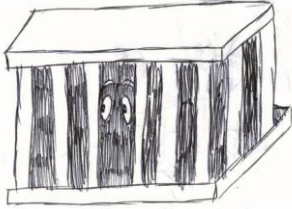
- Estímulo aos escritores de Palmeira d’Oeste facilitando a publicação de suas obras através do seu trabalho de diagramação e edição de livros pela “Editora Casa Ferreirinha”;

- Aeromodelista habilitado pela Confederação Brasileira de Aeromodelismo (COBRA);

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

- É Membro Acadêmico, Fundador, Titular da cadeira nº 7 da Academia Palmeirense Etê de Letras Escapadas.

BICHO PRESO



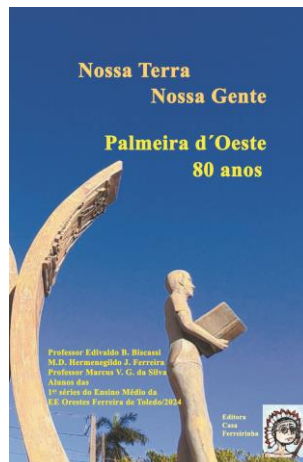
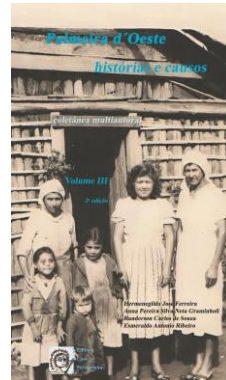
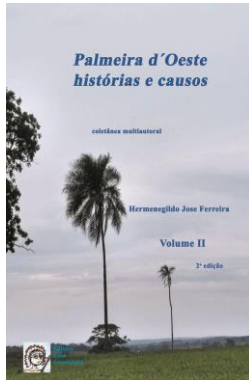
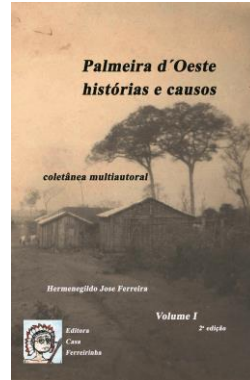
Hermenegildo Jose Ferreira

Edição

CASA FERREIRINHA



2022



ALESSANDRA CARLA MASTELARI



Professora Alessandra Carla Mastelari

Nascida em Santa Fé do Sul/SP, no dia 8 de outubro de 1980, é filha de Odair Donizeti Mastelari e Rosalina Ferreira Mastelari. Iniciou seus estudos na EE Donato Domingos Rivelli, na 1ª série do ensino fundamental (1987), em Santana da Ponte Pensa/SP. Continuou sua formação na EE Prof.^a Maria das Dores Ferreira Rocha, em Santa Rita d'Oeste/SP, onde cursou parte do ensino fundamental. Finalizou o ensino fundamental e o ensino médio na EE Orestes Ferreira de Toledo, em Palmeira d'Oeste/SP. Fez o curso superior de Letras na FAI-JALES de 2000 a 2003 e, em seguida, cursou Pedagogia pela FIU (Faculdades Integradas Urubupungá), em Pereira Barreto, de 2015 a 2017. Realizou também Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia Institucional pela FALC (Faculdade de Aldeia de Carapicuíba), de 2017 a 2019, e Pós-Graduação em Educação Especial pelo Centro Universitário FAVENI, de 2020 a 2022. Na adolescência, trabalhou como guarda-mirim na Ferreira Calçados, sob a direção de Etezarife Violin. Além disso, passou por experiências de trabalho nas lojas Santa Paula e Peter Pan Modas, das proprietárias Alice e Ana. Em 2004, ingressou na Rede Estadual de Educação do Estado de São Paulo, onde atuou ao longo de sua carreira em diversas escolas, incluindo:

EE Prof^a Maria Pilar Ortega Garcia, Nova Canaã Paulista/SP;
EE Coripheu de Azevedo Marques, Aparecida d'Oeste/SP;
EE Antônio Marin Cruz, Marinópolis/SP;
EE Orestes Ferreira de Toledo, Palmeira d'Oeste/SP;
EMEF Professor Victor Padilha, Sud Mennucci/SP;

EMEF José Benigo Gomes, Bandeirantes d'Oeste/SP;
EE Cel. Ernesto Schimdt, Suzanópolis/SP;
EMEFM Prof. Francisco Augusto César Serapião (EJA), Palmeira d'Oeste/SP.

A vida é uma jornada feita de escolhas, desafios e aprendizados constantes. Olhando para trás, vejo que cada passo, cada decisão, contribuiu para me tornar a pessoa que sou hoje, especialmente na minha carreira de educadora. Lecionar é um desafio diário, mas também uma das maiores fontes de gratidão e realização que já experimentei. A sala de aula não é apenas um espaço físico, mas um ambiente onde cada aluno tem o potencial de transformar sua vida. No fundo, ser professora é um constante exercício de escuta e paciência, mas, acima de tudo, é saber que, a cada lição, semeamos o futuro. Meus pais, Odair Donizeti Mastelari e Rosalina Ferreira Mastelari, sempre foram as maiores inspirações em minha vida. Eles, com suas histórias e valores, me ensinaram a importância da educação e do trabalho árduo. Meu pai, com seu exemplo de determinação e simplicidade, me mostrou que, para alcançar nossos objetivos, é preciso persistir, mesmo diante das adversidades. Minha mãe, com sua imensa generosidade e força, me ensinou a ser empática, a enxergar o outro com respeito e a lutar pelos meus sonhos com coragem. Eles sempre me apoiaram, não apenas nas escolhas profissionais, mas também em cada decisão pessoal, sempre com muito amor e dedicação. Se hoje sou uma professora, sei que muito do que faço reflete a educação que recebi dentro de casa. Meus pais, com seu exemplo diário, me ensinaram que, mais do que ensinar conteúdos, a verdadeira educação é sobre formar cidadãos críticos, éticos e humanos. Eles me mostraram, desde cedo, que o conhecimento deve ser compartilhado e que a educação é a chave para abrir portas para um mundo melhor. Por isso, quando entro em uma sala de aula, carrego comigo não só o compromisso de ensinar, mas também o propósito de transformar vidas, assim como a minha foi transformada pelos meus pais e pelos meus mestres ao longo dos anos. Para mim, educar é um ato de amor, é um legado que vai muito além do aprendizado formal. É sobre marcar a vida das pessoas de maneira que elas nunca se esqueçam de quem realmente são e do impacto que podem causar no mundo. Relato da professora Alessandra Mastelari.

PARTE 10

O PROJETO NOSSA TERRA, NOSSA GENTE – O LEGADO CULTURAL



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO-REGIÃO DE JALES

EE ORESTES FERREIRA DE TOLEDO

Rua Mal. H. de A. Castelo Branco, 4225 – Centro - CEP: 15.720-000 –Palmeira d'Oeste - SP
Fone (17)3651-1327E-mail: e028344a@educacao.sp.gov.br



ELETIVA: “NOSSA TERRA, NOSSA GENTE”

ESCOLA: E.E. “ORESTES FERREIRA DE TOLEDO”
PALMEIRA D'OESTE/SP.

COMPONENTE CURRICULAR: Eletivas.

PROFESSORES: Edivaldo Benedito Biscassi e Alessandra Carla Mastelari.

PARCERIA: Dr. Hermenegildo Jose Ferreira.

PÚBLICO ALVO: 2ºs anos A e B do Ensino Médio.

TEMA: História da cidade de Palmeira d'Oeste – O legado Cultural.

DURAÇÃO: Início da Vigência: 2025.

EMENTA:

No ano de 2024, os professores de História, Edivaldo Benedito Biscassi, e de Filosofia e Sociologia, Marcus Vinícius Guarnieri da Silva desenvolveram na Disciplina de Eletivas um Projeto intitulado NOSSA TERRA, NOSSA GENTE, em parceria com o Dr. Hermenegildo Jose Ferreira, este projeto a princípio teve por objetivo estudar a fundação e a história da cidade de Palmeira d'Oeste.

Dando continuidade ao referido projeto, em 2025, os professores de História, Edivaldo Benedito Biscassi, e de Língua Portuguesa,

Alessandra Carla Mastelari, desenvolveram na disciplina de eletivas a sequência do projeto intitulado NOSSA TERRA, NOSSA GENTE - O LEGADO CULTURAL também com a parceria com o Dr. Hermenegildo Jose Ferreira.

Ao estudar a História local será possível a compreensão do entorno do aluno, identificando passado e presente nos vários espaços de convivência. Essa temática permitirá a partir das histórias individuais e dos grupos, inserir o aluno em contextos mais amplos, para tanto, após todo o trabalho desenvolvido em sala de aula, serão convidadas personalidades da cidade para palestrar sobre a Cultura presente em Palmeira d'Oeste em 80 anos de sua história.

A culminância do projeto ocorrerá em dois momentos, em julho com uma exposição de fotos e trabalhos, e em dezembro com o lançamento de um livro com os registros de nossa cidade produzidos pelos estudantes.

OBJETIVOS:

- Discutir a história da sua cidade a partir da história das pessoas que nela vivem;
- Observar e entender as mudanças e permanências sofridas pela cidade ao longo do tempo;
- Produzir um livro como produto da aprendizagem;
- Conhecer a história da cidade e seu processo constitutivo é saber que cada indivíduo faz parte deste processo como ser ativo. É o caminho para a criação de uma identidade, primeiramente para com o seu local, depois regional e finalmente atingir a identidade nacional.

CONTEÚDOS:

- O Legado Cultural na História de Palmeira d'Oeste.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.

- Textos de apoio;
- Linha do tempo;
- Explicação;
- Análise de imagens e fotos;
- Palestras;
- Produção de textos;

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural

- Preparo, organização e produção de materiais para a exposição “Nossa Terra, Nossa gente”.

- **AVALIAÇÃO:**

- Processual e contínua no decorrer do desenvolvimento das atividades;
- Participação durante as palestras com moradores da cidade;
- Produção de textos para compor os capítulos de um livro como produto da aprendizagem.
- Engajamento na exposição “Nossa Terra, Nossa Gente”, desenvolvida pela PEI- E. E. Orestes Ferreira de Toledo, aberta a comunidade.

Diretor: Sandra Regina Rosa

Vice-Diretor: Alda Rodrigues de Almeida

Vice-Diretor: Rodrigo Cesar Pastrolin Venturini

CGPG: Selma Lucia de Almeida Coghi

CGPAC de Ciências Humanas: Edivaldo Benedito Biscassi

Professor: Edivaldo Benedito Biscassi

Professora: Alessandra Carla Mastelari

Parceria: Dr. Hermenegildo Jose Ferreira



Sandra, Alda, Rodrigo e Selma

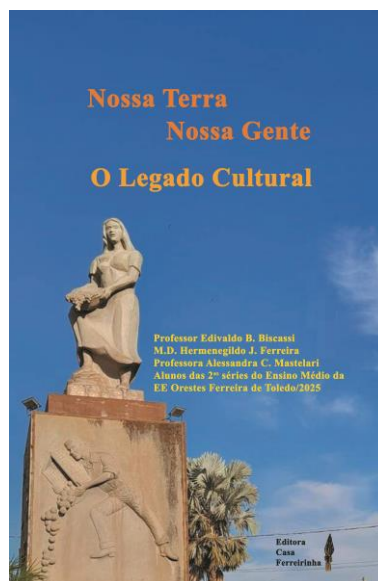
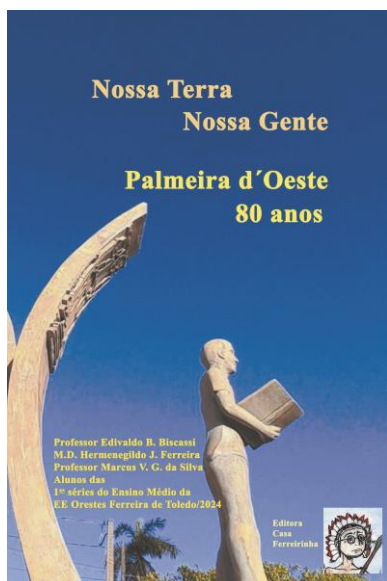
Alunos Participantes:

Abner Ferreira
Álucas de Oliveira Nunes
Anne Vitória dos Santos Gonçalves
Any Caroline Marques Garcia
Eitor dos Santos Cioti
Emanuel Efraim Gomes Vilela
Esthefany Santos
Felipe Batista Alves
Gabriel Frossard de Melo
Gabriel Marçal de Albuquerque
Gabriel Nascimento de Almeida
Guilherme Marcos de Oliveira Silva
Gustavo Aparecido Penha Martir
Gustavo Vicente Silva Lima
Heitor Montanari Vitoriano
Jenifer Brambila Campisi
João Lucas Minguini Martins
Johnny Fernando Matias Bueno
Júlio César Pirani Costa
Maíke de Carvalho Vieira
Marcos Vinicius Dias Cavargante
Maria Eduarda Germano de Moraes
Mariana Correia Boungearte
Mariana Lima Aguiar
Marina Bortolozo Barbieri
Micaely Fernanda Miranda Bazollo Silva
Murilo Azinheiro Elástico
Nathalia Sversute Rodrigues
Otavio Henrique Cardoso de Brito
Pedro Henrique Bolognesi Rubio
Pedro Henrique Silva de Godoy
Pedro Luíz Toledo Bacchin
Rebeca Fernanda de Oliveira Neto
Vitória Leticia Martins Nogueira
Yasmim Bertolassi Mastelari

Nossa Terra, Nossa Gente – O Legado Cultural



Estudantes da EE Orestes Ferreira de Toledo participantes do Projeto Nossa Terra, Nossa Gente - O legado cultural



AGRADECIMENTOS

Este livro só foi possível porque existem pessoas que amam *nossa terra, nossa gente*. Só se concretizou através de doações e empenho de seus organizadores.

A EE Orestes Ferreira de Toledo agradece os doadores:

APM (Associação de Pais e Mestres) da escola EE Orestes Ferreira de Toledo;

Dra. Gláucia Alves da Costa e família; Dra. Suelen Chirieleison Terruel; Robson Mastelari; Marcus Túlio Lyuji Murzani Tanaka; Emerson Ferrari; Maria Rosas (Deputada Federal); Dr. Luís Antonio de Camargo (Prefeito de Arujá/SP); Dra. Clau Teixeira de Camargo (Primeira-Dama de Arujá/SP); Reynaldo Gregório (Presidente da Câmara de Arujá/SP); Paulo Cesar Gregório; Dra. Rita de Cássia da Freiria Souza;

Valdir Semensati de Moraes (Prefeito de Palmeira d'Oeste/SP); Edmar Antonio Dias (Vice-Prefeito de Palmeira d'Oeste/SP); Prof. Bruno de Brito Gonçalves (Secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Palmeira d'Oeste/SP); Prof. Marcus Vinicius Guarnieri da Silva (Secretário Municipal da Educação e Cultura);

Alan Martins Pereira; Carlos Eduardo Corrêa Vaccari; Cristiane Perinetti; Elton José Honorato; João Henrique R. dos Santos; José Carlos Pereira; Maria Terezinha dos S. Oliveira; Maurício Morita Matheus; Vilson Pereira Reis (Vereadores de Palmeira d'Oeste - mandato de 2025 a 2028);

SICRED – Planalto das Águas (Palmeira d'Oeste).

A E.E. Orestes Ferreira de Toledo agradece especialmente o Dr. Hermenegildo Jose Ferreira e a Editora Casa Ferreirinha pelo trabalho de edição desta obra, realizado gratuitamente.

Agradece a todos os que participaram e colaboram com este projeto.

O porquê do Projeto Nossa Terra, Nossa Gente.

Contar a história de um município é manter viva a memória de seu povo e da coletividade, preservando os registros e os bens que contam essa trajetória.

Conhecer os marcos históricos, as edificações e as paisagens naturais de um município ajuda a preservar o patrimônio histórico e cultural, que serve como testemunho da evolução urbana e social.

O conhecimento histórico permite que a população compreenda os processos sociais e políticos que moldaram a cidade, contribuindo para uma sociedade mais informada, participativa e crítica.

Pensando nisso, entregamos para a comunidade mais uma obra, fruto de muita pesquisa e colaboração, para que através desses registros a História de Nossa Terra, Nossa gente jamais seja esquecida.

O Legado Cultural de Palmeira d'Oeste/SP é formado pela transmissão, de geração em geração, de tradições, valores, costumes e conhecimentos, que refletem a identidade e a História da Nossa Terra, Nossa Gente.

Gente das mais diferentes origens construíram este legado.

Depois dos povos originários, os Mineiros foram os primeiros a se estabelecerem em nossa mesoregião.

Imigrantes e seus descendentes (Espanhóis, Africanos, Italianos, Portugueses, Japoneses e Árabes) com sua sabedoria, maneira de falar, expressões, crenças, costumes, danças, músicas, lendas, festas e outras tradições transmitidas pela oralidade e pelo convívio social, construíram este Legado Cultural.

